

1º LIVRO DA SÉRIE
O Legado de Syrena



POSEIDON



AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*
ANNA BANKS





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

POSEIDON

A N N A B A N K S

Tradução
Carolina Caires Coelho



Publicado originalmente por Feiwei & Friends, LLC
Título original: Of Poseidon
Copyright © 2012 Anna Banks
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Banks, Anna

Poseidon / Anna Banks; tradução Carolina Caires Coelho. -- 1. ed. --
Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Of Poseidon.

ISBN 978-85-8163-361-9

1. Ficção norte-americana I. Título.
13-09560 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minha mãe, que sempre acreditou que eu poderia fazer qualquer coisa, e
para meu pai, que também acreditou que eu poderia fazer qualquer coisa —
exceto errar.





Dou de cara com ele como se tivesse sido empurrada. Ele não se move, nem um centímetro. Apenas segura meus ombros e espera. Talvez ele esteja esperando que eu me equilibre. Talvez esteja esperando que eu reúna meu orgulho. Espero que ele tenha o dia todo para isso.

Ouço as pessoas andando no calçadão e imagino todas elas me encarando. Na melhor das hipóteses, elas vão pensar que eu conheço esse cara, que estamos nos abraçando. Na pior das hipóteses, elas me viram cambaleiar como uma morsa drogada em direção àquele total desconhecido porque eu estava olhando para baixo à procura de um lugar para largar nossas coisas. De qualquer modo, *ele* sabe o que aconteceu. *Ele* sabe por que meu queixo está grudado em seu peito nu. E haverá humilhação à minha espera quando eu tiver de olhar para ele.

As opções dançam em minha mente como páginas de um livro.

Opção um: correr o mais rápido que meus chinelos de dedo deixarem. O problema é que tropeçar com eles é, em parte, o motivo de meu atual dilema. Na verdade, estou sem um deles; deve ter ficado preso em uma fresta do calçadão. Aposto que Cinderela não se sentiu tão estúpida, mas Cinderela não era tão atrapalhada quanto uma morsa drogada.

Opção dois: fingir que desmaiei. Mancar e tudo. Babar, até. Porém eu sei que isso não vai dar certo porque meus olhos se mexem tanto que ficaria difícil fingir; além disso, as pessoas inconscientes não ficam coradas.

Opção três: rezar para que caia um raio. Um raio mortal que você sente com antecedência porque o ar se torna forte e sua pele se arrepia — ou, pelo menos, é o que está escrito no livro de ciências. Poderia matar nós dois, mas, na verdade, *ele* deveria estar prestando mais atenção em *mim* quando viu que eu não estava prestando atenção *nenhuma*.

Por um segundo, acredito que minhas preces foram atendidas porque sinto um

formigamento no corpo todo; os arrepios aparecem em todas as partes, e minha pulsação parece movida a eletricidade. E então percebo que está vindo de meus ombros. Das *mãos* dele.

Última opção: pelo amor de Deus, afastar meu rosto do peito dele e pedir desculpas pelo ataque casual. E então me afastar com meus chinelos antes de desmaiar. Com alguma sorte, o raio acertaria apenas a mim, e ele se sentiria obrigado a me levar para algum lugar. E fazer isso *agora*.

Eu me afasto dele e olho para cima. Minhas bochechas quentes não têm nada a ver com o fato de a temperatura ser de 28 graus sob o sol da Flórida e tudo com o fato de eu ter acabado de tropeçar no cara mais lindo do planeta. Fan-tás-ti-co.

— Você... você está bem? — pergunta ele, incrédulo. Acho que consigo ver o formato de meu rosto marcado no peito dele.

Eu concordo.

— Estou bem. Estou acostumada. Desculpe. — Eu me afasto de suas mãos ao ver que ele não vai me largar. O formigamento continua, como se ele tivesse deixado um pouco de si em mim.

— Meu Deus, Emma, você está bem? — Chloe chama por trás. O barulho calmo dos chinelos de minha melhor amiga sugere que ela não está tão preocupada quanto parece. Por ser uma atleta de renome, ela já estaria ao meu lado se acreditasse que eu estava machucada. Eu resmungo e me viro para ela, e não me surpreendo ao vê-la sorrindo. Ela estica a mão com meu chinelo, que tento não arrancar de sua mão.

— Estou bem. Todo mundo está bem — digo. Eu me viro para o rapaz, que parece ficar mais lindo a cada segundo. — Você está bem, certo? Nenhum osso quebrado ou algo do tipo?

Ele hesita e assente de leve.

Chloe encosta a prancha na grade do calçadão e estende a mão para ele, que a aceita sem desviar os olhos de mim.

— Sou a Chloe e essa é a Emma — diz ela. — Costumamos trazer o capacete dela, mas desta vez nós o deixamos no quarto do hotel.

Eu me surpreendo. Tento decidir que flores levarei ao velório dela quando a matar, estrangulada. Eu deveria ter ficado em Jersey, como minha mãe disse. Não devia ter ido ali com Chloe e seus pais. O que tinha de vir fazer na Flórida? Vivemos na costa de Jersey. Se você já viu uma praia, já viu todas, não é?

Mas nãããão. Precisei passar o resto de meu verão com Chloe, porque seria o último verão que passaríamos juntas antes da faculdade, e blá-blá-blá. E agora ela está se vingando de mim por não ter deixado que usasse minha identidade para fazer uma tatuagem ontem à noite. Mas o que ela esperava? Eu sou branca e ela, negra. Nem bronzeada eu fico. Sou canadense — branca como os turistas. Se o cara a confundisse comigo, então ele não deveria fazer tatuagem em

ninguém, certo? Eu só estava tentando *protegê-la*. Tudo bem, ela não se dá conta disso. Consigo perceber pelo seu olhar — o mesmo olhar que me lançou quando colocou lubrificante íntimo dentro do frasco do sabonete líquido — que ela está prestes a pegar o que resta de meu orgulho e chutá-lo.

— Hum, não sabemos o seu nome. Você sabe o nome dele, Emma? — pergunta ela, como se fosse combinado.

— Eu tentei, Chloe. Mas como ele não me disse, eu o ataquei — digo, virando os olhos.

O cara esboça um sorriso. Aquele quase sorriso é um indicio de como o sorriso verdadeiro seria maravilhoso. Sinto o formigamento de novo, e esfrego os braços.

— Ei, Galen, você está pronto para... — Nós nos viramos na direção de uma menina baixa e de cabelos pretos que toca o ombro dele. Ela interrompe a frase no meio ao me ver. Ainda que os dois não tivessem o mesmo cabelo preto, os mesmos olhos violeta e a mesma pele morena impecável, eu saberia que eles são irmãos por causa da característica mais dominante: o hábito de olhar de um jeito intenso.

— Sou a Chloe. Esta é minha amiga Emma, que acabou de atacar seu namorado Galen. Estávamos bem no meio das desculpas.

Coei o nariz e contei até dez, porém cinquenta pareceu mais adequado. Cinquenta me dá mais tempo de sonhar em arrancar os cabelos da Chloe.

— Emma, o que foi? Seu nariz não está sangrando, está? — Ela ri, divertindo-se.

O formigamento toma conta de meu queixo e Galen o toca com a dobra do dedo.

— Seu nariz está sangrando? Deixe-me ver — ele diz. Inclina minha cabeça para o lado e se aproxima para olhar melhor.

E aí eu fiquei mesmo muito envergonhada. Tropeçar já é bem ruim. Tropeçar em *alguém* é muito pior. Mas se esse alguém tem um corpo de fazer inveja a esculturas — e se acha que você quebrou o nariz no peitoral dele —, é aí que o tropeço chega bem perto da eutanásia.

Ele se surpreende quando tiro sua mão e me afasto.

Sua namorada/irmã parece surpresa por eu imitar seus gestos — braços cruzados e carranca. Duvido que ela já tenha sentido tanta vergonha.

— Eu disse que estou bem. Sem sangue, sem sujeira.

— Esta é minha irmã Rayna — afirma ele, como se a conversa tivesse fluído com naturalidade para aquela direção. Ela sorri para mim como se estivesse sendo ameaçada com uma faca, o tipo de sorriso que só acontece por educação, como o sorriso que damos para nossa avó quando nos presenteia com uma blusa

cor de repolho podre que ela mesma tricou. Penso nessa blusa que ganhei ao retribuir o sorriso.

Galen olha a prancha de surfe abandonada contra a cerca de madeira.

— As ondas aqui não são muito boas para surfar.

O talento de Galen não é conversa para boi dormir. Assim como sua irmã, ele age com esforço. No entanto, diferentemente dela, não há uma hostilidade velada, apenas uma falta de jeito, como se estivesse destreinado. E já que ele parece estar fazendo esse esforço por mim, eu coopero. Finjo olhar para as cristas cor de esmeralda do Golfo do México, para as ondas que batem devagar na costa. Um homem, dentro da água até a altura da cintura, segura uma criança no colo e salta conforme as ondas sobem. Em comparação com as ondas que vejo onde moro, a maré aqui parece brincadeira de criança.

— Nós sabemos. Vamos apenas boiar — diz Chloe, sem dar importância ao fato de que Galen falava comigo. — Somos de Jersey, então sabemos como é uma onda de verdade. — Quando ela se aproxima, Ray na dá um passo para trás. — Ei, que esquisito. — Chloe comenta. — Vocês dois têm a mesma cor dos olhos de Emma. Nunca vi isso antes. Sempre pensei que fosse porque ela é pálida. Ah! Isso vai deixar uma marca, Emma — diz ela, esfregando o biceps.

— Ótimo, espero que sim — respondo rápido. Quero perguntar a eles sobre seus olhos... A cor parece mais bonita contra o tom cor de oliva da pele de Galen, mas Chloe estragou minhas chances de me recuperar desse embaraço. Terei de me satisfazer com a ideia de que meu pai, e também o Google, estavam errados; a cor de meus olhos não é tão rara. Sim, meu pai praticou a medicina até o dia em que morreu, dois anos atrás. E, claro, o Google nunca me decepcionou. Mas quem sou eu para discutir com uma prova viva que essa cor de olho existe sim? Ninguém, isso sim. O que é conveniente, já que não quero mais falar. Não quero forçar Galen a se envolver em mais conversas estranhas. Não quero dar a Chloe nenhuma oportunidade de deixar mais quente meu rosto já corado. Só quero que esse momento de minha vida acabe.

Passo por Chloe e apanho a prancha. Para seu mérito, ela se recosta na grade quando passo por ela de novo. Paro na frente de Galen e de sua irmã.

— Prazer em conhecer vocês dois. Desculpe eu ter trombado em você. Vamos, Chloe.

Parece que Galen quer dizer alguma coisa, mas eu me viro. Ele tem sido bacana, só que não estou interessada em discutir a segurança dos nadadores — nem quero ser apresentada a nenhum de seus parentes hostis. Nada que ele possa dizer vai alterar o fato de que o DNA de meu rosto está em seu peito.

Tentando não acelerar, passo por eles ao descer a escada que leva à areia branquinha. Ouço Chloe diminuindo a distância atrás de mim, rindo. E decido levar girassóis ao enterro dela.





Os irmãos se recostam com os cotovelos na cerca, observando as meninas que acabaram de conhecer tirando a camiseta, ficando só de biquíni para entrar na água com a prancha de surfe entre elas.

— Ela deve estar usando lentes de contato — diz Ray na. — Já existem lentes de contato daquela cor, sabia?

Ele balança a cabeça.

— Ela não está usando lente. Você a viu bem de perto, como está me vendo. Ela é uma de nós.

— Você está maluco. Ela não pode ser uma de nós. Veja o cabelo dela. Não dá nem para dizer que é loiro. É quase *branco*.

Galen franze o cenho. A cor do cabelo também o surpreendera — antes de tocá-la. O simples contato ao segurar seu braço quando ela caiu acabou com todas as dúvidas. Os Syrenas sempre se sentem atraídos por seres da própria espécie — o que os ajuda a encontrar uns aos outros a quilômetros de distância. Na maioria das vezes essa atração é transmitida na água, onde podem sentir a presença uns dos outros. Ele ainda não tinha ouvido falar que podia acontecer em terra nem nunca havia sentido com tanta força, mas ele sabe o que sentiu. Ele não iria — *não podia* reagir daquela maneira a um ser humano. Ainda mais levando-se em conta o quanto os desprezava.

— Sei que é incomum...

— Incomum? É impossível, Galen! Nossos genes não vêm com a opção “loiro”.

— Pare de ser dramática. Ela é uma de nós. Dá para ver como ela é ruim como ser humano. Pensei que ela fosse bater a cabeça na cerca.

— Certo, vamos dizer que ela, por acaso, tenha aprendido a clarear milhares

de anos de genética do cabelo. Agora, explique por que ela está passando um tempo, ou melhor, *de férias*, com os seres humanos. Está infringindo a lei bem debaixo do nosso nariz, brincando na água com sua amiga humana alheia a tudo isso. Por que, Galen?

Ele dá de ombros.

— Talvez ela não saiba quem somos.

— Como assim? Todo mundo sabe quem somos!

— Claro que não. Nós nunca a encontramos, lembra?

Ela ri.

— Você pegou muito sol? Ela viu nossa marca. Nós não a estamos escondendo.

— Talvez ela pense que é uma tatuagem — diz ele.

— Uma o quê?

— Olhe em volta, Rayna. Está vendo a marca no tornozelo daquela garota humana? — Ele aponta em direção a um homem que sobe as escadas. — Está vendo aquele homem? Ele tem marcas no corpo todo, que os seres humanos chamam de tatuagem. Talvez ela tenha pensado...

Rayna levanta a mão.

— Pare. Ela reconheceria o tridente. *Se* ela fosse uma de nós.

Galen concorda. Ela está certa. Um Syrena reconhece outro pelo pequeno tridente azul na barriga — visível nos dois agora, que estão vestidos para ir à praia dos seres humanos. Então, ela tem cabelo loiro — branco —, e não os reconheceu como Reais. Porém ele sabe o que sentiu. E ela tem os olhos...

Rayna resmunga.

— Ah, não.

— O que foi?

— Você está fazendo aquela cara.

— Que cara?

— A cara que faz quando acha que está certo.

— Estou? — Ele observa Emma pegando a prancha, espirrando água salgada no rosto da amiga sem pena. Ele sorri.

— Não vamos para casa, vamos? — pergunta Rayna, encostando-se na cerca.

— O Dr. Milligan não telefona por qualquer coisa. Se ele acha que é de nosso interesse, então é provável que seja. Pode ir embora se quiser, mas eu vou analisar a fundo.

O Dr. Milligan é um dos poucos seres humanos em quem Galen confia. Se o médico fosse contar a alguém sobre a existência dos Syrenas, ele o teria feito no

dia em que Galen salvou sua vida, muitos anos antes. No entanto, em vez disso, o médico retribuiu o favor negando ter visto Galen — mesmo quando seus companheiros de mergulho chamaram a imprensa. Desde então, os dois se tornaram amigos a ponto de comerem sushi, nadarem juntos e, além disso, compartilharem informações. O Dr. Milligan é um oceanógrafo bastante respeitado e tem bons contatos, além de ser diretor do Gulfarium ali na costa, em condição primordial de controlar as atividades de seus colegas.

Quando Galen recebeu a mensagem urgente do Dr. Milligan no dia anterior, falando sobre uma Syrena loira que estava visitando o Gulfarium em forma humana, ele atravessou o golfo em um dia. Se o Dr. Milligan estiver certo a respeito das habilidades de Emma, terá encontrado mais do que apenas uma Syrena que está infringindo uma lei. O bom médico pode ter encontrado a chave para unir dois reinos.

Mas como a especialidade de Rayna não é a discrição — ela era indiscreta até *consigo mesma* quando mais jovem —, Galen sabe que precisa manter essa informação em segredo. Além do mais, nem ele tem certeza de que acredita nisso. Mesmo *se* acreditasse, se *pudesse* confirmar, Emma saberia o que fazer? E por onde ela tem andado? E por quê? Tudo em relação a Emma é um mistério. Seu nome não tem origem Syrena, nem seu cabelo e sua pele. E o modo como seus lábios ficaram vermelhos quando ela corou quase fez com que ele ficasse sem fôlego.

— O quê? — a irmã pergunta.

— Nada. — Ele afasta seu olhar de Emma. *Agora ela consegue fazer com que eu murmure o que estou pensando em voz alta.*

— Eu disse, você está enlouquecendo — Rayna faz um som de engasgo e segura o pescoço com as mãos. — É isso o que o Pai vai fazer se eu voltar para casa sem você de novo. O que devo dizer quando ele perguntar onde você está? Quando perguntar por que você está tão obcecado com os seres humanos? “Mas, Pai, ela é bonita, tem cabelo loiro e lindas lentes de contato”?

Galen faz uma careta.

— Ele vai se arrepender de não ter dado atenção. Pelo menos o Grom está sendo razoável. É só questão de tempo até ele nos descobrir e...

— Eu sei, eu sei — diz ela de modo pausado. — Sei como você detesta os seres humanos. Eu só estava brincando. É por isso que sigo você por aí, sabe? Para o caso de precisar de ajuda.

Galen passa a mão pelos cabelos e se recosta na cerca. Sua irmã gêmea o segue sem parar, e ser solícita não tem nada a ver com isso.

— Ah, tem certeza de que não tem nada a ver com ficar com...

— Nem diga isso.

— Bem, o que posso pensar? Desde que Toraf pediu você ao Pai...

— Toraf é um idiota!

Toraf é o melhor amigo deles desde o nascimento — ou melhor, até deixar bem claras suas intenções em relação a Rayna. Pelo menos, ele teve o bom senso de se esconder e esperar que as ameaças de morte dela diminuíssem. Só que agora ela dá a ele algo pior que ameaças: indiferença total. Nenhum pedido ou insistência de Toraf conseguiu convencê-la. Mas desde que ela completara 20 anos na primavera — dois anos depois da idade normal de acasalamento — o Pai não conseguiu encontrar motivos para discordar da união. Toraf é um bom candidato e a decisão está tomada, não importando se Rayna escolheu ignorá-la ou não.

— Estou começando a pensar que você está certa. Quem se uniria a um animal selvagem? — pergunta Galen, sorrindo.

— Não sou um animal selvagem! É você que se isola de todo mundo, escolhendo a companhia de seres humanos e ignorando seres da sua espécie.

— É minha responsabilidade.

— Porque você pediu!

Isso é verdade. Galen, usando um ditado dos seres humanos, de que era preciso manter os amigos próximos, mas os inimigos mais próximos ainda, pediu a seu irmão mais velho, Grom, que lhe desse permissão para atuar como um tipo de embaixador dos Syrenas. Grom, que é o próximo na fila do trono, concordou com a necessidade de se ter cuidado em relação aos seres terrestres.

Ele concedeu a Galen imunidade exclusiva à lei que proíbe a interação com seres humanos, reconhecendo que certa comunicação seria necessária e serviria para o bem maior.

— Porque ninguém mais faria isso. Alguém precisa observá-los. Estamos mesmo tendo essa conversa de novo? — pergunta Galen.

— Você começou.

— Não tenho tempo para isso. Vai ficar ou vai embora?

Ela cruza os braços, faz bico.

— Bem, o que você está planejando fazer? Acho que nós devemos prendê-la.

— Nós?

— Você sabe o que quero dizer.

Ele dá de ombros.

— Acho que vamos segui-la por um tempo. Observá-la.

Rayna começa a dizer algo, no entanto se surpreende.

— Talvez não tenhamos que fazer isso — ela sussurra, com os olhos arregalados.

Ele segue sua linha de visão até a água, até uma sombra escura que passa sob as ondas onde as meninas dividem a prancha.

Tubarão.





Espirro tanta água no rosto de Chloe que daria para apagar o incêndio de uma casa. Não quero afogá-la, apenas molhar bastante seus olhos com água salgada. Quando pensa que parei, ela abre os olhos... e a boca. Grande erro. A onda seguinte entra em sua boca, molhando até a campainha no fundo da garganta, chegando aos pulmões antes que consiga engolir. Ela engasga, tosse e esfrega os olhos como se tivesse desmaiado.

— Ótimo, Emma! Você molhou meu cabelo novo! — diz ela, cusbindo. — Está feliz agora?

— Não.

— Eu disse que me arrependi. — Ela assoa o nariz, e então sente o cheiro do mar.

— Nojento. E não basta estar arrependida.

— Certo. Vou resolver isso. O que você quer?

— Deixa eu segurar sua cabeça dentro da água até eu me sentir melhor — digo.

Cruzo os braços, o que é difícil quando se está tentando manter o equilíbrio numa prancha que balança na esteira de um barco em velocidade. Chloe sabe que estou nervosa, porém insistir seria um sinal de fraqueza.

— Vou deixar porque amo você. Mas isso não vai fazer com que você se sinta melhor.

— Só vou saber quando tentar.

Mantenho contato visual, eu me ajeto.

— Ótimo. Mas você continuará parecendo albina quando eu voltar à tona. — Ela balança a prancha e faz com que eu a segure para ter equilíbrio.

— Tire suas mãos nojentas da prancha. E eu não sou albina. Apenas branca.

Sinto vontade de cruzar os braços de novo, mas quase caímos dessa vez. Engolir meu orgulho é bem mais fácil do que engolir o Golfo do México.

— Mais branca do que a maioria. — Ela sorri. — As pessoas iam pensar que você está nua se vestisse meu biquíni. — Olho para o biquíni branco de lacinho, destacando-se contra a pele dela, morena.

Ela me segura e ri.

— Bem, talvez eu consiga me bronzear enquanto estamos aqui — digo, corando. Sinto que estou perdendo o controle e detesto isso. Só dessa vez quero continuar brava com Chloe.

— Você quer dizer que talvez possa ganhar uma queimadura aqui. Por falar nisso, você passou protetor solar?

Nego com a cabeça.

Ela balança a cabeça também e faz um som de reprovação idêntico ao que sua mãe faz.

— Imaginei. Se tivesse, teria escorregado do peito daquele cara em vez de grudar nele daquele jeito.

— Eu sei — resmungo.

— Deve ser o cara mais lindo que já vi — diz ela, abanando-se para reforçar.

— Sim, eu sei. Eu bati nele, lembra? Sem meu capacete, lembra?

Ela ri.

— Detesto dizer, mas ele ainda está olhando para você. Ele e a irmã com cara de bunda.

— Cale. A. Boca.

Ela ri.

— Mas falando sério, qual deles você acha que ganharia uma competição de encerrar? Eu ia dizer para ele nos encontrar no Baytowne à noite, mas pode ser que ele seja um daqueles tipos grudentos. Que pena, também. Há milhões de cantinhos escuros em Baytowne onde vocês dois podem ficar..

— Aiminhanossa, Chloe, pare! — Eu dou risada e estremeço ao mesmo tempo, e sem querer imagino um passeio pelo The Village em Baytowne Wharf com Galen. O Village é exatamente isto: um vilarejo pequeno de lojas de turistas no meio de um resort de golfe. Pelo menos, durante o dia. Mas à noite... *ai, sim*, é quando a danceteria acorda e abre as portas para todos os clientes bronzeados passarem pelos caminhos de pedra com seus daiquiris. Galen ficaria lindo sob as luzes brilhantes, mesmo de camisa...

Chloe ri.

— Arrá... Já pensou nisso, não é?

— Não!

— Sei, sei. Então por que seu rosto está vermelho que nem um salsichão?

— Não está! — Dou risada. Ela também ri.

— Quer que eu peça a ele para nos encontrar, então?

Eu concordo.

— Quantos anos você acha que ele tem?

Ela dá de ombros.

— Não tão velho. Velho o bastante para *eu* acabar presa, no entanto. Para a sorte dele, *você* acabou de completar 18 anos... O que... Você acabou de me chutar? — Ela olha para a água, passa a mão sobre a superfície como se limpasse algo para enxergar melhor. — Alguma coisa acabou de bater em mim.

Ela cobre os olhos com as mãos e pisca, abaixando-se a ponto de uma onda bater em seu queixo. A concentração em seu rosto quase me convence. Quase. Mas eu cresci com Chloe, somos vizinhas de porta desde o terceiro ano. Eu me acostumei com cobras de borracha na varanda, sal no açucareiro e filme plástico sobre a tampa do assento. Bem, na verdade, minha mãe caiu nessa. A verdade é que Chloe adora pregar peças quase tanto quanto gosta de correr. E é, com certeza, uma brincadeira.

— Sim, eu chutei você — digo, revirando os olhos.

— Mas... Você não pode me alcançar, Emma. Minhas pernas são mais compridas que as suas, e eu não consigo alcançar você... De novo! Não senti isso?

Não senti isso, mas vi a perna dela se mexendo. Fico pensando há quanto tempo ela vem planejando isso. Desde que chegamos? Desde que entramos no avião em Jersey? Desde que completamos 12 anos?

— É, Chloe. Vai ter que se esforçar mais se...

O grito dela é de arrepiar. Seus olhos quase saem das órbitas, e as marcas em sua testa se parecem com escadas. Ela segura a coxa esquerda e a segura com tanta força que uma de suas unhas postiças cai.

— Pare com isso, Chloe! Não tem graça!

Mordo meu lábio, tentando mostrar indiferença.

Mais uma unha cai. Ela tenta me segurar, mas não consegue. Suas pernas se mexem para a frente e para trás na água, e ela grita de novo, mas muito, muito mais que antes. Segura a prancha com as duas mãos, no entanto seus braços tremem demais para que ela consiga se manter firme. Lágrimas de verdade se misturam ao suor e à água do mar em seu rosto. Seus soluços são fortes, como se ela não conseguisse decidir se quer chorar ou gritar de novo.

E eu me convenço.

Eu me lanço, agarro seu braço, mantenho-a sobre a prancha. O sangue toma a água ao nosso redor. Quando ela vê isso, seus gritos se tornam desesperados, como se não fossem humanos. Entrelaço meus dedos nos dela, porém ela quase não reage.

— Segure-se em mim, Chloe! Coloque as pernas em cima da prancha!

— Não, não, não, não, não, não, não — ela repete, engasgando. Seu corpo todo treme e seus dentes batem como se estivesse dentro do Oceano Ártico.

E só vejo a barbatana. Nossas mãos se separam. Grito quando a prancha se vira e Chloe é arrancada dela. A água abafa seus gritos conforme ela vai sendo puxada para dentro da água. O sangue deixa uma trilha atrás de Chloe enquanto ela se torna uma sombra, cada vez mais dentro da água, cada vez mais longe da luz, do oxigênio. De mim.

— Tubarão! Tubarão! Socorro! Alguém, por favor, nos ajude!

Tubarãããããão!

Eu agito os braços e grito. Chuto e grito. Bato na prancha — e grito, grito, grito. Escorrego, levanto a prancha, balanço-a com toda minha força. O peso dela me força para baixo. O terror e a água me envolvem. Por um momento, volto a ter 4 anos, afogando-me no lago de minha avó. O pânico toma conta de mim. Mas faço diferente do que fazia e me mantenho presa à realidade. Não me afasto. Não deixo minha imaginação vencer. Não sonho com peixes me puxando para a superfície para me salvar.

Talvez seja porque estou mais velha. Talvez seja porque a vida de alguém depende de minha calma. Seja qual for o motivo, continuo me agarrando à prancha e me coloco sobre ela, engolindo parte de uma onda ao voltar à tona. A água salgada faz minha garganta seca arder, mesmo com o ar fresco entrando.

As pessoas na praia são pontinhos e se mexem como pulgas em um cachorro. Ninguém me vê. Nem os banhistas nem as pessoas que nadam no raso, nem as mães que procuram conchas com seus filhos. Não há barcos, nem jet skis por perto. Apenas água, céu e o sol que se põe.

Meu soluçar se transforma em soluços fortes e regurgitantes. Ninguém me ouve. Ninguém me vê. Ninguém vai salvar Chloe.

Empurro a prancha em direção à costa. Se as ondas a levarem, talvez alguém veja que a dona não voltou com ela. Talvez as pessoas se lembrem das duas meninas que levavam a prancha. E talvez nos procurem.

Lá no fundo, tenho a sensação de que estou vendo minha vida se afastar naquela prancha brilhante. Quando olho para a água, sinto que estou observando a vida de Chloe se afastar com aquele vestígio de sangue, borrado e enfraquecido a cada onda. A escolha é clara.

Puxo o máximo de ar que meus pulmões conseguem segurar. E então

mergulho.





Tarde demais.

Por mais rápido que seja, Galen está muito atrasado. Ele avança pela corrente conforme o chão do golfo se torna mais e mais íngreme. Sempre que ouve os gritos desesperados de Emma, ele avança com mais intensidade, mais ainda que antes. Mas ele não quer ver. Não importa o que está acontecendo com ela para fazê-la gritar daquele jeito, ele não quer ver. Já sabe que será assombrado por esses gritos para sempre. Não quer aumentar seu tormento com uma imagem. Chloe já parou de gritar — ele não quer saber o que isso significa. E se recusa a reconhecer quanto tempo se passou desde que escutou Emma. Ele range os dentes e passa pela água mais rápido do que consegue ver à sua frente.

Enfim, até que enfim, ele as encontra. E está muito atrasado.

Galen geme ao ver Emma. Ela está segurando o braço mole de Chloe, puxando e girando, esforçando-se para tirá-la dos dentes do tubarão. Ela não vê que cada puxão, cada tentativa, cada centímetro que consegue puxar só arranca mais carne da perna de Chloe. E não percebe que a amiga parou de lutar há muito tempo.

Ela e a fera estão lutando. O animal treme e se remexe, copiando as atitudes dela, puxando as duas para dentro da água, mas Emma não solta. Galen olha ao redor, preocupado que o sangue possa atrair mais animais, mas o rastro vermelho está se dissipando — Chloe já perdeu quase todo seu sangue.

Por que Emma não se transformou? Por que ela não salvou a amiga? As dúvidas se misturam ao remorso. Ele engole a bile que lhe sobe pela garganta. Rayna está certa. Ela não é um deles. Se fosse, teria salvado a amiga. Teria se transformado, teria levado Chloe para longe, para um local seguro — todos os Syrenas saudáveis conseguem nadar mais rápido que os tubarões.

Eu estava errado. Emma é um ser humano. O que quer dizer que ela precisa

de oxigênio. Agora. Ele parte na direção dela, mas para.

Os vários minutos que ela passou brigando com o tubarão deveriam ter acabado com sua força. Porém os puxões estão ficando *mais fortes*. Em alguns momentos, ela até segue em direção a águas mais rasas. *Está enfrentando um tubarão-touro*. Galen se lembra do Dr. Milligan dizendo que os seres humanos produzem algo chamado adrenalina, que os torna mais fortes, dá mais energia quando precisam dela para sobreviver. Talvez o corpo de Emma esteja produzindo adrenalina demais...

Por que você está pensando nisso? Mesmo que seja adrenalina, ela continua sendo humana. Ela precisa de ajuda. E onde está Rayna? Ela já devia estar aqui com aqueles seres humanos inúteis que se dizem salva-vidas. Salva-vidas que permanecem sentados em seus bancos de madeira, cuidando da praia para ter certeza de que ninguém de biquíni se afogue na areia branca.

Galen não tem tempo para esperar por um salvador adolescente. Ainda que Emma esteja produzindo adrenalina suficiente para *ficar* ali embaixo, é um milagre que o tubarão não tenha desistido de Chloe e a atacado. Ele parte em direção a ela uma segunda vez. E pela segunda vez, ele para.

É que... ela não *parece* precisar de ajuda. Seu rosto pálido está contorcido de raiva. Não é medo. Não é susto. Só fúria. Seus cabelos brancos flutuam ao redor dela como uma aura, remexendo-se em uma reação atrasada a cada um de seus movimentos. Ela geme e rosna frustrada. Os olhos de Galen se arregalam quando ela levanta a perna para chutar. Suas pernas humanas não são fortes o bastante para causar estrago. A água torna o movimento mais lento, abafa a força do golpe. Ainda assim, ela bate no olho dele e o impacto é suficiente para fazer o animal se afastar. Ele não se afasta, apenas traça um círculo amplo ao redor das meninas. E em seguida nada diretamente na direção delas.

Galen ataca. Dos seres de sua espécie, ele é o mais rápido. Pode chegar a ela antes do tubarão, tirá-la dali, e talvez até voltar a sua forma humana antes que ela o veja. Mas por que se importar em se transformar? Ele está na forma mista no momento, sua pele imitando a água a seu redor. Tudo que ela veria seria uma forma aquática levando-a de volta à margem. Ainda que não estivesse na forma mista, se ele permitisse que ela o visse, ninguém acreditaria se ela contasse. Eles insistiriam em dizer que ela perdeu a consciência, que engoliu muita água salgada, que estava traumatizada demais para saber o que viu.

Mas ele quer que ela saiba. Quer que ela o veja. Por algum motivo, quer que Emma se lembre dele. Porque esta será a última vez em que ele a verá. Não é preciso segui-la, observá-la. Depois de hoje, ele não tem qualquer interesse nela. Um ser humano não consegue unir seu povo. Nem mesmo um ser humano lindo, de tirar o fôlego.

De tirar o fôlego? Rayna está certa... você enlouqueceu! Ele geme e se apressa. O grito de Emma quase o mata.

— Pare! — ela grita.

Galen para. No entanto, Emma não está falando com ele. Está falando com o tubarão.

E o tubarão para.

Emma envolve Chloe com os dois braços e a segura contra o peito, afastando a amiga do ataque.

— Você não pode levá-la! Deixe-a aqui! Deixe-nos em paz!

O tubarão se vira e se afasta como se estivesse emburrado.

Galen se surpreende. Observa até o movimento da cauda desaparecer a distância. Ele tenta entender. Porque o que sabe, *com toda certeza*, a respeito dos tubarões é que eles não se afastam. Agressivos e impiedosos, eles são um dos mais temidos entre os Syrenas e os seres humanos — aqueles que têm mais chance de atacar os filhotes de qualquer espécie. E aquele simplesmente desistiu da refeição, de sua presa por direito.

Galen volta sua atenção a Emma quando escuta o grito sufocado dela. Emma ainda está segurando Chloe, e elas estão afundando. Emma remexe as pernas e se debate com o braço livre. Seu rosto não está irritado agora, mas cheio de desespero. Medo. Exaustão. Emma parece um ser humano de verdade.

Galen escuta um barulho se aproximando, o ronco leve de um barco se aproximando. *Rayna. Mas será que ela chegará a tempo?* Cada segundo faz Emma desanimar na luta. Seus chutes ficam menos frequentes, seu braço se debate sem propósito claro.

Galen está congelado, indeciso. Ela não é um ser humano... Não pode ser. A adrenalina pode ajudar um ser humano a prender a respiração, mas não por tanto tempo assim. Além disso, os seres humanos não conseguem falar embaixo d'água — principalmente quando isso sacrifica a retenção do precioso oxigênio. E os tubarões não se afastam de seres humanos — ainda mais um tão frágil quanto Emma. Mesmo assim, eles também não se afastam dos Syrenas. A não ser que o Dr. Milligan esteja certo. A não ser que Emma tenha o dom de Poseidon.

E se ela é um Syrena, por que *não* se transformou? Ela poderia ter salvado a vida da amiga. Por que não se transforma agora? Com certeza ela sabe que a amiga está morta. Por que continuar com a forma humana? *Ela consegue me perceber como eu a percebo?* Galen balança a cabeça. Não há tempo suficiente para pensar nessas coisas. Não importa qual seja o motivo, Emma está disposta a se afogar para permanecer na forma humana.

E Galen não deixará isso acontecer.

Ele parte na direção dela. O barco está visível a uma curta distância, rompendo as ondas da superfície. De um jeito ou de outro, Emma será salva. O barco para e Galen também para. Ele pode alcançar Emma se precisar.

Uma luz branca recende na água, e o feixe repousa em Emma e em Chloe; é

a primeira vez que Galen nota a ausência da luz natural do sol. O sol deve ter se posto por completo. Dois humanos mergulham e nadam diretamente para as meninas. Galen sabe que Rayna deve estar no barco, direcionando a luz; sem a habilidade dos Syrenas de ver dentro da água, esses seres humanos inúteis nunca as teriam encontrado, nem mesmo com um holofote.

Emma solta Chloe para os salva-vidas, assentindo para eles de modo compreensivo enquanto eles tiram a amiga sem vida de suas mãos protetoras. Os dois trocam uma expressão de surpresa ao seguirem em direção à superfície. Colocam Chloe no barco, mas não antes de Emma ver sua perna — um osso solto exposto do joelho ao tornozelo. O grito angustiado acaba com o restante de seu oxigênio, o restinho de sua coragem de lutar. Seu corpo se solta, e ela fecha os olhos.

Galen a envolve com os braços antes de ela afundar um pouco.

Ignorando a água espirrando duas vezes do outro lado do barco, ele empurra Emma para a superfície e para os braços da irmã, que a espera. Rayna a puxa para dentro da embarcação.

Quando Galen volta a cair na água, ele vê os dois salva-vidas e revira os olhos. Eles nem sequer percebem que Emma já está protegida a bordo. Eles se estabilizam, sem querer ir além. Sem a lanterna, essas criaturas infelizes não conseguem ver nada. Se Galen não estivesse ali, Emma estaria morta.

Furioso, ele se apressa entre eles. O movimento faz com que eles girem como pequenos redemoinhos. Ele escuta seus gritos assustados ao se afastar nadando.

Galen tira a sunga de debaixo da pedra; em uma praia cheia de seres humanos, teve que tirá-la dentro da água. Ele a veste, crava os pés no chão arenoso e caminha em direção à costa.

Rayna está esperando por ele, sentada na areia com os joelhos encostados no peito. Ela torce uma peça de roupa até que esta fique parecendo uma corda; Galen a reconhece como a camiseta que Emma usava quando ele a viu pela primeira vez no calçadão. Mesmo à luz da lua, ele vê que a irmã está chorando.

Ele suspira e senta-se ao lado dela. Rayna aceita seu braço em seus ombros sem reclamar, até recosta a cabeça em seu peito quando ele a puxa mais para perto.

— A Chloe morreu — ela engasga. Apesar de ser maldosa, a irmã se importa com a vida, humana ou não.

Ele assente.

— Eu sei. Não cheguei a tempo.

Rayna bufa.

— Galen, isto é algo que você não pode assumir como sua responsabilidade. Eu disse que ela morreu; não disse que você a matou. Se *você* não conseguiu

alcançá-la, ninguém conseguiria.

Ele aperta a ponta do nariz.

— Esperei muito tempo antes de intervir.

— Galen...

— Esqueça. E a Emma?

Rayna suspira.

— Ela recobrou a consciência quando chegamos à costa. Eles a deixaram seguir na ambulância com Chloe.

— Mas como ela *está*?

Rayna dá de ombros.

— Não sei. Está respirando. E chorando.

Galen assente, solta o ar que não percebeu que estava prendendo.

— Então, ela está bem. — Sua irmã se afasta e se recosta. Ele abaixa o braço, mas não olha para ela. — Acho que você devia ir para casa — diz ele, baixinho.

Rayna fica de pé e se posiciona à frente dele de maneira a bloquear a luz da lua. Finca os pés na areia, com as mãos no quadril. Ainda assim, ele não espera que ela vá gritar como grita.

— Ela não é uma de nós! É um ser humano patético que não conseguiu nem salvar a amiga. E sabe de uma coisa? Mesmo que ela *seja* um de nós, eu não quero saber! Porque, nesse caso, eu teria que matá-la por ter deixado sua amiga morrer!

Galen fica de pé antes que ela termine a frase.

— Então, se ela for um ser humano, você a odeia, e se for uma Syrena, você a odeia. Eu entendi direito?

Ele tenta afastar o tom defensivo em sua voz. É bem provável que sua irmã tivesse uma opinião diferente se tivesse acabado de ver o que ele viu. Mas não viu. E como ele ainda não está pronto para lhe dizer nada — nem o que o Dr. Milligan disse nem como o tubarão agiu —, terá que ser paciente com suas ideias erradas sobre Emma. E terá que fazer melhor do que isso.

— Ela não é uma Syrena! Se fosse, nós sentiríamos, Galen.

Isso faz com que ele se cale. Galen presumiu que Rayna pudesse sentir Emma como ele sentia, uma vez que ela é sua irmã gêmea. Mas quem já tinha ouvido falar de perceber outro Syrena em terra? Será que ele tinha inventado aquilo? Será que ele estava atraído por uma humana?

Não. Ele sabe o que sentiu quando a tocou. *Aquilo* significa *alguma coisa, não significa?*

— Espere — diz Rayna, apontando o indicador para seu peito nu. — Está

querendo dizer que você *a sentiu*?

Ele dá de ombros.

— Você entrou na água?

Ela inclina a cabeça para ele. — Não, eu fiquei no barco o tempo todo.

— Então como sabe se consegue senti-la ou não?

Ela cruza os braços.

— Pare de responder às minhas perguntas com outras perguntas. Isso só funcionava quando éramos pequenos.

Galen se retrai. Não há como explicar aquilo para a irmã sem parecer um tolo. E sua resposta apenas levaria a mais perguntas — perguntas que não eram da conta dela. Por enquanto, pelo menos.

Ele também cruza os braços.

— Ainda funciona, às vezes. Lembra, alguns dias atrás, quando encontramos aquele peixe-leão e...

— Pare com isso! Juro pelo tridente de Tritão que se você não responder...

Galen é salvo pelo som fraco da música que vem de debaixo de seus pés. Os dois se afastam e prestam atenção. Galen chuta a areia de um lado a outro, procurando seu celular. Ele o encontra no último toque. Pega o aparelho e tira a areia.

O telefone não parece ser o mesmo que Rachel — sua autodenominada assistente humana — comprou para ele. É cor-de-rosa com pequenas joias na capinha. Ele aperta um botão, e uma foto de Emma e Chloe aparece na tela.

— Ah — diz Rayna, com o cenho franzido. — De quem... de quem é?

— Não sei. — Galen confere a ligação perdida e só consegue ler: “Mãe”. Ele balança a cabeça. — Não sei dizer a quem pertence.

— Será que Rachel saberia?

Ele dá de ombros.

— Tem alguma coisa que Rachel não sabe? — Até mesmo o Dr. Milligan admite que Rachel deve ser o ser humano mais cheio de recursos. Galen nunca contou a ele sobre o passado dela nem sobre como a encontrou, mas se o Dr. Milligan está impressionado, ele também está. — Vamos telefonar para ela.

— Ela não vai atender esse número, vai?

— Não, mas telefonarei para o número seguro e deixarei uma mensagem. — Ele tecla o número gratuito que ela insistiu em comprar. Cai em uma empresa falsa, uma “empresa-laranja”, diz Rachel, que vende seguros de carro. Ela quase nunca recebe um telefonema, e quando recebe, não atende. E só retorna as ligações de Galen.

Quando escuta a gravação para deixar uma mensagem, ele diz:

— Rachel, retorne a ligação para este número, estou sem meu celular. Preciso saber de quem é este telefone, os dois nomes se você conseguir. Ah, e preciso saber onde Jersey fica e se eu tenho dinheiro suficiente para comprá-la.

Quando ele desliga, Rayna está olhando para ele.

— *Os dois* nomes?

Galen assente.

— Você sabe, os nomes do Dr. Milligan são Jerry e Milligan.

— Ah, sim. Esqueci isso. Rachel disse que ela tem mais nomes que uma lista telefônica. O que isso quer dizer?

— Quer dizer que ela tem tantos nomes que ninguém sabe quem ela é.

— Sim, isso faz total sentido — Rayna murmura, chutando a areia. — Obrigada por explicar.

O telefone toca. O número seguro pisca na tela.

— Oi, Rachel.

— Oi, lindo. Consigo esse nome até amanhã cedo — afirma ela. E boceja.

— Eu acordei você? Desculpe.

— Ah, você sabe que não me importo, querido.

— Obrigado. E quanto a Jersey?

Ela ri.

— Desculpe, meu bem, mas Jersey não está à venda. Se estivesse, meu tio Sylvester já teria comprado.

— Bem, precisarei de uma casa lá. E acho que de outro carro também.

Ele se afasta da irmã, que parece querer comer a blusa de Emma. Ele prefere que ela faça isso — se evitar que ela o morda.

Depois de um longo silêncio, Rachel diz:

— Uma casa? Um carro? O que você vai fazer em Jersey? Parece sério. Está tudo bem?

Ele tenta abrir uma distância entre ele e a irmã e sussurra:

— Pode ser... Pode ser que eu frequente a escola por um tempo.

Silêncio. Ele confere a tela para ter certeza de que o sinal está bom.

— Alô? — ele sussurra.

— Estou aqui, querido. É que você... Bem, você me surpreendeu, só isso. — Ela pigarreia. — Então, hum... Que tipo de escola? Ensino médio? Faculdade?

Ele balança a cabeça.

— Ainda não sei. Não sei bem quantos anos ela tem...

— *Ela?* Você vai comprar uma casa e um carro para impressionar uma garota? Ai, não acredito!

— Não é bem isso. Não exatamente. Você pode parar de gritar, por favor?

— Ah, não, não, e não, *não* vou parar de gritar. Vou com você. Esse tipo de coisa é minha especialidade.

— Nem pensar — diz Galen, passando a mão pelos cabelos.

Rayna segura o braço dele e diz:

— Desligue o telefone *agora*. — Ele faz um gesto para que ela se afaste e ela fecha o cenho.

— Ah, por favor, Galen — diz Rachel, com a voz melosa. — Você tem que me deixar ir com você. E, além disso, vai precisar de uma mãe se quiser se matricular na escola. E você não sabe nada sobre comprar roupas. Você *precisa* de mim, querido.

Ele range os dentes, em parte porque Rayna está torcendo seu braço a ponto de fazer doer, e em parte porque Rachel tem razão: ele não sabe nada sobre o que está fazendo. Ele afasta a irmã e joga areia nela para enfatizar o que diz antes de ela sair correndo pela praia.

— Certo — diz ele. — Pode ir.

Rachel grita e bate palmas.

— Onde você está? Vou buscar você. — Galen percebe que ela não parece mais estar cansada.

— Hum, Dr. Milligan disse Destin.

— Bem, onde fica Destin?

— Ele disse Destin e disse Flórida.

— Certo, entendi. Deixe-me ver... — Ele escuta um clique ao fundo. — Tudo bem, parece que terei que pegar um voo, mas posso chegar amanhã. Rayna também vai?

— De jeito nenhum.

O telefone é arrancado das mãos dele. Rayna sai correndo com ele, gritando enquanto corre.

— Pode apostar que vou! E traga um pouco daqueles biscoitos de limão, certo, Rachel? E um pouco daquela coisa brilhante para passar nos lábios quando eles ficam muito secos...

Galen massageia as têmporas com as pontas dos dedos, pensando no que está prestes a fazer.

E pensa em sequestrar Emma em vez disso.





A noite chega indesejada e nebulosa, vista das janelas amplas da sala de estar. Resmungo e puxo a coberta para cima da cabeça, mas não antes de ver a face estoica do relógio de meu avô no canto. Escolhi a sala de estar para dormir porque é o único cômodo da casa no qual há apenas um relógio. Durante toda a noite eu me permiti admirar o relógio de madeira, desde que não olhasse para o mostrador. A última vez em que o vi eram 2 horas da manhã. Agora, são 6 horas. Isso significa que, pela primeira vez desde a morte de Chloe, eu dormi por quatro horas consecutivas.

Também quer dizer que o primeiro dia de meu último ano na escola começará em duas horas. Não estou pronta para isso.

Afasto os cobertores e me sento. Pela janela, vejo que não está claro, nem escuro, mas cinza. Parece que está frio, no entanto sei que não está. O vento sopra pela grama alta na varanda de trás, fazendo a vegetação parecer um grupo de dançarinas de hula-hula. Tento imaginar como está o mar nesta manhã. Pela primeira vez desde que Chloe morreu, decido conferir.

Abro a porta de correr de vidro para a brisa quente de agosto. Com um salto do último degrau da varanda, meus pés descalços se afundam na areia fria. A praia é particular, e envolvo meu corpo com os braços, pegando o caminho entre as duas enormes dunas na frente da casa. Depois dela, vejo um monte pequeno, mas suficiente para bloquear minha vista do mar na sala de estar. Se tivesse dormido no meu quarto ontem à noite poderia estar aproveitando o sol de minha varanda no terceiro andar.

Porém meu quarto me faz lembrar de Chloe em tudo. Não há nada em minhas estantes, mesa e armários que não tenha algo a ver com ela. Prêmios, fotos, maquiagem, roupas, sapatos, bichos de pelúcia. Até mesmo minha roupa de cama — uma colcha de retalhos com fotos de nossa infância que fizemos para um trabalho da escola. Se eu tirasse de meu quarto tudo o que tem a ver com

Chloe, ele ficaria vazio.

E é como me sinto por dentro.

Paro a alguns metros da areia molhada e me abaixo, encostando os joelhos no peito. A maré da manhã serve de companhia quando não queremos ficar perto das pessoas. Acalma e conforta sem pedir nada. O sol, porém, pede. Quanto mais alto fica, mais eu me lembro de que nada detém o tempo. Não há como escapar dele. Ele escorre esteja você observando o relógio de seu avô ou o sol.

Meu primeiro dia de aula sem Chloe chegou.

Seco as lágrimas de meus olhos e fico de pé. Retorço os dedos na areia a cada passo que dou em direção a casa. Minha mãe espera por mim nos degraus da varanda de trás, alisando seu roupão com uma das mãos e segurando uma xícara de café na outra. Contra a casa cinza de praia, ela parece um fantasma com o roupão branco — a diferença é que um fantasma não tem cabelos longos e escuros, olhos surpreendentemente azuis nem bebe café. Ela sorri da maneira como uma mãe sorriria a uma filha que está tomada pela dor. E isso me dá vontade de chorar ainda mais.

— Bom dia — diz ela, dando um tapinha na madeira a seu lado.

Eu me sento e me inclino na direção dela, e permito que ela me abrace.

— Bom dia — respondo.

Ela me entrega a xícara e tomo um gole.

— Faça seu café da manhã? — Ela aperta meu ombro.

— Obrigada, mas não estou com fome.

— Você precisa de energia para seu primeiro dia de aula. Posso fazer panqueca. Torrada. Tenho os ingredientes para preparar uns ovos mexidos.

Sorrio. Ovos mexidos são o meu prato preferido. Ela pega tudo o que encontra e coloca em meus ovos: cebola, pimentão, cogumelo, batata, tomate e o que fica bom ou não em uma omelete.

— Claro — digo, e fico de pé.



Do banheiro, sinto o cheiro da mistura e tento descobrir o que ela colocou nos ovos enquanto saio do chuveiro. Parece que tem *jalapeños*, o que me deixa um pouco animada. Jogo a toalha na cama e tiro uma camiseta de um cabide do armário. Eu não estava no clima de ir ao shopping comprar roupas novas para ir à escola, então meus colegas terão que aceitar minhas roupas velhas: camiseta, jeans e chinelo. É o que todo mundo vai usar daqui a duas semanas, mesmo.

Torço os cabelos em um coque alto e o prendo com um lápis. Pego a bolsinha de maquiagem e paro. Rímel hoje não é uma boa ideia. Talvez um pouco de base seja bom. Pego o frasco — a base é “porcelana”. Eu a jogo sobre a penteadeira com raiva. É como passar corretivo branco em uma folha branca... Não faz diferença. Além disso, posso ser porcelana sozinha. Sou praticamente *feita* de porcelana nesses últimos dias.

Ao descer a escada, sinto um aroma apimentado. Os ovos mexidos estão lindos: altos, quentes e cheios de coisas. Que pena que eu só os mexa e remexa no prato. O copo de leite permanece intocado, desnecessário.

Olho para o velho jogo americano no lugar de meu pai, na cabeceira da mesa. Faz dois anos que o câncer o levou, mas ainda consigo me lembrar do modo como ele dobrava o jornal ao lado do prato. O modo como ele e Chloe brigavam pelo caderno de esportes. O modo como a única casa funerária da cidade tinha o mesmo cheiro no velório dele e também no dela.

Tento imaginar para quantos jogos americanos vazios uma pessoa consegue olhar antes de começar a chorar.

Do outro lado da mesa, minha mãe desliza a chave em direção a meu prato, escondendo sua expressão por trás da xícara de café.

— Está a fim de dirigir hoje?

Fico surpresa por a chave não vir com alguma dica. Ou talvez com um banner em que estivesse escrito VOCÊ PRECISA COMEÇAR A FAZER COISAS NORMAIS, COMO DIRIGIR.

Eu balanço a cabeça, assentindo. Olho para a chave. Mastigo mais um pouco. Pego a chave e a enfio no bolso. Dou mais uma mordida. Minha boca deveria estar queimando, porém não sinto gosto de nada. O leite deve estar frio, mas é como água da torneira. A única coisa que queima é a chave em meu bolso, me desafiando a tocá-la. Coloco os pratos dentro da pia, pego minha mochila e sigo para a garagem. Sozinha.

Desde que ninguém me abraça, ficarei bem. Atravesso o corredor para a Middle Point High School, acenando para as pessoas que conheço desde o Ensino Fundamental. A maioria delas têm noção suficiente para só olhar de um jeito compassivo para mim. Algumas conversam comigo, mas nada perigoso demais, apenas coisas neutras, como “Bom dia” e “Acho que estaremos na mesma sala na terceira aula”. Até mesmo Mark Baker, o capitão do time/divindade de Middle Point, me lança um sorriso de apoio com toda a tinta da pintura de guerra da escola em seu rosto. Se fosse qualquer outro dia, eu enviaria uma mensagem de texto a Chloe para dizer que o Mark Baker havia tomado consciência de minha existência. Mas o motivo que me leva a não fazer isso é o mesmo motivo que o levou a me notar: Chloe está morta.

Todos eles perderam sua estrela. O motivo de seu orgulho. Em algumas semanas, nem sequer notarão que tem algo faltando. Seguirão em frente, e pronto.

Esqueça Chloe.

Balanço a cabeça, mas sei que é verdade. Alguns anos antes, uma estudante do primeiro ano, que estava na garupa da moto de seu irmão mais velho, morreu quando ele passou em um sinal vermelho e bateu em um carro. Flores e cartões foram colados no armário dela, os alunos fizeram uma vigília na quadra e o representante de classe falou em uma homenagem especial que a escola preparou para ela. Hoje, por mais que me esforce, não consigo lembrar seu nome. Ela ia a algumas das mesmas baladas que eu frequentava, e também a algumas aulas. Lembro-me de seu rosto com clareza. Contudo, não me lembro de seu nome.

Testo a combinação de meu novo armário. Ele abre na terceira tentativa. Olho lá dentro, sentindo-me tão vazia quanto ele. Demora um pouco para as pessoas saírem do corredor, mas eu espero. Quando faz silêncio, quando as portas das salas se fecham, quando o cheiro de perfume e de desodorante desaparece, eu fecho a porta com o máximo de força que consigo. E a sensação é boa.

Como estou atrasada para a aula, sou obrigada a me sentar na frente. A fileira de trás é ideal para dormir ou para enviar mensagens, mas não tenho ninguém para quem mandar mensagens. Hoje eu poderia dormir em uma montanha-russa, então a carteira da frente é como qualquer outra. Olho em volta enquanto o Sr. Pinner distribui uma folha de regras da turma. Aviões estão pendurados com barbante no teto, grades de horários estão nas paredes e fotos em preto e branco das pirâmides egípcias decoram um quadro de avisos próximo. A aula de História costumava ser a minha preferida, só que diante de minha raiva em relação ao tempo não sinto mais a mesma coisa.

O Sr. Pinner está lendo a Regra Número 3 quando olha para a frente e para os fundos da sala.

— Posso ajudá-lo? Com certeza você já está violando a Regra Número 1! Alguém se lembra dela?

— Chegar na hora certa — diz um puxa-saco ao fundo.

— Aqui é a aula de História Mundial? — pergunta o possível causador da infração. Sua voz é calma, confiante, diferente de como deveria ser, uma vez que ele violou a Regra Número 1. Escuto algumas pessoas se remexerem nas cadeiras, provavelmente para olhar para ele.

— A própria — diz o Sr. Pinner. — A menos, claro, que esteja se referindo à aula do fim do corredor. — Ele ri da própria piada.

— É ou não é a aula de História Mundial? — pergunta o aluno de novo.

Os alunos começam a cochichar e sorrio para a grade horária para a qual estou olhando. O Sr. Pinner pigarreia.

— Você não ouviu o que eu disse na primeira vez? Disse que esta é a aula de História Mundial.

— Ouvi da primeira vez. O senhor não foi claro. — Até o puxa-saco ri. O Sr. Pinner remexe a folha das regras na mão e empurra os óculos para cima. A menina atrás de mim sussurra “Lindo!” para a colega do lado, e como ela não pode estar falando do Sr. Pinner, eu engulo a isca e me viro.

E sinto a respiração falhar. *Galen*. Ele está parado na porta... Não, ele está cobrindo a porta... Segurando apenas um fichário e com cara de irritado. E já está olhando para mim.

O Sr. Pinner diz:

— Venha se sentar aqui na frente, jovem. E pode permanecer sentado ali durante toda a semana. Não tolero atrasos. Qual é seu nome?

— Galen Forza — responde ele sem desviar os olhos de mim.

Então ele caminha até a carteira a meu lado e se senta. Ocupa toda a cadeira que comportaria um adolescente normal do sexo masculino e, enquanto se ajusta para ficar confortável, alguns sussurros das meninas são ouvidos ao fundo. Sinto vontade de dizer que ele fica melhor ainda sem camisa, mas tenho que admitir que uma camiseta colada e uma calça jeans desbotada também caem muito bem nele.

Apesar disso, a presença dele me deixa nervosa. Galen tem sido um dos personagens principais de meus pesadelos nos últimos semanas, que não são nada além de um repassar inconsciente do último dia de vida de Chloe. Não importa se durmo por quarenta minutos ou duas horas; dou de cara com ele, ouço Chloe se aproximar e fico envergonhada de novo. Às vezes, ela o convida para ir a Baytowne conosco e ele aceita. Todos partimos juntos em vez de entrar na água.

Às vezes, o sonho se mistura com um outro, diferente — aquele no qual me afogo no lago de minha avó. Os acontecimentos se misturam como aquarela; Chloe e eu caímos na água, e o cardume de peixes-gato aparece do nada e nos empurra em direção à superfície. O barco do papai está à nossa espera, mas eu sinto o gosto de água salgada e não de doce.

No entanto eu preferiria sonhar com o fim real... É péssimo vê-lo várias vezes, mas não dura muito tempo e sei que Chloe está morta quando acordo. Quando os finais são os alternativos, acordo pensando que ela está viva. E volto a perdê-la.

Mas o formigamento nunca aparece em meus sonhos. Eu tinha me esquecido dele, na verdade. Então, quando ele aparece agora, fico corada. Bastante.

Galen olha para mim de modo misterioso, e pela primeira vez desde que ele se sentou noto seus olhos. São azuis. Não violeta que nem os meus, como estavam na praia. Ou eram? Podia jurar que Chloe comentou sobre os olhos dele, porém meu subconsciente deve ter inventado isso, assim como inventa os fins alternativos. Uma coisa é certa: não inventei que Galen tem mania de olhar fixamente. Ou de me fazer corar com isso.

Eu olho para a frente, cruzo os braços em cima da mesa e fixo o olhar no Sr. Pinner. Ele diz:

— Bem, Sr. Forza, não se esqueça de onde está sentado, porque é onde ficará até a semana que vem. — Ele entrega a Galen a folha de regras.

— Obrigado, não esquecerei — diz Galen. Algumas risadinhas são ouvidas atrás de nós. É oficial. Galen ganhou um fã-clube.

Enquanto o Sr. Pinner fala sobre... Bem, não tenho a menor ideia sobre o que ele está falando. Só sei que os formigamentos dão lugar a outra coisa: fogo. Como se houvesse um monte de lava escorrendo entre minha mesa e a de Galen.

— Srta. McIntosh? — chama o Sr. Pinner. E se me lembro direito, a Srta. McIntosh sou eu.

— Ah, sim? — respondo.

— O *Titanic*, Srta. McIntosh — diz ele, prestes a perder a estribeira. — Tem ideia de quando ele afundou?

Aminhanossa, tenho. Fiquei obcecada com o *Titanic* por uns bons seis meses depois de o estudarmos no ano passado. Ano passado, antes de eu pegar raiva da História, da passagem do tempo.

— No dia 15 de abril de 1912.

O Sr. Pinner fica satisfeito no mesmo instante. Seus lábios finos se abrem em um sorriso que faz com que ele pareça não ter dentes, porque suas gengivas são muito grandes.

— Ah, vejo que temos uma estudiosa da História aqui. Muito bem, Srta. McIntosh.

O sinal toca. *O sinal toca?* Já passamos cinquenta minutos na aula?

— Lembrem-se, alunos, estudem a folha de regras. Levem-na para a cama com vocês, almocem com ela e a levem ao cinema. É a única maneira como passarão em minha aula — proclama o Sr. Pinner mais alto do que o barulho dos alunos saindo pela porta.

Dou a Galen a chance de sair primeiro. Abro meu fichário, procuro um bloco de folhas e demoro para apertar as alças de minha mochila. Ele não se mexe. *Ótimo.* Fico de pé, pego minhas coisas e passo por ele. A lava esquentou meu braço e ele o segura, como se estivesse me marcando com seu toque.

— Emma, espere.

Ele se lembra de meu nome. O que quer dizer que ele se lembra de que quase fui nocauteada contra seu peito nu. Eu me arrependi de não ter aplicado a base porcelana hoje de manhã... Poderia ter coberto um pouco minhas bochechas coradas.

— Oi — digo. — Não achei que você fosse se lembrar de mim. — Percebo os olhares que me lançam do fundo da sala; algumas das fãs dele ficaram para trás e estão esperando sua vez, com toda paciência. — Hum, seja bem-vindo a Middle Point. Você deve ter aula agora, então até mais.

Ele me segura mais forte quando tento me afastar.

— Espere. — Olho para a mão dele e ele me solta.

— Sim? — digo.

Ele olha para a carteira, passa a mão pelos cabelos pretos. Eu lembro que o talento de Galen não é falar de amenidades. Por fim, ele olha para a frente. A confiança volta a seus olhos.

— Você acha que pode me ajudar a encontrar minha próxima sala?

— Claro, mas é bem simples. Há três corredores aqui. O corredor cem, o duzentos e o trezentos. Deixe eu ver sua grade. — Ele pega o papel do bolso e o entrega a mim, dobrado. Alisando-o, eu digo: — Sua próxima aula será na sala 123. Quer dizer que você vai ao corredor cem.

— Mas você pode me mostrar onde fica?

Confiro minha grade para ver aonde vou, sabendo que, mesmo que minha próxima aula seja no lado oposto da dele, vou levá-lo à sala 123. Para minha sorte, minha próxima aula também será na sala 123: Literatura Inglesa.

— Hum, na verdade, também faremos juntos a próxima aula — digo a ele, como se me desculpasse. Ele me segue para fora e mantém o passo lento enquanto eu dou uma olhada nos horários para ver quantas outras aulas ele terá que aguentar na minha companhia — e quantas outras aulas vou passar corando. A resposta é todas elas. Resmungo. Alto.

— O que foi? — pergunta ele. — Alguma coisa errada?

— Bom, é que... Parece que temos exatamente os mesmos horários. Sete aulas juntos.

— Isso é um problema?

Sim.

— Não, é que, bem, não é problema para mim, mas... Só pensei que talvez você não me quisesse por perto depois do que aconteceu na praia naquele dia.

Ele para, me puxa para longe do fluxo de alunos e me leva a um corredor de armários. A intimidade do movimento chama a atenção de algumas pessoas que passam. Membros de seu fã-clube continuam ali, ainda esperando que eu passe minha vez.

— Talvez devêssemos ir a um lugar reservado para falar disso — diz ele com delicadeza, inclinando-se para a frente. Ele olha ao nosso redor.

— Reservado? — pergunto mais alto.

Ele assente.

— Fico feliz por você ter tocado no assunto. Não sabia bem como falar sobre isso, mas, assim, as coisas ficam mais fáceis para nós dois, não acha? E se continuar cooperando, tenho certeza de que poderei ser complacente.

Eu me assusto.

— Complacente?

— Sim, Emma. É claro que você sabe que eu poderia prendê-la agora. Entende isso, não é?

Aiminhанossa, ele fez tudo isso para me pressionar com a ameaça de prisão! Ele vai me processar, processar a minha família? Tenho 18 anos. Poderia ser processada. O calor que sinto no rosto se deve metade à vergonha do tipo “me matem agora” e metade à raiva do tipo “preciso de uma faca”.

— Mas foi um acidente! — declaro.

— *Um acidente?* Você só pode estar brincando. — Ele passa a mão no nariz.

— Não, não estou brincando. Por que eu bateria em você de propósito? Eu nem sequer conheço você! E, ainda assim, como eu vou saber se *você* não bateu em *mim*, hein? — A ideia é estúpida, mas dá espaço para uma dúvida justificável. Consigo ver, pela expressão em seu rosto, que ele não havia pensado nisso.

— O quê? — Ele está se esforçando para entender, mas o que eu esperava? Ele não consegue nem encontrar uma sala de aula em uma escola com apenas três corredores. O fato de ele ter me encontrado bem do outro lado do país parece bem mais milagroso do que um sutiã que aumenta os seios.

— Eu disse que você terá que provar que eu bati em você de propósito. Que eu tive a intenção de feri-lo. E, além disso, eu conversei com você naquele dia...

— Emma.

— ... e você disse que não estava machucado.

— Emma.

— ... mas a única testemunha que tenho a meu favor morreu...

— EM-MA.

— Você me ouviu, Galen? — Eu me viro e grito para as pessoas que ainda estão no corredor quando o sinal começa a tocar. — ACHLOE MORREU!

Correr não é uma boa ideia para mim, para início de conversa. Correr com lágrimas embaçando minha visão, pior ainda. Mas correr com lágrimas borrando minha visão e usando chinelos é uma falta de respeito à vida humana, a começar pela minha. Então, não me surpreendo quando a porta do refeitório se abre na minha cara. Fico surpresa quando tudo fica preto.





Ele para na frente da casa não tão modesta que pediu a Rachel que não comprasse. Ao desligar o motor do carro não tão modesto, ele joga a mochila cheia de livros por cima do ombro.

Ele encontra Rachel na cozinha, tirando filés de peixe do forno. Ela usa um avental em cima do vestido de bolinhas, e seus cabelos, uma bagunça de cachos escuros, estão presos em um rabo de cavalo. Ela sopra para cima para tirar a franja de seu rosto, se vira e sorri.

— Oi, lindo! Como foi seu primeiro dia na escola? — Ela fecha o forno com o quadril.

Ele balança a cabeça e puxa um banquinho ao lado de Rayna, que está sentada ao balcão pintando as unhas com um esmalte vermelho.

— Isso não vai dar certo. Não sei o que estou fazendo — diz ele.

— Querido, o que aconteceu? Não pode ser *tão* ruim.

Ele assente.

— Mas foi. Eu deixei a Emma inconsciente.

Rachel cospe o vinho de volta no copo.

— Ai, querido, hum... Esse tipo de coisa tem sido mal vista há anos.

— Ótimo. Você devia uma a ela — Rayna ri. — Ela o empurrou na praia — explica a Rachel.

— É? — pergunta Rachel. — Foi assim que ela chamou sua atenção?

— Ela não me empurrou. Ela tropeçou em mim — afirma ele. — E eu não a derrubei de propósito. Ela correu de mim, então eu a persegui e...

Rachel levanta a mão.

— Certo. Pare bem aí. Os policiais estão vindo? Você sabe que isso me deixa nervosa.

— Não — diz Galen, revirando os olhos. Se os policiais ainda não encontraram Rachel até agora, não vão encontrá-la. Além disso, depois de todo esse tempo, os policiais não podem mais estar procurando. E as outras pessoas que querem encontrá-la pensam que ela está morta.

— Certo, ótimo. Agora, calma, querido. Por que ela correu de você?

— Foi um engano.

Rachel une as mãos.

— Eu sei, querido, eu sei. Mas para eu poder ajudá-lo, preciso saber os detalhes. Nós, mulheres, somos seres cheios de firulas.

Ele corre a mão pelos cabelos.

— E eu não sei? Primeiro, ela estava sendo bacana e cooperando, e então começou a gritar.

Rayna se assusta.

— Ela *gritou* com você? — Rayna bate o esmalte sobre o balcão e aponta para Rachel. — Quero que você seja minha mãe também. Quero ser matriculada na escola.

— De jeito nenhum. Se tirar um pé da casa, eu mesmo vou prendê-la — diz Galen. — E nem pense em entrar na água com essa tinta de humanos nos dedos.

— Não se preocupe. Não vou mesmo entrar na água.

Galen abre a boca para contradizer aquilo, para dizer a ela para ir para casa no dia seguinte e ficar lá, mas então ele vê sua expressão exasperada. E sorri.

— Ele encontrou você.

Rayna cruza os braços e assente.

— Por que ele não pode apenas me deixar em paz? E por que você acha tão engraçado? Você é meu irmão! Deveria me proteger!

Ele ri.

— De Toraf? Por que eu faria isso?

Ela balança a cabeça. — Eu estava tentando pegar alguns peixes para Rachel e o senti na água. Perto. Saí o mais rápido que consegui, e ele provavelmente sabe que foi o que fiz. *Como é que ele sempre me encontra?*

— Oops — diz Rachel.

Os dois se viram para ela. Ela sorri de modo a se desculpar com Rayna.

— Não me dei conta de que vocês estavam em desacordo. Ele apareceu na varanda de trás à sua procura hoje de manhã e... Eu o convidei para jantar.

Desculpe.

Enquanto Galen diz:

— Rachel, e se alguém o vir? — Rayna está dizendo: — Não. Não, não, não, ele não vem jantar.

Rachel pigarreia e assente atrás deles.

— Rayna, isso é muito doloroso. Depois de tudo o que passamos — diz Toraf.

Rayna se ajeita no banquinho, rosnando ao ouvir a voz dele. Ela lança um olhar gelado para Rachel, que fingue não notar enquanto espreme uma fatia de limão em cima dos filés.

Galen desce e cumprimenta o amigo com um soco forte no braço.

— Ei, girino, vi que você encontrou um calção de banho meu. Bom ver que suas habilidades de busca continuam intactas depois do acidente e tudo o mais.

Toraf olha para as costas de Rayna.

— Acidente, sim. Da próxima vez, ficarei de olhos abertos quando a beijar. Assim, não vou bater o nariz em uma pedra de novo sem querer. Fui um idiota, certo?

Galen sorri. Toraf é um dos melhores localizadores da história dos Syrenas. Sua capacidade de sentir a presença de outros de sua espécie é apurada, e, mais do que isso, ele consegue encontrar qualquer um deles. Além de reconhecer a presença de outro Syrena, depois de passar um tempo mínimo com eles, consegue identificar cada um individualmente e a distâncias impossíveis. E aquela pessoa a quem ele é mais sensível está olhando de modo nada saudável para uma faca de cortar filés do outro lado do balcão.

— Rayna, seu amigo veio até aqui ver você. E você está sendo grosseira. Por que não se afasta do balcão? Agora? — pergunta Galen, com o tom ameaçador. Não está a fim de brigar com nenhum deles. Se Rayna se mover, ele será forçado a controlá-la. Se ele for muito áspero, Toraf fará uma exceção e vai lidar com *ele* de maneira áspera. Além disso, Galen está com fome e os filés já estão prontos.

Rayna se afasta e se vira.

— Ele *não* é meu amigo.

Toraf pigarreia. Os olhos de Galen se arregalam, mas Toraf lança a ele um olhar de alerta, balança a cabeça de um jeito quase imperceptível.

— Eu esperava que seus sentimentos tivessem mudado, minha princesa. Você sabe que não encontrará ninguém que lhe seja mais dedicado do que eu. Eu a tenho seguido desde que você ainda nem conseguia nadar em linha reta — diz Toraf. Apesar de as palavras serem delicadas, Galen sabe que ele está sendo sincero.

— Por isso eu confiava em você — responde Rayna. — Você me conhecia

melhor que o Galen. Sabe que eu nunca quis acasalar. Deixou que eu pensasse que você concordava com minha decisão. Mas, o tempo todo, você estava planejando tirar minha liberdade.

— Nossa! Que absurdo, Toraf — diz Rachel, da pia. — Alguém aqui está com fome?

— Morrendo de fome — afirmam Galen e Toraf. Rayna revira os olhos e caminha até a mesa, batendo os pés.

Eles se acomodam na praia iluminada pelo luar. Toraf espirra o excesso de água dos cabelos em Galen, que devolve o favor jogando um punhado de areia em seu rosto. Galen se deita apoiado pelos cotovelos e olha para o céu escuro pontuado por estrelas. Balança a cabeça.

— Quando vai contar a ela?

Toraf se espreguiça ao lado do amigo, apoiando as mãos na cabeça.

— Contar o quê?

— Que vocês já se uniram.

Toraf ri.

— Acho que você me conhece bem demais, Alteza.

— Não me chame assim. Quando meu pai concordou com isso?

— Na verdade, ele não concordou. Grom nos uniu.

Galen se vira para o lado, apoiando a cabeça no cotovelo.

— Você sabe que ela vai tentar reverter isso. Em termos técnicos o Grom ainda não é rei.

— Sim, tecnicamente, ele é. E cá entre nós, espero que você tenha uma desculpa ótima para não ter estado presente. Ah, e isso me faz lembrar de uma coisa. — Ele estende o braço e dá um soco na mandíbula de Galen. — Isto é por permitir que sua irmã se escondesse na terra com você. Passei as duas últimas semanas pensando que vocês dois estavam mortos.

Galen se senta e assente, esfregando a mandíbula. Não tem como argumentar. Rayna está infringindo a lei por permanecer na forma humana por mais de um dia. Ela não tem a mesma imunidade que Galen, mas até mesmo a imunidade *dele* não vai tão longe, e ele sabe disso. Toraf também sabe.

— Então... Você está dizendo que não consegue localizar Rayna em terra?

— Você sabe que não conseguimos detectar uns aos outros em terra, Galen.

— Sim, pensei nisso. Espere, você disse que o Grom é rei? Quando isso aconteceu?

Toraf se senta.

— Em primeiro lugar, não gosto de seu tom. Eu saí para encontrar você, trazê-lo de volta para a cerimônia. Então, não aja como se tivesse permanecido acessível o tempo todo. *Duas semanas atrás* — ele reiterou. — E o que quer dizer com *pensei*? Estou bem a seu lado. Você não consegue me notar.

Galen balança a cabeça.

— Não. Você, de jeito nenhum.

— Certo. Você está dizendo que consegue sentir alguém. Em terra. Não acredito em você.

Galen esfrega os olhos.

— Eu sei. Mal consigo acreditar em mim. Não contei à Rayna. Ela já me disse que não consegue sentir a presença dela...

— *Dela*? Quem?

— O nome dela é Emma. O Dr. Milligan a encontrou.

Galen conta tudo a Toraf, que o Dr. Milligan deixou um recado no celular de Galen, que foi à Flórida para investigar a informação do médico, que Emma mandou o tubarão embora. Que ela costumava bater nas coisas.

Toraf permanece em silêncio por muito tempo. E então ele diz:

— Isso não faz sentido. Como ela pode ser um de nós? Se for, então teria causado dano à porta, não o contrário. Sua cabeça forte teria deixado um amassado nela.

— Eu sei — afirma Galen, assentindo. — No começo, pensei que ela estivesse fingindo. Mas quando a peguei, ela não corou. Estava inconsciente, com certeza.

— Ainda que ela não estivesse fingindo, como pode ser de Poseidon, Galen? O único herdeiro do Rei Antonis morreu na explosão.

Galen balança a cabeça.

— Não faz sentido, faz? — Por mais que ele repasse os fatos, não consegue relacioná-los a Emma. Muito tempo atrás, antes de Galen e Rayna nascerem, seu irmão Grom estava noivo da filha do Rei Antonis, Nalia. Conforme Galen soubera, eles estavam muito apaixonados, uma combinação perfeita entre as casas de Tritão e Poseidon.

A lei exige que o herdeiro primogênito de cada família se acasale a cada três gerações. Para a maioria, é uma obrigação a ser cumprida, algo a ser feito. É raro acontecer de os primogênitos *desejarem* se acasalar. Mas esses dois eram diferentes. Todo mundo diz que eles tinham se unido na primeira vez em que se viram. Contudo, antes da cerimônia de união, eles discutiram — ninguém se lembra sobre o quê e ninguém diz, porém muitos viram Nalia fugindo de Grom. Aparentemente, ele saiu em perseguição — direto para dentro de uma mina feita pelos seres humanos, que pareciam estar em guerra no mundo todo naquela época. Grom se feriu com gravidade. Os melhores localizadores dos dois reinos

procuraram em todas as partes. Depois de dias, eles anunciaram que Nalia devia estar morta. Devastado, o rei de Poseidon, que já era viúvo, acusou Grom de ter matado sua filha intencionalmente. Então Antonis jurou que nunca mais teria uma companheira, que nunca mais geraria um herdeiro — eliminando, assim, qualquer chance de seus filhos herdarem os Dons dos generais, Poseidon e Tritão.

Quando decretou Tritão como o inimigo, os dois reinos se separaram para sempre. Grom nunca falou sobre isso, nunca demonstrou seus sentimentos a esse respeito. E nunca escolheu outra parceira.

Porém agora ele não tem opção. Se é oficial que Grom assumiu as rédeas da liderança de seu pai, a lei exige que ele escolha uma parceira. E se Emma é de Poseidon, então ela está na fila para cumprir essa lei.

— Não faz sentido — diz Galen de novo. — Mas eu sei o que vi. Ela conversa com peixes. E eles a ouvem. Sem dúvida, ela é de Poseidon.

Toraf suspira.

— Então onde ela esteve esse tempo todo? Por que prefere a companhia de seres humanos e não a nossa?

— É isso o que estou tentando descobrir, idiota.

— Escute, vairão, não quero ser muito crítico, mas parece que você não sabe o que está fazendo. Está ameaçando prendê-la? Vai persegui-la pelo corredor? Você não acha que isso está meio fora do seu normal?

— Eu estava frustrado. Você sabe como... Como as fêmeas humanas são *sensuais*? Dez minutos depois de eu ter entrado por aquelas portas, um monte delas me seguiu. *Em todos os lugares*. Até mesmo as fêmeas *adultas* do escritório me deram sinais de acasalamento! Rachel diz que são hormônios. Ela acha que os hormônios fizeram Emma agir de modo tão estranho e fugir daquele jeito também.

— Mas se a Emma tem hormônios, quer dizer que ela é humana.

— Está ouvindo o que estou dizendo? Ela não pode ser humana. Ela tem nossos olhos. E eu não conseguiria sentir um ser humano assim.

Toraf sorri.

— Assim como? Como é?

— Pare de sorrir como se soubesse de alguma coisa. Não é assim.

— Bem, e como é, então? Sou um localizador, lembra? Talvez eu possa ajudá-lo com isso.

Galen assente. Se alguém pode ajudá-lo a entender a impressão que teve, esse alguém é um localizador.

— É como... Lutar contra uma corrente elétrica. E então, quando nos tocamos, é como entrar em um vulcão. Calor por todos os lados. Mas é mais que isso. Sabe

como você se sente quando um dos seus está perto? Você sente a pulsação, e apenas sabe que ele está ali!

Toraf assente.

— Bem, não é assim com a Emma, não exatamente. Não é que eu tenha consciência de sua presença. Eu... Eu...

— Você se sente atraído por ela?

Galen olha o amigo.

— Sim, isso mesmo. Como você sabe?

— Você se lembra do localizador que me treinou?

Galen assente.

— Yudor. Por quê?

— Bem, certa vez ele me disse que... Sabe o quê? Nada importante. É bobagem.

— Eu juro, Toraf, vou arrancar todos os seus dentes se...

— Ele disse que isso quer dizer que ela é seu par — afirmou Toraf. — E não qualquer par, mas seu *par especial*. Você sente atração por ela, Galen.

Galen revira os olhos.

— Já ouvi isso. Romul diz que é mito. Ninguém tem um par especial. — E por ser o Tritão mais velho ainda vivo, Romul devia saber. Galen começara a consultá-lo anos antes, quando ele se tornou embaixador dos Syrenas. Romul ensinou a ele todas as leis dos Syrenas, a história da espécie e a história do relacionamento deles com os seres humanos. Também ensinou a ele as atitudes de machos e fêmeas — muito antes do que seus pais pretendiam que ele soubesse. Em geral, quando um Syrena macho completa 18 anos, ele fica atraído por diversas fêmeas dignas de acasalamento de uma vez. Depois de passar um tempo com cada uma, ele pode determinar qual é a mais adequada para gerar herdeiros e ser sua companheira. Em casos de “atração”, porém, ele se sentiria atraído por apenas uma — que seria sua parceira perfeita sob todos os aspectos. Acredita-se que a atração também produza as crias mais fortes, que é algo existente no sangue dos Syrenas que garante a sobrevivência da espécie. Alguns entre os Syrenas ainda acreditam nisso. E Galen não é um deles.

— Alguns pensam que Grom sentiu essa atração por Nalia — diz Toraf com delicadeza. — Talvez seja um traço da família.

— Bem, é aí que você se engana, Toraf. Não devo sentir atração por Emma. Ela pertence a Grom. Ele é o primogênito, terceira geração de Tritão. E ela com certeza é de Poseidon. — Galen passa a mão pelos cabelos.

— Acho que, se Grom fosse o par dela em vez de você, ele teria encontrado Emma.

— É o que você pensa. Não encontrei Emma, o Dr. Milligan encontrou.

— Certo, responde uma coisa — fala Toraf, apontando um dedo para Galen.

— Você tem 20 anos. Por que não procurou uma parceira?

Galen hesita. Nunca pensou nisso, na verdade. Nem mesmo quando Toraf pediu Rayna. Aquilo não deveria tê-lo feito se lembrar de sua solteirice? Ele balança a cabeça. Está deixando que as palavras de Toraf o afetem. Dá de ombros.

— Tenho andado ocupado. Não é que eu não queira, se é isso o que está dizendo.

— Com quem?

— O quê?

— Fale o nome de alguém, Galen. A primeira fêmea que vem à mente.

Ele tenta bloquear o nome dela, seu rosto. Mas não para a tempo. *Emma*. Ele se retrai. *É só porque eu tenho falado muito sobre ela, por isso ela é o que me vem à mente mais depressa*, ele diz a si mesmo.

— Ainda não tem ninguém. Mas tenho certeza de que haveria se eu passasse mais tempo em casa.

— Sei. E por que você está sempre longe? Talvez esteja à procura de algo e nem saiba.

— Fico longe porque estou observando os seres humanos, é minha responsabilidade, você deve se lembrar. Você também deve se lembrar de que eles são o verdadeiro motivo pelo qual nossos reinos estão divididos. Se eles não tivessem aberto aquela mina, nada disso teria acontecido. E nós dois sabemos que vai acontecer de novo.

— Vamos, Galen. Se você não puder me contar, para *quem* vai?

— Não sei do que você está falando. E acho que nem você sabe.

— Entendo se você não quer falar sobre isso. Eu também não falaria. Encontrar minha parceira especial e então entregá-la a meu irmão. Saber que ela está acasalando com ele nas ilhas, mantendo-o por perto...

Galen dá um gancho no nariz de Toraf e o sangue se espalha em seu peito nu. Toraf cai para trás e segura o nariz com a mão, fechando as narinas.

E então ele ri:

— Acho que sei quem ensinou Rayna a bater.

Galen massageia as têmporas.

— Sinto muito, não sei o que me deu. Eu disse que estava frustrado.

Toraf ri.

— Você é tão cego, vairão. Só espero que você abra os olhos antes que seja

tarde demais.

Galen ri.

— Pare de vomitar superstição em cima de mim. Eu disse a você. Só estou frustrado. Não tem mais nada acontecendo.

Toraf inclina a cabeça para o lado e puxa um pouco de sangue de volta à cavidade nasal.

— Então as humanas seguiram você, fizeram com que se sentisse desconfortável?

— Foi o que acabei de falar, não foi?

Toraf assente de modo pensativo. E em seguida diz:

— Imagine como Emma deve se sentir.

— O quê?

— Pense bem. As humanas seguiram você dentro de um prédio e fizeram você se sentir desconfortável. Você seguiu Emma pela terra. E então Rachel dá um jeito de você fazer todas as aulas com ela. Depois, tenta fugir e você a persegue. Parece que você a está assustando.

— Mais ou menos o que você está fazendo com a Rayna.

— Hum. Não pensei nisso.

— Idiota — Galen murmura. Porém existe uma certa verdade na observação de Toraf. Talvez Emma se sinta pressionada. E ela, sem dúvida, ainda está sofrendo por Chloe. Talvez ele precise ir devagar com Emma. Se puder ganhar sua confiança, talvez ela conte para ele sobre seu talento, sobre seu passado. Mas a pergunta é: de quanto tempo ela precisa? A relutância de Grom em se acasalar será rejeitada por sua obrigação de ter um herdeiro. E esse herdeiro precisa vir de Emma.

Toraf o tira de seus pensamentos.

— Sabe de qual conselho preciso? — Ele assente na direção da casa enorme atrás deles. — Dos conselhos de Rachel.

— Na verdade, não precisa — afirma Galen, ficando de pé. Ele estende a mão para ajudar seu amigo.

— O que é isso?

— A especialidade de Rachel está mais na comunicação. Você não vai precisar se preocupar com a comunicação quando Rayna descobrir que vocês já se uniram.

— Nós *o quê*? — Os dois se viram para Rayna, que parou no meio do caminho na areia. As emoções em seu rosto mudam da surpresa para a ira.

— Você vai pagar um preço especial por isso, vão! — Toraf grita antes de

cair na água.

Galen sorri quando Ray na passa pelas ondas em uma perseguição intensa. Então ele segue para a casa a fim de conversar com Rachel.





Eu pego a base e espalho porcelana por todo o meu rosto.

A pressão faz com que eu contorça o rosto e manda uma onda de dor às minhas órbitas. Pelo menos não tenho um hematoma. Hematomas — e espinhas — aparecem bem em peles claras. Passo um pouco de brilho labial e me observo na frente do espelho. E então tiro o brilho. A quem quero enganar? Esse negócio grudento vai me atrapalhar o dia todo. O rímel ri de mim na pia do banheiro e me desafia a passá-lo. Eu aceito o desafio — não estou correndo o risco de chorar hoje. Pego o frasco, passo duas boas camadas. É engraçado como um pouco de descanso, um pouco de maquiagem e bastante reflexão podem fazer com que você se sinta uma pessoa diferente — uma versão mais forte de si mesmo.

Minha mãe quer que eu fique longe da escola por mais um dia. Mas não vai rolar. Passei o dia todo ontem na cama, alternando choro e sono. Por fim, à meia-noite, a fonte secou e meu cérebro começou a funcionar. E tomei uma decisão:

Chloe se foi. Nunca mais vai voltar. E o modo como tenho agido a machucaria. Por pelo menos uma hora, troco de lugar com ela em minha mente — estou morta e Chloe está viva. Como ela lidaria com isso? Choraria. Ficaria triste. Sentiria minha falta. Não pararia de viver, porém. Deixaria as pessoas confortarem-na. Dormiria em seu quarto e sorriria para as lembranças enquanto adormeceria. E provavelmente agrediria Galen Forza. O que me leva a outra coisa que decidi:

Galen Forza é um idiota. Os detalhes são incertos, mas tenho certeza de que ele teve algo a ver com meu acidente na segunda-feira. E ele é um pouco esquisito. Além do hábito de encarar, ele fica aparecendo em todos os lugares. Sempre que aparece lido com a situação como um elefante pisando em ovos. Então vou alterar minha grade assim que chegar à escola. Não tenho motivos para me

humilhar em sete aulas por dia.

Sorriso com satisfação por causa de meu plano conforme puxo uma cadeira da mesa. Minha mãe prepara ovos mexidos de manhã de novo, e dessa vez eu os como. Até repito. Ela coloca um copo de leite sobre a mesa para nós dividirmos. Sem querer, bebo tudo. Nem sequer olho para o jogo americano de meu pai. Nem para o de Chloe.

— Você deve estar se sentindo melhor, então — diz minha mãe. — Mas queria que você ficasse mais um dia em casa. Poderíamos ter um dia de meninas, você e eu. Alugaríamos uns filmes de mulherzinha, comeríamos chocolate com refrigerante diet, fofocaríamos. O que me diz?

Eu rio, o que faz minha cabeça latejar como se meu cérebro estivesse tentando escapar. Falando desse jeito, ficar em casa se torna algo tentador, e não só por causa do chocolate. Observar minha mãe tentando agir como menina seria divertido. A nossa última tentativa de ter um dia de mulherzinha começou com pedicure e terminou com uma corrida de caminhões. Isso aconteceu há cinco anos. Assim como sua última ida à pedicure.

Ainda assim, já decidi que hoje começa o restante de minha vida normal. Levar um edredom e dois litros de sorvete para o sofá parece um pretexto, e tentar outra corrida de caminhões é algo tão absurdo quanto ganhar mais uma narina. Ao pegar meus pratos e levá-los à pia, declaro:

— Na verdade, quero ir à escola. Para mudar o cenário, sabe? Posso deixar para a próxima?

Ela sorri, mas sei que não é sincero, porque ela não semicerra os olhos.

— Claro. Fica para a próxima.

Concordo e pego as chaves de meu carro. Antes de eu acender a luz da garagem, ela vem atrás de mim e puxa minha mochila.

— Quer ir à escola? Tudo bem. Mas você não vai dirigir. Dá a chave.

— Estou bem, mãe, de verdade. Até a noite. — Dou um beijo em seu rosto e me viro para a porta de novo.

— Que bom. Dá a chave. — Ela estende a mão.

Eu seguro a chave com mais força.

— Você praticamente enfiou esse carro na minha cara na segunda, e agora você quer a chave. O que eu fiz?

— O que você fez? Bem, para começar, você usou o rosto para impedir que a porta do refeitório fosse aberta. — Batidas de pé, *checado*. Cara de brava, *checado*. Tom que avisa que estou prestes a ficar de castigo, *checado, checado, checado*. Todos os sinais estão presentes... Estou em apuros e não sei por quê.

— Hum, eu disse que estou me sentindo melhor. O Dr. Morton falou que eu podia retomar as atividades normais se eu me sentisse melhor. Estou prestes a me

atrasar para a escola. — O Dr. Morton não disse nada disso. Mas como ele é o melhor amigo de meu pai, esperou minha mãe sair da sala para me dizer que era provável que eu tivesse sofrido uma concussão. Ele sabe como ela consegue ser obsessiva. Há uma declaração dela na escola para que uma ambulância não seja chamada para mim em caso de emergência, já que o consultório do Dr. Morton fica do outro lado da rua.

— Escola, né? Tem certeza de que é para lá que você está indo? — A mão dela continua estendida, esperando a chave que eu não vou entregar.

Depois de alguns segundos sem resposta, ela cruza os braços.

— Aonde *mais* eu poderia estar indo com mochila e livros?

— Ah, eu não sei. Talvez para a casa de Galen Forza?

Pois é, não imaginei que ela falaria isso. Se imaginasse, talvez tivesse conseguido conter o ardor em minhas bochechas.

— Hum. Como você conhece o Galen?

— A Sra. Strickland me contou sobre ele. Disse que você estava discutindo com ele no corredor e que você saiu correndo dele. Disse que ele mesmo a levou à sala quando você bateu na porta.

Eu *sabia* que ele tinha algo a ver com meu acidente. E minha mãe conversou com a diretora sobre isso. Meus lábios ficaram tão secos que vou sentir o gosto de poeira se os lamber. Fico corada da cabeça aos pés, até nas orelhas.

— Ele me *carregou*?

— Ela disse que Galen não saiu de seu lado até o Dr. Morton chegar lá, e o doutor disse que ele se recusou a voltar para a aula até ter certeza de que você ficaria bem. — Ela bate o pé com mais força e para: — E então?

Olho para ela.

— Então, o quê?

Minha mãe acabou de rosnar? Ela levanta os braços e caminha até a pia, recosta-se e segura-se no balcão até seus dedos ficarem pálidos.

— Pensei que nós fôssemos amigas, Emma. Sempre pensei que você fosse me contar essas coisas, que se sentia à vontade conversando comigo.

Reviro os olhos. *Como da vez em que quase morri afogada e você riu da minha cara quando lhe contei sobre como o peixe me salvou?* Quem ela quer enganar? Nós duas sabíamos que meu pai era a minha lata de lixo na família, a pessoa em quem descarregava minhas emoções. Será que ela pensa que só porque me ofereceu um cobertor e alguma coisa com cobertura de chocolate vou simplesmente entregar a chave de meu diário? Ah, não.

— Sei que você tem 18 anos — diz ela. — Eu sei, está bem? Mas você não sabe tudo. E quer saber de uma coisa? Não gosto de segredos.

Sinto a cabeça rodar. O primeiro dia do Restante de Minha Vida Normal não está saindo como o planejado. Balanço a cabeça.

— Acho que ainda não entendi o que você está me pedindo.

Ela bate o pé.

— Há quanto tempo você o namora, Emma? Há quanto tempo você e o Galen estão juntos?

Aiminhanossa.

— Não estou namorando o Galen — sussurro. — Por que você pensaria uma coisa dessas?

— Por que eu pensaria uma coisa dessas? Talvez você devesse perguntar à Sra. Strickland. Foi ela quem me disse que vocês pareciam bem íntimos no corredor. E ela também me contou que o Galen ficou desesperado ao ver que você não acordava. Que ele ficava apertando a sua mão.

Íntimos? Deixei minha mochila escorregar de meu ombro até o chão, e então caminhei até a mesa e me sentei. A sala parecia uma enorme roda-gigante.

Estou... envergonhada? Não. Envergonhada eu ficaria se tivesse derrubado ketchup na altura da virilha e ele deixasse uma mancha vermelha suspeita.

Arrasada? Não. Arrasada eu ficaria se tivesse usado bronzeador e me esquecido de passar um pouco nos pés, de modo que parecesse que eu estava usando meias com chinelos de dedo e vestido.

Perplexa? Sim. Isso aí. Perplexa por saber que depois de gritar com ele — ah, sim, eu me lembro de ter gritado com ele —, ele pegou meu corpo inerte, me levou até a sala e ficou comigo até a ajuda chegar. Ah, e ele segurou a minha mão e ficou ali também.

Apoio o rosto nas mãos, imaginando como cheguei perto de ir para a escola sem saber disso. De como cheguei perto de me aproximar de Galen, de mandá-lo enfiar a ansiedade no lugar no qual as meninas não paravam de pensar desde a chegada dele ali. Resmungo com os dedos entrelaçados.

— Nunca mais vou poder olhar para a cara dele — digo a ninguém em especial. Infelizmente, minha mãe pensa que estou falando com ela.

— Por quê? Ele terminou com você? — Ela se senta ao meu lado e tira as mãos de meu rosto. — Foi porque você não quis transar com ele?

— Mãe! — grito. — Não!

Ela tira a mão.

— Você está dizendo que *transou* com ele? — Seus lábios tremem. Isso não pode estar acontecendo.

— Mãe, eu já lhe disse, não estamos namorando! — Gritar não é uma boa ideia. Sinto as batidas de meu coração nas têmporas.

— Você não está nem *namorando* e dormiu com ele? — Ela remexe as mãos. Lágrimas se acumulam em seus olhos.

Respira... Um... Dois... *Ela está falando sério?* Três... Quatro... *Porque juro que estou prestes a fugir de casa...* Cinco... Seis... *Posso muito bem dormir com ele já que vou ser acusada, de qualquer maneira...* Sete... Oito... *Aiminhanossa, eu pensei nisso mesmo?*... Nove... Dez... *Fale com sua mãe* — agora.

Mantenho a voz educada ao dizer:

— Mãe, não dormi com Galen, a menos que você considere transar ter ficado na maca da enfermaria, inconsciente, ao lado dele. E não estamos namorando. Nunca namoramos. Por isso ele não teria por que terminar comigo. Eu perdi alguma coisa?

— Então por que vocês estavam discutindo no corredor?

— Não lembro. Só me lembro de ter me irritado com ele. Pode deixar, vou descobrir. Mas, agora, estou atrasada para a aula. — Eu me levanto da cadeira e me aproximo da mochila no chão. Inclinar-me para a frente foi pior do que gritar. Queria que minha cabeça se adiantasse e caísse de uma vez.

— Então, você não lembra sobre o que conversaram? Você deveria ficar em casa descansando. Emma? Emma, não me ignore, mocinha!

Ela não vem atrás de mim, o que quer dizer que a conversa acabou.

Estaciono o carro na minha vaga e confiro a maquiagem no espelho retrovisor. A base porcelana não esconde o vermelho de minhas bochechas. A tendência é piorar se eu encontrar Galen. Respiro fundo, abro a porta e o sinal toca.

O escritório da frente tem cheiro de tinta fresca, caderno novo e café. Assino um pedido para entrar atrasada e espero a permissão. A Sra. Poindexter, uma senhora mais velha e muito simpática que trabalha no escritório da frente desde que era mocinha, tira um bloco da gaveta e faz anotações nele. Dá para reconhecê-la em fotos antigas da escola porque, como no passado, ela ainda molda os cabelos brancos em uma colmeia enorme, usando spray fixador suficiente para chamar a atenção da Agência de Proteção do Meio Ambiente. Ah, e ela usa um decote maior do que as meninas dos bailes de formatura.

— Estamos muito felizes por você estar se sentindo melhor, Srta. McIntosh. Mas parece que ainda há um belo galo em sua cachola — diz ela com a voz de criança.

Como não tem galo na minha cachola, fico meio ofendida, porém decido deixar para lá.

— Obrigada, Sra. Poindexter. Parece pior do que é. Só está doendo um pouco.

— Sim, eu diria que a porta levou a pior — diz ele ao meu lado. Galen pede permissão para entrar atrasado, assinando logo embaixo do meu nome. Seu braço encosta no meu, e parece que meu sangue virou água fervente.

Eu me viro para olhar para ele. Meus sonhos com ele não chegam nem perto da realidade. Cílios longos e escuros, pele morena perfeita, mandíbula delineada como a de um modelo italiano, lábios que parecem... *Pelo amor de Deus, menina, tenha um pouco de dignidade, porque ele acabou de tirar sarro da sua cara.* Cruzo os braços e ergo o queixo.

— Você deve saber bem — digo.

Ele sorri, pega minha mochila e sai. Tentando ignorar seu perfume quando a porta se fecha, olho para a Sra. Poindexter, que ri, dá de ombros e finge arrumar uma papelada. A mensagem é clara: *Ele é problema seu, mas que belo problema.* Será que ele encantou os funcionários também? Se começasse a roubar o dinheiro do lanche dos alunos, as pessoas também dariam risada? Resmungo e saio da sala.

Galen está me esperando do lado de fora, e quase trombo com ele. Ele ri e segura meu braço.

— Acho que isso está se tornando um hábito para você.

Quando me firmo — quando Galen me firma, melhor dizendo —, encosto o dedo no peito dele e o pressiono contra a parede, o que só faz com que ele abra um sorriso maior ainda.

— Você... está... me... irritando — digo a ele.

— Percebi. Vou cuidar disso.

— Pode começar me devolvendo a mochila.

— Não.

— Não?

— Isso... Não. Vou carregá-la para você. É o mínimo que posso fazer.

— Bem, não posso discutir, certo? — Tento pegá-la, mas ele me bloqueia. — Galen, não quero que você a carregue. Solte-a. Estou atrasada para a aula.

— Eu também estou atrasado, lembra?

Ah, verdade. Eu deixei que ele me distraísse.

— Na verdade, preciso voltar à sala.

— Não tem problema, espero você aqui e depois vou com você à sala.

Passo a mão no nariz.

— Ai é que está. Vou mudar minhas aulas. Não estudaremos mais juntos, então você devia ir. Está infringindo seriamente a Regra Número Um.

Ele cruza os braços.

— Por que vai mudar as aulas? Por minha causa?

— Não.

— Mentirosa.

— Mais ou menos.

— Emma...

— Olha, não quero que você leve para o lado pessoal. É só que... Bem, alguma coisa ruim acontece sempre que fico perto de você.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Tem certeza de que sou eu? Sabe, pelo que vejo, parece que seus chinelos...

— Sobre o que estávamos discutindo, mesmo? Estávamos discutindo, certo?

— Você... Você não lembra?

Balanço a cabeça.

— O Dr. Morton disse que devo ter sofrido um tipo de perda de memória recente. Mas eu me lembro de ter me irritado com você.

Ele olha para mim como se eu fosse uma criminosa.

— Você está dizendo que não se lembra de nada do que eu disse. De nada do que *você* disse.

O modo como cruzo meus braços faz com que eu me lembre de minha mãe.

— É o que estou dizendo, sim.

— Você jura?

— Se não vai me contar, então me dá minha mochila. Sofri uma pancada na cabeça, não estou com os braços quebrados. Não estou incapacitada.

O sorriso dele poderia garantir uma capa de qualquer revista do país.

— Estávamos discutindo a respeito de a qual praia você queria que eu a levasse. Íamos nadar depois da aula.

— Mentiroso.

Com M maiúsculo. Nadar — me afogar — entra na minha lista de afazeres logo depois de dar à luz um porco-espinho.

— Ah, espere. Tem razão. Estávamos falando sobre quando o *Titanic* afundou. Nós já tínhamos concordado em ir à minha casa nadar.

Sinos soam em minha mente, contudo não do tipo que tocaria se isso fosse verdade. Não me lembro de ter falado sobre a praia, só que me lembro muito bem de ter respondido à pergunta sobre o *Titanic* na aula do Sr. Pinner. Nem mesmo Galen, com aquele sorriso, poderia ter me convencido a entrar na água, não é?

— Eu... Não acredito em você — decido dizer. — Eu não me irritaria por causa de uma data. Histórica ou não.

Ele dá de ombros.

— Também fiquei surpreso.

Ergo a sobrelanceira.

— Por que você reclamaria da data? Poderia jogar no Google e ter a mesma resposta.

— Verdade. Você poderia ter procurado na World Wide Web. Já se perguntou de quem é essa rede?

— O quê?

— Quero dizer, você já parou para pensar que só conhece os fatos que eles *querem* que você saiba?

Balanço a cabeça.

— Não. Não vou cair nessa. Você está tentando me distrair. Sobre o que estávamos discutindo mesmo?

— Sobre o que você acha que estávamos discutindo?

— Pare com isso. Você está respondendo às minhas perguntas com perguntas.

Ele é muito bom nisso, também. Fico meio impressionada comigo mesma por entender, ainda mais depois da pancada na cabeça.

Ele também parece impressionado.

— Tem certeza de que não se lembra? Sua mente parece estar funcionando bem.

— Sabe de uma coisa? Esqueça. Seja lá o que for, eu posso perdoar. Devolva a minha mochila para eu poder voltar à sala. Estamos prestes a nos ferrar de verdade por estarmos parados aqui.

— Se você me perdoa mesmo, então não estaria indo à sala.

Ele segura com mais força a alça de minha mochila.

— Aiminhanossa, Galen, por que estamos falando sobre isso? Você nem me conhece. De que importa se eu mudar minhas aulas?

Sei que estou sendo grosseira. O cara se ofereceu para me acompanhar e para ir comigo à sala. E dependendo da versão da história na qual decida acreditar, ou ele me chamou para sair na segunda-feira ou fez isso indiretamente há alguns segundos. E nada faz sentido. Por que eu? Sem me esforçar, consigo pensar em pelo menos dez garotas mais bonitas que eu, ou que têm mais personalidade e usam base mais escura. E Galen atrairia qualquer uma delas.

— O quê? Você não tem pergunta para a minha pergunta? — questiono depois de alguns segundos.

— Só me parece tolo que você mude suas aulas por causa de uma discussão a respeito de quando o *Titanic*...

Levanto as mãos.

— Você não percebe o quanto isso é esquisito para mim?

— Estou tentando, Emma, de verdade. Mas acho que suas duas últimas semanas foram complicadas, e isso está pesando agora. Você disse que algo ruim acontece sempre que está perto de mim. Só que você não tem como saber se é verdade, a menos que passe mais tempo comigo. Deveria, pelo menos, reconhecer isso.

Tem algo de errado comigo. As portas do refeitório devem ter me feito mal. Caso contrário, eu não estaria afastando Galen desse jeito. Não com tantos pedidos, não com o modo como ele está inclinado na minha direção, não com seu cheiro.

— Viu? Você está levando isso para o lado pessoal, quando na verdade não há nada de pessoal nisso — sussurro.

— É pessoal para mim, Emma. É verdade. Eu não a conheço bem. Mas sei algumas coisas sobre você. E gostaria de saber mais.

Um copo cheio de água gelada não esfriou meu rosto.

— A única coisa que você sabe sobre mim é que sou uma ameaça de chinelos.

O fato de eu não olhar nos olhos dele o incomoda, está na cara, porque ele ergue meu queixo com a dobra do dedo.

— Não é só o que sei — diz ele. — Sei seu maior segredo. — Dessa vez, de maneira diferente do que fiz na praia, não afasto a mão dele.

A corrente elétrica em meus pés prova que estamos tão próximos um do outro que nossos dedos dos pés se tocam.

— Não tenho segredo nenhum — afirmo, surpresa.

Ele assente.

— Até que enfim entendi. Você não sabe qual é seu segredo.

— Você não está dizendo coisa com coisa.

Ou não consigo me concentrar porque, sem querer, olhei para seus lábios.
Talvez ele tenha me convencido a nadar...

A porta do escritório se abre e Galen segura meu braço e me esconde num canto. Continua a me arrastar pelo corredor, em direção à sala de História Mundial.

— Só isso? — pergunto, irritada. — Vamos deixar as coisas assim?

Ele nos para diante da porta.

— Isso depende de você — retruca ele. — Vá à praia comigo depois da aula e lhe direi.

Ele leva a mão à maçaneta, porém eu seguro a mão dele antes.

— Vai me dizer o quê? Já disse que não tenho segredos. E eu não nado.

Ele sorri e abre a porta.

— Tem bastante coisa para fazer na praia além de nadar. — Então ele me puxa pela mão para tão perto dele que penso que vai me beijar. No entanto, ele apenas sussurra em meu ouvido: — Vou lhe dizer de onde vem a cor de seus olhos.

Eu me surpreendo e ele apoia uma das mãos, com delicadeza, em minhas costas, e me guia para a sala de aula. E me larga.





O último sinal toca e os alunos saem de todos os cantos do prédio de tijolos aparentes. Freadas de ônibus podem ser ouvidas a distância e os operários se aglomeram na plataforma da estação, lutando para embarcar. Os alunos do segundo e terceiro anos se reúnem no estacionamento em um fluxo constante, que parece convergir para Galen e seu carro não muito modesto. Ele se recosta no porta-malas, assentindo para os caras que estão admirando o veículo e evitando contato visual com as meninas que admiram outra coisa.

A onda de alunos se transforma em trânsito pesado. As buzinas se tornam menos frequentes conforme carros cheios de adolescentes humanos vão para a estrada. Atrás dele, Galen escuta alguém de skate cair no asfalto e gemer de dor.

Ele olha para o carro estacionado ao lado do dele. *Onde ela está?*

Quando ela aparece nas portas duplas, o ar entre eles parece estar carregado de energia. Ela olha para ele. Desapontado ao ver que ela não sorri, ele se afasta do carro e a alcança antes de ela completar dez passos.

— Deixe-me carregar seu material. Você parece cansada. Você está bem?

Emma não reclama por causa do material dessa vez. Apenas o entrega e joga os cabelos brancos para o lado.

— Só estou com dor de cabeça. E nossa! Você perdeu um dia todo de aula depois de *brigar* comigo porque mudei minhas aulas.

Ele sorri.

— Não vi as coisas dessa maneira. Só sabia que você não se concentraria na aula se eu ficasse. Você me perturbaria o dia todo por causa do seu segredo, e já perdeu bastante aula.

— Obrigada, pai — diz ela, revirando os olhos. Quando eles chegam ao carro, ele joga a mochila dela no banco de trás do conversível.

— O que você está fazendo? — pergunta ela.

— Pensei que tínhamos planos de ir à praia.

Ela cruza os braços.

— Você fez os planos. E depois foi embora.

Ele cruza os braços também.

— Você concordou na segunda, antes de bater a cabeça.

— É, você não para de dizer isso.

Sem pensar, ele segura a mão dela. Emma arregala os olhos — ela está tão surpresa quanto ele. *O que estou fazendo?*

— Tudo bem, então você não se lembra de eu tê-la convidado. Mas estou convidando agora. Você pode, por favor, ir à praia comigo?

Ela puxa a mão, olhando para algumas crianças que passam disfarçando seus sussurros atrás de uma pasta amarela.

— O que a praia tem a ver com meus olhos? E por que você está usando lentes de contato?

— Rach... Hum, minha *mãe* diz que elas vão me ajudar a me misturar melhor. Ela diz que a cor chamaria atenção para mim.

Emma resmunga.

— Ah, ela tem razão. Os olhos azuis fazem você se tornar muito mais *comum*. Na verdade, quase não percebi você ali.

— Isso fere meus sentimentos, Emma. — Ele sorri.

Ela ri.

Galen diz:

— Eu pensaria em perdoar você... Se você fosse comigo à praia.

Ela suspira.

— Não posso ir com você, Galen.

Ele passa a mão pelos cabelos.

— Com sinceridade, Emma, não sei até quando vou aguentar ser rejeitado — declara ele.

De fato, ele não se lembra de *já* ter sido rejeitado, exceto por Emma. Claro, isso poderia se dever ao fato de ele ser da realeza. Ou talvez por ele não passar muito tempo com seres de sua espécie, muito menos com fêmeas. Na verdade, ele não passa muito tempo com ninguém além de Rachel. E Rachel daria sua vida se ele pedisse.

— Sinto muito, mas não tem nada a ver com você desta vez. Bem, na verdade,

até tem. Minha mãe... Bem, ela acha que estamos namorando. — Suas bochechas, e aqueles lábios, ficaram vermelhos.

— Namorando? — *O que é namorar, mesmo?* Ele tenta lembrar o que Rachel contou a ele... Ela disse que é fácil lembrar porque é quase a mesma coisa que... *Qual era a rima?* E então ele se lembra. “É fácil de lembrar porque namorar rima com acasalar, e os dois são quase a mesma coisa”, dissera ela. Ele olha para Emma. — Sua mãe acha que estamos aca... Namorando?

Ela assente, mordendo o lábio.

Por motivos que não consegue explicar, ele fica contente com aquilo. Recosta na porta do passageiro.

— Bem, o que importa se ela pensa isso?

— Eu disse a ela que não estamos namorando. Foi hoje de manhã. Ir à praia com você vai fazer com pareça que estou mentindo.

Ele coça a nuca.

— Não entendo. Se você disse a ela que não estamos namorando, por que ela pensa que estamos?

Ela relaxa contra a porta do lado do motorista.

— Bom, isso tudo é sua culpa, na verdade, não minha.

— É óbvio que não devo estar fazendo as perguntas certas...

— O jeito como você agiu comigo quando bati a cabeça, Galen. Algumas pessoas viram aquilo. E contaram à minha mãe. Ela acha que estamos escondendo isso dela, guardando um segredo. Ela acha que estamos... Que estamos...

— Namorando? — perguntou ele, sem entender por que ela teria dificuldades para falar sobre namoro, se significa o que ele acha que significa, passar mais tempo com um ser humano do que com os outros para ver se esse ser humano poderia ser um bom parceiro.

Os Syrenas fazem a mesma coisa, mas chamam isso de selecionar — e selecionar não demora tanto quanto namorar. Um Syrena pode selecionar um parceiro em poucos dias. Ele riu quando Rachel disse que alguns seres humanos namoram por anos. *Tão indecisos.* E então um eco da voz de Toraf sussurra para ele, chamando-o de hipócrita. *Você tem 20 anos. Por que ainda não procurou uma parceira?* Entretanto isso não o torna indeciso. Ele apenas não tivera *tempo* para selecionar e manter a responsabilidade de observar os seres humanos. Não fosse por isso, ele já estaria com a vida ajeitada. Como Toraf pode pensar que Emma é o motivo pelo qual ele ainda não escolheu ninguém? Até três semanas atrás, ele nem sabia que ela existia.

Emma assente, e então nega com a cabeça.

— Namorando, sim. Mas ela acha que estamos... Bem, *mais* do que

namorando.

— Ah — diz ele. E então, sorri. — Ah — ... O motivo pelo qual os lábios dela estão ficando da cor preferida dele é porque a mãe de Emma acha que eles estão namorando *e* acasalando. Seu pescoço também cora e a cor desaparece camiseta adentro. Ele provavelmente deveria dizer algo para fazer com que ela se sinta mais à vontade. Entretanto, provocá-la parece ser mais divertido. — Bem, então, o mínimo que ela poderia fazer é nos dar um pouco de privacidade...

— Aiminhanossa! — Ela tira a mochila do assento e dá a volta no carro, até o lado do motorista. Antes de ela conseguir abrir a porta, ele puxa as chaves com os dedos e as enfia no bolso da calça jeans. Emma faz um movimento para pegá-las, entretanto para quando percebe onde está prestes a enfiar a mão.

Galen nunca a viu tão corada. Ele ri.

— Calma, Emma. Estou só brincando. Não vá embora.

— Bom, não tem graça. Você devia ter visto minha mãe hoje cedo. Ela quase chorou. Minha mãe não chora. — Ela cruza os braços de novo, mas relaxa recostada na porta.

— Ela quase *chorou*? Que insulto.

Emma esboça um sorriso.

— Sim, é um insulto para *mim*. Ela acha que eu iria... Iria...

— Mais do que namorar comigo?

Ela assente.

Galen dá um passo na direção dela e apoia a mão ao seu lado sobre o carro, inclinando-se para a frente. Uma corrente de energia parece passar por sua coluna. *O que você está fazendo?*

— Mas ela deveria saber que você nem pensa numa coisa dessas comigo. Que isso nunca passou pela sua mente — ele murmura.

Ela afasta o olhar, satisfazendo a pergunta não feita por ele. Aquilo *passou* pela mente dela. Da mesma maneira que passa pela dele. Com que frequência? Ela também sente a corrente entre eles? *Quem liga, idiota? Ela pertence a Grom. Ou você vai permitir que algumas faíscas o impeçam de unir os reinos?*

Ele se afasta, com a mandíbula tensa. Seus bolsos são os únicos lugares seguros para suas mãos no momento.

— Por que não a conheço, então? Acha que isso faria com que ela se sentisse melhor?

— Hum. — Ela passa o cabelo para o outro lado do rosto. Sua expressão se divide entre choque e expectativa.

E ela tinha o direito de esperar por aquilo — ele tem pensado em beijá-la há mais de duas semanas. Ela leva a mão à maçaneta.

— Sim, pode ser. Ela não vai me deixar ir a lugar nenhum, muito menos com você, se não o conhecer antes.

— Devo temer alguma coisa?

Ela suspira.

— Em outras ocasiões, eu diria que não. Mas depois de hoje... — Ela dá de ombros.

— E se eu seguir você até em casa para que possa deixar seu carro? Assim ela pode me interrogar. Quando vir como sou charmoso, ela vai deixar você ir à praia comigo.

Emma revira os olhos.

— Só não seja charmoso demais. Se você for mais bonzinho do que o normal, ela não vai acreditar... Não exagere, OK?

— Isso está ficando complicado — diz ele, destrancando o carro.

— Apenas lembre-se: é sua ideia e sua culpa. Agora seria o momento de desistir.

Ele ri e abre a porta do carro para ela.

— Não se perca de mim na estrada.

Emma joga a mochila no balcão e espia pelo vão da escada.

— Mãe, você pode descer um pouco? Temos visita.

— Claro, querida. Já vou. Acabaram de me chamar, então estou com pressa — responde ela do andar de cima.

Galen enfia as mãos nos bolsos. *Por que estou nervoso? É só mais um ser humano para enganar.* Mas tudo depende de aquele ser humano gostar dele, aceitá-lo. Conquistar a mãe de Emma é tão importante quanto conquistar Emma. Sua mãe poderia tornar a tarefa dele mais difícil, tomar-lhe mais tempo se ela desaprovar.

A dúvida vem. Se ele não tivesse praticado com Rachel durante duas semanas antes da escola, nem sequer estaria tentando isso. E Rachel foi detalhista. Ela comentou o que ele devia esperar na escola e como agir, o que certas frases significavam, o que ele devia vestir e quando devia vestir. Eles treinaram as habilidades de direção de Galen. Ela até previu o encontro dele com os pais de Emma — mas não em circunstância de interrogatório. Agora ele se arrepende de não ter telefonado para ela antes.

Enquanto Galen mais uma vez pensa em sequestrar Emma, ele olha ao redor na sala. De onde está na cozinha, consegue ver o primeiro andar todo. O único elemento constante na decoração são as coisas que não combinam: eletrodomésticos, móveis e tinta que não combinam. Todos os aposentos se abrem uns aos outros sem portas, como em boas-vindas. Além da sala de estar,

dunas de areia com grama aparecem nas enormes janelas, como se estivessem ouvindo a conversa.

Tudo isso já basta para fazer com que ele cobice a casa — faz com que a casa que Rachel comprou pareça fria, distante, impessoal. Porém o que o deixa com inveja são as fotos espalhadas pelas paredes de todos os quartos. Fotos de Emma. Sua vida toda pendurada nas paredes — e se ele não encontrar uma maneira de convencer a mãe dela a respeito de suas boas intenções, pode ser que nunca tenha a chance de observá-las.

Passos abafados descem a escada. A mãe de Emma aparece, prendendo algo à camisa. Ao ver Galen, ela para.

— Ah.

Galen sabe que o mesmo choque no rosto dela está estampado em seu rosto. *Ela é uma Syrena?* Todos os traços — pele e cabelos escuros, corpo em forma — dizem que sim. Menos aqueles olhos azuis. Olhos azuis que o analisam com familiaridade, como se ela soubesse quem ele é, soubesse por que ele está ali. E então ela pisca, e os olhos azuis deixam de ser observadores para se tornarem anfitriões.

Emma faz as apresentações com graça.

— Mãe, este é meu convidado. Galen Forza.

Ele sorri e estende a mão para cumprimentá-la, como Rachel ensinou.

— Oi, Sra. McIntosh. Prazer em conhecê-la. — Ela o recebe no meio do caminho e aceita o aperto de mão. O toque dela é confiante, mas não exagerado, e não causa formigamento. Não que ele realmente esperasse uma corrente de energia, mas ela é a *mãe* de Emma. De perto, ele nota poucos fios brancos entre seus cabelos. *Sinais de envelhecimento; uma característica humana.* Seu tom é o máximo da educação, mas seus olhos — azuis *sem* lentes, até onde ele percebe — são arregalados e a boca nunca se fecha.

— Ah. Galen. — Ela se vira para Emma. — Esse é o Galen?

Ele percebe que ela está fazendo uma pergunta dentro de outra para Emma, que não tem nada a ver com ser um Syrena. Ele enfia as mãos nos bolsos, deixando de olhar para ela e focando a visão em cada parte do carpete. Ele não pode encará-la sabendo que ela, naquele momento, está imaginando o que ele e Emma andam fazendo. *Idiota! Ela não está preocupada com o fato de Galen, o Syrena, estar em sua casa. Está preocupada com o fato de Galen, o rapaz, estar.*

Emma pigarreia.

— Sim, é ele.

— Entendo. Pode nos dar licença por um minuto, Galen? Emma, posso conversar com você em particular, por favor? Lá em cima?

Ela não espera a resposta de nenhum dos dois. Antes de começar a segui-la,

Emma dá um sorriso para ele do tipo “Eu te disse”.

Ele assente.

Como não se sente à vontade para andar pela casa e admirar todas as fotos, ele se aproxima da janela, olha para as dunas sem vê-las. Nenhum barulho — gritos ou qualquer outro — surge do andar de cima, mas ele não tem certeza se isso é bom ou ruim. Os seres humanos resolvem os problemas de maneira diferente dos Syrenas, e até de maneira diferente uns dos outros. Certo, a Realeza costuma ter um mau temperamento. No entanto, a maioria dos Syrenas conta com a ajuda de terceiros, um mediador para manter as coisas em ordem. Os seres humanos quase nunca fazem isso. Eles recorrem a gritos, brigas e às vezes até a assassinato — o modo como ele encontrou Rachel prova isso. Presa a um bloco de cimento e lançada ao golfo. Ele só tinha 13 anos na época, ainda se lembra de como ela afundou depressa, debatendo-se como uma isca viva e gritando com a fita sobre os lábios. E os nós. Seus dedos ficaram sangrando enquanto ele tentava desfazer aqueles nós.

Quando a levou à costa, ela implorou para que ele não a deixasse. Ele não queria ficar, mas Rachel tremia tanto que Galen pensou que ela pudesse estar morrendo. Grom havia acabado de lhe ensinar a fazer uma fogueira — algo que a maioria dos Syrenas só aprende quando chega o momento de acasalar nas ilhas —, então ele pegou alguns peixes e os cozinhou para ela. Com curiosidade, ele observou enquanto ela comia. Qualquer outro ser humano teria ficado assustado ao ver as nadadeiras dele. Mas não Rachel. Na verdade, ela as ignorou tão bem que Galen pensou que ela não tivesse notado — até Rachel dizer a ele que havia passado os últimos trinta anos guardando segredos das pessoas, e por que com ele seria diferente? Então Galen ficou com ela a noite toda enquanto Rachel adormecia e voltava a acordar. De manhã, ele disse que estava na hora de eles se separarem. Ela não aceitou, disse que queria retribuir. Com muita relutância, ele concordou.

Em retribuição por salvar sua vida, ele pediu a Rachel que falasse sobre os seres humanos. Galen a encontrava na praia todas as noites, em um lugar que ela chamava de Miami, e ela respondia a todas as perguntas que ele fazia e a todas as outras que ele não sabia como perguntar. Quando sentiu que ela havia retribuído, insistiu de novo para que eles se afastassem. Foi quando Rachel se ofereceu para ser sua assistente. Ela disse que se ele realmente quisesse aprender sobre os seres humanos, para proteger sua espécie deles, precisaria do conjunto de habilidades dela. Quando Galen perguntou sobre a quais características se referia, ela disse apenas:

— Consigo fazer qualquer coisa. Foi por isso que eles tentaram me matar, querido. Para os seres humanos, não existe saber demais. — E muitas vezes ela provou o que sabe fazer. A piada recorrente é sobre ele ser ou não o ser não humano mais rico do planeta.

Passos da escada o assustam e o tiram do passado. Ele se vira quando a mãe de Emma dá o último passo antes de entrar na sala de jantar, com Emma logo

atrás dela.

A Sra. McIntosh se aproxima e o abraça. O sorriso em seu rosto é verdadeiro, contudo o sorriso de Emma mais parece uma linha reta. E ela está corando.

— Galen, é um prazer conhecer você — diz a Sra. McIntosh, levando-o para a cozinha. — A Emma me disse que você vai levá-la à praia atrás de sua casa hoje. Para nadar?

— Sim, senhora. — A transformação dela o deixa assustado.

Ela sorri.

— Bem, boa sorte para colocá-la na água. Como estou meio sem tempo, não posso acompanhá-los até lá, então preciso ver sua carteira de motorista enquanto a Emma corre lá fora para pegar o número da placa.

Emma revira os olhos ao mesmo tempo em que procura dentro de uma gaveta e pega lápis e papel. Ela bate a porta ao sair, o que balança os pratos na parede.

Galen assente, pega a carteira e entrega a carteira de motorista falsa. A Sra. McIntosh a observa e procura uma caneta dentro da bolsa — que ela usa para escrever na mão.

— Só preciso do número de sua carteira de motorista para o caso de termos problemas. Mas não teremos problema nenhum, certo, Galen? Porque você sempre trará a minha filha, a minha *única* filha, para casa na hora certa, não é?

Ele assente, e então engole em seco. Ela devolve a carteira de motorista. Quando Galen a aceita, ela segura seu braço, puxando-o para mais perto. A Sra. McIntosh olha para a porta da garagem e de novo para ele.

— Diga agora, Galen Forza. Você está ou não está namorando a minha filha?

Ótimo, ela ainda não acredita em Emma. Se ela não acredita neles, por que continuar tentando convencê-la? Se ela acha que eles estão namorando, o tempo que ele pretende passar com Emma parecerá normal. Mas se eles passarem um tempo juntos e disserem a ela que *não* estão namorando, ela ficará desconfiada. Talvez até os espie, e isso está longe do ideal.

Então, namorar Emma é a única maneira de assegurar que ela acasale com Grom. As coisas só melhoram e melhoram.

— Sim — afirma ele. — Com certeza estamos namorando.

Ela estreita os olhos.

— Por que ela me diria que vocês não estão?

Galen dá de ombros.

— Talvez ela sinta vergonha de mim.

Para sua surpresa, ela ri.

— Eu duvido muito disso, Galen Forza. — Seu bom humor passa depressa. Ela

agarra a camiseta dele. — Você está dormindo com ela?

Dormindo... *Rachel não disse que dormir e acasalar são a mesma coisa?*

Namorar e acasalar são parecidos. Mas dormir e acasalar são a mesmíssima coisa. Ele balança a cabeça.

— Não, senhora.

Ela ergue a sobrancelha.

— Por quê? O que há de errado com minha filha?

Isso é inesperado. Ele suspeita que essa mulher consegue perceber uma mentira, assim como Toraf consegue localizar Rayna. Ela só quer sinceridade, só que a verdade verdadeira faria com que ele acabasse preso. *Sou louco pela sua filha... Só a estou guardando para meu irmão.* Então ele pensa na resposta com a franqueza que ela parece querer.

— Não há nada de errado com sua filha, Sra. McIntosh. Eu disse que não estamos dormindo juntos. Eu não disse que não quero.

Ela respira de modo profundo e solta o ar. Pigarreando, ela ajeita a camiseta amassada dele com as mãos, e então dá um tapinha em seu peito.

— Boa resposta, Galen. Boa resposta.

Emma abre a porta da garagem e para.

— Mãe, o que você está fazendo?

A Sra. McInstosh se afasta e caminha até o balcão.

— Galen e eu estamos apenas conversando. Por que você demorou tanto?

Galen acredita que a capacidade que ela tem de perceber uma mentira provavelmente tem a ver com sua habilidade em contar mentiras. Emma olha para Galen desconfiada, mas ele dá de ombros de modo casual. Sua mãe pega algumas chaves de um gancho ao lado da geladeira e afasta a filha do caminho, não sem antes arrancar o papel de sua mão. Ela se vira para a porta.

— Ah. Galen?

— Sim, senhora?

— Peça para sua mãe me telefonar porque assim eu vou poder gravar o número dela em meu telefone.

— Sim, senhora.

— Divirtam-se bastante. Chegarei tarde, Emma. Mas você chegará às nove, querida. Não é, Galen?

— Sim, senhora.

Nem Emma nem Galen dizem nada até escutarem o carro sair da frente da casa. Mesmo assim, eles continuam esperando mais alguns segundos. Emma se

recosta na geladeira. Galen está gostando de esconder as mãos nos bolsos.

— Então, sobre o que vocês dois conversaram? — perguntou ela como se estivesse desinteressada.

— Você me conta primeiro.

Ela balança a cabeça, negando.

— Não, não quero falar sobre isso.

Ele assente.

— Ótimo, nem eu.

Durante alguns segundos, eles olham para tudo na sala, menos um para o outro. Por fim, Galen diz:

— Então, você quis trocar...

— Essa ideia é incrível. Já volto. — Ela quase sai correndo em direção à escada.





Entramos na rua de paralelepípedos e preciso me recostar no assento para ver tudo a meu redor. A casa de praia dos meus sonhos. Quatro andares, talvez cinco — dependendo se aquele quadrado em cima é um quarto ou não. Tudo de madeira, pintado de verde-água e janelas brancas. Há uma enorme varanda branca com cadeiras de balanço brancas e vasos de madeira combinando, cheios de amores-perfeitos vermelhos. Um portão de ferro forjado leva ao fundo, que deve dar vista para a praia — adentramos tanto na mata que pensei que chegaríamos à água antes de encontrarmos a casa dele.

— Bela casa — digo a ele.

— Eu troco com você.

— Quando quiser.

— É mesmo? Você gostou? — Ele parece realmente contente.

— O que tem ali para não se gostar?

Ele fica de pé e analisa a casa como se fosse a primeira vez. Assente.

— Hum. Bom saber.

Subimos os três degraus da varanda, mas eu seguro seu braço quando ele leva a mão à maçaneta. O contato esquenta meu corpo, faz com que eu me sinta toda queimando.

— Espere.

Ele para no meio do movimento e olha para minha mão.

— O que foi? Alguma coisa errada? Você não está mudando de ideia, está?

— Não, mas é que... Eu tenho que contar uma coisa para você.

— O que é?

Forço um riso nervoso.

— Bem, a boa notícia é que você não tem mais que se preocupar com a minha rejeição.

Ele balança a cabeça, negando.

— É uma boa notícia. Só que você diz isso como se não fosse.

Respiro fundo.

Um belo raio nunca cai na nossa cabeça quando precisamos. Porque mesmo que eu respire fundo cem vezes, isso continuará sendo humilhante.

— Emma?

— Eu disse à minha mãe que estamos namorando — digo. Pronto. Ficou melhor? Não. Não ficou.

Apesar de me surpreender, o sorriso dele acaba me encantando além do que seria racional.

— Está brincando? — pergunta ele.

Balanço a cabeça, negando.

— É a única coisa em que ela acreditaria. Então, agora... Agora você tem que fingir que estamos namorando, se for à minha casa. E não se preocupe, não precisa ir nunca mais. E dentro de poucos dias, vou fingir que terminamos.

Ele ri.

— Não, não vai fazer isso. Eu disse a mesma coisa a ela.

— Não. Fala. Isso.

— Por quê? O que eu poderia dizer?

— Não, eu quero dizer, você falou mesmo isso a ela? Por que faria isso?

Ele dá de ombros.

— Pelos mesmos motivos que você. Ela não aceitaria um não como resposta.

Perceber que podíamos ter tido a mesma conversa com minha mãe deixa tudo girando ao meu redor. Depois, vejo muitos pontos pretos à minha frente. Quando éramos pequenas, Chloe e eu costumávamos rodar e rodar na cadeira do escritório do meu pai. Certa vez, ela me rodou tão rápido e por tanto tempo que, quando fiquei de pé, caminhei na direção oposta à que eu queria. Na infância, achávamos isso hilário, como inalar hélio para falar com a voz fina. Mas agora já não é tão divertido, ainda mais desde que o rosto de Galen desapareceu atrás de um ponto preto.

— Ai, não.

— Emma, está tudo bem?

O restante da varanda é sugado para dentro do ponto preto de minha visão. O

tapete da porta sob meus pés se remexe como um barquinho no meio de um furacão. Levo a mão à porta ou à parede ou a Galen, e, de alguma maneira, perco os três. De repente, meus pés ficam sem força e eu bato no peito dele pela segunda vez na vida. Dessa vez, minha única opção é me segurar nele. Ouço a porta se abrir e fechar. O inferno de seu toque é a única coisa de que tenho certeza. Todo o resto: para cima, para baixo, esquerda e direita, tudo parece se misturar.

— Eu... Eu acho que vou desmaiar. Desculpa.

Ele me aperta.

— Vou deitar você no sofá, tudo bem?

Concordo, mas não me solto de seu pescoço.

— Diga do que precisa. Você está me assustando.

Escondendo o rosto em seu peito.

— Não consigo ver nada. Não quero me deitar porque... Porque não sei onde estou.

O mundo já parou de rodar. Concluo que os braços dele são o lugar mais seguro para ficar no momento.

Até eu começar a cair. Eu grito.

— Shhh. Está tudo bem, Emma. Eu só me sentei. Você está em meu colo. — Ele acaricia meus cabelos e me balança para a frente e para trás. — Está sentindo alguma coisa na cabeça? Pode me dizer o que fazer?

Eu balanço a cabeça afirmando, recostada no peito dele, e as lágrimas de meu rosto molham a camiseta dele.

— Só pode ser minha cabeça. Isso nunca aconteceu comigo.

— Por favor, não chore, Emma.

Ele fica tenso quando me aconchego a ele. Como castigo, minha cabeça lateja.

— Aposto que você está se arrependendo de ter me trazido aqui — digo.

Ele relaxa.

— Eu não diria isso.

O tom de sua voz é um bálsamo. Em seus braços fortes meu corpo relaxa mais do que consigo controlar. O pânico desaparece de mim como a água que sai de um vaso rachado. Meus olhos se recusam a abrir.

— Estou meio cansada.

— Mas será que é melhor dormir? Li muito sobre pancadas na cabeça e sempre dizem que a pessoa não deve dormir.

Mesmo dizendo isso, ele deixa eu aproximar minhas pernas, aconchegar meu ombro embaixo de seu braço e me aninhar melhor em seu corpo. Ele mantém minha nova posição com braços firmes. O calor toma nós dois e me envolve como um casaco de inverno. Aconchegar-me a um bloco de granito não devia ser tão confortável.

— Acho que a pessoa não pode dormir logo depois que bate a cabeça. Tenho certeza de que posso dormir agora. Afinal, eu dormi ontem à noite, certo? Não tenho certeza de que conseguirei *ficar* acordada.

— Mas... Você não vai desmaiar, vai só dormir? Existe uma diferença.

Volto a bocejar.

— Só dormir. Acho que preciso tirar uma soneca.

Ele concorda.

— Você parecia cansada mesmo, depois da aula.

— Pode me colocar no sofá agora.

Ele não se move, apenas continua me ninando. Permanecer alerta é difícil para mim, neste momento.

— Galen?

— Hum?

— Pode me colocar no sofá.

— Ainda não estou pronto.

E me abraça mais forte.

— Você não precisa me segurar...

— Emma? Você pode me ouvir?

— Hum, sim, consigo ouvir, só não consigo ver...

— Que alívio. Porque por um minuto pensei que você não tivesse me escutado quando disse que ainda não estou pronto.

— Imbecil.

Ele ri com os lábios em meus cabelos.

— Durma.

É a última coisa de que me lembro.

O ruim é que ele não está mais me segurando. O bom é que eu consigo ver. Olho ao redor do quarto, porém ainda não tento me sentar. Se tivesse que adivinhar, diria que ainda estou na casa de Galen. Tudo no quarto é luxuoso. Arte que sabemos que é cara por ser muito feia. Móveis com formatos esquisitos para que sejam admirados, e não pelo conforto. Uma enorme televisão de tela plana

na parede acima da lareira. O cobertor de caxemira sobre mim, tão macio que não me incomodaria nem se minha pele estivesse ardida por queimadura solar. E, sim, dá vista para a praia. A parede dos fundos da casa é uma janela de vidro. Não há dunas bloqueando a vista. Mesmo deitada, vejo as ondas quebrando, uma tempestade se formando a distância.

Sentar-me é um grande erro por dois motivos. Primeiro, faz minha cabeça latejar e minha visão ficar toda cheia de pontos pretos. Em segundo lugar, faz alguém gritar: “Gaaaaaa-len!”.

Resmungando, tampo os ouvidos e me escondo na caverna de caxemira.

— Pelo tridente de Tritão, Rayna, você vai acordá-la!

Rayna? Incrível. A irmã grosseira de Galen. Mas a voz não era de Galen. Ele tem um irmão, também?

— Ela já acordou, cabeça de vento. Por qual outro motivo eu o chamaria?

— Bem, ele não está aqui, princesa.

Escuto barulhos e fico curiosa o suficiente para observar por baixo do cobertor. E o cobertor é arrancado de cima de mim.

Rayna olha para mim e diz:

— Viu? Eu disse que ela estava acordada.

O rapaz ao lado dela balança a cabeça e se inclina na minha direção.

— Emma?

Fico chocada ao ver mais um par de olhos violeta. E, claro, esse rapaz também é bonito... Não tanto quanto Galen, mas, sério, quem é? Tem o mesmo cabelo preto e a pele morena de Rayna e de seu irmão.

Em resposta à pergunta dele, balanço a cabeça, confirmando.

— Emma, sou Toraf. Acho que você já conhece Rayna.

Toraf? Os pais dele lhe deram mesmo o nome de Toraf? Mas não pergunto, apenas confirmo.

— Olha, você não precisa se levantar nem nada. O Galen... Bem... Foi nadar. Ele volta logo.

Olho para os dois e para além da praia. Balanço a cabeça, negando.

— O que foi? O que houve, Emma? — pergunta ele.

Gosto de Toraf. Ele parece sinceramente preocupado comigo, sem me conhecer. Rayna parece querer arrancar a minha cabeça e terminar o trabalho que comecei com a porta do refeitório.

— Tempestade — digo. A palavra de quatro sílabas só enche minha visão de pontinhos.

Toraf sorri.

— Ele vai voltar antes da tempestade. Quer alguma coisa? Alguma coisa para comer? Alguma coisa para beber?

— Um táxi? — sugere Rayna.

— Vá para a cozinha, Rayna! A menos que esteja pronta para encontrar uma ilha!

Não sei bem onde fica a cozinha, mas parece que ela anda, batendo os pés, por cinco minutos. Encontrar uma ilha não parece um castigo adequado por ser grosseira, e como estou com a cabeça machucada dou a eles o benefício da dúvida. Além do mais, sempre existe a possibilidade de eu ter imaginado tudo.

— Você se importa se eu me sentar? — pergunta Toraf.

Balanço a cabeça, negando. Ele se senta na beira do sofá e puxa o cobertor para cima de mim. Espero que ele entenda meu movimento de cabeça como um “Obrigada”.

Ele se abaixa e sussurra.

— Olha só, Emma. Antes de o Galen chegar, quero lhe perguntar uma coisa. Ah, não se preocupe. É uma pergunta que você deve responder com sim ou não. Nada além disso.

Espero que ele entenda meu movimento de cabeça como “Claro, por que não? Você é legal”.

Ele olha ao redor como se estivesse prestes a me roubar, e não a me fazer uma pergunta.

— Você se sente... Hum... Sente um *formigamento* quando está perto de Galen?

Dessa vez, espero que ele interprete meu movimento de cabeça afirmativo com os olhos arregalados como “Aiminnanossa, como você sabia disso?”.

— Eu sabia! — diz ele. — Olha, fico agradecido se você não disser isto ao Galen. Vocês dois ficarão bem melhores se ele entender tudo sozinho. Promete?

Espero que ele interprete meu movimento de cabeça como “Este é o sonho mais esquisito que já tive!”.

Tudo fica escuro.

Não preciso abrir os olhos para saber que a tempestade chegou. A chuva bate no vidro em ondas e um ruído constante de trovão ressoa por todos os lados. *Ou será meu estômago?* Enquanto me aproximo da consciência, raios de luz penetram meus olhos como luzes estroboscópicas. Espiando por pequenos furos na caxemira, abro os olhos. As luzes da sala de estar estão apagadas, o que faz com que eu veja a tempestade como se estivesse vendo fogos de artifício. Eu gostaria ainda mais da visão se o cheiro atraente de comida não estivesse brincando com meu estômago vazio.

Quando me sento, a caxemira cai no chão. Eu me seguro no sofá, esperando o quarto parar de rodar ao meu redor e esperando que a visão desapareça. Viro a cabeça de um lado para o outro, para cima e para baixo. Nada. Não percebo giros, apagões, nem um pouco de latejar. Um raio de luz entra no quarto e, quando sai, meus olhos o seguem até o mar. No reflexo da janela, vejo alguém atrás de mim. Não preciso me virar para ver quem cria o contorno tão grande — ou quem faz meu corpo todo se arrepiar.

— Como você está se sentindo? — pergunta ele.

— Melhor — digo para seu reflexo.

Ele pula por trás do sofá e segura meu queixo, virando minha cabeça de um lado para o outro, para cima e para baixo, para todos os lados, observando a minha reação.

— Eu acabei de fazer isso — digo a ele. — Nada.

Ele assente e me solta.

— Rach... Hum, minha mãe telefonou para a sua e contou o que aconteceu. Acho que sua mãe telefonou para o seu médico e ele disse que isso é muito comum, mas que você deve descansar mais alguns dias. Minha mãe insistiu para que você passe a noite aqui, já que ninguém precisa dirigir com esse tempo.

— E minha mãe *concordou* com isso?

Mesmo no escuro, percebo seu sorrisinho.

— Minha mãe sabe ser persuasiva — declara ele. — No fim da conversa, sua mãe até sugeriu que nós dois ficássemos em casa amanhã, sem ir à escola, para que você possa relaxar, desde que minha mãe esteja em casa supervisionando, claro. Sua mãe disse que você não ficaria em casa se *eu* fosse para a escola.

Um raio da tempestade ilumina meu rosto corado.

— Porque nós dois dissemos que estamos namorando.

Ele assente.

— Ela disse que você deveria ter ficado em casa hoje, mas você fez um escândalo e foi mesmo assim. Com sinceridade, não pensei que você fosse tão obcecada... Ai!

Tento beliscá-lo de novo, contudo ele segura meu braço e me puxa para seu colo como uma criança levando uns tapas.

— Eu ia dizer “obcecada por História”. — Ele ri.

— Não ia, não. Deixa eu me levantar.

— Vou deixar.

Mas não deixa.

— Galen, deixa eu me levantar agora...

— Desculpa, não estou pronto ainda.

Eu me altero.

— Ah, não. A sala está rodando de novo. — Eu permaneço parada, tensa.

Então, a sala está *mesmo* rodando quando ele me agarra e segura meu queixo de novo. Seu olhar de preocupação faz com que eu me sinta um pouco culpada, porém não o suficiente para manter a boca fechada.

— Funciona todas as vezes — digo a ele, abrindo meu melhor sorriso como quem diz “ha-ha-você-é-um-idiota”.

Um riso vindo da entrada interrompe o que eu percebo que está prestes a ser uma bela bronca. Nunca escutei Galen xingar, no entanto sua carranca parece um palavrão prestes a ser dito. Nós dois nos viramos e vemos Toraf nos observando com os braços cruzados. Ele também está com o mesmo sorriso de “ha-ha-você-é-um-idiota”.

— O jantar está pronto, crianças — afirma ele.

Sim, sem dúvida eu gosto de Toraf. Galen revira os olhos e me tira de seu colo. Fica de pé e me deixa ali, e, no reflexo, vejo quando ele dá um soco no estômago de Toraf ao passar. Toraf geme, mas não deixa de sorrir. Ele faz um meneio de cabeça para que eu os siga.

Quando passamos pelos quartos, tento admirar a atmosfera rica e sofisticada, o chão de mármore, os quadros horrorosos, contudo meu estômago faz barulhos mais parecidos com os feitos por um canil cheio de cachorros na hora da refeição.

— Acho que seu estômago está emitindo sons de acasalamento — Toraf sussurra para mim quando entramos na cozinha. Eu fico corada assim que entramos na cozinha, e é o suficiente para fazer Toraf rir.

Rayna está perto do balcão, sentada em posição de índio em cima de um banquinho, tentando pintar as unhas com as seis cores diferentes dispostas à sua frente. Se não tiver a intenção de deixar as unhas parecidas com M&Ms, precisa se esforçar bastante ainda. Hum... M&Ms....

— Emma, gostaria que você conhecesse a minha mãe — diz Galen. Ele apoia a mão nas costas de sua mãe e a afasta do fogão, onde ela está mexendo algo dentro de uma panela maior que um pneu. Ela estende a mão com a luva de forno para me cumprimentar. E ri quando aceito o cumprimento. A mãe de Galen é a pessoa mais italiana que já conheci. Grandes olhos castanhos, cachos de cabelos empilhados como roupas sujas na cabeça e um batom vermelho de arrepiar, que combina com os saltos de dez centímetros que ela tem que usar para alcançar aquela panela.

— Estou tão contente por conhecê-la, Emma — diz ela. — Agora eu sei por que o Galen não para de falar de você. — Seu sorriso parece contradizer as rugas no canto da boca.

Na verdade, ela sorri de modo tão sincero e simpático que quase acredito que ela *realmente* está animada em me ver. Mas não é o que todas as mães dizem quando são apresentadas às namoradas dos filhos? *Você não é a namorada dele, idiota. Ou será que ela também acha que estamos namorando?*

— Obrigada — digo. — Tenho certeza que ele já mencionou um milhão de vezes como sou desastrada. — Porque, afinal, o que mais posso dizer?

— Um milhão e uma vez, na verdade. Queria que você fizesse outra coisa para variar — comenta Rayna sem olhar para nós.

Rayna decide prolongar as boas-vindas para me irritar.

— Posso ensinar você a pintar sem borrar — rebato. O olhar que ela me lança é de matar.

Toraf coloca as mãos nos ombros dela e beija o topo de sua cabeça.

— Acho que você está fazendo um ótimo trabalho, minha princesa.

Ela se afasta dele e coloca o pincel do esmalte dentro do vidrinho de novo.

— Se é tão boa nisso, por que não pinta as unhas dos pés? Elas provavelmente estão todas machucadas porque você chuta todas as coisas que vê. Não é?

É? E daí? Estou prestes a lhe dizer umas verdades — por exemplo, que usar saia e se sentar com as pernas cruzadas como índio acaba com o efeito que as unhas pintadas dão —, mas Rachel apoia uma das mãos em meu braço e pigarreja.

— Emma, estou muito contente por saber que você está se sentindo melhor — afirma ela. — Acho que o jantar completaria sua recuperação, não acha?

Confirmo com um movimento de cabeça.

— Então, você está com sorte, meu bem, porque o jantar está pronto. Galen, você pode tirar aquela travessa do forno? E, Rayna, você arrumou a mesa para quatro pessoas, apenas! Toraf, pegue mais um prato, por favor. Não, não, outro armário. Obrigada. — Enquanto dá suas ordens, ela me acompanha à mesa e puxa uma cadeira. Depois de empurrá-la até a parte de trás de minhas pernas para que eu me sente, ela volta para o fogão.

Toraf coloca o prato à minha frente tão depressa que ele tilinta como se fosse uma moeda.

— Opa, desculpa — diz ele. Eu sorrio para Toraf, que bate a mão no prato para fazê-lo parar, e joga um garfo e uma faca sobre ele.

Enquanto coloca o copo sobre a mesa, Galen segura o braço dele e tira o copo de perto.

— Isto é vidro, idiota. Será que já ouviu falar nisso? — pergunta Galen.

Ele apoia o copo na mesa como se fosse um ovo rachado, e então pisca para mim. Fico feliz por ele ter tirado as lentes de contato... Os olhos dele são os mais

bonitos aqui.

— Desculpa, Emma. Ele não está acostumado a ter companhia.

— Verdade — diz Toraf, sentando-se ao lado de Rayna.

Quando todos já estão sentados, Galen usa um pega-panela para retirar a tampa da enorme panela que está no centro da mesa. E eu quase vomito. Peixes. Caranguejo. E... Isso é *lula*? Antes de pensar em uma versão educada da verdade — prefiro comer meu dedinho a comer frutos do mar —, Galen coloca um pedaço de peixe em meu prato, e então prepara uma mistura de carne de siri e vieira por cima. Enquanto o vapor sobe até meu nariz, minhas chances de manter a educação diminuem. A única coisa na qual penso é fazer com que a ânsia de vômito pareça um soluço. *Que cheiro senti mais cedo que me deixou salivando?* Não pode ter sido isso.

Espeto o filé com o garfo e giro, mas é como se girasse minhas entranhas. Misturar, cortar, mexer. Não importa o que eu faça, de como tudo aquilo fica, não consigo nem aproximar a comida de minha boca. Promessa é dívida, com sonho ou não. Mesmo que os peixes *de verdade* não me salvassem no lago de minha avó, os *falsos* que minha imaginação criava com certeza me confortaram até a ajuda chegar. E agora tenho que comer os primos deles? *Não vai rolar.*

Apoio o garfo na mesa e beberico a água. Percebo que Galen está observando. Pelo canto do olho, vejo que todos comem. Mas não Galen. Ele permanece parado, com a cabeça inclinada, esperando que eu coma primeiro.

Justo agora ele decide ser um gentleman! O que aconteceu com o cara que me colocou em seu colo como se eu fosse uma criança de 3 anos há alguns minutos? Porém não consigo comer. E eles nem sequer têm um cão que eu possa alimentar embaixo da mesa, que era o que eu fazia na casa da avó da Chloe. Certa vez, Chloe até começou uma guerra de comida para me tirar daquilo. Olho ao redor, mas Rayna é a única pessoa em quem eu jogaria essa gororoba. Entretanto, eu correria o risco de ficar com aquilo *em cima* de mim, o que é quase tão ruim quanto ficar com aquilo *dentro* de mim.

Galen me cutuca com o cotovelo.

— Não está com fome? Não está se sentindo mal de novo, está?

Isso chama a atenção dos outros. Todos param de comer e olham. Rayna fica irritada com a interrupção da refeição. Toraf ri baixinho como se eu tivesse feito alguma coisa engraçada. A mãe de Galen está com a mesma cara de preocupação que ele. Posso mentir? *Devo mentir?* E se eu for convidada de novo e eles fizerem frutos do mar porque menti uma vez? Dizer a Galen que minha cabeça está doendo não vai me livrar de comer isso outras vezes. E dizer que não estou com fome seria inútil, porque meu estômago ronca muito.

Não, não posso mentir. Não se quiser voltar aqui. E quero. Suspiro e solto a faca.

— Detesto frutos do mar — digo a ele.

A tosse repentina de Toraf me assusta. O barulho de seu engasgo faz com que eu me lembre de um gato brigando com uma bola de pelos.

Olho fixamente para Galen, que ficou rígido como uma estátua. Nossa, será que a mãe dele só sabe preparar esse tipo de comida? Ou será que acabei de esnobar a receita ganhadora de prêmios da família?

— Você... Está dizendo que não gosta desse tipo de peixe, Emma? — pergunta Galen de modo diplomático.

Sinto uma vontade desesperada de concordar e dizer: “Sim, isso mesmo, não gosto desse tipo de peixe”. Mas isso não me livra de comer a carne de siri e as vieiras em meu prato. Balanço a cabeça, negando.

— Não. Não é só o peixe. Detesto tudo. Não consigo comer nada. Não consigo nem sentir o cheiro.

Parabéns por ter ido direto à jugular, idiota! Será que eu não poderia dizer apenas que não gosto muito? Eu tinha que dizer que *detesto*? Que odeio até o cheiro? E por que estou corando? Não é crime não gostar de frutos do mar. E pelo amor de Deus, não como *nada* que ainda tenha olhos.

— Está querendo me dizer que você não come peixe? — pergunta Rayna. — Eu disse, Galen! Quantas vezes eu disse?

— Rayna, fique quieta — diz ele sem olhar para ela.

— Estamos perdendo nosso tempo aqui! — Ela solta o garfo.

— Rayna, eu disse...

— Ah, eu ouvi o que você disse! E já está na hora de você escutar alguém, para variar.

Agora seria um bom momento para desmaiar. Ou dez minutos atrás, antes de eles me mostrarem a comida. Mas não me sinto nem zozza. Nem cansada. Na verdade, a reclamação de Rayna parece estar causando uma pressão estranha na sala, criando um tipo de energia escondida ao nosso redor. Então, não me surpreendo quando Galen fica de pé tão rápido que sua cadeira cai. Eu também me levanto.

— Saia, Rayna. Agora mesmo — diz Galen.

Quando Rayna se levanta, Toraf também se levanta. Ele mantém a expressão neutra. Tenho a impressão de que Toraf está acostumado com explosões desse tipo.

— Você só a está usando como uma distração para suas reais responsabilidades, Galen — afirma ela. — E agora nos colocou em risco. *Por ela.*

— Você já conhecia os riscos antes de chegar, Rayna. Se está se sentindo exposta, saia — declara Galen, com frieza.

Responsabilidades? Exposta? Estou esperando alguém admitir que eles fazem

parte de algum culto do olho violeta, e não fiz minha iniciação.

— Acho que não estou entendendo — digo.

— Ah, que coisa chocante, não? — retruca Rayna. Virando-se de novo para Galen, ela diz: — Parece que você está sempre tentando me mandar embora.

— Parece que você nunca escuta — Galen rebate.

— Sou sua irmã. Meu lugar é com você. Quem é *ela* para nós? — indaga ela, assentindo na minha direção.

Eu afasto o braço de Galen de meu ombro, afasto-me da mesa para abrir distância entre a irmã dele e eu. A energia na sala não é mais uma faísca, já virou um incêndio.

— Você está bem? — pergunta ele. — Você deveria se sentar.

Rayna dá a volta na mesa e segura as costas de uma cadeira.

— Por que você ainda está aqui, Galen? Está claro que ela é só um ser humano patético que não conseguiu nem mesmo salvar a própria amiga. Sim, sabemos como eles são sedentos de sangue, sabemos que eles precisam de poucos motivos para matarem uns aos outros. Talvez ela a tenha deixado morrer de propósito.

Eu me afasto do balcão.

— O que você disse?

— Rayna! — Toraf grita. — Já CHEGA!

— Emma, ela não sabe o que está dizendo — afirma Galen, puxando meu braço para voltar minha atenção para ele.

O sorriso de Rayna parece malicioso quando ela diz:

— Ah, sei, sim, Emma. Sei muito bem do que estou falando. Você. Matou. A. Chloe.

Nunca briguei antes. Mas em termos técnicos isso não vai contar como briga — será assassinato. Pela primeira vez na vida a precisão substitui a falta de jeito. Mesmo descalça, eu corro o suficiente para assustá-la. Encostando o ombro na garganta dela, seguro suas pernas e a prendo contra a parede mais próxima. Ela é mais forte do que eu. Há dois segundos, ela pensou ser a mais irritada. Só que Rayna não sabe o que significa estar mais do que fula da vida... E estou prestes a ensinar isso a ela.

Ela range os dentes de pânico.

— Viu, Galen? Ela está mostrando quem é de verdade!

Eu dou um soco tão forte em Rayna que meu punho e o rosto dela devem ter se quebrado. No entanto ambos continuam bem, porque ela me dá uma cabeçada bem no meio dos olhos, e eu uso a mesma mão que não quebrou para acertar sua orelha. Damos um jeito de ir para a sala de estar. Percebo vagamente que Galen e Toraf estão brigando. A mãe de Galen grita como se sua

perna tivesse sido amputada.

Estraguei a recepção. Nunca mais serei convidada. Minhas chances com Galen acabaram quando ataquei a irmã dele. E quando lhe dei um soco. E agora, quando a chutei forte a ponto de ela ver estrelinhas.

Então, quando ela pergunta:

— Foi isso o que você fez com a Chloe quando ela estava dentro da água?

Não tenho mais nada a perder. É por isso que bato o ombro em suas costelas, levanto-a do chão e atravesso com ela a porta de vidro, rumo à tempestade.





Durante os cinco segundos que levam para se mexer na cama de vidro estilhaçado, Galen tenta engolir o coração de volta para o lugar certo, dentro do peito. Quando Emma se mexe — e então geme quando Rayna se levanta —, ele consegue respirar. Rayna se protege quando Emma chuta suas pernas para derrubá-la. E tudo recomeça.

Toraf se remexe ao lado dele na sala de estar e cruza os braços.

— A Rachel foi embora — afirma ele, suspirando. — Disse que não vai voltar.

Galen assente.

— Ela sempre diz isso. Mas talvez, esta noite, seja melhor assim.

Os dois fazem uma careta quando Rayna acerta um pontapé nas costas de Emma, jogando-a sobre o vidro estilhaçado.

— Eu ensinei isso a ela — diz Toraf.

— Um bom golpe.

Nenhuma das duas parece se importar com a chuva, com os raios ou com o paradeiro da anfitriã. A tempestade continua caindo, molhando os móveis, a televisão e a estranha arte na parede. Não é à toa que Rachel não quis ver aquilo. Ela cuidou de tudo por dias.

— Pois então, eu meio que fiquei sem ação quando ela disse não gostar de peixe — comenta Toraf.

— Percebi. Também fiquei surpreso, mas todo o resto existe.

— Falta de paciência.

— Os olhos.

— O cabelo branco também assusta, não?

— Sim. Mas eu gosto. Cala a boca. — Galen olha de soslaio para o amigo, cujo sorriso faz com que ele cerre os punhos.

— Ossos duros e pele grossa, obviamente. Não há sinal de sangue. E ela levou uns golpes bem dados de Rayna — Toraf continua, de modo neutro.

Galen assente, e relaxa os punhos.

— Além disso, dá para sentir o puxão... — Toraf é recebido com um golpe forte que faz com que ele deslize em um só pé pelo chão escorregadio de mármore. Rindo, ele volta a ficar de pé ao lado de Galen.

— Imbecil — diz Galen.

— Imbecil? O que é um imbecil?

— Não sei bem. Emma me chamou disso hoje quando estava irritada comigo.

— Você está me insultando com palavras de seres humanos agora? Estou desapontado com você, vairão. — Toraf assente em direção às meninas. — Não deveríamos acabar com isso logo?

— Acho que não. Acho que elas precisam resolver isso sozinhas.

— E a cabeça de Emma?

Galen dá de ombros.

— Parece boa agora. Ou ela não teria arrebitado a janela em pedaços com a testa.

— Você acha que ela fingiu tudo?

— Não. — Galen balança a cabeça.

— Você devia tê-la visto na varanda. Aterrorizada. Mais do que aterrorizada. Ela até deixou que eu a levasse para casa. Ela não costuma fazer isso. Digo, ela não me deixou levar a *mochila* dela na escola. Tentou tirá-la de minhas mãos. Não, alguma coisa aconteceu. Só não sei o quê.

— Talvez ela tenha colocado tudo no lugar de novo. Ou talvez a Rayna tenha feito isso.

— Pode ser.

Depois de passar alguns minutos observando o sangue, Galen tira a camiseta.

— O que você está fazendo? — pergunta Toraf.

— Devemos ir em direção à costa. Se for esperta, Rayna vai atraí-la para a água porque lá terá vantagem. — Eles conseguem ver que Rayna está fazendo exatamente isso. Ela passou pela piscina, com o braço envolvendo o pescoço de Emma, arrastando-a enquanto esta dá chutes e mordidas.

— Mas que vantagem ela tem sobre Emma, se Emma é um de nós e de Poseidon, ainda por cima?

— Rayna sabe o que ela é. Emma, não. E eu acho que agora é um bom momento para ela saber.

Um raio cai perto da praia, assustando as meninas. Emma se recupera primeiro e dá um soco no olho esquerdo de Rayna, e então enfia o joelho em seu estômago. Quando Rayna se curva, Emma aplica um soco em seu queixo, derrubando-a de costas na lama. Rayna rola e engatinha em direção à água.

— E se a Rayna jogá-la na água e machucá-la? — pergunta Toraf, tirando a camiseta na chuva.

Galen revira os olhos. — Ela é quase tão lenta quanto você. Vou pegá-la.

Eles correm em direção à água. Emma acredita estar ganhando porque arrasta Rayna pelos cabelos para a água.

— Parece que a Emma está pensando em afogar minha frágil princesinha — diz Toraf, franzindo o cenho.

— Por que você nunca me chama de meu príncipe? — pergunta Galen, fingindo estar ofendido.

— Cale-se, meu príncipe. Pronto... Ficou melhor?

Galen ri, mas Toraf insiste em defender seu amor.

— Eu acho que todo mundo interpreta mal a Rayna, sabe? Sim, ela é meio intensa às vezes, e fica parecendo...

— Loucura? — questiona Galen.

— Eu ia dizer “grosseria”.

— Então acusar Emma de matar a melhor amiga foi *grosseria*?

— Entre outras coisas, sim.

— Foi maldade e você sabe.

— Admito que ela podia ter tido mais tato. Mas ela estava apenas tentando fazer Emma dizer a verdade... — Toraf para quando eles escutam o barulho da água. A cabeça escura aparece primeiro, e então, a branca. As meninas se esforçam para ficar de pé, preparando-se para as ondas que chegam.

Ele não precisa ver mais nada além da expressão de Rayna. Galen balança a cabeça.

— Bem, aqui vamos nós.

— Você é um de nós! — Rayna grita, apontando para Emma. Entretanto Emma não vê um palmo à frente do nariz. Ela olha na água à procura de algo.

Toraf levanta o dedão e assente para Galen. Ele consegue sentir Emma.

Emma permanece paralisada enquanto as ondas batem nela. Olha ao redor na praia, além da casa, e então para a tempestade. Ela abraça a si mesma, olha para Rayna como se a visse pela primeira vez. Como se não soubesse onde está

ou como chegou ali.

O lábio de Rayna treme. Ela envolve os braços em seu corpo como Emma.

— Mas... Mas se você é um de nós... Isso quer dizer que você realmente *podia* ter salvo... — Rayna balança a cabeça. — Você nem tentou! Deixou que ela morresse!

— Eu tentei! — Emma chora. — Ele não soltava. Era só uma brincadeira. Ele nem sequer estava faminto!

Galen se surpreende. *Ela está certa*. Ele pensa no modo como o tubarão se remexeu e puxou. O modo como se agarrou à perna de Chloe, em vez de abocanhar mais carne. Aquele tubarão tentou *brincar* com Emma. Chloe foi apenas um meio para um fim. Uma corda numa brincadeira de cabo de guerra. Será que Emma percebeu isso na hora? Entendeu quais eram as intenções do tubarão, ou só pensou nisso depois? Ele balança a cabeça. Essas perguntas terão que esperar... Emma está inconstante como algas na maré alta.

Ele entra na água e a abraça.

— Tudo bem, Emma, peguei você.

— O que está acontecendo comigo? É a minha cabeça?

Ele pressiona o rosto dela contra seu peito.

— Shh. Acalme-se, Emma. Não é a sua cabeça. É o seu segredo. O que eu sei que você não sabe. — Ele acaricia os cabelos molhados dela de novo, encosta o queixo em sua cabeça. Rayna fica boquiaberta e ele lança a ela um olhar de alerta. Os olhos de Rayna se arregalam.

— O que você está *fazendo*? — pergunta ela sem emitir som.

Ele revira os olhos. *Gostaria de saber*.

— Que segredo? Não entendo. Nada. — Emma sussurra contra o peito dele. Seu corpo todo treme com a força de seus soluços.

— Emma — ele murmura contra seus cabelos. — Sinto muito, isso tudo é demais para entender. — Erguendo o queixo dela com a dobra do dedo, ele diz: — Mas isso não é nem metade. Quero mostrar o resto. Você deixa? — Ele acaricia o rosto dela com as costas da mão. Depois de respirar fundo algumas vezes, ela assente. Ele a vira, a abraça pela cintura e a afasta de Rayna.

Ele pensou neste momento por dias, tentando prever a reação de Emma, a maneira como ela lidará com tudo. A possibilidade de ela se sentir enojada é muito real e mais dolorosa do que poderia imaginar. Ela disse que não o rejeitaria mais, contudo isso foi antes de ele aparecer com suas nadadeiras. Esta pode ser a última vez em que a abraça, a última vez em que sente o calor de seu toque. Ele quer aproveitar o momento, torná-lo muito mais do que aquilo, mas Rayna está olhando para Galen como se ele tivesse duas cabeças. Ele suspira, segura Emma com mais força. Não há como voltar atrás agora.

— Prenda a respiração — ele sussurra no ouvido dela.

— Prender a *respiração*? — ela se assusta, olhando para a água.

Galen assente, sentindo a maciez de sua pele, quase transparente na tempestade.

— Por enquanto. Mas não sempre. Está prendendo?

Ela assente.

Ele pula para trás... E para dentro.





Isto não pode estar acontecendo. Ele está me abraçando pela cintura, e não consigo ver seu rosto conforme ele me puxa cada vez mais para o fundo. Atravessamos a água tão depressa que eu não deveria conseguir manter os olhos abertos... Mas consigo. Já estamos muito fundo para ver a tempestade à superfície, para escutar o trovão reverberar. Eu devia estar aterrorizada. Contudo, do mesmo modo que me senti no sofá, os braços de Galen parecem uma corda, um bote salva-vidas, um monte de músculos ao meu redor.

Quanto mais fundo vamos, mais escuro fica, porém meus olhos parecem se ajustar. Na verdade, eles *mais* que se ajustam — minha visão fica mais apurada. A princípio, parece que alguém apagou as luzes — tudo se torna uma penumbra. E as sombras tomam forma, transformam-se em peixes ou pedras. E então tudo fica claro como o dia, como se alguém voltasse a *acender* a luz. E estamos indo mais fundo, não mais próximos da superfície. De onde a luz está vindo?

E para onde estamos indo? Passamos cardumes de peixes que saem do caminho. Os maiores vão para o lado como se estivéssemos dirigindo um carro esportivo e potente na estrada. Como Galen está fazendo isso? Ele está me abraçando, por isso, não está usando os braços para nadar. E mesmo se estivesse, ninguém consegue nadar tão depressa. Eu olho para os nossos pés... Mas *nossos* pés não estão ali. Apenas os meus. E uma barbatana.

— Tubarão! — eu grito, engolindo água, esperando que ele entenda. Paramos tão depressa que meu cabelo cobre meu rosto.

— O quê? — Ele me abraça com mais força. — Não estou vendo tubarão, Emma. Onde você viu?

— Aqui embaixo... Espere. — Olho para trás, e não vejo nada. Olho ao redor de Galen para ver se o tubarão está mais à frente, apesar de ter certeza de que nem um barco com motor poderia nos passar, e começo a questionar a verdadeira capacidade de minha visão ali embaixo. Não há tubarão. — Acho que

nós o assustamos. Como? De que jeito fizemos isso? Como *eu* estou fazendo isso?

Não é assim que o som sai dentro da água. Todas as palavras que dizemos saem claras, como se eu estivesse sentada no colo dele na sala de estar. O som não sai abafado como quando alguém está dentro de uma banheira e só ouve o próprio batimento cardíaco. Não há batidas, não há pressão em meus ouvidos. Apenas silêncio.

— Fazendo o quê? — Ele me vira e fico de frente para ele.

— Estou ouvindo você. Você me ouve. E eu consigo *ver* você, claro como o dia, só que não está de dia, nem mesmo estamos na praia. O que está acontecendo, Galen?

Ele suspira. *Como consegue suspirar? Estamos embaixo da água.*

— Este é o segredo, Emma. — Ele assente em direção aos nossos pés. Sigo sua linha de visão. E me assusto. E engasgo. O tubarão voltou — e engoliu a parte inferior do corpo de Galen inteira, até a cintura. Ele bate a barbatana, esforçando-se para permanecer agarrado nele.

— Você também, não! — eu grito. Chuto o máximo que consigo com os pés descalços. Galen faz uma careta e me solta.

— Emma, pare de me chutar! — diz ele, segurando meus ombros.

— Não estou chutando você, estou chutando... Estou chutando... Aim inhanossa. — Galen é o tubarão. O tubarão é Galen. O que quero dizer é que não tem tubarão. Só tem Galen. A parte superior do corpo dele ainda está ali, braços grandes, barriga bem desenhada, rosto lindo.

Mas... Suas pernas. Desapareceram. Não arrancadas, não engolidas. Não, apenas *substituídas* por uma longa barbatana prateada. *Não acredito.*

Balanço a cabeça e me livro de suas mãos.

— Não está acontecendo. Isto não está acontecendo. — Eu me afasto dele, no entanto ele me segue.

— Emma — diz ele, estendendo a mão em minha direção. — Acalme-se. Venha aqui.

— Não. Você não é de verdade. Isto não é de verdade. Estou pronta para acordar agora. — Olho para a superfície. — Eu disse que estou pronta para ACORDAR AGORA! — Eu grito para mim mesma, que devo estar dormindo no sofá de Galen. Contudo não acordo.

Galen se aproxima sem mexer os braços.

— Emma, você está acordada. Este é seu segredo. Por isso seu olho tem essa cor.

— Fique bem aí. — Aponto para ele em sinal de alerta. — Se por acaso você não notou, *eu* não virei um peixe, *você* virou. Então, esse é o *seu* segredo, não acha?

Ele ri.

— Temos o mesmo segredo.

Eu balanço a cabeça. *Não, não, não.*

Ele assente, pensativo.

— Bom, acho que é isso. A praia é por ali — declara ele, apontando para o abismo atrás de mim. — Olha, foi bom conhecer você, Emma.

Fico boquiaberta quando ele se afasta. Enquanto sua silhueta desaparece de vista, começo a ficar ansiosa. Galen está indo embora. Ele está me deixando. Está me abandonando no meio do mar. Está me deixando no meio do mar porque eu não sou um peixe. *Não, não, não, não!* Ele não pode me deixar! Eu me viro. Como encontrar a praia se não consigo ver a superfície *nem* o fundo? Minha respiração se torna mais inconstante...

Mas... Mas... Como posso ficar ofegante embaixo da água? Pela primeira vez desde que deixamos a costa, tomo consciência de meu oxigênio. Penso que já deveria estar sem oxigênio, só que não estou. Não cheguei nem perto disso. Durante o momento de nervosismo, só soltei o ar pelo meu nariz — e não foi muito. Como quando falei. Ar suficiente para fazer som. Meu pai sempre disse que eu tinha um belo par de pulmões, mas duvido que ele estivesse se referindo a isso.

E agora, atraí uma multidão. Não tem nada de confuso a respeito dos peixes que me cercam. Por mais maluco que pareça, eu sei que é de verdade. Não conheço nenhum destes peixes, apenas o monstro do peixe-espada mais à margem do cardume. Os livros de fotos enganam — o peixe-espada é *muito* mais assustador pessoalmente. No entanto, apesar disso, um peixe grande no meio de cento e poucos pequenos representa uma chance pequena de eu ser mordida. Eles devem saber que eu nunca, de jeito nenhum, comeria um deles porque eles se aproximam de mim como os *paparazzi* fazem com as celebridades. Alguns deles têm a coragem de resvalar contra mim. Um dos pequenos peixes vermelhos passa pelos meus cabelos. Percebo o quanto é anormal, ainda mais nessas circunstâncias, eu dar risada. Mas faz cócegas.

Estendo a mão aberta. Os peixes se revezam entrando e saindo de minhas mãos. Eu me lembro de quando Chloe e eu fomos ao Gulfarium em Destin. Chloe me deixou no tanque e foi paquerar o carinha bonitinho da loja de presentes. Sempre que enfiava a mão na água, as arraia vinham em minha direção, resvalando-se em meus dedos, como se implorassem por carinhos. Criavam um trânsito pesado dentro do tanque para chegar a mim. Agora uma arraia se aproxima de meu rosto, como se brincasse.

Balanço a cabeça. Isso é ridículo. Essas criaturas não estão aqui para brincar comigo. Só estão curiosas. E como não estariam? Ali não é meu lugar, assim como não é o lugar de Galen. *Galen.*

É a primeira vez que percebo que ainda consigo... *Sentir* Galen. Não os

arrepios, nem o calor em minhas veias. Não, dessa vez é diferente. É uma percepção, como quando alguém liga a televisão em uma sala em silêncio — ainda que a televisão esteja sem som, fica uma sensação estranha no ar. Mas essa sensação, no meu caso, preenche a água, e com Galen é muito mais forte, como um toque físico pulsando contra mim. O de Rayna era notável, mas o de Galen é muito mais. Eu soube assim que ele entrou na água, como se a pulsação se concentrasse no espaço entre nós. E já senti isso hoje. Essa mesma sensação me tomou quando me esforcei para livrar Chloe do tubarão. *Será que ele estava ali? Ele está aqui agora?*

Paro, observando meus espectadores. Alguns se espalham e então voltam. Outros seguem em frente, sem vontade de se arriscarem com meu comportamento inconstante. O peixe-espada me olha, mas só passeia a distância. Olho em todas as direções, parando várias vezes para olhar à frente. Depois de circular duas vezes, eu desisto. Talvez esse lance da pulsação funcione a distância. Galen podia estar nadando em direção a Ellis Island agora, pelo que sei. E, só para garantir, tento de novo.

— Galen? — eu grito. Assusto ainda mais quem me cerca. Muito poucos voltam. — Galen, você pode me ouvir?

— Sim — responde ele, materializando-se bem à minha frente.

Eu me assusto e minha respiração se acelera.

— Aiminhanossa! Como você fez isso?

— Chama-se mistura. — Ele inclina a cabeça. — Não pude deixar de notar que você ainda não morreu. Você é meio não humana.

Eu concordo, sentindo uma onda de alívio e raiva por dentro.

— Então você deve ter notado que não tenho uma barbatana no traseiro.

— Mas tem olhos violeta como eu.

— Hum. Então... Rayna e Toraf?

Ele assente.

— Hum. E quanto à sua mãe? Ela não tem os olhos.

— Ela não é minha mãe. É minha assistente, Rachel. É humana.

— Claro. Sua assistente. Faz todo sentido. — Enquanto tento entender por que um homem-peixe precisaria de uma assistente, esqueço de flutuar e começo a afundar. Galen sabe ser solidário e me segura pelo cotovelo. — Mas não consigo me transformar em um grande misto de água. Mistura, quero dizer.

Ele revira os olhos.

— Não me transformo em água, minha pele muda, para eu poder me esconder. Você vai acabar conseguindo, quando conseguir desenvolver a barbatana.

— Por que acha que consigo? Não sou como você. Tirando os olhos, quero dizer.

— Ainda estou tentando entender isso.

— E eu disse que não tenho uma grande barbatana...

— Mas você tem todo o resto. — Ele cruza os braços.

— Como o quê?

— Bom, você tem o pavio curto.

— Não tenho! — Chloe tinha pouca paciência. Eu ganhei o apelido de Docinho no segundo ano porque só *eu* conseguia fazer com que ela parasse de brigar com as pessoas. — Na verdade, sempre disseram na escola que eu era a pessoa com maior vocação para santa, pela minha paciência — digo a ele depois de pensar um pouco.

— Saiba que não entendi nada do que você disse.

— Resumindo, todo mundo pensa, ou melhor, *sabe*, como sou boazinha.

— Emma, você jogou minha irmã através de um vidro à prova de furacão.

— Foi ela quem começou! Você disse à prova de furacão?

Galen assente.

— O que também quer dizer que você tem ossos duros e pele grossa como nós. Caso contrário, você teria morrido. E isso nós precisamos discutir. Você jogou a si mesma, e a minha irmã, por uma parede de vidro quando pensou que vocês duas eram seres humanos. No *quê* você estava pensando?

Não olho para ele.

— Acho que não me importei. — Dizer a ele que eu pretendia matar a irmã dele não vai cair muito bem. Isso, sem dúvida, anularia a história de ser santa.

— Inaceitável. *Nunca mais* arrisque sua vida desse jeito, entendeu?

Eu dou risada, e algumas bolhas sobem.

— Olha, sabe com que mais não me importo? Com o fato de você me dar ordens. Tomei uma atitude idiota, mas...

— Na verdade, este é um bom momento para eu dizer que sou da realza — declara ele, apontando para a tatuagem pequena de um garfo na barriga, um pouco acima do limite em que seu abdome se transforma em peixe. — E como você, sem dúvida, é uma Syrena, você precisa me obedecer.

— Eu sou o *quê*? — indago, tentando entender como um talher pode validar o que ele diz a respeito de ser superior.

— Syrena. É assim que nós, incluindo você, somos chamados.

— Syrena? Não sereias?

Galen pigarreia.

— Hum... *Sereia*?

— Sereia. Mas para homem... Existe “sereio”?

Bem, o que eu sei sobre o sexo dos seres do mar? Só sei que Galen é homem, seja qual for sua espécie.

— Só para constar, nós odiamos essa palavra. E com “nós” estou me referindo a você também.

Reviro os olhos.

— Ótimo. Mas não sou uma *Syrena*. Já falei que não tenho uma grande barba...

— Você não está se esforçando.

— Eu, me *esforçando*? Para desenvolver uma *barbatana*?

Ele assente.

— Ainda não é natural para você. Você está na forma humana há muito tempo. Mas ficar na água com pernas vai começar a irritá-la. Você vai sentir vontade de... Se esticar.

— Dói?

Ele ri.

— Não, é uma sensação boa, assim como é bom se espreguiçar depois de passar muito tempo sentado. Sua barbatana é um músculo bem grande. Quando ele é separado entre duas pernas humanas, não fica tão forte. Quando você se transforma em *Syrena*, os músculos se estendem e se unem de novo. Você sente alguma coisa parecida com isso neste momento?

Balanço a cabeça, com os olhos arregalados.

— É só questão de tempo — diz ele, assentindo. — Você vai perceber.

— Galen, não sou...

— Emma, o fato de você estar conversando comigo a 800 metros da superfície da água é prova suficiente de que você é. Por falar nisso, como está se sentindo?

— Na verdade, meus pulmões estão meio retesados. O que isso quer dizer?

Antes de mais bolhas escaparem, ele me abraça e subimos.

— Quer dizer que você está ficando sem ar agora — ele murmura em meu ouvido. O arrepio que sinto não é de frio.

Espere. Não deveria estar congelando onde estamos, no meio do Oceano Atlântico? Sei lá, no que diz respeito ao clima, sou meio chata. Ninguém se agasalha mais que eu no inverno. Então, por que meus dentes não estão batendo?

Está frio como estaria numa piscina, não dentro de um lago semicongelado. Será que isso se deve à pele grossa a qual Galen se referiu? Será que serve como proteção? Será que só funciona na água?

Rompemos a superfície, Galen assente em aprovação quando solto o ar velho e puxo o novo. Eu encho os pulmões e começo a submergir, mas ele balança a cabeça, puxando-me para cima de novo.

— Não vamos exagerar. Não sei por quanto tempo você consegue prender a respiração. Acho que vamos ter que ficar de olho nisso, pelo menos enquanto você não souber se transformar.

Ele olha para a frente e me aconchega embaixo de um de seus braços, o que faz com que eu me sinta um animalzinho de estimação. A lua desponta sobre nós enquanto surfamos as ondas por um tempinho. A distância, conseguimos ver o brilho fraco dos raios que caem de vez em quando, mas não a terra.

Quando já não aguento mais a posição de Chihuahua, eu me solto. Ele me pega antes que eu consiga afundar e me puxa para ele de modo que meu nariz resvala no dele. Fora da água, parece que estamos trocando quilowatts com aquele toque. Dentro da água só sinto a “pulsção” de Galen, mas parece mais uma força magnética entre nós. Quando sua barbatana raspa em minhas pernas, a sensação é aveludada, como os braços de uma arraia e não as escamas de um peixe.

Ele permite que eu abra uma certa distância entre nós, porém não me solta.

— Se eu sou uma Syrena, então de onde vim? — pergunto. — Minha mãe não tem os olhos.

Ele assente.

— Eu sei. Procurei por eles.

— Ela também detesta água. O único motivo pelo qual moramos numa cidade com praia é porque meu pai adorava. — Na verdade, minha mãe sempre fala que devemos ir para a cidade, agora que meu pai morreu. Por fim consegui convencê-la a esperar até que eu vá para a faculdade.

— E o seu pai?

— Loiro. Olhos azuis. Não tão claro quanto eu.

— Hum. — Mas ele não parece surpreso. Parece mais uma confirmação do que ele sabia.

— O que foi?

— A única coisa em que consigo pensar é que eles não são seus pais de verdade. Não podem ser.

Eu me assusto.

— Você acha que fui *adotada*?

— O que *adotada* significa mesmo?

— Que eles me criaram como sendo filha deles, mas que nasci em outra família.

— Com certeza.

Eu me afasto dele. As ondas parecem bem maiores quando tento vencê-las sozinha.

— Bom, para você é muito fácil falar, né? — Decido engolir a onda seguinte em vez de nadar por cima dela. Fico aliviada ao sentir os braços dele envolvendo minha cintura de novo.

— Emma, só estou pensando nas possibilidades aqui. Você precisa reconhecer que alguém não está dizendo a verdade. E não acho que você pode dizer que *eu* estou mentindo.

Balanço a cabeça, negando.

— Não, você não está mentindo. Mas eles são meus pais, Galen. Tenho o nariz do meu pai. E o sorriso da minha mãe.

— Olha, não quero discutir com você. Teremos apenas que pensar nisso com mais calma. Só isso.

Concordo.

— Precisa haver outra explicação.

Ele sorri de modo contido, com uma expressão de dúvida. Em silêncio, deixamos as ondas passarem em direção à praia. Depois de um tempo, ele levanta minhas pernas e me deixa recostar a cabeça contra seu peito. Nós ganhamos velocidade quando ele avança delicadamente pelas ondas.

— Galen?

— Hum?

— O que acontece quando chegarmos à praia?

— Você deveria dormir.

Ele já está olhando para mim quando levanto a cabeça.

— Você acha que conseguirei dormir depois de tudo isso? E não foi o que perguntei.

Galen balança a cabeça, afirmando.

— Sei que não foi.

Ele dá de ombros e me ajeita em seus braços.

— Queria que você me deixasse... Ajudá-la.

— Você quer me ajudar a me transformar em um peixe.

— Algo do tipo.

— Por quê?

— *Por quê?* Por que não?

— Pare de responder às minhas perguntas com perguntas.

Ele sorri.

— Não dá certo, não é?

— Pare com isso! — Dou um tapinha em seu rosto.

Galen dá risada.

— Tudo bem.

— Mas o que estou tentando dizer é que o motivo pelo qual você se interessou por mim desde que Chloe morreu... O motivo pelo qual você se mudou para cá, se matriculou na minha escola, me convidou para ir à praia... Você só estava tentando descobrir se sou uma de vocês?

Claro, idiota. Quando alguém como Galen teria prestado atenção em você? Quando você conheceu alguém como Galen? Ainda assim, fico surpresa em ver como dói quando ele assente. Sou o projeto de ciências dele. Depois de todo o tempo que passei pensando que ele estava interessado em mim, na verdade Galen só estava tentando me atrair para provar sua teoria.

Se ingenuidade matasse, eu já estaria morta. No entanto, pelo menos, sei da real situação, sei quais são os sentimentos que ele tem por mim. Mas quais são as intenções *gerais* em relação a mim, não tenho ideia.

O que acontecerá se eu *puder* me transformar em um peixe? Ele acha que vou simplesmente me despedir de minha mãe, deixar de lado todas as minhas notas boas, todas as bolsas de estudo e sair nadando com os golfinhos? Ele disse que é da realeza. Não sei bem o que isso significa, mas, com certeza, posso adivinhar que sou apenas mais uma serva para ele, alguém em quem poderá mandar. Ele *disse* que eu tinha que obedecê-lo, afinal. E se é da realeza, por que veio aqui? Por que não mandou alguém menos importante? Aposto que o presidente dos Estados Unidos não vai a países estrangeiros à procura de norte-americanos desaparecidos que possam nem mesmo ser norte-americanos.

E posso confiar nele o bastante para responder às minhas perguntas? Ele já me enganou uma vez, fingindo interesse em mim para me tirar de onde eu estava. Mentiu na minha cara a respeito de ter uma mãe. Mentiu até para a minha mãe. Sobre o que mais ele poderia mentir para conseguir o que quer? Não, não posso confiar nele.

Ainda assim, quero saber a verdade, mesmo que seja só para saber. Não vou me mudar para uma concha grande na costa de Jersey nem nada do tipo, mas não posso negar que sou diferente. Qual seria o problema em passar um pouco mais de tempo com Galen para que ele possa me ajudar a entender tudo isso? E

daí, se ele pensa que sou um tipo de peixe inferior que tem que obedecer as suas ordens? Por que não posso usá-lo como ele me usou, para conseguir o que *eu* quero?

Mas o que *eu* quero está me abraçando, fingindo estar preocupado por eu ter parado de falar.





Do assento ao lado da janela, Galen observa Emma se remexer na poltrona. Ela murmurou a noite toda, mas ele não conseguiu entender as palavras em meio ao ronco de Toraf. Eles ficaram acordados até tarde, Galen e Toraf, revezando-se para responder às perguntas de Emma. Como eles a encontraram, onde mora, quantos são? As emoções em seu rosto foram mudando de surpresa para fascínio, para choque. Surpresa, quando ele contou a ela que o Dr. Milligan a viu no Gulfarium — apesar de Galen evitar o assunto da interação dela com os animais. Fascínio quando contou que a maioria dos Syrenas costuma viver no fundo do mar — costuma, mas é claro que os seres humanos não chegam lá no fundo — e que a realeza vive protegida nas cavernas de rochas. Encantamento quando ele contou que Poseidon e Tritão são Syrenas de carne e osso, os primeiros generais de sua espécie, não deuses que a tradição dos seres humanos criou. Choque quando Toraf estimou que a população dos reinos é de mais de vinte mil.

Galen limitou as respostas quando as perguntas passavam muito perto de seu propósito para estar ali — e mais uma vez, ele se sentiu aliviado por ter decidido não contar a Rayna. Ele não estava — não está — pronto para contar a Emma sobre Grom. Até mesmo Toraf desviava o assunto da grande pergunta enterrada dentro de todas as pequenas — por quê? Emma parecia perceber a conspiração, às vezes perguntava as mesmas coisas de maneiras diferentes. Depois de um tempo, sua expressão passou a ser de aceitação, porém seus olhos ainda mostravam incredulidade. E dava para entender. Sua vida havia mudado na noite anterior. E Galen seria um tolo se não admitisse que a dele também.

Observá-la no meio daqueles peixes selou seu destino. Não existe possibilidade de Emma não ser descendente direta de Poseidon. Não existe a chance de ela ser dele. E seria melhor que ele começasse a se acostumar com isso.

Ele olha para a cama de solteiro na qual Rayna está dormindo, alheia ao fato

de estar aconchegada ao braço de seu parceiro, enquanto ele faz o som de um leopardo-marinheiro ferido em seu ouvido. Galen balança a cabeça. Se Rayna despertar, ele vai tomar providências para que Toraf nunca mais volte a respirar pelo nariz.

— Então ontem à noite foi de verdade — diz Emma, assustando-o. O único movimento dela é um sorriso discreto.

— Bom dia — ele sussurra, inclinando a cabeça em direção a Rayna e Toraf.

Emma arregala os olhos ao assentir. Ela afasta o edredom do corpo e o joga no chão. Galen tinha procurado nas gavetas de Rachel, na noite passada, e encontrou para Emma um pijama para que ela dormisse enquanto suas roupas secavam. Conforme ela se espreguiça, Galen percebe que ela é muito mais alta que Rachel — a blusa do pijama deixa a barriga de fora — e seu corpo também tem mais curvas. Ver o corpo de Emma dentro daquele tecido faz com que ele se pergunte como conseguirá manter a concentração hoje. As fêmeas dos Syrenas têm corpos fortes e musculosos, mas o tempo que Emma passou com os seres humanos deixou seu corpo mais delicado em alguns pontos, e ele se surpreende com o quanto gosta desse fato.

O estômago de Emma ronca e ela se envergonha. Galen também já percebeu que gosta muito disso. Sorrindo, ele aponta para a escada que leva ao andar de baixo. Como eles ficaram no andar de cima na noite anterior, o único jeito de entrar ou sair do quarto é pela escada. Ela assente e desce sem nada dizer. Galen se força a desviar o olhar da visão atraente quando ela desce o último degrau da escada. Ele segue com a mandíbula tensa. No corredor, eles sorriem. Toraf não está ali.

Pelo cheiro da comida que sobe pela escada, Galen sabe que Rachel já voltou. Ele escuta seus sapatos de salto batendo no chão da cozinha, o forno se abrindo e fechando, os palavrões que ela diz baixinho, talvez por ter se queimado na panela. A brisa da manhã entra pela sala de estar, que agora parece um pátio aberto. Emma faz uma careta ao avaliar o prejuízo de novo, à luz do dia.

— Sinto muito, Galen. Vou pagar por isso. Diga a Rachel para mandar a conta. Ele ri.

— Você acha que custaria mais ou menos que a conta do hospital quando se machucou tentando fugir de mim?

Ela sorri.

— Bem, pensando desse modo...

Rachel está arrumando a mesa quando eles entram na cozinha.

— Bom dia, pombinhos! Fiz peixe assado e camarão para você, querido, a omelete mais incrível do mundo para ela. Quer suco, Emma? Temos de laranja e de abacaxi.

— Laranja, por favor — diz ela, sentando-se. — E não precisa mais nos

chamar de pombinhos. Galen me contou o segredo ontem à noite. Você sabe que não somos namorados.

— Hum, sabe, Emma, eu acho que devemos manter isso por um tempo. Para o bem de sua mãe — declara Galen, entregando um copo a ela. — Ela nunca vai acreditar que estamos passando tanto tempo juntos sem sermos namorados.

Emma franze a testa quando Rachel coloca um monte de omelete em seu prato com uma espátula grande. Com o garfo, Emma ataca o alimento e tira um pedaço de carne cheia de queijo.

— Acho que não pensei nisso — diz ela ao comer. — Estava imaginando contar que terminamos.

— Ele tem razão, Emma — afirma Rachel. — Vocês não podem terminar se você vai continuar aqui o tempo todo. Ela precisa pensar que vocês ainda são um casal. E terão que ser convincentes a respeito disso também. Precisam se beijar bastante, para o caso de sua mãe tentar espiar você.

Emma para de mastigar. Galen solta o garfo.

— Hum, não acho que precisamos chegar a esse ponto — Emma começa a falar.

— Ah, não? Os adolescentes não beijam mais seus namorados?

Rachel cruza os braços, balançando a colher no ritmo em que bate o pé no chão.

— Sim, mas...

— Não tem mas. Vamos, querida. Você acha que sua mãe vai acreditar que você não encosta em *Galen*?

— Provavelmente não, mas...

— Eu disse que não tem mas. Veja vocês dois. Nem estão sentados perto um do outro! Precisam treinar, na minha opinião. Galen, sente-se ao lado dela. Segure a mão dela.

— Rachel — diz ele, balançando a cabeça. — Dá para esperar...

— Ótimo. — Emma interrompe. Os dois se viram para ela. Ainda franzindo o cenho, ela assente. — Vamos nos beijar e ficar de mãos dadas quando ela estiver por perto.

Galen quase solta o garfo de novo. *De jeito nenhum. Beijar Emma é a última coisa que preciso fazer*, ainda mais quando os lábios dela ficam vermelhos daquele jeito.

— Emma, não precisamos nos beijar. Ela já sabe que quero dormir com você. — Ele se retrai assim que diz aquilo. Não precisa olhar para a frente para saber que o barulho na cozinha é de Rachel cuspidando o suco de abacaxi. — O que quero dizer é que eu já falei para ela que quero dormir com você. Sabe, eu disse que queria dormir com você porque ela já acha que eu durmo. Que eu quero, é o que

quero dizer... — *Se um Syrena se afogasse, é assim que se sentiria.*

Emma levanta a mão.

— Eu entendi, Galen. Tudo bem. Eu contei a ela a mesma coisa.

Rachel se senta ao lado de Emma, secando o suco que espirrou em seu rosto com um guardanapo.

— Então, está me dizendo que a sua mãe acha que você dois querem *dormir* um com o outro, mas vocês acham que ela não espera vê-los se beijando.

Emma balança a cabeça e come uma garfada de omelete com um pouco de suco. Ela diz:

— Você tem razão, Rachel. Vamos fazer com que ela nos veja dando uns amassos ou algo assim.

Rachel assente. — Isso deve dar certo.

— O que significa *dar uns amassos*? — pergunta Galen.

Emma solta o garfo.

— Quer dizer, Galen, que você vai ter que se forçar a me beijar. Como se quisesse. De verdade. Por muito tempo. Acha que pode fazer isso? Os Syrenas se beijam?

Ele tenta engolir a comida que esqueceu de mastigar. *Forçar? Não sei se vou conseguir* parar. Ele nunca tinha pensado em beijar ninguém *até* conhecer Emma. Hoje em dia, ele só pensa nisso, nos lábios dela nele. Conclui que era melhor para os dois quando Emma o rejeitava. Agora, ela está mandando que ele a beije — por muito tempo. *Ótimo.*

— Sim, eles se beijam, ou melhor, *nós* beijamos. Posso me forçar, se tiver que fazer isso. — Ele não olha para Rachel quando ela coloca mais peixe em seu prato, mas quase sente que ela ri dele.

— Teremos só que planejar, e pronto. Para você se preparar — diz Emma.

— Preparar para *o quê*? — pergunta Rachel. — O beijo não deve ser planejado. Por isso é bom.

— Sim, mas não é por diversão, lembra? — indaga Emma. — É só para manter as aparências.

— Você não acha que beijar Galen seria divertido?

Emma suspira, levando as mãos ao rosto.

— Olha, agradeço por estar tentando nos ajudar, Rachel. Mas não quero mais falar sobre isso. É sério. Isso já está me dando urticária. Vamos dar um jeito quando for preciso.

Rachel ri e tira da mesa o prato vazio de Emma depois que ela diz não querer repetir.

— Se vocês pensam assim... Mas ainda acho que vocês deveriam praticar. — A caminho da pia, ela pergunta: — Onde estão Toraf e Rayna? Ah! — Ela se assusta. — Eles encontraram uma ilha?

Galen balança a cabeça, negando, e se serve de um pouco de água de uma jarra sobre a mesa, feliz por mudar de assunto.

— Não, eles estão lá em cima. Ele se deitou na cama dela. Nunca vi alguém arriscar a própria vida desse jeito.

Rachel faz um som de reprovação ao lavar alguns pratos.

— Por que todo mundo fala sobre encontrar uma ilha? — pergunta Emma, terminando o suco.

— Quem mais está falando sobre isso? — Galen franze o cenho.

— Na sala de estar, escutei Toraf dar a ela a opção de ir à cozinha ou encontrar uma ilha.

Galen ri.

— E ela escolheu a cozinha, certo?

Emma assente.

— O que foi? Qual é a graça?

— Rayna e Toraf são um casal. Acho que os humanos diriam que eles são casados — explica ele. — Syrenas encontram uma ilha quando estão prontos para... acasalar, no sentido físico. Só podemos fazer isso na forma humana.

— Ah. Ah. Entendi — diz ela, corando de novo. — Eu não tinha entendido. A parte física, quero dizer. Então eles são casados? Parece que ela o odeia.

Galen hesita. Ele se lembra da indignação de Rachel a respeito desse assunto quando contou a ela anos atrás. *Emma vai descobrir de um jeito ou de outro. Melhor que seja agora.*

— Toraf pediu ao nosso irmão para se casar com ela, e ele consentiu. Sei que os seres humanos fazem um pouco diferente, mas...

— *O quê?* — Emma se remexe na cadeira, inclina-se sobre a mesa com os braços cruzados.

E lá vamos nós.

— Toraf pediu...

— Está me dizendo que seu irmão a forçou a se casar com Toraf? — Ao falar com a mandíbula tensa, fica difícil entender o que ela está dizendo.

— Bem, ela não estava presente.

— *O quê?* Ela não foi ao próprio casamento?

— Emma, você precisa se acalmar. Syrenas não chamam isso de casamento.

Chamam de...

— Não me importa do que chamam! — ela grita. — E não me importa se ela é um ser humano ou não. Ninguém força ninguém a se casar com alguém!

— Concordo! — Rayna grita da sala de estar. Toraf a segue para dentro da cozinha sorrindo, apesar de seu lábio partido. Rayna se coloca ao lado de Emma, e cruza os braços da mesma maneira.

Emma assente para ela.

— Viu? Ela não gosta disso. Não deveria ficar casada se não gosta.

— Exatamente o que digo — diz Rayna, cutucando Emma em uma demonstração de camaradagem. Galen balança a cabeça, sem acreditar. Emma parece não se lembrar de que ontem à noite Rayna usou o mesmo cotovelo para acertar seu olho esquerdo.

— Bom dia — diz Toraf de modo agradável, sentando-se ao lado de Galen. — Acredito que todos dormiram bem.

Rachel serve o café da manhã e um pouco de água para ele.

Galen suspira.

— Emma, por favor, sente-se. Não se trata de uma lei nova da qual ela não tinha conhecimento. Ela teve escolha, no começo. Se Rayna tivesse encontrado um parceiro mais cedo, isso não teria que...

— Existe um limite de tempo para escolher um parceiro? Sério? Nossa, a coisa só melhora. Então me diga, Galen. Se eu for uma de vocês, terei que me acasalar? Já tem alguém para mim, Majestade?

Lá vem ela de novo. Durante toda a noite, ela o chamou de Alteza e Majestade. E pela cara que ela faz, Emma considera essas palavras insultos. Por isso ele está doido para dizer que ela também é da Realeza, mas isso criaria mais problemas do que valeria a pena. E com isso, ela pensaria que poderia escolher seu parceiro, como a maioria das fêmeas da Realeza escolhe. No entanto, Emma não é como a maior parte das fêmeas da Realeza. É a última prova viva da linhagem de Poseidon, o que limita suas opções de parceiro a apenas um.

— *Você* tem alguém em mente, Galen? — pergunta Toraf, enfiando um camarão na boca. — É alguém que eu conheço?

— Cale-se, Toraf — Galen rosna. Ele fecha os olhos, leva as mãos às têmporas. As coisas poderiam ter acontecido bem melhor de muitas maneiras.

— Ah — diz Toraf. — Então deve ser alguém que eu conheço.

— Toraf, juro pelo tridente de Tritão...

— Este é o melhor camarão que você já fez, Rachel — Toraf continua. — Mal posso esperar para cozinhar camarão em nossa ilha. Vou conseguir o tempero para nós, Rayna.

— Ela não vai a ilha nenhuma com você, Toraf! — Emma grita.

— Ah, ela vai, sim, Emma. Rayna quer ser minha parceira. Não quer, princesa? — Ele sorri.

Rayna balança a cabeça, negando.

— Não adianta, Emma, não tenho escolha.

Ela se senta ao lado de Emma, que olha para ela, sem acreditar.

— Você pode escolher, *sim*. Pode vir morar comigo em minha casa. Vou cuidar para que ele não chegue perto de você.

A expressão de Toraf mostra que ele não pensou nessa possibilidade antes de instigar Emma. Galen ri.

— Já não tem mais tanta graça, não é, girino? — diz ele, dando-lhe um cutucão.

Toraf balança a cabeça. — Ela não vai ficar na sua casa, Emma.

— Vamos ver, *girino* — retruca ela.

— Galen, faça alguma coisa — pede Toraf, sem desviar o olhar de Emma.

Galen ri.

— Tipo o quê?

— Não sei, prenda ela ou alguma coisa assim — diz Toraf, cruzando os braços.

Emma olha para Galen, que perde o fôlego.

— É, Galen, venha me prender. Só que já vou avisando que no exato segundo que colocar a mão em mim, estouro este copo de vidro na sua cabeça e parto seus lábios como os de Toraf. — Ela pega o pesado copo de vidro e espalha as últimas gotas de suco de laranja sobre a mesa.

Todos se assustam, menos Galen — ele ri tanto que quase cai da cadeira.

Emma se irrita.

— Você acha que não farei isso? Só existe uma maneira de descobrir, não é, Alteza?

Pela casa toda ecoam as risadas graves de Galen. Secando as lágrimas, ele cutuca Toraf, que está olhando para ele como se tivesse engolido muita água salgada.

— Você sabia que os seres humanos idiotas da escola dela a elegeram a mais doce de todos eles?

A expressão de Toraf fica mais suavizada quando ele olha para Emma, rindo. O riso de Galen acaba sendo contagioso, porque Toraf está batendo na mesa para tentar recuperar o fôlego. Até Rachel ri baixinho, por trás da luva de forno.

Emma perde a carranca. Galen percebe que ela está prestes a sorrir. Ela

coloca o copo sobre a mesa como se estivesse cheio e ela estivesse tomando o cuidado de não derramar o líquido.

— É, isso foi *há* alguns anos.

Dessa vez, a cadeira de Galen vira de verdade, e ele se esparrama pelo chão. Quando Rayna começa a rir, Emma também se entrega.

— Eu acho... eu acho que eu sou meio esquentadinha — declara ela, sorrindo com timidez.

Emma dá a volta na mesa e para perto de Galen. Olhando para baixo, oferece sua mão. Ele sorri para ela.

— Deixe eu ver sua outra mão.

Ela ri e mostra que a mão está vazia.

— Sem armas.

— Bem espertinha — diz ele, aceitando a ajuda. — Nunca mais vou olhar para um copo de vidro da mesma maneira. — Ele se levanta quase sozinho, mas não resiste à oportunidade de tocá-la.

Ela dá de ombros.

— Talvez seja o instinto de sobrevivência.

Ele assente.

— Ou você está tentando cortar meus lábios para não ter que me beijar.

Ele fica contente quando ela desvia o olhar, com o rosto corado.

— Rayna tenta fazer isso o tempo todo — conta Toraf. — Às vezes, quando acerta a mira, funciona, mas, na maior parte do tempo, beijá-la é a minha recompensa pela dor.

— Você está tentando beijar a Emma? — pergunta Rayna, incrédula. — Mas vocês ainda nem selecionaram, Galen.

— Selecionar? — pergunta Emma.

Toraf ri.

— Princesa, por que não vai nadar? Sabe, essa tempestade deve ter trazido muitas coisas para a sua coleção.

Galen assente de modo a agradecer em silêncio a Toraf, que leva a irmã dele para a sala de estar. Pela primeira vez na vida, ele se sente grato à coleção de objetos de seres humanos que Rayna tem. Ele quase a arrastou até a praia pela barbatana.

— Vamos nos separar para cobrir uma parte maior — diz Rayna ao sair.

Galen percebe que Emma está olhando para ele, e não olha para ela. Observa a praia, enquanto Toraf e Rayna desaparecem nas ondas, de mãos dadas. Galen

balança a cabeça. Ninguém deveria sentir pena de Toraf. Ele sabe exatamente o que está fazendo. Algo que Galen gostaria de poder dizer sobre si mesmo.

Emma pousa uma das mãos em seu braço — ela não será ignorada.

— O que é isso? *Selecionar*?

Por fim, ele se vira, olha para ela.

— É como namorar para os seres humanos, só que vai mais depressa. E tem mais propósito do que os seres humanos têm quando namoram.

— Que propósito?

— Selecionar é nossa maneira de escolher um parceiro de vida. Quando um macho completa 18 anos, é normal que ele comece a fazer uma seleção para encontrar uma companheira. Uma fêmea cuja companhia ele aproveite e que será adequada para procriar.

— Ah — diz ela, pensativa. — E... você ainda não selecionou?

Ele balança a cabeça, totalmente consciente da mão dela ainda em seu braço. Ela deve notar isso ao mesmo tempo, porque a tira.

— Por que não? — pergunta ela, pigarreando. — Você não tem idade para selecionar?

— Tenho idade suficiente — afirma ele com delicadeza.

— Quantos anos você tem, para ser exato?

— Vinte. — Ele não pretende se aproximar dela, ou *pretende*?

— Isso é normal? O fato de você ainda não ter selecionado?

Ele nega com a cabeça.

— É bem comum que os machos se acasalem aos 19 anos. Minhas responsabilidades como o embaixador, porém, me afastariam demais de minha parceira. Não seria justo com ela.

— Ah, entendi. Ficar de olho nos seres humanos — fala ela rapidamente. — Você está certo. Não seria justo, seria?

Ele espera outra discussão. Para que ela dissesse, como fizera na noite anterior, que se houvesse mais embaixadores, ele não precisaria assumir a responsabilidade sozinho — e ela estava certa. Mas Emma não discute. Na verdade, muda de assunto por completo.

Afastando-se dele, ela parece determinada a aumentar o espaço que Galen diminuiu entre eles. E assume uma atitude displicente.

— Bem, você está pronto para me ajudar a me transformar em peixe? — pergunta ela, como se eles estivessem falando sobre isso desde o começo.

Ele hesita.

— Assim?

— O quê?

— Não vai mais perguntar nada sobre selecionar? Não vai me dar um sermão sobre eleger mais embaixadores?

— Não é da minha conta — diz ela dando de ombros, indiferente. — Por que eu me preocuparia com o fato de você acasalar ou não? Não sou eu que *vou* selecionar, nem ser selecionada. Depois que você me ensinar a desenvolver uma barbatana, vamos nos separar. Além disso, você não se importaria se eu namorasse seres humanos, certo?

Com isso, Emma o deixa olhando para ela, boquiaberto. À porta, ela diz, olhando para trás:

— Encontro você na praia em quinze minutos. Só preciso telefonar para a minha mãe e vestir a roupa de banho. — Ela joga os cabelos para o lado e desaparece escada acima.

Galen se vira para Rachel, que está secando uma panela com força, sobranceiras franzidas. Ele dá de ombros, ainda boquiaberto. Ela suspira.

— Querido, o que você esperava?

— Alguma coisa diferente disso.

— Bem, você não deveria ter esperado. Nós, mulheres humanas, somos um pouco mais difíceis do que as mulheres Syrenas, e Rayna é uma exceção, claro.

— Mas a Emma não é um ser humano.

Rachel balança a cabeça como se Galen fosse uma criança.

— Ela foi ser humano durante toda a vida. É só o que sabe ser. A boa notícia é que ela não pode namorar ninguém agora.

— Por quê? — Porque, para ele, parece que Emma pensava poder namorar.

— Porque ela *precisa* namorar você. E se eu fosse você, marcaria meu território assim que voltasse para a escola, se é que me entende.

Ele franze o cenho. Não pretendia continuar na escola depois de Emma conhecer a verdade — o propósito ali era, em algum momento, levar Emma para a praia. Não pensou que fosse ter que ensinar a ela como se tornar um Syrena. E não pensou que, até o dia anterior, ela se via como um ser humano. Na verdade, havia uma lista de coisas que ele não tinha esperado.

O tamanho dos livros da escola, por exemplo. Rachel o havia ensinado a ler e a escrever ao longo dos anos que passaram juntos, mas Galen não precisa aprender Matemática nem praticar esportes. A Geografia humana é praticamente inútil para ele. Por que se importaria com os limites invisíveis delimitados pelos seres humanos? Ainda assim, Ciências poderia ser uma matéria interessante. E se Emma gosta, não seria um problema estudar História.

Galen não se nega a admitir que aprender mais sobre os seres humanos poderia ser vantajoso para ele — e não da maneira que Emma espera. A ideia de revelar sua espécie para eles, de negociar termos de paz, é risível. Os seres humanos não sabem estabelecer a paz nem mesmo *entre eles*. E ele já percebeu como eles se importam com os seres que vivem abaixo do nível do mar — arrasam comunidades inteiras de vida com um único acidente. Ou caçam determinada espécie até que ela deixe de existir. Mesmo na época de Tritão e Poseidon, quando os seres humanos e os Syrenas coexistiam em amizade, alguns seres humanos ainda demonstravam despreocupação com sua dependência dos mares que os cercam — o que fez com que dois generais estabelecessem a Lei dos Dons. A previsão deles foi valiosíssima ao longo dos séculos, conforme os seres humanos desenvolveram tecnologias que lhes possibilitaram cruzar os mares em grandes navios e, por fim, invadir as profundezas com suas máquinas de morte.

No entanto, Emma é tão inocente quanto Rachel. As duas acreditam que quanto mais conhecermos os seres humanos, mais vamos gostar deles. É, pelo menos, parte do motivo pelo qual Rachel o tem incentivado a voltar para a escola, mesmo que ela esconda esse motivo atrás de *outras* boas razões — como impedir que uma adolescente morra. Galen fica nervoso só de imaginar Emma andando por aqueles corredores sem ele.

— Você está certa — diz ele, enfim. — Preciso ficar na escola. — Galen tira a camiseta e a joga sobre uma cadeira. — Diga a Emma que estou esperando por ela.





Quando meus pés tocam o fundo, Galen me solta. Vou em direção à costa na ponta dos pés, saltando com as ondas como uma criança pequena. Chegando à praia, deito na areia longe o suficiente para a água não molhar meus pés.

— Você não vai entrar? — pergunto a ele.

— Preciso que você jogue para mim o meu short — diz Galen, apontando para um ponto atrás de mim.

— Ah. Ah! Você está nu? — grito, quase parecendo um golfinho.

Claro, eu devia ter pensado que as barbatanas não têm lugar para guardar coisas, e a maioria dos Syrenas não precisaria levar consigo algo como uma roupa de banho. Não importa muito quando ele está na forma de peixe, mas ver Galen — não, *pensar* em Galen — nu na forma humana arruinaria meu plano de usá-lo. Poderia ser minha perdição.

— Então acho que você não está conseguindo ver dentro da água ainda — diz ele. Nego com um movimento de cabeça, e ele continua: — Tirei o short antes de você sair hoje de manhã. Prefiro não estragar a peça sem necessidade.

Pigarreando, eu me levanto e atravesso a faixa de areia, e encontro o short a alguns metros dali. Eu o jogo para ele e volto a me sentar, para o caso de minha visão, de repente, enxergar dentro da água. Felizmente, Galen mantém tudo dentro da água até alcançar a peça, que flutua, e vesti-la. Amarrando o short enquanto caminha em direção à areia, ele chuta água em mim antes de se sentar ao meu lado.

— Por que não consigo me transformar, Galen? — Coloco as pernas contra o peito.

Ele se apoia nos cotovelos e olha para o mar, como se tentasse decidir como responder. Estamos aqui o dia todo, e eu ainda não senti nem um formigamento

nas pernas, muito menos a sensação que ele prometeu.

— Não sei — diz ele. — Talvez você esteja preocupada demais com isso. Procure relaxar, vai acontecer.

— É assim que acontece com você? Sem querer?

— Não, nunca é sem querer. O que quero dizer é que se você parar de prestar atenção e apenas tentar se divertir, talvez aprenda a se transformar.

— Estou me divertindo — declaro, sem olhar para ele.

— Eu também estou.

— Pelo menos, amanhã é sexta-feira. Teremos o fim de semana todo para treinar. Além disso, podemos treinar amanhã depois da escola. Ah, acho que você não precisa mais ir à escola — digo. — Você já alcançou seu objetivo, certo? — Ignoro a pontada em meu peito.

— Na verdade, quero continuar indo por um tempo, ou sua mãe não vai ficar muito feliz em saber que você está namorando alguém que largou os estudos.

Dou risada.

— Não, não ficaria. Mas acho que ela gosta de você.

— Por que diz isso? — pergunta ele, inclinando a cabeça.

— Quando telefonei para ela, ela me pediu para lhe desejar bom dia. E então me disse que você “vale a pena”. — Também disse que você é sexy, o que, na escala das coisas aterrorizantes, está no máximo.

— Ela não vai pensar isso se eu começar a não estudar. Já faltei muito às aulas para fingir nesse aspecto.

— Talvez você e eu possamos fazer uma troca — sugiro, retraindo-me ao perceber que isso poderia ter vários sentidos diferentes.

— Além da troca de saliva?

Sinto um aperto na boca do estômago, mas digo:

— Nojento! Foi a Rachel que ensinou isso a você?

Ele assente, ainda sorrindo.

— E eu ri dias seguidos.

— Bem, como você está me ajudando a tentar me transformar, posso ajudar você com a lição de casa. Sabe, posso ser sua tutora. Assistimos às mesmas aulas juntos, e eu posso usar as aulas como voluntária para me ajudar na hora de me candidatar a uma faculdade.

O sorriso dele desaparece como se eu o tivesse agredido.

— Galen, aconteceu alguma coisa?

Ele relaxa a mandíbula.

— Não.

— Foi só uma sugestão. Não preciso ser sua tutora. Sei lá, já estaremos passando o dia todo juntos na escola e treinaremos à noite. É bem provável que você se canse de mim. — Dou uma risadinha para deixar as coisas leves, contudo, por dentro, tenho a sensação de que as coisas estão fora dos trilhos.

— Não é provável.

Nossos olhares se cruzam. Observando a expressão dele, fico sem fôlego ao ver o sol fazer os cabelos dele brilharem, quase roxos. Porém é o modo como cada raio faz seus olhos reluzirem que me faz desviar o olhar — e, sem querer, olho para os lábios dele.

Ele se curva. Eu levanto o rosto, olho em seus olhos. Acho que o pôr do sol aumenta o ardor em meu rosto, que fica vermelho como um morango, mas pode ser que ele não perceba, já que não decide se quer olhar em meus olhos ou em meus lábios. Consigo sentir o cheiro do sal na pele dele, sentir o calor de seu hálito. Ele está tão perto que o vento faz a mesma mecha de meus cabelos bater no meu rosto e no dele.

Então, quando ele se afasta, eu me sinto agredida. Ele tira a mão que estava enterrada na areia ao meu lado.

— Está escurecendo. Melhor eu levá-la para casa — afirma ele. — Podemos fazer isso de novo, quero dizer, podemos *treinar* de novo, amanhã depois da aula. — Puxo os cabelos para um lado, escondendo minha decepção.

— Sim, é claro.

Não vou conseguir *usá-lo*.

— Na verdade, você não pode ir para a escola amanhã, vairão. — Nós dois olhamos para Toraf e Rayna caminhando em nossa direção na praia. Rayna carrega com dificuldade um monte de coisas dos seres humanos e, pelo sorriso de satisfação, fica claro que ela gostaria de estar carregando mais coisas.

— Por que ele não pode ir?

— Porque ele precisa falar com a família dele. Todo mundo quer saber onde os gêmeos reais estão, já que eles faltaram à cerimônia de coroação de Grom. Pelo menos, tive o bom senso de realizar uma cerimônia privada de acasalamento, pensando na ausência de Rayna, e tudo.

Galen franze o cenho.

— Ele está certo. Precisamos passar uns dias em casa. Nosso pai não é tão protetor quanto nossa mãe, mas ele gosta de nos ver de vez em quando. Principalmente a Rayna. Ela é mimada.

Rayna confirma.

— É verdade. Sou. Além disso, preciso reverter a questão do acasalamento.

— Ah, princesa, achei que nos divertimos hoje. Saiba que vou cuidar para que

— você continue sendo mimada. Por que desejaria nos separar? — pergunta Toraf. Ela deixa que ele leve um pouco das coisas que está carregando, mas não permite que ele beije seu rosto.

Galen ignora a atitude dos dois. Olhando para mim, ele diz:

— Não vou demorar, prometo. Quando eu voltar, talvez possamos visitar o Dr. Milligan. Pode ser que ele consiga nos ajudar.

— Na Flórida? — Pensar nas praias de areia branca e ensolaradas me deixa nauseada. Em meus sonhos, elas estão sempre manchadas de vermelho com o sangue de Chloe.

Galen assente.

— Ele poderia fazer alguns exames. Sabe, para ver se há alguma deficiência. Sinto uma sensação de fracasso tomar conta de mim.

— Então você acha que eu já deveria ter me transformado. O que estou fazendo de errado?

— Não é nada que você esteja fazendo — diz ele. — A água aciona nosso instinto natural de transformação. É mais difícil *não* se transformar do que se transformar. Talvez o Dr. Milligan possa nos ajudar a entender como tornar seu instinto mais forte.

Eu concordo.

— Talvez. Mas tenho certeza de que minha mãe não concordará que eu faça uma excursão com meu namorado sexy pelo país, mais ainda se for de volta à Flórida. — Fecho a boca tão depressa que meus dentes chegam perto de trincar.

Ele sorri.

— Você acha que sou sexy?

— Minha mãe acha que você é. — Só que não é minha mãe quem está corando agora.

— Hum — diz ele, olhando para mim com um olhar do tipo “você está perdida”. — Por mais sexy que eu seja, não acho que ela se renderia ao meu charme nesse caso. Teremos que chamar um profissional. — E, então, o príncipe-peixe pisca para mim.

— Está se referindo a Rachel — digo, com o pé na areia. — Acho que vale a pena. Mas não espere muito. Já perdi muitas aulas.

— Poderíamos ir no fim de semana. Podemos voltar antes da aula, na segunda.

Assinto.

— Pode ser que ela aceite. Se a Rachel fizer as coisas direito.

Sim, pode ser. Pode ser também que ela ponha um piercing na orelha, tinja o

cabelo de vermelho e faça um topete ao estilo papagaio. *Não vai acontecer.*

Eu dou de ombros.

— Vou continuar treinando enquanto você estiver longe. Talvez não tenhamos que ir...

— Não! — Galen e Toraf gritam e me assustam.

— Por que não? Não vou muito fundo...

— Fora de questão — diz Galen, ficando de pé. — Você não entrará na água enquanto eu estiver longe.

Abro um buraco na areia.

— Eu já disse que você não vai me dar ordens, não disse? Agora você *garantiu* a minha entrada na água, Alteza.

Galen passa a mão pelos cabelos e diz uma série de palavrões, ensinados por Rachel, sem dúvida. Ele caminha na areia por alguns segundos, apertando o nariz. De repente, para. Relaxa. Até sorri. Aproxima-se de seu amigo, dá um tapinha em suas costas.

— Toraf, preciso de um favor.





Galen sabe onde encontrar seu irmão. Invadir o isolamento de Grom nos restos das minas dos seres humanos é a última coisa que quer fazer, mas ele está sem tempo. O ponto forte de Emma não é a obediência, o ponto forte de Toraf não é o controle — ele vai aceitar o que ela quer ao primeiro sinal de birra. Ele já disse a Galen que, na teoria, ela será a rainha deles um dia, por isso, ele deve ficar em uma boa situação com ela. E foi uma ordem real que deixou Toraf para trás, incapaz de recorrer a Grom quando Rayna exige a dissolução do acordo. Ao se aproximar da beira do velho campo de minas, Galen decide falar em nome de Toraf. Rayna ficará furiosa, assim como Emma, porém ele deve isso a seu amigo.

As minas o deixam nervoso, sempre foi assim. Há muito tempo, peixes e plantas deixaram essa parte do território de Tritão. Na verdade, até onde Galen sabe, Grom é o único visitante que esse lugar recebe. Buracos grandes o bastante para engolir barcos pesqueiros aparecem no chão do mar com as explosões. A lama ao redor de cada abertura tem uma cor mais escura, como se a explosão deixasse uma sombra. Apenas duas das centenas de bombas permanecem intactas, impotentes, como um monumento silencioso ao que se perdeu aqui. E com a morte de Nalia, os Syrenas perderam mais que a futura rainha. Perderam a unidade. Perderam a confiança. Perderam o legado. E podem ter perdido sua capacidade de sobreviver.

Galen estremece ao passar por uma das bombas intactas. Presa ao chão por uma corrente, a bola de metal flutua tranquilamente, consumida pela ferrugem, deixada pelos seres humanos depois de eles terminarem de investigar a atividade repentina. Como se as cicatrizes na lama não bastassem.

Quando vê seu irmão, ele o chama, apesar de saber que Grom percebeu sua presença antes de entrar no campo minado. Grom ronda o precipício do cânion profundo além das minas, com os braços cruzados.

— Parece que perdi a cerimônia de coroação, Majestade — diz Galen.

Grom esboça um leve sorriso.

— Que pena que o Pai não cumpriu a promessa que fez de arrancar sua língua, irmãozinho. Pensei que ele fosse fazer isso desta vez.

Galen ri.

— Também pensei. Mas Rayna insistiu para eu continuar com minha língua por mais um tempo.

— Você faz bem em deixá-la feliz. Se não fosse por ela, você estaria morto, deserdado ou as duas coisas agora. Acho que ela merece uma viagem especial aos trópicos pelo esforço que empreendeu.

Galen ri. O local preferido de Rayna para procurar objetos de seres humanos é nas rotas de cruzeiros comerciais no Golfo do México. Ela insiste em dizer que as pessoas nos navios jogam fora seus pertences de propósito, para deixarem para trás uma pequena parte delas. Pelo menos foi o que Rachel disse a ela.

— Posso fazer isso. Se ela continuar com Toraf.

Grom vira a cabeça na direção do irmão.

— Ela aceitou Toraf?

— Não. É disso que estou falando. Ela quer pedir a dissolução a você.

— Dissolução do quê?

— Do elo deles.

— Rayna e Toraf estão *unidos*? — pergunta Grom. — Quando isso aconteceu?

— Muito engraçado.

Grom sorri. Galen tenta imaginar o irmão como um ser humano de 80 anos. Cabelos grisalhos, mais rugas que as linhas de uma concha e aquele sorriso de menino que ficaria sem dentes. No entanto, como um Syrena de 80 anos, ele tem a aparência tão jovem quanto a de Galen. Também tem mais dentes, graças a Toraf. Apesar de tudo, ele ainda é errado para Emma. Calmo demais, contido demais, metódico demais para lidar com um furacão como Emma Teimosa McIntosh.

— Tenho esperado pelo dia em que poderei fazer com que Rayna passe a ser problema de outra pessoa — declara Grom. — Mas me sinto mal por isso. Sempre gostei de Toraf.

— Então, você não vai dissolver?

— Nem se Toraf me pedir. As coisas têm sido tão calmas por aqui sem ela. Onde vocês dois têm andado, por falar nisso?

Galen deu de ombros.

— Fazendo o de sempre.

A culpa pesa em sua consciência. “O de sempre” é visitar o Dr. Milligan para saber das últimas notícias marinhas. Ou passar alguns dias com Rachel, carregando as compras mais recentes dela em uma das muitas casas que ele tem. “O de sempre” *não* é viver como um ser humano, ir à escola, dirigir carros ou vestir roupas de seres humanos.

— O Dr. Milligan tinha algo de interessante para você?

— Algumas coisas. Mas nada com que se preocupar.

Grom assente.

— Ótimo. A última coisa de que preciso é de mais alguma coisa para me preocupar.

Por fim, Galen nota o perfil tenso de seu irmão. Mandíbula tensa, bíceps rígidos pelos braços cruzados. As juntas brancas nos pontos em que suas mãos deixam marcas em seus ombros.

Galen fica rígido.

— O quê? O que foi?

Grom balança a cabeça, demonstrando seu desânimo com uma carranca.

— Pode dizer.

— Pode não ser nada — diz Grom.

— Pode ser que não, só que não posso dizer que não há nada.

Seu irmão suspira. Ele olha para Galen com o olhar intenso.

— Vou lhe dizer, irmãozinho. Mas, primeiro, prometa algumas coisas.

— Que coisas?

— Prometa que, não importa o que aconteça, você cuidará para que Rayna seja protegida. Não me importa se vocês tiverem que viver como seres humanos pelo resto da vida, mas mantenha nossa irmã em segurança. Prometa.

— Grom...

— Prometa! — Grom insiste, descruzando os braços.

— Você já sabe que farei isso.

Na verdade, Galen se sente ofendido por ver que o irmão duvida dele.

Grom assente e relaxa.

— Eu sei, mas precisava ouvir isso. — Ele desvia o olhar ao dizer. — Tive uma reunião particular com Jagen.

— Você *o quê*? Ficou maluco? — Primo distante do Rei Antonis, Jagen é o fanfarrão responsável pela conspiração tramada no território de Poseidon. Todo mundo sabe que ele está tentando chegar ao trono, mas, ao longo das décadas, a inflexibilidade de Antonis tem aumentado o número de seguidores de Jagen.

Um bom motivo para Grom se preocupar com a segurança de seus irmãos. Se Jagen de fato for ambicioso o bastante para armar contra seu próprio rei, ninguém pode confiar que ele não tentará destituir a casa de Tritão. Além disso, se alguém viu Grom se encontrar com ele, pode pensar que Jagen obteve o apoio do novo rei de Tritão. Ou pior, o Rei Antonis pode imaginar isso. A pergunta é: eles *deveriam*?

— Sei o que estou fazendo, Galen — declara Grom.

— Parece que não. O que o Pai disse?

— Você sabe que não contei a ele.

Galen assente. Grom seria um tolo se contasse ao pai deles. O Rei Herof e o Rei Antonis eram amigos muito tempo antes de se tornarem inimigos. E agora o Rei Grom aumentaria o abismo entre eles?

— O que o Jagen queria?

Grom suspira.

— Pedi permissão para usar Toraf. Precisa dele para localizar alguém. Alguém que os outros localizadores não conseguem encontrar.

Nada de extraordinário. Por causa de seu valor, os localizadores são os únicos Syrenas capazes de atravessar fronteiras do reino sem medo de serem presos. É claro que Jagen escolheria Toraf, já que ele é o melhor localizador na história da espécie. Por respeito à família de Galen, no entanto, Toraf nunca ultrapassa esses limites. E nunca concordaria em fazer o que Jagen quer sem a permissão real da casa de Tritão. Mesmo assim, pode ser que não faça.

— Só isso? Quem ele precisa localizar?

— Gostaria que fosse só isso. Não é bem *quem* ele precisa localizar, mas *por quê*.

— Juro pelo tridente de Tritão que se você não começar a falar...

— A filha dele, Paca, desapareceu. Ele acha que Antonis a levou.

Galen revira os olhos.

— Por que Antonis a levaria? Se Antonis se importasse com a traição de Jagen, teria feito algo a esse respeito há anos. — Mas Antonis não parecia se importar com mais nada. Desde que Nalia morrera, ele tem se enfiado nas Cavernas reais. Algum localizador de Poseidon contou a Toraf que ele ainda não apareceu desde que declarou a casa de Tritão como inimiga.

— De acordo com Jagen, Paca tem o dom de Poseidon.

As palavras deixam Galen sem reação.

— Não é possível.

Grom balança a cabeça devagar.

— Não é provável. Mas é possível. Ela tem sangue de realza, por mais que seja misturado. E se ela é de Poseidon, não posso ignorar as ramificações de sua habilidade.

— Mas não é assim que as coisas funcionam. O dom nunca foi visto em ninguém, apenas em um descendente direto. — *O que estou dizendo? Estou tentando convencer Grom da mesma coisa a respeito de Emma, com menos provas ainda do que essa? Pelo menos, Paca pode provar algum sangue real.* Entretanto, o pai de Emma não está tentando conseguir o trono. Na verdade, Galen encontrou Emma *por acaso*. O que faz com que o dom de Paca pareça suspeito, na melhor das hipóteses.

— Conversei com os Arquivos. É claro que não contei a eles sobre a acusação de Jagen. Eles acreditam que sou apenas um novo rei interessado, explorando nosso legado.

Os Arquivos são a coleção dos dez mais velhos da espécie — cinco de cada casa —, que recebem a incumbência de recordar a história dos Syrenas. Galen concorda que seria natural que Grom buscasse o conselho deles.

— E?

— Na memória coletiva, eles não se lembram de isso já ter acontecido. No entanto, um dos Arquivos, seu amigo Romul, acredita que seria possível. Ele nos lembrou de que os Dons existiam para garantir a sobrevivência de nossa espécie, não apenas a sobrevivência da linhagem real. Ele disse que não se sentiria surpreso se Tritão e Poseidon pensassem nisso com antecedência, que um membro da realza podia abusar de seu poder. Ele acha que eles podem ter feito uma provisão.

Galen cruza os braços.

— Sei.

Grom ri.

— Foi a mesma reação que tive.

— Mas você disse que não tinha contado a eles sobre Jagen.

— Não contei. Sou um rei novo sem parceira herdando uma guerra sem sangue contra o único outro reino de nossa espécie. É natural que eu faça perguntas criativas.

Galen concorda.

— Mas se os Dons podem ser transferidos para outra pessoa, por que forçar a Realza a se acasalar? A lei dos Dons sempre foi muito rígida. A teoria torna essa lei, e a Realza, inútil. — E isso não é bem aceito por Galen. Em particular o fato de Romul ter dado sua opinião. Todos os Arquivos dizem a verdade — nada mais, nada menos. O próprio Romul havia lhe dito isso quando Galen o visitou, na juventude. Porém Romul é mais que apenas um Arquivo para Galen, é seu mentor. Não, mais que isso, ele é seu amigo. Amigos dividem opiniões.

Mas os Arquivos não podem especular diante dos reis.

— Bem, como você disse, é só uma teoria. E não posso ignorar. Decidi deixar que ele use Toraf. Se Paca estiver viva, Toraf vai encontrá-la.

Galen assente. *E se Paca tiver o Dom de Poseidon, não haverá a necessidade de Emma... pelo menos, não para Grom.* Seu coração se acelera com uma emoção que ele não consegue definir.

— Se isso vazar...

— Não vai.

— Grom...

— Mas se acontecer, mantenha Rayna com você, para onde for. Não quero ver vocês de novo até que tudo seja resolvido.

— Não somos peixinhos. A Rayna até já acasalou.

— Não, mas vocês são o que restou da Realeza de Tritão, irmãozinho.

As palavras pairam entre eles, fazendo pesar a seriedade da situação. Tanta coisa em risco, tanta coisa dependendo de acontecimentos que eles não podiam controlar. Antonis está com Paca? E se estiver, vai devolvê-la de modo pacífico? E se ele não estiver com ela, a investigação de Grom incitará Antonis a começar uma guerra sangrenta?

No entanto vale a pena correr o risco. Se Paca tiver mesmo o Dom, acasalar com Grom garantirá a sobrevivência dos Syrenas. E Galen estará livre para ir atrás de uma certa pessoa de cabelos brancos.

Mas será que as coisas são assim, tão simples?

Grom olha para o cânião, distraído em pensamentos, emoções que não demonstra no rosto. Galen pigarreja, mas não tira o irmão do transe. Pensa em abandonar o assunto. Abrir velhas feridas é a última coisa que ele quer fazer, contudo precisa saber. Nunca haverá um bom momento para falar sobre isso, mas este pode ser o único momento *adequado*.

— Grom, preciso perguntar uma coisa.

Hesitante, Grom desvia o olhar do abismo e olha para o irmão, mas seus olhos ainda parecem distantes.

— Hum?

— Você acredita na atração?

É notório que a pergunta assusta Grom, e o olhar distante se torna repleto de dor.

— Que pergunta é essa?

Galen dá de ombros, e a culpa lhe apunhala como um tridente.

— Algumas pessoas dizem que você sentiu atração por Nalia.

Grom aperta os olhos com os dedos, mas Galen percebe que seu tormento aumenta.

— Não sabia que você dava ouvido a fofocas, irmãozinho.

— Se eu desse ouvido às fofocas não estaria perguntando.

— Você acredita na atração, Galen?

— Não sei.

Grom assente.

— Eu também não sei. E se existe algo assim, acho que seria seguro dizer que senti em relação a Nalia. — Mexendo a cauda, ele nada para a frente, afastando-se do irmão. — Às vezes, juro que ainda consigo senti-la. É fraco, e vem e vai. Em alguns dias, é tão real que tenho a impressão de que estou enlouquecendo.

— Como... como é que se parece?

Galen quase não consegue perguntar. Ele já tinha resolvido nunca ter essa conversa com Grom. Mas as coisas mudaram.

Para sua surpresa, Grom ri.

— Tem alguma coisa que eu preciso saber, irmãozinho? Alguém finalmente pescou você?

Galen não consegue fechar a boca antes de seu irmão se virar.

A risada de Grom parece estranha ali.

— Parece que você está atraído e enrolado. Quem é ela?

— Não é da sua conta. — *Pelo menos, não por enquanto.*

Grom sorri.

— Então é o que você tem feito. Está atrás de uma fêmea.

— Pode-se dizer isso. — Na verdade, seu irmão pode dizer o que quiser. Ele não vai contar a Grom sobre Emma. Não enquanto Paca está em algum lugar, apenas esperando para se acasalar com um rei de Tritão.

— Se não vai me contar, perguntarei a Rayna.

— Se a Rayna soubesse, todo mundo já estaria sabendo.

— Verdade — diz Grom, sorrindo. — Você é mais esperto do que eu penso, girino. Tão esperto, na verdade, que sei que não preciso dizer a você para mantê-la longe daqui, seja lá quem ela for. Só até as coisas se acertarem.

Galen assente.

— Não precisa se preocupar com isso.





O cheiro de muffins de mirtilo costuma acalmar meu mau humor, mas depois do banho morninho que acabei de tomar esses muffins não têm a menor chance de melhorar meu humor. Minha mãe está tirando a forma do forno quando desço a escada.

— O aquecedor de água está quebrado? — pergunto, puxando uma tigela do armário.

— Bom dia para você também — diz ela, colocando um muffin sobre o papel-manteiga, com a ajuda de um garfo, para esfriar.

— Desculpa. Bom dia. O aquecedor de água está quebrado? — Pego uma colherada de mingau de aveia da panela sobre o fogão e coloco dentro da tigela. Um muffin cai no meu pé... sempre acontece um acidente desse tipo porque a forma gruda.

— Não que eu saiba, querida. Eu tomei banho hoje cedo e não notei nada de diferente.

— No mínimo quebrou na minha vez — digo, pego um muffin e o levo à mesa. Minhas pernas estão doloridas demais para eu me abaixar de modo digno, então me jogo na cadeira e enfio a colher de mingau na boca para não reclamar ainda mais. Minha mãe passou a noite toda trabalhando, e ainda preparou o café da manhã. Ela não merece mau humor.

— O Galen vem buscá-la para ir à escola?

— Não, vou de carro. — O mau humor piora. É claro. Sim, é irritante tomar um banho morno quando a intenção era esquentar a pele do corpo. Só que não poder ver Galen hoje é mais decepcionante do que não ter água quente durante todo o inverno. E detesto isso.

Passar o dia anterior todo com ele acabou com minha intenção de mantê-lo

afastado. Ainda que ele não valha nada, Galen é muito gracinha. Menos o hábito que tem de quase me beijar. Mas a obsessão que tem de me dar ordens é uma fofura. Principalmente quando fica bravo porque não dou ouvidos a ele.

— Vocês dois já estão brigando?

Ela está jogando um verde, e não sei bem o que pretende com isso. Dar de ombros parece o mais seguro a se fazer até eu entender o que ela quer ouvir.

— Vocês brigam com frequência?

Dou de ombros de novo e enfio o mingau na boca para não poder falar por pelo menos um minuto, tempo mais que suficiente para ela mudar de assunto. Mas ela não muda. Depois de mais um minuto, pego meu copo de leite.

— Olha, se ele machucar você...

O copo já está inclinado, eu engulo antes de o leite escapar por meu nariz.

— Mãe, ele nunca bateria em mim!

— Não disse que ele vai fazer isso.

— Ótimo, porque ele não vai fazer. Nunca. O que deu em você? Será que precisa fazer um interrogatório a respeito de Galen sempre que me vê?

Dessa vez, ela dá de ombros.

— Parece a coisa mais certa a se fazer. Quando tiver filhos, você vai entender.

— Não sou idiota. Se o Galen aprontar, vou largá-lo ou matá-lo. Você tem a minha palavra.

Minha mãe ri e passa manteiga em meu muffin.

— Acho que não posso pedir mais do que isso.

Aceito o muffin — e a trégua — e digo:

— Não. Qualquer coisa além disso seria demais.

— Mas lembre-se de que estou de olho. Menos agora, porque estou indo para a cama. Coloque sua tigela dentro da pia antes de sair. — Ela beija minha cabeça e boceja antes de subir a escada.



Estou exausta quando chego em casa, apesar de o dia na escola ter sido muito chato sem Galen e sem Chloe. Minha mãe está zanzando pela casa como uma abelha perdida.

— Oi, querida, como foi seu dia? Você viu minhas chaves?

— Não, sinto muito. Você olhou dentro do bolso da calça que usou ontem? — pergunto, abrindo a porta da geladeira para pegar alguns morangos.

— Boa ideia! — O carpete da escada abafa o som de seus passos. Ela reaparece alguns segundos depois enquanto enfio um morango na boca e me recosto no balcão. — Minha roupa de ontem não tinha bolsos — diz ela, puxando os cabelos para fazer um rabo de cavalo.

— Por que não vai com o Honda? Vou continuar procurando as chaves.

Minha mãe assente.

— Você não vai a lugar nenhum hoje à tarde? Ainda está brigada com o Galen?

— Meu único plano para esta noite é correr atrás do trabalho atrasado. — Isto é, depois que eu voltar após tentar me transformar em peixe.

Como a carranca de preocupação de minha mãe não se transforma em dúvida, acho que ela está tentando manter a trégua.

— Certo, tem comida na geladeira. Se a Julie não aparecer de novo à noite, terei que dobrar o turno, então pode ser que só nos vejamos amanhã. Não se esqueça de trancar tudo antes de dormir.

Quando ouço o motor do Honda lá fora, pego meu celular. Galen disse que Rachel nunca atende, mas que retorna a ligação quando deixamos recado. Depois que uma gravação da Trans-Atlantic Warranty Company me dá a opção de deixar uma mensagem ou telefonar de novo durante o horário comercial, espero o bipe.

— Oi, Rachel, aqui é a Emma. Diga ao Toraf que ele está livre esta noite. Não posso ir ao treino hoje. Talvez eu o encontre amanhã. — NÃO. Não preciso de babá. Galen precisa entender que não sou uma de suas servas. Além disso, Toraf entrou para minha lista de pessoas que merecem ser ignoradas, por forçar Rayna a se casar com ele e tudo mais.

Depois de alguns minutos, Rachel age como Galen disse que ela agiria.

Quando atendo o telefone, ela diz:

— Oi, linda. Você não está se sentindo mal de novo, está?

— Não, estou bem, só um pouco dolorida por causa de ontem, acho. E minha mãe precisou ir trabalhar com meu carro, então não tenho como chegar.

Ela pensa um pouco no silêncio que se faz em seguida. Fico surpresa por não se oferecer para me buscar. Talvez não goste de mim tanto quanto quer me fazer acreditar.

— Ligue para mim amanhã, tudo bem? O Galen quer que eu tenha notícias sempre.

— Que gentil da parte dele — digo com tédio.

Ela ri.

— Pegue leve com ele, porque as intenções são boas. Ele ainda não sabe como lidar com você.

— Não preciso que lidem comigo.

— Parece que ele acha que precisa. E até que ele deixe de pensar isso, receio que você terá que me aguentar.

Procuro não parecer grosseira ao perguntar:

— Você sempre faz o que ele manda?

— Nem sempre.

— Ah, tá, sei.

— Emma, se eu sempre fizesse o que mandam, você estaria presa em um quarto de hotel em algum lugar enquanto eu providenciaria um jatinho para um local privado, à escolha de Galen. Agora, descanse. Esperarei sua ligação amanhã.

Jogo a toalha na areia, corro e mergulho nas ondas. Espero que o primeiro contato seja refrescante, uma emoção grande de sentir meu fôlego sendo roubado, o tipo de arrepio que qualquer outono que se prezasse em Nova Jersey proporcionaria. Quando volto à superfície, porém, eu me irrita. A água está morna. Como a água do chuveiro. Como minha vida amorosa.

Vou contra as ondas e me forço a descer. Prendo a respiração e boio, e pressiono o botão start do velho cronômetro de meu pai. E encontro mais um motivo para detestar a passagem do tempo: é chata. Para não ver os minutos passando, recito o alfabeto. E então, recito as estatísticas do *Titanic*, como qualquer pessoa obcecada faria. Alguns caranguejos passam por mim, e escutam quando comparo o número de botes salva-vidas com o de passageiros enquanto as ondas me levam para a costa.

Depois de quinze minutos, meus pulmões começam a arder. Depois de dezessete, eles parecem de borracha, com a capacidade máxima atingida. Com vinte minutos, a situação se torna insuportável. Subo e paro o cronômetro.

Vinte minutos e quatorze segundos. Nada mal para um ser humano. O recorde mundial é de treze minutos e trinta e dois segundos. Mas para um peixe, é bem ruim. Não que os peixes prendam a respiração, só que não tenho guelras com as quais contar. De acordo com Galen, ele também não prende a respiração. Os Syrenas enchem o pulmão de água e, ao que parece, absorvem o oxigênio de que precisam dela. Minha confiança não é grande o bastante para tentar. Na verdade, desenvolver uma cauda será a única maneira de me fazer acreditar. Nem mesmo quebrar um recorde mundial em minha primeira tentativa basta para me convencer a inalar água do mar. Não vai rolar.

Volto a entrar na água e reinicio o cronômetro. Mergulhando, aperto start. E

então, eu sinto. A pressão na água ao meu redor, as batidas sem ritmo. O pulso. Alguém está perto. Alguém que não reconheço. Ando para trás devagar, na ponta dos pés, tomando cuidado. Depois de alguns segundos, andar na ponta dos pés não faz muito sentido. Se posso senti-los, eles podem me sentir. A pulsação está se tornando mais forte. Estão vindo na minha direção. Depressa.

Deixando o cuidado, a educação e o cronômetro de meu pai para trás, eu me apresso como uma maluca para chegar a uma parte mais rasa. De repente, a ordem que Galen deu para que eu ficasse em terra não parece tão irracional. *Onde estou com a cabeça?* O pouco que sei sobre os Syrenas foi o que aprendi nas últimas vinte e quatro horas na casa dele. Eles têm uma estrutura social como os seres humanos. Governo, leis, família, amizade. Eles também têm criminosos? Do mesmo jeito que existem estupradores e assassinos em série entre os humanos? Se têm, acabei de cometer o equivalente humano de caminhar em um estacionamento escuro sozinha. Idiota, idiota, idiota.

Sou surpreendida por uma onda e percebo que meus pulmões ainda não estão prontos para a água. Tossir e engasgar fazem com que eu demore um pouco, mas a costa está próxima e estou de olho em um galho mais grosso do que o meu braço acima da areia molhada. Não importa que ele se quebra como um pauzinho na cabeça de qualquer Syrena.

Estou com a água na altura do joelho quando a mão segura meu tornozelo. Olho para baixo, porém meu agressor, obviamente, está camuflado, e é só uma forma dentro das ondas. A água não interrompe meu grito, mas o abafa no mundo dos seres humanos. A mão é forte e grande, e me tira da segurança da margem como uma correnteza. Estou desperdiçando ar valioso ao chutar e gritar com a bolha camuflada, mas não vou me entregar sem lutar.

O chão do mar é uma rampa íngreme. Poucos raios de sol atravessam até o fundo. Esses raios desaparecem quando meus olhos se ajustam, e vejo tudo envolto por um brilho que parece o da tarde. Quanto mais luto, mais rápido atravessamos a água — e mais forte ele me segura.

— Você está me machucando! — grito. Paramos bem depressa.

— Opa, me desculpe — diz a massa, materializando-se como Toraf. Ele solta meu tornozelo.

— Você!

— É claro que sou eu. Quem mais seria?

Emergimos sob o céu escuro da noite. Vejo estrelas, contudo não sei se elas são reais ou se são resultado da falta de oxigênio. Toraf se exhibe lançando o corpo para fora da água, cortando as ondas como um golfinho no Sea World.

— Pare de gracinhas — digo a ele. — Quanto tempo permaneci dentro da água? Dá o cronômetro.

— Vinte e sete minutos e dezenove segundos — declara ele, colocando o

cronômetro em minha mão esticada. Ele se assusta. — Nossa! O que aconteceu com as suas mãos?

— Como assim? — Eu viro as mãos para lá e para cá, e me esforço para enxergar à luz da lua. Não vejo sangue, nem cortes, nem arranhões. Remexendo todos os dez dedos, digo a ele: — Não tem nada de errado com elas, está vendo? — Ele arregala os olhos e eu volto a olhar. Nada ainda. — Toraf, se for mais uma gracinha...

— Emma, não é gracinha. *Olhe* para as suas mãos! Elas estão... elas estão... enrugadas!

— Sim, porque...

— Olha, não vou ser responsabilizado por isso. Não é minha culpa.

— Toraf...

— Mas o Galen vai encontrar um jeito de me culpar. Ele sempre encontra. “Você não teria sido pego se não tivesse nadado tão perto daquele barco, girino”. Não, não pode ser culpa dos seres humanos pescar, para começo de conversa...

— Toraf.

— Ou que tal “Talvez se você parasse de tentar beijar minha irmã, ela não tivesse batido em sua cabeça com uma pedra”. Como o fato de eu beijá-la poder alguma coisa a ver com ela bater uma pedra na minha cabeça? Se quer saber, eu acho que foi um problema de falta de educação...

— *Toraf.*

— Ah, e tem a minha preferida: “Quem brinca com peixe-leão, acaba se ferindo”. Eu não estava *brincando* com ele! Só o estava ajudando a nadar mais depressa segurando suas barbatanas...

— TO-RAF!

Ele para de andar pela água, até parece se lembrar de que eu existo.

— Sim, Emma? O que você estava dizendo?

Respiro fundo como se estivesse prestes a ficar submersa pelos próximos trinta minutos.

Solto o ar lentamente e digo:

— Não é culpa de ninguém. Minha pele fica toda enrugada assim quando fico dentro da água por muito tempo. Sempre foi assim.

— Não existe isso de ficar na água por muito tempo. Não para os Syrenas. Além disso, se sua pele se enrugasse desse jeito, você nunca vai conseguir se camuflar. — Toraf estende a mão para mim, mostra a palma, lisa como uma estátua. Então ele afunda a mão e ela desaparece. Camuflada. Ele cruza os braços, triunfante. A acusação fica clara.

— Ah, você tem razão. Sou apenas um ser humano com pele grossa, olhos

violeta e ossos fortes. O que significa que você pode ir para casa. Mande um oi para o Galen.

Toraf abre e fecha a boca duas vezes. Nas duas vezes, parece que ele quer dizer alguma coisa, no entanto sua expressão me diz que seu cérebro não está colaborando. Quando fecha a boca pela terceira vez, joga água em seu rosto.

— Vai dizer alguma coisa ou está tentando pegar o vento e sair boiando pela água?

Ele abre um sorriso.

— Ele gosta disso, sabia? Da sua impaciência.

Sei, sei. O Galen é um cara de personalidade tipo A — e pessoas assim detestam espertinhos. Pode perguntar para a minha mãe.

— Não quero ofender, mas você não é, exatamente, especialista em julgar as emoções das pessoas.

— Não entendi muito bem o que você quer dizer com isso.

— É claro que entendeu.

— Se está falando de Rayna, então, está errada. Ela me ama. Só não admite.

Reviro os olhos.

— Sei. Então ela está bancando a difícil? Bate com uma pedra na sua cabeça, machuca seus lábios, te chama de polvo o tempo todo...

— O que quer dizer “bancar a difícil”?

— Quer dizer que ela está tentando passar a impressão de que não gosta de você, para que você acabe gostando dela ainda mais. Para você se esforçar mais para chamar a atenção dela.

Ele assente.

— Exatamente. É bem isso o que ela está fazendo.

Apertando o nariz, eu digo:

— Acho que não. Enquanto conversamos, ela está desfazendo a união de vocês. Isso não é bancar a difícil. Isso é bancar a impossível.

— Ainda que ela dissolva a união, não é porque não se importa comigo. Só gosta de brincar. — Sinto a dor na voz de Toraf e fico comovida. Ela pode gostar de brincar, mas os sentimentos dele são reais. E não me identifico com isso?

— Só existe um meio de descobrir — digo com delicadeza.

— Descobrir?

— Se ela só quer jogar.

— Como?

— *Você* deve se fazer de difícil. Sabe quando dizem “Se você ama alguém, deixe-o partir. Se ele voltar, é porque nunca quis ir?”.

— Nunca ouvi isso.

— Certo. Não teria como ter ouvido — suspiro. — Basicamente, estou tentando dizer que você precisa parar de dar atenção à Rayna. Afaste-a. Trate-a como ela trata você.

Ele balança a cabeça.

— Não acho que posso fazer isso.

— Vamos ter a resposta dessa maneira — afirmo, dando de ombros. — Só que parece que você não quer saber.

— Quero saber. Mas e se a resposta não for boa? — Ele retorce o rosto como se tivesse acabado de chupar um limão.

— Você precisa estar preparado para lidar com a verdade, não importa qual seja. — Toraf assente, com a mandíbula tensa. As escolhas que precisa fazer farão com que ele perca o sono. Decido não me intrometer mais. — Estou bem cansada, vou voltar. Vejo você na casa do Galen de manhã. Talvez eu consiga passar dos trinta minutos amanhã, não é? — Cutuco seu ombro com o punho, mas só recebo um sorriso amarelo.

Fico surpresa quando ele segura minha mão e começa a me puxar pela água. Pelo menos, é melhor do que me agarrar pelo tornozelo. Fico pensando que Galen poderia ter feito a mesma coisa. *Por que ele me abraça, então?*



No sábado, consigo passar trinta e cinco minutos dentro da água. Na tarde de domingo, aumento para quarenta e sete. É preciso dizer algo sobre o treino... ainda que eu não esteja treinando nada. Só fico dentro da água, prendendo a respiração, deixando minha pele ficar enrugada que nem a de minha avó.

Tiro os pés de pato que Toraf trouxe para mim e os joga na praia. Fico de costas enquanto ele veste a sunga.

— Você está decente? — pergunto, depois de alguns segundos. Por mais que eu diga que não consigo ver dentro da água, ele insiste em dizer que estou tentando ver sua “enguia”? *Por favor!*

— Ah, estou mais do que decente. Estou demais. — Eu tive que concordar. Toraf é bonito, engraçado e gentil — o que me faz questionar a atitude de Rayna. Estou começando a entender por que Grom a uniu a ele. Quem poderia ser melhor para ela do que Toraf?

No entanto, dizer isso a Toraf seria quebrar nosso pacto de não falar sobre Rayna e Galen. Desde sexta-feira à noite, falamos sobre tudo, menos sobre eles. Sobre Grom e Nalia. Sobre o acordo de paz que o General Tritão e o General Poseidon fizeram depois da Grande Guerra. Sobre o gosto de frutos do mar — bem, nós discutimos quando falamos sobre isso.

Mas, na maior parte do tempo, apenas treinamos. Eu, prendendo a respiração; Toraf, contando o tempo. Ele não sabe explicar como posso me transformar em um peixe, assim como Galen também não soube. E concorda que a sensação é quase como uma vontade incontrollável de se espreguiçar.

Toraf se aproxima de mim na água.

— Não acredito que o sol já se pôs — digo a ele.

— Eu acredito. Estou morrendo de fome.

— Também estou. — Deve ser pelas calorias extras que tenho queimado na água.

Ele dá de ombros.

— Só sei que... — Ele vira a cabeça na direção da água e de novo para mim. Segura meus ombros, me puxa para perto.

E então, ele rompe nosso acordo.

— Você se lembra do que disse sobre Rayna? Sobre ela bancar a difícil? — Ele lança um olhar na direção do mar, e volta a olhar para mim.

E franze a testa.

Assinto, assustada com sua expressão.

— Tenho pensado sobre isso. Muito. E quero fazer. Mas... mas eu preciso de sua ajuda.

— É lógico que vou ajudar você. No que precisar — digo. Mas algo parece estranho quando ele me puxa para perto.

— Ótimo — declara ele, observando o pôr do sol. — Galen e Rayna estão perto.

Eu me surpreendo.

— Como sabe disso? Não consigo senti-los. — Meu coração me trai, batendo forte como se eu tivesse corrido por cinco quilômetros na subida. Não tem nada a ver com o que sinto, mas tudo a ver com a menção ao nome de Galen.

— Sou um localizador, Emma. Consigo sentir a presença deles quase do outro lado do mundo, a de Rayna em particular. E pelo que sinto, Galen está batendo aquelas barbatanas como um louco para voltar para você. Rayna deve estar nas costas dele.

— Você sabe o que ela está fazendo?

— Sei a qual velocidade ela está se movimentando. Ninguém consegue nadar tão depressa quanto Galen, nem Rayna. Ele deve estar muito ansioso para ver você.

— Sei. Ansioso para que eu consiga me transformar e ele possa ter mais uma serva na qual mandar.

O riso de Toraf me assusta, não porque foi alto, mas porque seu humor parece inconstante.

— É o que você acha? — pergunta ele.

De repente, a pulsação de Galen toca minhas pernas como um golpe físico. Toraf me tira da água e seguimos em direção a casa.

— Ele teve muitas oportunidades de me mostrar algo diferente — digo, minhas palavras se agitam a cada passo apressado que dou na areia. Atrás de nós, escuto Galen e Rayna rindo de alguma coisa. O modo como a água espirra me faz pensar que eles estão molhando um ao outro.

Toraf para diante da cerca baixa, um limite apático que separa a areia da praia de Galen da areia da praia do condado.

— Bem, estou prestes a ensinar uma lição a esses membros mimados da realeza. Você confia em mim, Emma?

Confirmo com um movimento de cabeça, porém algo me diz que eu não deveria confiar. Minha intuição se confirma quando Toraf me puxa contra seu peito e encosta seus lábios nos meus. Quando tento me afastar, ele agarra meus cabelos e me prende ali. O silêncio repentino atrás de nós é mais alto do que qualquer riso tenha sido.

Posso dizer que Toraf sabe beijar. Ele mexe os lábios do jeito certo, delicados e firmes ao mesmo tempo. E mesmo comendo tantos frutos do mar, não tem cheiro nenhum na boca.

Tudo naquele beijo, porém, está errado, muito errado. Se eu tivesse um irmão, seria como se eu o estivesse beijando. E então, sinto outra coisa. Arrepios pelo corpo todo. Como se eu tivesse sido atingida por um raio.

E Galen — não um raio — bate em Toraf, afastando nós dois. Por sorte, Toraf me solta imediatamente em vez de me derrubar com ele. Os dois caem na areia, e Galen dá socos como uma máquina. Mas estou assustada demais para me mexer.





Em meio a socos, Galen grita com raiva.

— Eu confiei em você! Eu disse para você ficar de olho nela, não para beijá-la!

A risada de Toraf faz com que Galen bata com mais força. Galen sabe que Emma está gritando para que ele pare, agora que saiu do transe no qual entrou com o beijo.

Ele sente um calor nos bíceps, onde Emma se esforça para impedir o próximo golpe.

— Pare com isso, Galen! Agora mesmo!

Ele vira a cabeça na direção dela, e a preocupação que Emma demonstra com Toraf quase o tira do sério.

— Por quê? Por que devo parar?

— Porque ele é seu amigo. Porque ele é o parceiro de sua irmã! — ela grita.

— Mas são os mesmos motivos pelos quais eu deveria *matá-lo*, Emma. Você não está sendo razoável.

— Rayna, me ajuda! — Emma se lança em cima de Galen, encostando o ombro em seu peito.

Com Emma a sua frente, fica difícil acertar Toraf. Emma é macia e cheira bem, o que o distrairia mesmo que ele não a estivesse abraçando como um polvo. Ele não sabe dizer quem é quem quando eles caem na areia.

Caindo por cima, Galen usa a mão para proteger a nuca de Emma e impedir que bata em um pedaço de madeira. Pensou na última pancada que ela havia levado e se preocupou.

— Pelo tridente de Tritão, Emma, você não pode se jogar no meio de uma briga! Pode se machucar! — diz ele, sem fôlego.

Ela o empurra com os punhos cerrados.

— Uma briga envolve duas pessoas, Alteza. Não notou que Toraf não revidou?

Na verdade, não. E Galen não se importou. Afasta-se dela. Ela recusa a ajuda para se levantar. Ele dá de ombros, irritado com a rejeição.

— Azar dele. Agora, vá para casa. Toraf e eu ainda não terminamos.

Toraf está de pé, tirando a areia do corpo. Galen demora um pouco para perceber que Rayna não ajudou a separar os dois. Na verdade, ela não disse nada.

Continua de pé na praia, onde ele a deixou, o rosto retorcido em um misto de choque, raiva e dor. A raiva se desfaz quando Toraf ajeita a sunga e passa por ela. Na verdade, o choque passa, também. Só a dor fica, marcando sua expressão.

Seu parceiro está dentro da água, na altura dos joelhos, quando ela enfim o chama.

— Toraf?

Ouvir sua voz embargada deixa Galen surpreso.

Toraf não percebe. Ou não percebe, ou não se importa.

— Hum? — responde ele, como se ela não merecesse todo o esforço do mundo.

— Você... você beijou Emma.

— Sim? — diz ele, olhando de um jeito impaciente para o mar.

— Mas... você está acasalado *comigo*.

Ele dá de ombros.

— Estou? Pelo que sei, você ia procurar Grom para nos separar. Pensei que não devia mais gastar seu tempo, ou o meu. E você tem que admitir que Emma não é uma escolha nada ruim. — Ele se vira e pisca para Emma. Galen parte na direção dele, mas Emma segura seu braço. Galen range os dentes.

Rayna dá pequenos passos em direção a Toraf como se estivesse se aproximando de um tubarão na hora de sua refeição.

— Mas não nos separei. Ainda estamos unidos.

Toraf cruza os braços.

— É mesmo? Grom não nos separou?

Rayna para, com os braços soltos ao lado do corpo.

— Não pedi para ele fazer isso. — Galen não consegue ver o rosto dela, mas, pela voz embargada, percebe que Rayna luta para manter o controle e, pela

primeira vez, não está irada.

O que deu em todo mundo? Toraf parece indiferente. Rayna envolve o próprio corpo com os braços de modo inseguro. E Emma... Emma não mudou nada. Ainda linda e ainda teimosa como sempre.

— Não sei por quê — diz Toraf, entrando mais na água. — Nós dois sabemos que as coisas entre nós não vão dar certo.

Rayna também entra.

— O que não vai dar certo? Você disse que me amava.

Ele ri alto.

— E você me machucou por isso.

— Você não deve guardar mágoas — declara ela. — Além disso, você me surpreendeu.

— Surpreendi? Estou correndo atrás de você desde que éramos pequenos. Não — diz ele, balançando a cabeça. — Você sempre esteve certa. Não devemos ficar juntos. Na verdade, eu mesmo pedirei a Grom que nos separe. — Sem dizer mais nada, ele mergulha, e a ponta de sua cauda aparece em meio às ondas.

Rayna se vira para Galen, incrédula.

— Ele está falando sério?

— Parecia estar falando sério — replica Galen, tão chocada quanto a irmã.

— Toraf, espere! — Rayna chama antes de se jogar na água atrás dele.

Galen e Emma observam os dois enquanto o sol se põe. Galen não tem mais certeza de que tudo isso acabou de acontecer, ou que um dia conseguirá fechar a boca de novo. *Como ele pôde me trair desse jeito?* Toraf tem em si mais lealdade que uma praia tem areia. *Ou pensei que tivesse.* Se ele estava enganado a esse respeito, sobre o que mais havia se enganado?

Ele interpretou mal a devoção de Toraf a Rayna. Como pôde? Toraf se recusou a selecionar, insistindo em dizer que Rayna era a parceira certa para ele. Ficou doente quando ela o recusou pela primeira vez. Não, Toraf nunca trataria Rayna desse modo. E Rayna nunca correria atrás de Toraf. Nunca.

E Emma. Ela sem dúvida se aproximara de Toraf nos três dias em que ele esteve longe. *É minha culpa. Eu devia ter beijado Emma. Deveria ter deixado a lembrança com ela em vez de brigar para que ela permanecesse em terra.* Mas de que resolveria? A possibilidade de que um dia ela beije o irmão de Galen ainda é muito grande. Será que ele não deveria se acostumar a vê-la beijando outra pessoa? *Mas isso é diferente. Nunca planejei vê-la beijando Grom.* Na verdade, ele planejava nunca mais vê-la depois que a entregasse a seu irmão.

Grom. Toraf também traiu Grom. Teoricamente, ele pode ter beijado sua futura rainha. Quando Toraf dissera que queria se aproximar dela, Galen não

fazia ideia de que ele levaria as coisas tão longe. E Toraf não pode estar esperando que vai se acasalar com Emma. Ela já está prometida — de um jeito ou de outro.

De soslaio, ele olha para ela. Braços cruzados, olhos arregalados. Lábios e bochechas vermelhos como uma lagosta.

Ele pigarreia.

— Há quanto... há quanto tempo isto está rolando? — pergunta ele de modo suave.

Ela se vira para ele.

— Há quanto tempo está rolando o quê?

— Você e Toraf. Se beijando.

— Ah. Cerca de dez minutos.

Melhor do que ele esperava. O alívio o invade como um tsunami. Se tivesse acontecido durante todo o tempo em que ele tinha se ausentado... não conseguia nem pensar nessa possibilidade. Toraf infringiu a lei dos Syrenas ao beijar Emma. Beijar alguém que não seja sua parceira faz com que a pessoa tenha que passar dez ciclos de luz nas cavernas de gelo. É considerada uma das ofensas mais graves. Se ele a tivesse beijado durante todo o fim de semana, cada beijo contaria como uma violação individual.

Ainda assim, Toraf pensou que Rayna os tivesse separado. Pensou que estava livre para beijar quem quisesse. *Mas por que tinha que ser Emma?* Ela é a pior escolha para ele por mais motivos do que Galen consegue dizer.

Como se eu já não tivesse coisas suficientes com as quais me preocupar. Meu reino está ameaçado pela guerra, pela extinção ou pelas duas coisas, e a única maneira de resolver isso é abrindo mão da única coisa que quero. E vem Toraf e faz uma coisa dessas. Ele traiu a mim e a minha irmã. Galen não consegue imaginar o que poderia ser pior. Então, não está esperando a reação de Emma, que ri.

Ele se vira para ela.

— E você acha isso *engraçado*?

Ela ri tanto que precisa se recostar nele para se apoiar. Galen tenta controlar a vontade que sente de abraçá-la. Secando as lágrimas dos olhos, ela diz:

— Ele me beijou!

A confissão faz com que ela caia na risada de novo.

— E você acha isso *engraçado*?

— Você não entende, Galen — declara ela, começando a soluçar de tanto rir.

— Com certeza, não.

— Você não está vendo? Funcionou!

— Tudo que vi foi Toraf, o parceiro de minha irmã, meu *melhor amigo*, beijando minha... minha...

— Sua o quê?

— Aluna. — *Obsessão*.

— Sua aluna. Uau. — Emma balança a cabeça e então soluça.

— Bom, sei que você está bravo com o que ele fez com a Rayna, mas ele fez aquilo para provocar ciúmes.

Galen tenta entender aquilo, no entanto não consegue.

— Está me dizendo que ele beijou você para deixar Rayna com ciúme?

Ela assente, rindo de novo.

— E funcionou! Você viu a cara dela?

— Está dizendo que ele armou uma para cima de Rayna. — *E não comigo?*
Galen balança a cabeça. — De onde ele tiraria uma ideia dessas?

— Eu disse a ele para fazer isso.

Galen cerra os punhos sem perceber.

— Você disse para ele beijar você?

— Não! Mais ou menos. Mas não para valer.

— Emma...

— Eu disse que ele tinha que bancar o difícil. Sabe, agir como quem não se importa. Ele decidiu me beijar por conta própria. Estou muito orgulhosa dele!

Ela acha que o Toraf é um gênio por beijá-la. Ótimo.

— Você... você gostou?

— Eu disse que gostei, Galen.

— Não do plano dele. Do beijo.

A alegria desaparece do rosto dela.

— Não é da sua conta, Alteza.

Ele passa a mão pelos cabelos para se conter e não agarrá-la.

E beijá-la.

— Pelo tridente de Tritão, Emma. Você gostou ou não? — Ela dá vários passos para trás e coloca as mãos na cintura.

— Você se lembra do Sr. Pinner, Galen? Da aula de História Mundial?

— O que isso tem a ver com o que aconteceu aqui?

— Amanhã é segunda-feira. Quando eu entrar na sala do Sr. Pinner, ele não vai me perguntar se eu gostei do beijo de Toraf. Na verdade, ele não vai nem se preocupar em saber o que eu fiz o fim de semana todo. Porque eu sou aluna dele. Assim como sou *sua* aluna, lembra? — Seus cabelos voam para o lado quando ela se vira e se afasta com seu andar hipnotizante. Emma pega a toalha e calça os chinelos e, em seguida, sobe o monte em direção a casa.

— Emma, espere.

— Estou cansada de esperar, Galen. Boa noite.

A praia costumava acalmá-lo. Assim como as minas acalmam Grom. Agora, a lua faz com que Galen se lembre da cor dos cabelos de Emma. A areia, como ela enfia o pé no chão do mar. Até mesmo a vegetação imita o balançar de seu quadril. A praia o tortura esta noite. Como as minas devem torturar Grom. E assim como Grom, ele não consegue sair dali.

Toraf aparece de dentro da água, usando um dos shorts de Galen. Galen não se levanta. Toraf senta-se ao lado dele, um pouco longe.

— Você deveria dormir, vairão. Não tem aula amanhã?

Galen assente sem olhar para ele.

— Daqui a três horas. Onde está a minha irmã?

— Está preparando a ilha que encontramos esta noite.

Galen balança a cabeça.

— Você é um maluco. Devia ter me contado o que estava planejando.

Toraf ri.

— Ah, claro. “Ei, Galen, preciso pegar a Emma emprestada por alguns minutos para beijá-la, tudo bem?”. Não acho que isso teria dado muito certo.

— Você acha que seu ataque-surpresa deu mais certo?

Toraf dá de ombros.

— Estou satisfeito.

— Eu podia ter matado você hoje.

— Sei.

— Nunca mais faça isso.

— Eu não planejei. Mas foi muito bonito de sua parte defender a honra de sua irmã. Um gesto muito fraternal — Toraf ri.

— Cala a boca.

— Só estou dizendo.

Galen passa a mão pelos cabelos.

— Eu só enxerguei a Emma. E me esqueci totalmente de Rayna.

— Eu sei, idiota. Por isso deixei você me bater cinquenta e oito vezes. Era o que eu faria se alguém beijasse a Rayna.

— Cinquenta e nove vezes.

— Não se empolgue, vairão. Por falar nisso, a Emma ficou muito brava ou só um pouco? Devo me afastar por um tempo?

Galen bufou.

— Ela riu tanto que eu pensei que ela fosse desmaiar. Eu é que estou em apuros.

— Que estranho. O que você fez?

— O de sempre. — Esconder os sentimentos. Dizer a coisa errada. Agir de modo possessivo, como um tubarão-touro.

Toraf balançou a cabeça.

— Ela não vai tolerar isso para sempre. Ela já acha que você só quer que ela se transforme para ter mais uma serva real à sua disposição.

— Ela disse isso? — Galen faz uma careta. — Não sei o que é pior. Deixar que ela pense isso ou contar a verdade sobre o motivo pelo qual a estou ajudando a se transformar.

— Na minha opinião, não há nada a dizer a menos que ela se transforme. E até agora, ela não conseguiu.

— Você não acha que ela é uma de nós?

Toraf dá de ombros.

— A pele dela enruga. É meio nojento. Talvez ela seja uma super-humana. Sabe, como o Batman.

Galen ri.

— Como você conhece o Batman?

— Eu o vi naquele quadrado preto da sala de estar. Ele sabe fazer um monte de coisas que os outros seres humanos não sabem. Talvez a Emma seja como ele.

— O Batman não é de verdade. É só um ser humano agindo daquele jeito para que outros seres humanos o assistam.

— Parecia real.

— Eles são bons em fazer parecer de verdade. Alguns seres humanos passam a vida toda fazendo algo que não é o que parece ser.

— Os seres humanos são mais esquisitos do que pensei. Por que fingir ser algo que não é?

Galen assente. *Talvez para dominar um reino?*

— Lembrei que Grom precisa de você.

Toraf resmunga.

— Pode esperar? A Rayna está toda boazinha na nossa ilha agora.

— É mesmo? Não quero saber.

Toraf ri.

— Certo. Desculpa. Mas você me entende, não é? Sabe, se a Emma estivesse esperando por você...

— Emma não estaria esperando por mim. Eu não teria partido.

— A Rayna me afastou. Você nunca me bateu tão forte antes. Ela quer que a gente se dê bem. Além disso, preciso contar uma coisa, mas não tive chance.

— O quê?

— Ontem, quando estávamos treinando na frente de sua casa, senti alguém. Uma pessoa que não conheço. Pedi para a Emma sair da água enquanto eu ia investigar.

— E ela *obedeceu*?

Toraf assentiu.

— Parece que ela só desobedece você. Bom, segui a pulsação.

— Quem era?

— A pulsação desapareceu antes de eu chegar lá.

— Chegar onde?

— Na casa de Emma, Galen. Pegadas recém-feitas marcavam a areia desde a água até a casa. Foi por isso que a pulsação desapareceu, ela saiu da água.

— Você é um localizador. Conhece todos os Syrenas das duas casas. Como pode não identificar alguém?

— É claro que não conheço *todo mundo*. Estou dizendo que nunca senti aquela pulsação. Emma também não a reconheceu. Não que eu esperasse que ela a reconhecesse.

Galen leva a mão ao nariz. Ela não o reconheceria porque durante anos guardou ressentimentos contra a água. Se houvesse Syrenas morando ali perto eles não a teriam percebido até agora. Galen balança a cabeça.

— Alguém deve saber sobre ela. Preciso ir lá agora mesmo. Ela está sozinha. A mãe dela trabalha à noite. — O medo que ele sente se acumula em sua garganta. — Toraf, você precisa procurar o Grom. Hoje. Agora. Precisa encontrar Paca antes que esse desconhecido chegue perto de Emma.

— A filha de Jagen? O que ela tem a ver com Emma?

Galen fica de pé.

— Jagen afirma que Paca tem o Dom de Poseidon. Se isso for verdade, vou cuidar para que ela seja a parceira de Grom, e não Emma. Mas isso não vai acontecer se alguém, seja quem for, chegar a Emma antes de você encontrar Paca.

— Galen...

— Eu sei, é difícil. Mas não é tão difícil quanto Emma ter o Dom. E é a única esperança que temos.

Toraf assente, compreendendo.

— Certo. Se ela estiver viva, vou encontrá-la, Galen. Juro que vou.

— Se tem alguém que pode fazer isso, é você. E mande Rayna de volta para cá enquanto estiver longe.





Tirar notas ótimas na escola não é garantia de bom senso na vida. Não sou exceção. Quando me dou conta de que o vapor no banheiro significa que o chuveiro *está* esquentando — não sinto o calor por causa de minha carne de Syrena —, vejo que minha mãe chamou o homem que faz consertos. Inventar uma história na qual nem mesmo uma criança no jardim da infância acreditaria é minha única opção. De alguma forma, minha mãe acredita nisso — e paga o cara que faz reparos quando garotas adolescentes gastam seu tempo e gás.

Isso tudo reforça minha teoria de que a pancada na cabeça acionou meus instintos de Syrena. Todas as mudanças em minha vida parecem girar em torno disso. Mais do que ter batido a cabeça. O que quer que tenha acontecido comigo na casa de Galen — vi pontinhos pretos, fiquei zozna — pareceu definir as coisas. Aquela noite simboliza o começo e o fim de muitas coisas.

A primeira vez em que prendi a respiração por mais tempo que um nadador olímpico. A última vez em que tomei um banho quente. A primeira vez que consegui enxergar dentro da água escura. A última vez em que confiei em Galen. A primeira vez em que senti a presença de outro Syrena. A última vez em que detestei Rayna. A primeira e última vez que enfiei minha cabeça num vidro à prova de furacão. A lista de correlações com aquela noite é tão comprida quanto a costa de Nova Jersey.

Assim como a lista de motivos pelos quais não deveria estar ansiosa para vê-lo na escola. Porém não consigo evitar. Ele já me enviou três mensagens de texto hoje de manhã: POSSO LEVAR VC PARA A ESCOLA? e VC QUER TOMAR CAFÉ DA MANHÃ COMIGO? e TÁ RECEBENDO MINHAS MSGS?. Meus dedos querem responder “sim” a todas elas, mas minha dignidade exige que eu não responda a nenhuma. Ele me chamou de aluna. Estava ali na praia comigo, sozinho, e disse que me vê como uma aluna. Que nosso relacionamento é platônico. E todo mundo sabe o que platônico significa: *rejeitado*.

Bom, posso ser uma aluna, mas estou prestes a ensinar umas coisinhas a ele. A primeira aula do dia será Voto de Silêncio.

Então, quando o vejo no corredor, faço um meneio educado de cabeça e passo por ele. A corrente causada pelo contato não passa, o que quer dizer que ele está me seguindo. Consigo chegar ao meu armário antes de ele me segurar.

— Emma. — O modo como sussurra meu nome arrepia meu corpo todo. Mas ainda estou no controle.

Aceno com a cabeça na direção dele, teclo a combinação de números em meu armário e abro a porta na cara dele. Galen se afasta antes do contato. Dá a volta por trás, encosta a mão na porta do armário e me vira para olhar para ele.

— Isso não é muito gentil da sua parte.

Ergo a sobancelha como se dissesse “Foi você quem pediu...”.

Ele suspira.

— Acho que isso quer dizer que você não sentiu minha falta.

Há muitas coisas que eu poderia dizer agora. Coisas como “Mas pelo menos tive Toraf me fazendo companhia” ou “Você se ausentou?” ou “Não se sinta mal, também não senti saudade de meu professor de cálculo”. No entanto, o objetivo é não dizer nada. Então me viro. Coloco os livros e trabalhos entre meu armário e a mochila. Enfio um lápis dentro do armário e ele ri, soprando ar em minha orelha.

— Então seu telefone não está quebrado; você só resolveu ignorar minhas mensagens.

Já que revirar os olhos não faz barulho, isso está dentro do permitido em meu Voto de Silêncio. Então faço isso ao trancar o armário. Ao passar por ele, Galen segura meu braço. E penso que pisar no pé dele não faz barulho...

— Minha avó está morrendo — afirma ele.

Lá vem as coisas que pegam Emma de surpresa. Como continuar com o Voto de Silêncio depois disso? Ele nunca comentou sobre sua avó, mas eu também nunca falei da minha.

— Sinto muito, Galen. — Seguro a mão dele e a aperto de leve.

Ele ri. Idiota total.

— Por acaso ela vive em uma casa em Destin e seu último pedido antes de morrer foi conhecer você. Rachel telefonou para sua mãe. Vamos de avião no sábado à tarde e voltaremos no domingo à noite. Já telefonei para o Dr. Milligan.

— Eu não acredito.

Olho para o Golfo do México pela janela de nosso quarto de hotel. A tempestade de hoje fez com que a praia ficasse parecendo um mingau de aveia, com a chuva molhando o chão e o deixando todo cheio de areia. A turbulência

causada por essa tempestade também deixou Galen enjoado no avião.

Olho para a poltrona horrorosa onde ele está dormindo para melhorar do enjoo. A julgar pelos rancos rítmicos, o sofazinho não deve ser tão desconfortável quanto parece.

O sol está se pondo, mas ainda temos algum tempo ocioso antes de encontrarmos o Dr. Milligan no Gulfarium. Ele quer que cheguemos depois que o consultório fechar para termos bastante privacidade para realizar os exames. Serão mais cinco horas.

Com tempo de sobra, visto meu biquíni e caminho em direção à praia, tomando o cuidado de não acordar Galen. Ele precisa descansar e preciso de um tempo para pensar. Além disso, a chuva afastou os turistas que restavam, então não haverá testemunhas para o caso de uma barbatana aparecer em meu corpo em um momento inoportuno.

Tirando a camiseta, entro. Não sei se estou perto de onde Chloe morreu. Não reconheci os hotéis ao nosso redor, mas o local que Rachel reservou para nós é mais luxuoso do que o quarto que os pais de Chloe reservaram. Não interessa. Chloe não está aqui.

Nem eu, na verdade. Pelo menos, não sou a mesma Emma que ela levou até ali. Aquela que a seguia pelos corredores da escola como uma sombra. Aquela que ficava perto dela enquanto ela se debatia como uma abelha, passando de grupo em grupo. Um fantasma totalmente passível de ser esquecido.

Fico pensando se a personalidade expansiva de Chloe teria espaço para a Emma atualizada. Uma Emma que mente para a mãe para entrar em um avião com um garoto-peixe estranho. Uma Emma que fica dentro da água sem medo. Uma Emma mais propensa a brigar do que a evitar brigas. Talvez *atualizada* não seja a palavra certa para a nova eu. Talvez *diferente* seja mais adequado. Quem sabe até *indiferente*.

A umidade está alta. A qualquer momento espero que a chuva se misture às lágrimas conforme elas escorrem por meu rosto. Não estou indiferente.

Mergulho.

O golfo está bem diferente do que me lembro. É claro, da última vez o sal fez meus olhos arderem. E a água estava fria e refrescante no calor sufocante da Flórida. Agora, como a banheira do hotel, no Atlântico, e em todas as poças entre aqui e lá, a água parece morna.

É quase tão frustrante quanto o jogo de Galen de quente e frio. A questão é que não tenho certeza de que se trata de um jogo. Pela expressão dele, há uma guerra acontecendo nos bastidores. Ele se inclina para a frente, se afasta. Inclina, afasta. É como uma batalha entre o bem e o mal. Só não sei o que ele pensa sobre me beijar, se é o bem ou o mal.

Deve ser o mal.

O que é patético. Durante as próximas vinte e quatro horas ficarei presa dentro de um quarto de hotel, sem ninguém me supervisionando, com um cara que está fazendo de tudo para não me beijar. *Que lindo.*

Eu nado pelo fundo, tentando ver quantos caranguejos consigo irritar para me atacarem. A maioria deles é boazinha e eu passo. Ainda que um deles morda meu dedo, não vai doer muito. Minha estratégia, porém, funciona por pouco tempo, até Galen e seus lábios deliciosos surgirem em minha mente de novo. Ele parece o remix de uma música que eu já detestava, e que não consigo tirar da cabeça. Uma música que não para de tocar.

Fico tentando imaginar o que Chloe me diria para fazer. *Meu Deus, como sinto saudade dela.* Diferentemente de mim, ela sabia tudo sobre homens. Sabia quando eles estavam traindo. Sabia quando eles estavam falando besteiras com seus amigos. Sabia quando eles queriam pedir o número de telefone dela mesmo quando só pediam um lápis. Ela era capaz de dar uma olhada em Galen e me explicar por que ele não me beija, como eu conseguiria fazer com que ele me beijasse e até onde poderíamos nos casar.

Irritada demais para continuar, eu me viro. O cheiro de metal me toma como uma onda. *Cheiro? Isso é possível?* E então eu vejo. Uma nuvem de sangue. Uma luta. Uma barbatana. Duas barbatanas. Grito. Aquilo me ouve. *Eles* me ouvem. Param de se mexer, e pedaços de alguma coisa morta cai ao redor deles como confete. Confete sangrento.

Ao me virar, já sei que estou morta. A boa notícia é que dois tubarões me matarão mais depressa que um. Duas bocas cheias de dentes têm mais chances de perfurar uma artéria importante. Não deve demorar. Uma parte de mim quer que tudo termine logo. A outra parte, maior, quer que eu nade como louca. Lute, chute e me esforce. Que dificulte as coisas para eles como nunca. Espero que eles se engasguem com meus ossos grandes de Syrena.

Ouço a aproximação deles e fico tensa. Um deles chega perto de mim, tirando bolhas de ar de meus pulmões. Grito e fecho os olhos. Ninguém quer ver a própria morte. Uma boca se fecha ao redor de minha cintura, apertando com força. Ela me lança para a frente tão depressa que minha cabeça vai para trás. *Pronto.* Espero pelos dentes. Não acontece nada. Apenas continua nadando. Já ouvi que os jacarés fazem isso, que pegam a presa e a levam para outro lugar. Guardam a refeição para mais tarde. A água do mar provavelmente é um ótimo conservante para um cadáver fresco como eu.

Abro um dos olhos. E me assusto. Não sinto os dentes ao redor de minha cintura, tão fortes e apertados. São dois braços. Braços cujos contornos memorizei.

Galen. E ele está tão irritado que a água ao nosso redor deve estar fervendo. Talvez esteja. Talvez estejamos nos movimentando depressa demais para ver. Por sua expressão, ele está pensando em me matar. Talvez eu estivesse melhor na companhia dos tubarões.

Galen nada por muito tempo. Não olha para mim, não conversa comigo. Sei que não devo falar com ele. Depois de um tempo, o cansaço da viagem, a quase morte e a segurança dos braços de Galen se unem contra mim. Se eu não estivesse dentro da água, bocejaria. Mas fecho os olhos...

— Emma! Emma, você consegue me ouvir?

O tapa em meu rosto me faz acordar.

— Hum?

Não é meu momento mais atraente. Esfrego os olhos. Estou aconchegada nos braços dele, como uma princesa. As estrelas aparecem. *Quando fomos para a superfície?* Bilhões de belas estrelas em uma noite clara. O Príncipe Peixe Encantado me abraça. Acho que é o momento mais romântico da minha vida.

Galen estraga o momento rosnando.

— Pensei que você tivesse morrido. Duas vezes.

— Desculpa. — Só consigo pensar em dizer isso. Ah, sim, e: — Obrigada por me salvar.

Ele balança a cabeça. Está na cara que não é minha vez de falar.

— Eu acordo e você sumiu — diz ele com a mandíbula tensa. — Aí, você não atende o telefone.

Abro a boca, mas os olhos dele se arregalam. *Ainda não é a minha vez.*

— Eu disse para você nunca entrar na água sozinha...

E é o momento de que eu precisava.

— Não obedeco a ordens, Alteza. — Oops. Percebo, pela cara dele, que não teve a mínima graça.

Ele respira fundo várias vezes. E mais um monte. Acho que Galen vai surtar. Só que não acontece. Em vez disso, ele segura meu queixo. Com força. Ao olhar para minha boca, sua expressão se suaviza. Ele solta meu queixo e mergulha na água.

E então me puxa para baixo.

Ainda me carregando como uma noiva, descemos mais depressa que um elevador em queda livre. Mas é o sorriso do tipo “sei de algo que você não sabe” no rosto dele que me deixa inquieta.

Por fim, paramos. Ele assente atrás de mim, e então se camufla. Receio me virar. E estou certa. Eu pressiono o corpo contra o de Galen, entretanto ele não me deixa ficar atrás dele. Uma baleia. Enorme. E como Galen está camuflado, sou a única coisa que o animal consegue ver.

— O que você está fazendo, Galen? Vamos sair daqui!

— Foi você quem quis nadar. Sozinha. Mudou de ideia?

— Eu pedi desculpa.

— Você também disse que não obedece a ordens...

— Eu estava só brincando.

Ha ha.

Ele sorri, materializando-se.

— Ela não vai machucar você, Emma.

— Ela está se aproximando, Galen.

— Ela está curiosa a seu respeito.

— Está dizendo em relação a meu gosto? — E por que Galen não está nos levando embora depressa? Já aprendi a lição!

— Não — ele ri. — Mas estou doido para saber isso.

Eu me viro para ele.

— Não tem graça. *Você*, pelo menos, consegue se camuflar. Vamos para longe dela. Por favor.

Ele balança a cabeça.

— Ela não vai nos machucar. Ela é um Knobby. Os seres humanos o chamam de baleia cachalote. Elas comem lulas, na maioria das vezes. Nunca soube de nenhum ataque à nossa espécie. Ela só está aqui para observar, eu juro. — Com uma das mãos, ele me vira em seus braços. O animal enorme está tão perto que consigo ver seus olhos, que têm o tamanho da minha cabeça inteira.

— Converse com ela — Galen sussurra.

Eu me surpreendo.

— Você enlouqueceu? — O tremor em minha voz combina com o tremor em meu corpo. O nariz de Galen em meu pescoço me acalma um pouco.

— Emma, seja doce ao conversar com ela. Diga que nós não vamos feri-la.

Não vamos feri-la?

— Você diz. Você é o peixe.

— Emma, ela entende você. E não me entende.

— Galen, vamos. Por favor, faça o que você quiser. Nunca mais entro na água sem sua permissão. Nunca. — Ele me vira de novo e ergue meu queixo com o polegar.

— Escute, Emma. Eu nunca deixaria que nada acontecesse a você. Estou tentando mostrar que você é especial. Mas preciso que se acalme.

Galen segura meu rosto, não me deixa desviar o olhar. Fixando o olhar no meu, acaricia meus cabelos. Passa os dedos em meu rosto. Pressiona a testa contra a

minha. Depois de cerca de um minuto, eu me acalmo. Ele sorri.

— Você parou de tremer.

Confirmo balançando a cabeça.

— Está pronta para se virar?

Eu hesito sem querer.

— Ela está perto?

Galen assente.

— Está bem atrás de você. Emma, se ela quisesse comer você, já teria feito. Você só está com medo porque ela é muito grande. Quando passar por essa fase, será como falar com um peixinho dourado.

Não tenho tempo de pensar na comparação porque Galen me vira tão depressa que tanto o Golias quanto eu nos assustamos.

— Converse com ela, Emma.

— O que devo dizer a uma baleia, Galen? — pergunto.

— Peça para ela se aproximar.

— De jeito nenhum.

— Tudo bem. Peça para ela se afastar.

Eu balanço a cabeça, assentindo.

— Certo. Está bem. — Entrelaço os dedos para não ficar mexendo as mãos. Mais do que terror, sinto a maluquice da situação. Estou prestes a pedir a uma baleia do tamanho da minha casa para dar meia-volta. Porque Galen, o homem-peixe que está atrás de mim, não fala a língua das baleias.

— Hum, por favor, você pode se afastar de mim? — pergunto. Digo isso com educação, como se estivesse comprando biscoitos de uma escoteira.

Sinto-me melhor logo depois porque o Golias não se mexe. Prova de que Galen não sabe o que está dizendo. Prova de que essa baleia não consegue me entender, que eu não sou a Branca de Neve do mar. Mas o Golias *começa* a se afastar.

Olho para Galen.

— É só coincidência.

Galen suspira.

— Tem razão. Ele provavelmente nos confundiu com um parente ou algo assim. Diga mais alguma coisa, Emma.

— Galen, não podemos apenas...

— Diga.

O Golias se afastou um pouco de nós. Agora ele tem o tamanho de um ônibus escolar em vez de três. O pequeno movimento necessário para ele se afastar com a cauda me lembra uma bandeira balançando de maneira preguiçosa em uma brisa.

— Espere — chamo. — Pode voltar. Você não precisa ir embora.

Quando a baleia para, quando se vira, quando volta a avançar na nossa direção, a dúvida sai de meu corpo como a água de um hidrante estourado. Golias se aproxima tanto que, se abrir a boca, pode nos engolir. Ela é feia. Sua cara gigante passa uma impressão ruim. E ela se esqueceu de passar o fio dental; tem um tentáculo de lula do tamanho do meu braço pendurado na lateral de sua boca. Espero que não esteja mais viva.

Mas não sinto mais medo. Galen está certo. Se o Golias quisesse nos comer, já teria feito. Aqueles olhos enormes parecem bondosos, não têm o vazio que eu esperava ver. Não é como o olhar inexpressivo e mecânico de um tubarão.

— Converse com ela — Galen pede de novo, abraçando-me com mais força.

Faço mais que isso. Galen deixa eu me soltar de seus braços, e segura meu pulso por garantia. Com minha mão livre, toco a frente da cara do Golias — ou o que penso ser a área próxima de seu nariz.

— Senti medo de você, porque pensei que fosse nos comer — digo a ela. — Mas não vai nos comer, certo?

Apesar de não estar esperando que o Golias comece a falar com um sotaque francês nem nada do tipo, uma parte de mim espera que a baleia se comunique comigo de algum modo. Mas o jeito lento como ela se mexe com a corrente diz muita coisa. Ela não está tensa nem rígida, como uma serpente prestes a atacar. Está calma, curiosa, serena.

— Ouça. Se puder entender o que estou dizendo, quero que nade naquela direção — digo, apontando para a minha direita —, e então volte aqui.

O Golias faz exatamente o que eu peço. *Não acredito.*

Meu novo amigo nos segue até a superfície quando meu pulmões começam a arder. No caminho, Galen aponta peixes diferentes para ver se todos eles entendem. Conforme vamos passando, dou orientações. “Nade por ali, nade em círculo, nade devagar, nade para baixo”. Todos eles obedecem.

Quando eu — e Golias — recuperamos o ar, muitos peixes nos cercam, o suficiente para encher uma piscina de cima a baixo. Alguns pulam para fora da água. Alguns mordiscam os dedos de meus pés. Alguns nadam por minhas pernas ou entre Galen e mim.

Eles nos seguem até chegarmos à praia. Há tantos peixes na água rasa que a superfície parece estar sendo atingida pela chuva. Nós nos sentamos na praia e os observamos brincar. Mas quando as gaivotas começam a perceber, o instinto de sobrevivência se torna maior do que a curiosidade e o meu fã-clube se dispersa.

— Então — digo, virando-me para Galen.

— Então — responde ele.

— Você disse que sou especial. Sou muito especial?

Ele respira fundo e solta o ar devagar.

— Muito.

— Há quanto tempo você sabe que sou uma encantadora de peixes? — Ele não entende a minha piada, mas pelo menos compreende o que quero saber.

— Você se lembra de quando eu lhe disse que o Dr. Milligan a viu no Gulfarium?

Confirmo mexendo a cabeça.

— Você disse que reconheceu a cor dos meus olhos e pensou que eu podia ser um de vocês.

Galen esfrega o pescoço, não olha em meus olhos.

— Isso é verdade. A cor de seus olhos é significativa, mais ainda porque os Syrenas não convivem com seres humanos. — Ele força um sorriso. — Mas ele ficou muito interessado no modo como você interagira com os animais aqui. Ele disse que você se aproximava deles. De todos eles.

Eu me surpreendo. Então não foi só minha imaginação. Não foi um engano. Pensei que os animais eram treinados para ser simpáticos com os visitantes... Porém não notei que eles não eram simpáticos com todos? Não percebi que eles se aproximavam de mim, que me davam atenção especial? Sim, eu percebi. Contudo, não pensei que tivesse algum sentido. Por que pensaria? O que isso *quer* dizer?

E por que Galen não me disse isso antes?

— Você escondeu isso de mim. Por quê? O Toraf sabe? E a Rayna? E como consigo falar com os peixes, Galen? Ainda mais sabendo que você não consegue. E se o Dr. Milligan me viu fazendo isso no Gulfarium, então eu era capaz disso *antes* de bater a cabeça. O que significa? O que tudo isso significa?

Ele dá uma risadinha.

— Qual pergunta você quer que eu responda primeiro?

— Por que você escondeu isso de mim?

— Porque eu queria deixar você se acostumar ao fato de que não é um ser humano. Tem que admitir que seria muita coisa para assimilar de uma vez só.

Penso nisso por um instante. Detecto certas desculpas, mas o que posso dizer? Ele está certo, ainda que esteja mentindo. Concorro.

— Acho que isso faz sentido. Mas e o Toraf e a Rayna? Eles sabem?

— Toraf sabe. A Rayna, não. E, por falar nisso, se quiser que todo mundo saiba

de sua vida, é só contar para a Rayna.

— Por que não quer que ela conte sobre mim a outros Syrenas?

— Porque o que você tem é um dom dos Generais. O Dom de Poseidon. Então, em termos técnicos, você é minha inimiga.

Assinto sem entender.

— Sei. Não.

Ele ri.

— Quando os generais fizeram o acordo de paz há milênios, fizeram provisões aos Syrenas na forma de certos dons que garantiriam sua sobrevivência. Cada casa tem um dom diferente. O seu dom mostra que você é da casa de Poseidon.

— É por isso que você me faz sair da água quando sente que alguém se aproxima? Porque poderia ter problemas se alguém o visse comigo?

Ele assente, pensativo.

— Você também poderia ter problemas. Não se esqueça, sua casa fica à beira do território de Tritão.

Então somos inimigos. O conflito em sua mente não é entre o bem e o mal. É entre a casa de Tritão e a casa de Poseidon. Eu não ligo a mínima para isso. Mas não posso mudar quem sou nem ele pode mudar quem ele é. Se Galen não vai me beijar porque sou da casa de Poseidon, será que quero que me beije? *Sim, sim, eu quero.*

Desde que quase corei ao pensar em beijar Galen, decidi fazer perguntas mais neutras para me manter livre de problemas.

— Mas como nós sobreviveremos apenas falando com os peixes? — *Eu disse “nós”?*

Galen pigarreia.

— Bem... quem tem o Dom de Poseidon pode garantir que sempre tenhamos algo a comer.

Hesitando, assustada, balanço a cabeça.

— Você está dizendo que posso falar com peixes... matá-los... e comê-los...

Galen assente.

— Estou dizendo que talvez você nunca precise usar seu dom para isso. No momento, temos bastante comida. Mas acredito que os Generais possam ter previsto que os seres humanos ultrapassariam os limites e entrariam na água. Acho que, por fim, talvez daqui a décadas, precisemos do Dom de Poseidon para nos alimentarmos.

Espero que eu não pareça tão enjoada como estou me sentindo.

— Os Generais não podiam ter escolhido uma candidata pior para *esse* dom!

— Levo a mão à barriga, e o enjoo persiste. Não consigo imaginar que farei amizade com o Golias e então o levarei aos Syrenas para que ela seja comida. Mas também não consigo imaginar Galen ou Toraf morrendo de fome. Provavelmente nem a Rayna. *Está na hora de apresentar meus novos amigos ao mundo da pizza...*

— Os Generais morreram, Emma. Eles não escolheram você. É um dom que passa através do sangue. O Dr. Milligan chama isso de genética.

A genética quer dizer que meus pais não são de fato os meus pais. Sei que Galen pensa isso desde o começo, mas ainda não consigo aceitar. Também não consigo descartar por completo a possibilidade, principalmente depois de eu ter conduzido um cardume de peixes. Como sequer poderia começar a falar sobre isso com minha mãe? “Pois então, o Galen acha que vocês estão mentindo para mim há dezoito anos”. Ainda que eu não dissesse de maneira direta, é o que vai parecer. E quando ela perguntar de onde tirei essa ideia? “Bem, é que há pouco tempo descobri que consigo prender a respiração por quase duas horas e dizer aos peixes o que eles devem fazer. Percebi que vocês não conseguem fazer isso”. Pois é, não rola. Tem que haver outro jeito...

— Ei! — digo quase num grito, assustando Galen. — Não é a especialidade de Rachel? Descobrir coisas? Ela poderia investigar de onde vim.

— Ela já fez isso.

— Como assim? Ela fez um inquérito sobre o meu passado, algo assim? Estou falando sobre ir fundo...

— Sua certidão de nascimento atesta que você nasceu em um hospital. Seus pais assinaram, assim como os médicos que cuidaram de você. Ele é um professor universitário que ensina médicos aspirantes a realizar partos de seres humanos. A Rachel também encontrou uma foto em um jornal de seus pais comemorando um prêmio que seu pai recebeu. Sua mãe estava grávida na fotografia. Pela data do artigo, parecia razoável dizer que ela levava você no ventre.

Fico boquiaberta, entretanto não digo nada. Galen não percebe. Ele diz:

— Seus registros na escola mostraram sua frequência desde o jardim de infância até hoje, e seu endereço nunca mudou. Seus registros médicos consideram você um ser humano, apesar de você nunca ter contraído catapora. Você quebrou um braço quando tinha 4 anos, nunca passou por nenhuma cirurgia, e todas as suas vacinas estão em dia...

— Aiminhanossa! — grito, e fico de pé. Chuto bastante areia nele. — Isso não é da conta dela! Nem da sua! Ela não tinha o direito de...

— Você acabou de dizer que queria que ela fosse mais fundo — rebate ele, ficando de pé. — Pensei que ficaria feliz por saber que já fizemos isso.

— Vocês invadiram a minha privacidade! — digo ao calçar os chinelos e marchar em direção ao hotel. Sinto um calor no pulso quando ele me puxa.

— Emma, acalme-se, eu tinha que saber...

Aponto meu dedo para seu rosto, quase tocando seus olhos.

— Uma coisa é eu dar permissão para vocês investigarem. Mas tenho certeza de que procurar saber sem meu consentimento é ilegal. Na verdade, tenho certeza de que tudo o que aquela mulher faz é ilegal. Você sabe o que é a Máfia, Galen?

Ele ergue a sobrancelha, surpreso.

— Ela lhe disse quem é? Ou melhor, quem era?

Assinto.

— Enquanto você estava fora, conversando com Grom. Uma vez na Máfia, sempre na Máfia, se quer saber. De que outro modo ela teria dinheiro? Mas acho que você não se importa com isso, já que ela compra casas, carros e identidades falsas para você. — Eu me livro das garras dele e me viro na direção do hotel. Pelo menos, espero que seja o nosso hotel.

Galen ri.

— Emma, o dinheiro não é da Rachel, é meu.

Eu me viro para ele.

— Você é um peixe. Não tem emprego. E eu não acho que a moeda Syrena tenha algum de nossos presidentes nela. — Agora, o “nossos” quer dizer que sou humana de novo. Gostaria de me decidir.

Ele cruza os braços.

— Eu ganho dinheiro de outro jeito. Vá ao Gulfarium comigo, e vou lhe mostrar.

A tentação me divide. Entro em conflito. Tenho direito de ficar brava, processar, cortar os cabelos de Rachel enquanto ela estiver dormindo. Mas quero mesmo correr o risco de descobrir que ela dorme com uma arma embaixo do travesseiro? Quero perder a oportunidade de afundar os pés na areia e escutar a voz grossa de Galen ao me contar como um peixe enriqueceu? Não, não quero.

Tomando o cuidado de bater meu ombro em Galen, passo por ele e, espero, na direção certa. Quando ele me alcança, seu sorrisinho desafia o resto de meu mau humor, por isso eu desvio o olhar e observo as ondas.

— Eu vendo coisas para os seres humanos — diz ele.

Olho para Galen. Ele está olhando para mim, tão ansioso quanto eu. Detesto esse joguinho. Talvez porque eu não seja boa nisso. Ele não vai me dizer mais nada, a não ser que eu pergunte. A curiosidade é uma das minhas falhas mais incuráveis — e Galen sabe disso.

Ainda assim, já desisti de fazer um escândalo por ele, então acho que Galen me deve uma. Não importa que ele tenha salvado minha vida hoje.

Isso foi há duas horas. Levanto a cabeça.

— A Rachel diz que sou um milionário — explica ele, com um sorrisinho bobo no rosto. — Mas, para mim, o importante não é o dinheiro. Como você, gosto de História.

Bobagem, bobagem, bobagem. Como ele pode me conhecer tão bem? Devo ser muito previsível. Para quê? Ele sempre vai ganhar.

— Que coisas? Que História?

Lá vem ele de novo, sorrindo, como se tivesse planejado.

— Recupero coisas perdidas no mar e as vendo aos seres humanos — responde ele, colocando as mãos atrás das costas. — Quando se trata de um objeto grande demais para eu carregar sozinho, como velhos submarinos de guerra ou aviões, indico a localização deles ao governo dos seres humanos por um preço. Rachel cuida da parte jurídica, é claro.

Fico olhando para Galen.

— É mesmo?

Ele dá de ombros, inquieto, como se minha total atenção de repente o deixasse nervoso.

— Também tenho alguns compradores particulares. Damos a eles o direito de ver a peça primeiro, já que costumam pagar mais que a maioria dos países.

— E os naufrágios? Tesouros de piratas?

As possibilidades são infinitas, ou, pelo menos, apenas restritas aos limites do território de Tritão, que vai do Golfo do México ao Oceano Índico.

Ele assente.

— Muita coisa. O meu maior foi uma frota espanhola inteira que levava ouro.

Eu me surpreendo. Galen se remexe. E penso que, além de Rachel, sou a única pessoa a quem ele contou sobre isso.

— Quanto ouro? Eles perguntam como você encontrou? Onde encontrou? — Minhas perguntas surgem sem parar.

Ele leva a mão ao nariz, e então ri.

— A Rachel tem tudo salvo no computador, incluindo fotografias. Você pode ver tudo quando chegarmos em casa.

Bato palmas como uma foca adestrada. Também ignoro o frio na barriga que sinto ao ouvi-lo dizer “Quando chegarmos em casa”. Como se casa pudesse ser em terra firme.





O guarda permite que eles entrem no Gulfarium e os leva à exibição de criaturas do mar para esperar pelo Dr. Milligan. Surpresa, Emma caminha em direção ao tanque de vidro que vai do chão ao teto. Galen fica para trás, recostando-se na parede. Ele observa quando ela chama os peixes tropicais que brigam por sua atenção. Uma tartaruga marinha se aproxima de modo preguiçoso para observar.

Emma anda de um lado para outro na frente do vidro, passando a mão pela superfície. O tanque se transforma em um enorme cardume de várias espécies de peixes... arraia, tartarugas marinhas, enguias. Mais tipos de peixe do que Rachel coloca na caçarola-surpresa de frutos do mar. Até mesmo um pequeno tubarão se aproxima.

— Ela é incrível.

Galen se vira para o Dr. Milligan, que está a seu lado e olha para Emma como se ela estivesse flutuando.

— Sim, ela é — diz Galen.

O Dr. Milligan olha para Galen, um sorriso compreensivo no rosto.

— Parece que ela encantou mais do que apenas os *peixinhos*. Na verdade, parece que você foi o mais afetado deles, meu garoto.

Galen dá de ombros. Não tem nada a esconder do Dr. Milligan.

O Dr. Milligan suspira.

— O que Rayna diz?

— Ela gosta de Emma. — O bondoso médico ergue uma sobrancelha grisalha. Galen suspira. — Ela gosta dela o *bastante*.

— Bem, não posso medir mais do que isso, acredito. Vamos lá?

Galen assente.

— Emma, o Dr. Milligan está aqui. — Emma se vira. E para. — Você? — ela engasga. — *Você é* o Dr. Milligan?

O homem mais velho faz um meneio de cabeça.

— Sim, mocinha, sou. Você se lembra de mim, então.

Ela assente, caminhando devagar em direção a eles como se percebesse que há uma armadilha sendo preparada.

— Você tentou me dar ingresso gratuito. Conversou comigo no tanque.

— Sim — diz ele. — *É claro* que ofereci ingressos a você. De que outra maneira eu poderia ter estudado a interação fascinante entre você e as espécies?

Ela cruza os braços.

— Eu não sabia que podia conversar com peixes naquela época. Como você sabia?

— No começo, eu não sabia — declara ele, diminuindo a distância entre eles e segurando a mão dela com delicadeza. — Mas quando vi a cor de seus olhos, percebi que você era uma Syrena. Lembrei-me de Galen me contando sobre aquele dom, mas nunca acreditei. O que foi tolo de minha parte, acredito. Sabe, se eu acredito em sereias — desculpe, Galen, *Syrena* — então, por que não acreditar nesse dom?

— E o que o senhor pensa agora, Dr. Milligan? — pergunta Galen, um pouco irritado com a revelação de que seu amigo acreditava que ele tinha mentido. Além disso, “sereias” foi desnecessário.

O Dr. Milligan ri baixinho, esfregando a mão de Emma.

— Acho que fui corrigido, como sempre. Emma, que tal um tour privado?

Ela concorda, demonstrando interesse no olhar.

Eles seguem o Dr. Milligan pelo corredor e sobem um lance de escada. Ele os guia a cada atração, explicando fatos e estatísticas a respeito de cada animal. Todas as criaturas se lembram de Emma. Os leões-marinhos mexem a cabeça e emitem um som que só Emma consideraria charmoso. As lontras fazem a mesma coisa. Até mesmo os jacarés respondem a seus comandos, girando como se estivessem realizando uma apresentação de nado sincronizado.

O médico leva Galen e Emma para uma atração chamada Lagoa das Dunas. Ele explica que é um santuário para aves feridas que são tratadas pelo Gulfarium. Emma caminha por ali, andando e murmurando para criaturas aladas. Nenhuma delas se importa. Na verdade, elas parecem mais animadas por ver o Dr. Milligan. Um pato passa por Emma e faz quá-quá para os pés do médico.

— Fascinante — diz ele.

Emma ri.

— Não tem nada de fascinante em ser rejeitado.

O Dr. Milligan sorri e tira algumas bolinhas marrons do bolso, espalhando-as no chão para o pato impaciente.

— Esse carinha sabe que trago petiscos. Escutem, o que acham de visitarmos os pinguins?

— Os pinguins não são aves? — pergunta ela. — Sabe, sei que eles não voam nem nada, mas ainda são aves. Eles não responderiam ao meu Dom, não é?

O Dr. Milligan assente.

— Aves aquáticas. E só há uma maneira de descobrir, não é?

Os pinguins adoram Emma. Eles caminham por ali, mergulham e saem da piscina, e a chamam. Ela ri.

— Parecem macacos!

— Talvez você também consiga falar com burros — o doutor sorri.

Emma concorda.

— Consigo. Às vezes, o Galen age como um burro.

— Isso fere meus sentimentos, Emma — retruca Galen, tentando parecer magoado. Ela lhe lança um sorriso brincalhão.

O Dr. Milligan ri e os leva de volta ao corredor.

As janelas quadradas pontuam a parede de dentro e revelam três golfinhos que os acompanham. Eles gritam para Emma, dispostos a serem observados. Ao lado de uma placa onde está escrito SHOW DOS GOLFINHOS o Dr. Milligan aponta para um lance de escada.

— Vamos? — A parte de cima é um deque aberto. Galen já viu o show antes.

As arquibancadas de madeira na frente do tanque não são afastadas o suficiente para evitar que as pessoas da primeira fileira se molhem. Isso agrada muito aos pequenos seres humanos, principalmente no calor do verão. Galen fica feliz por eles terem chegado depois do fechamento.

Emma caminha até a beira do tanque e olha para baixo. Mexe na água com os dedos. Três cabeças cinza aparecem e gritam entusiasmadas. Rindo, Emma se inclina para a frente, cobrindo a boca com a mão. Os animais se aproximam, como se quisessem escutar um segredo.

As cabeças desaparecem. Quando voltam a aparecer, cada um segura um brinquedo na boca. Levam seus tesouros a Emma. Um arco preto do tamanho de um bambolê e duas bolas de futebol. Ela entrega as bolas a Galen, e então aceita o aro do menor golfinho.

— Jogue as bolas no meio, Galen. Vamos ver se eles são bons em basquete.

Rindo, Galen obedece. Emma segura o arco acima da beira da piscina. Os golfinhos gritam animados.

— Shhh — diz ela. Eles se acalmam, esperam. — Tentem passar a bola pelo aro.

Duas das cabeças desaparecem. A terceira fica para trás e grita para Emma. Ela o acalma de novo, quando uma das bolas é lançada da superfície da água e passa dentro do arco que ela está segurando. E então a segunda aparece, mas passa da marca, resvalando nos cabelos de Emma.

— Quase ganhei um olho roxo! — Mas ela ri e recompensa os animais com um carinho no focinho. — É a sua vez — diz ela ao golfinho menor. Emma volta a pegar as duas bolas de futebol e as joga de novo no meio da piscina.

— Vá em frente — incentiva ela, fazendo um movimento com a mão. O animal permanece parado, com a boca entreaberta de leve, como se sorrisse.

Ela se vira para o Dr. Milligan.

— Parece que ele não compreende.

Ele ri.

— Ah, ele compreende, sim, só não escuta.

Aquilo não parece soar bem para Emma. Ela joga água nele.

— Vamos! Qual é o problema? Você tem medo de água?

Ele permanece parado, remexendo a cabeça como se estivesse discutindo. Seus guinchos parecem contrários até mesmo para os ouvidos destreinados de Galen. A pobre criatura não percebe, mas Galen nota que ela está impaciente. É a mesma atitude que Emma teve com ele quando eles se conheceram naquela mesma praia. A mesma atitude direcionada a Toraf quando ela disse a ele que Rayna poderia morar com ela. A mesma que direcionou a Rachel quando esta reservou a suíte de lua de mel para os dois.

Quando Galen decide intervir, a tensão sai dos ombros de Emma.

— Ah — diz ela delicadamente. Ela tira os chinelos e sobe no muro do tanque de concreto.

— Emma — Galen alerta, apesar de não saber ao certo o que está tentando alertar. Ele e o Dr. Milligan se entreolham.

— Está tudo bem, Galen — afirma ela sem olhar para trás. Balança as pernas na água em um ritmo lento e calmante. Os dois golfinhos maiores se aproximam dela de imediato, tocando seus pés e criando ondas ao redor dela. Mas é o golfinho menor que chama sua atenção do outro lado do tanque, por não fazer nada. Hesitante, ele se aproxima dela. Quando ela estende a mão para o animal, ele submerge e parte para o outro lado do tanque.

Virando-se para Galen e para o Dr. Milligan, Emma diz:

— Ele não confia em nós. Eu me refiro aos seres humanos.

— Hum — diz o Dr. Milligan. — Por que está dizendo isso?

— O comportamento dele — Emma inclina a cabeça. — Está vendo como ele mantém o focinho dentro da água? Os outros dois colocam a cabeça para fora. Mas ele não, como se estivesse pensando em fugir ou algo assim. E os olhos dele. Não são tão alertas quanto os dos outros dois. Parecem embaçados, sem foco. Não desinteressados, não exatamente. — Ela joga água na direção dele, espirrando gotinhas em seu focinho. Ele não se mexe. — Não, ele está curioso a meu respeito. Está apenas... bem, ele está triste, acho.

— Sabe, acho que você tem razão — concorda o Dr. Milligan, com a expressão dividida entre admiração e surpresa. — Não sei se você lembra, mas ele não estava aqui esse verão, quando você veio. Estava na praia, na Cidade do Panamá, há algumas semanas. Ele é o único que não nasceu em cativeiro. Nós demos a ele o nome de Sortudo. Acho que ele não concorda.

Emma assente.

— Ele não gosta de estar aqui. Por que ele estava na praia? — Nesse momento, Sortudo já está perto de Emma. Ela estende a mão a ele, não para acariciá-lo, mas como um convite para que ele a toque primeiro. Depois de alguns segundos de indecisão, ele encosta o focinho na palma da mão dela.

— Não sabemos. Ele não estava doente nem ferido, e é mais ou menos jovem. Não sabemos como ele se separou de seu grupo.

— Acho que os seres humanos tiveram alguma coisa a ver com isso — diz ela.

Galen se surpreende com a amargura em seu tom de voz.

— Ele vai poder voltar para casa? — pergunta Emma, sem olhar para a frente. O modo como ela acaricia a cabeça de Sortudo faz Galen se lembrar de como sua mãe passava os dedos pelos cabelos de Rayna tentando fazê-la dormir. O simples toque era uma canção de ninar em si.

Parece que Sortudo tem a mesma opinião.

— Em situações normais não, minha cara. Mas verei o que posso fazer — responde o Dr. Milligan.

Emma sorri para ele.

— Isso seria bom.

Galen controla-se para não demonstrar contrariedade. Se o Dr. Milligan se sente tão recompensado por aquele sorriso como Galen, então Sortudo será libertado em pouco tempo.

Depois de alguns minutos, o Dr. Milligan diz:

— Minha cara, eu não queria tirá-la daqui, mas talvez possamos ir à sala de exames.

— Bem, ela tem, mesmo, a pele grossa, não é? — diz o Dr. Milligan, inspecionando a segunda agulha com a qual está tentando furar a veia de Emma. — Acho que preciso de reforços. — Ele joga a agulha no lixo e procura, na primeira gaveta de um armário de aço. — Ah, sim, isto deve bastar.

Emma arregala os olhos. Suas pernas resvalam na mesa de metal à qual está sentada.

— Isso não é uma agulha, é um canudo!

Galen se controla para não segurar sua mão.

— Ele também a usa em mim. Não dói, é só uma picadinha.

Ela olha para ele com os grandes olhos violeta.

— Você permite que ele tire seu sangue? Por quê?

Ele dá de ombros.

— É um tipo de troca. Eu dou a ele amostras para estudo, e ele me mantém informado a respeito do que seus colegas estão fazendo.

— Como assim, “colegas”?

Galen se recosta no balcão à frente dela.

— O Dr. Milligan é um famoso biólogo marinho. Ele se mantém informado das novidades que podem afetar nossa espécie. Sabe, novos equipamentos de exploração, caçadores de tesouros, coisas assim.

— Para proteger você? Ou para garantir que vocês cheguem aos tesouros antes?

Galen sorri.

— As duas coisas.

— Alguém já viu... AI! — Ela olha para o próprio braço, de onde o Dr. Milligan está tirando sangue e sorrindo como se pedisse desculpa. Emma volta a olhar para Galen. — Picadinha, né?

— Era para um bem maior, querida. O pior já passou. Você ainda quer a ajuda dele, certo? — O tom racional de Galen não ajuda.

— Não venha com essa história de “querida”. Concordei em realizar esses exames, então não vou desistir. AI!

— Desculpe, só mais um tubo — o Dr. Milligan sussurra.

Emma assente.

Quando o Dr. Milligan termina, ele entrega a ela uma bolinha de algodão para ser pressionada contra o furinho, que já está se fechando.

— O sangue de Galen coagula depressa também. Você talvez nem precise pressionar. — Ele coloca os seis tubos de sangue em uma máquina e aperta um

botão. Pegando uma pequena caixa branca de uma estante, ele diz:

— Emma, você se importa se eu aferir sua pressão?

Ela nega com um movimento de cabeça, mas diz:

— Por que você tem uma máquina para medir a pressão sanguínea de seres humanos dentro de um hospital para animais?

Ele ri.

— Porque *meu* médico diz que preciso ficar de olho em mim. — O Dr. Milligan dá um tapinha no joelho de Emma. — Certo, agora descruze as pernas para que a leitura seja mais clara. — Ela obedece, e estende o braço. O Dr. Milligan balança a cabeça. — Não, minha cara, prefiro sempre aferir pela panturrilha. Descobri que a principal artéria da barbatana se divide em duas partes quando o Galen assume a forma humana, uma em cada perna.

Mais uma vez, Emma arregala os olhos.

— Você disse que não dói se transformar, assim como disse que não doeria quando ele me furasse com aquele canudo — diz ela, encarando Galen. — Aposto que você vai dizer que não dói quando a artéria se divide.

Quando Galen abre a boca para responder, o Dr. Milligan diz:

— Hum, que estranho.

— O quê? — perguntam eles em uníssono. Emma morde o lábio. Galen cruza os braços. Nenhum deles gosta daquele “hum”. A faixa da pressão é solta, e o Dr. Milligan se levanta. — Os seus batimentos cardíacos não são tão lentos quanto os de Galen. E a sua pressão sanguínea não é tão baixa. Galen, por favor, sente-se na maca, vou examiná-lo de novo.

Sem esforço, ele se afasta do balcão e sobe na maca. Enquanto o médico troca a faixa pequena por uma maior para envolver a panturrilha mais grossa de Galen, Emma pergunta a ele, baixinho:

— O que isso significa?

Ele dá de ombros, tentando não se distrair com seu cheiro.

— Não sei. Talvez não seja nada.

Quando a faixa se aperta, Galen sente uma pressão na perna. A faixa emite um som e o Dr. Milligan se levanta de novo.

Sua expressão está longe de ser tranquilizante.

— O que foi? — pergunta Galen, prestes a chacoalhar o médico por não falar logo. — Algo de errado? — Quando Emma puxa o ar, Galen segura a mão dela, incapaz de se controlar.

— Não, não diria que há algo *errado*, obrigatoriamente. Os batimentos cardíacos de Emma são de fato mais lentos do que os de qualquer outro ser humano. Só não são tão lentos quanto os seus. — O Dr. Milligan caminha em

direção a um pequeno armário cheio de gavetas. Pega um bloco de anotações e começa a folhear. — Ah — diz ele, mais para si mesmo do que para os dois. — Parece que seus batimentos cardíacos estão mais rápidos do que da última vez, meu caro. Ou isso ou não consigo mais decifrar o que escrevo. — Ele vira a página. — Não, tenho certeza de que está certo. Sua pulsação esteve mais lenta nas últimas dez vezes. Interessante.

— O que isso quer dizer? — pergunta Galen entredentes.

— Bem, o usual, Galen, é que todos os corações têm um número finito de batimentos até que, um dia, *parem* de bater. Os animais com batimentos mais lentos vivem mais. As tartarugas marinhas, por exemplo. Apesar de terem o mesmo número de batimentos de qualquer outro coração, demoram mais para chegar a esse número. É por isso que as tartarugas marinhas conseguem viver muito mais de cem anos. Um coração humano costuma bater, em média, 2,5 bilhões de vezes. Com setenta e dois batimentos por minuto, o tempo de vida normal é de oitenta anos. Pelos exames que realizei em você e em Rayna, o coração de um Syrena costuma bater dezenove vezes por minuto. Então, em teoria, serão necessários trezentos anos para que vocês alcancem os 2,5 bilhões de batimentos. Mas de acordo com o último exame, Galen, você está com vinte e três batimentos por minuto agora. Alguma coisa está aumentando sua frequência cardíaca, meu rapaz.

— Trezentos anos é o certo — diz Galen, ignorando o olhar de Dr. Milligan a Emma. — Na verdade, alguns dos Arquivos têm mais de trezentos e vinte anos.

— Então, quantos batimentos por minuto eu tenho? — pergunta Emma.

E então, Galen compreende. *O coração de Emma bate mais depressa do que o meu... Ela vai morrer antes de mim.* Todos os músculos de seu corpo se retesam. Não consegue se controlar. Afastando-se da mesa, quase não consegue chegar à pia antes de começar a vomitar. O ralo não dá conta do volume, apesar de a torneira estar toda aberta. Claro que os pedaços de comida do almoço atrapalham.

— Não se preocupe, Galen — o Dr. Milligan sussurra, entregando a ele uma toalha de papel. — Cuidarei disso depois.

Galen assente e leva água da torneira à boca para limpá-la. Secando o rosto e as mãos com a toalha de papel, ele volta para a maca, porém se recosta nela em vez de se sentar. Só para o caso de precisar sair correndo de novo.

— Ainda está enjoado por causa do voo? — pergunta Emma.

Ele assente.

— Dr. Milligan, o que estava dizendo?

O doutor suspira.

— Trinta e dois batimentos por minuto.

— E em anos? — pergunta Galen, sentindo o estômago embrulhar de novo.

— Aproximadamente? Cerca de cento e setenta e cinco, eu acho.

Galen leva a mão ao nariz.

— Por quê? Por que o coração dela bate mais depressa do que o dos outros Syrenas?

— Gostaria de poder explicar, Galen. Mas nós dois sabemos que Emma é diferente de você em muitos aspectos. Seus cabelos e pele, por exemplo. Talvez essas diferenças tenham algo a ver com a incapacidade dela de se transformar em Syrena.

— Acha que pode ter algo a ver com a pancada que ela levou na cabeça? — pergunta Galen.

Emma balança a cabeça.

— Não pode ser.

— Por que, Emma? — pergunta o Dr. Milligan, cruzando os braços. — Galen disse que a pancada foi forte. Eu diria que, no mínimo, é sensato que você considere a possibilidade de ter afetado algo.

— Você não entende, Dr. Milligan — diz ela. — Eu não tinha *nenhuma* habilidade típica dos Syrenas antes de bater a cabeça. Bater a cabeça foi o que mudou tudo. Além disso, sempre fui branca como a lua a vida toda. Não tem nada a ver com a batida.

— Verdade — afirma Galen. — Mas você conseguia prender a respiração por muito tempo antes de bater a cabeça. E tinha o Dom antes disso também. Talvez as habilidades sempre tenham existido, só que você nunca as tenha testado até então. — *Idiota, idiota*. A tristeza no rosto dela confirma o erro que ele cometeu.

— Você está falando do dia em que Chloe morreu — diz ela, baixinho.

Lentamente, Galen assente. Não há por que mentir. Mesmo que ele não estivesse falando de Chloe, Emma já está pensando nisso, já está voltando no tempo para aquele dia, torturando a si mesma com as possibilidades. Se ao menos eu soubesse sobre seu sangue de Syrena, se ao menos soubesse sobre o Dom de Poseidon. Chloe estaria viva. Ela não precisa dizer nada. Está tudo em seu rosto.

— Todo mundo disse ter sido a adrenalina — diz ela. — Eu devia ter percebido. O Dr. Milligan pigarreia.

— Apenas por precaução, vamos fazer alguns exames de raios X antes de você partir amanhã. Tudo bem, Emma?

Ela concorda, mas Galen percebe que se trata apenas de um reflexo.

Galen chama um táxi para levá-los de volta ao hotel; ele não pode sujeitar Emma a mais uma volta na praia onde sua melhor amiga morreu. Até por não saber por quanto tempo seria capaz de permanecer na mesma sala com ela sem usar os braços — e os lábios — para confortá-la.

A noite será longa.





O Dr. Milligan acende a máquina de raios X.

— Veja, Galen, é aqui que os ossos se tornam mais espessos para proteger nossos órgãos. Onde as pessoas têm costelas, você tem um envoltório de ossos, como uma concha, mesmo. E este é o raio X de Emma — diz ele, acendendo a luz atrás da outra imagem na caixa branca. — Está vendo como o dela se parece com costelas, à primeira vista? Quase não aparece, e se você observar com atenção, poderá ver a camada fina de osso se conectando às costelas. Mas não tão grossa quanto a sua. Na verdade, nenhum osso dela tem a mesma densidade.

— E o que isso quer dizer? — pergunta Galen, franzindo o cenho. Fico feliz por ver que Galen não é o único com dificuldade para entender o Dr. Milligan. Meus pensamentos vacilam entre a imagem do raio X e a sugestão do Dr. Milligan de que eu viverei até os 175 anos. Tudo isso está ficando um pouco estranho, mesmo nas circunstâncias em que nos encontramos. Estou a centenas de quilômetros de casa, seminue em uma sala com dois homens que mal conheço. Fora desse contexto, teria que questionar meu bom senso. *Aliás, mesmo dentro do contexto.*

O Dr. Milligan dá de ombros.

— Não sei bem. Podem ser algumas coisas diferentes, acredito. Ainda há muita coisa a respeito de sua espécie que eu não sei, Galen. Os padrões de crescimento, por exemplo. Talvez, por Emma ter passado a vida em terra, seus ossos não tenham se desenvolvido por completo. Assim como sua cor de pele. Talvez o corpo dos Syrenas reaja a algo na água que acione o desenvolvimento da pigmentação. Mas só estou tentando adivinhar. Não tenho ideia do que possa ser.

Galen olha para mim, demonstrando preocupação. Sei que ele se incomoda com meu silêncio. Ele provavelmente ficaria surpreso se descobrisse que costumo ser calada, não só com ele.

— Emma, você tem alguma pergunta a fazer ao Dr. Milligan?

Mordo o lábio e envolvo meu corpo com o avental.

— Como consigo falar com peixes? Por que todos eles entendem meu idioma? E não diga que é mágica. — Não é a pergunta que quero fazer, mas é boa, mesmo assim, e a resposta vai me dar mais tempo para reunir a confiança que se foi desde que vesti esse avental.

O Dr. Milligan sorri e tira os óculos. Ele os limpa no jaleco, e diz:

— Bem, minha cara, Galen acredita se tratar de genética. Se *for* genética, não acho que possa ser mágica. E não estou convencido de que eles pudessem compreender um idioma complexo como o nosso. Se compreendessem, não haveria motivos para colocar isca em um anzol, certo? Bastaria um pescador colocar um balde dentro da água e pedir para sua presa entrar. — Ele dá uma risadinha. — Na minha opinião, tem a ver com o som de sua voz. Nós já sabemos que muitas espécies da vida marinha se comunicam uns com os outros pelo som. As baleias e os golfinhos, por exemplo. É possível que sua voz tenha uma frequência que se encaixa com todas, ou um tipo especial de inflexão que eles compreendem. É possível que o que você quer que eles façam se traduza não no que diz, mas em como diz. Infelizmente, não tenho o equipamento para testar essa teoria, nem a capacidade de consegui-lo agora.

Eu confirmo com um meneio de cabeça, sem saber como reagir a isso. A qualquer coisa de tudo isso.

— Tem mais alguma coisa preocupando você, Emma? — pergunta Galen, e me surpreende. Fico tentando imaginar por que ele concordou com os exames, já que parece ver através de mim, bem no fundo. Como ontem à noite, no quarto de hotel. Quando me vesti depois da maratona de choro de quarenta e cinco minutos dentro do chuveiro, encontrei uma caixa de morangos cobertos com chocolate sobre meu travesseiro e Galen encolhido na poltrona feia, adormecido.

Pigarreio.

— Dr. Milligan, não sei bem se Galen lhe disse ou não, mas meu pai era um médico. Ele cuidava de meus resfriados, ferimentos e vacinas. Quando ele morreu, o amigo dele, Dr. Morton, assumiu essa tarefa. Como eles podem não ter percebido minha estrutura óssea, minha pulsação lenta? Seria de se pensar que eles teriam notado que meu coração está do outro lado do peito. O que quero perguntar é se o senhor tem certeza de que está vendo tudo direito. Não é médico de *pessoas*, é um veterinário, certo? Poderia estar errado.

Galen parece inquieto, remexendo-se em sua cadeira. Ainda que poliéster e metal não sejam ingredientes básicos para o conforto, tenho a sensação de que minha pergunta o deixou desconfortável, e não a cadeira.

O Dr. Milligan puxa o banco de rodinhas até onde estou na mesa de exames. De modo reflexivo, eu me inclino em sua direção, encostando na faixa fina de papel que me separa do vinil. Ele estende o braço para dar um tapinha em minha

mão.

— Emma, minha cara, é natural sentir-se assim. E você tem razão, não sou um médico de pessoas, como seu pai. Mas não é preciso ser médico para ver as diferenças no meu raio X, no seu e no de Galen. — Para dar ênfase, ele inclina a cabeça em direção à parede onde nossos ossos são iluminados na tela. Então ele observa de novo. — Caramba. — Ele fica de pé e o banco de rodinhas desliza para trás. Galen e eu observamos enquanto o Dr. Milligan reorganiza as imagens em plásticos: o raio X dele próprio, o meu e, então, o de Galen. — Isso é possível? — pergunta ele, olhando para nós por cima dos óculos, e a concentração faz com que suas sobrancelhas se aproximem como lagartas.

Galen fica de pé e cruza os braços, inclinando a cabeça em direção à tela de luz. Por fim, ele diz:

— Acho que não estou acompanhando o raciocínio do Dr. Milligan. O que você está vendo?

O Dr. Milligan olha para mim, e sua animação faz com que pareça bem mais jovem do que é. Balanço a cabeça, sem conseguir dizer nada de interessante. O Dr. Milligan não perde nem um minuto.

— O primeiro, o meu, é humano. O último, de Galen, é de Syrena. Este é o de Emma, aqui no meio. É óbvio. Muito óbvio. Tão óbvio que me envergonho. Ela com certeza não é um ser humano. Mas também não é uma Syrena.

Não estou gostando de nada disso. Percebo que o Dr. Milligan acredita já ter se explicado com clareza; está olhando para nós dois como se estivéssemos abrindo um presente que ele nos deu, como se estivesse ansioso pela nossa reação.

Galen nos salva.

— Dr. Milligan, você sabe que, no que diz respeito a essas coisas, eu não entendo nada. Por favor, pode nos explicar direitinho?

Não gosto de me impressionar com o Galen. Quando eu já tinha formado a imagem de membro nojentinho da Realeza, ele se mostra todo humilde e destrói essa imagem.

O Dr. Milligan ri.

— Claro, meu rapaz. Emma não é um ser humano e não é uma Syrena. Parece ser *ambos*, apesar de eu não saber se isso é possível. O DNA de um Syrena é muito diferente do DNA de um ser humano.

Galen dá um passo para trás e se senta de novo. Eu faria a mesma coisa se já não estivesse sentada. Nós dois franzimos o cenho para a tela iluminada.

Fico olhando para ela, tocando raios X musicais com os olhos, e vejo. As três imagens bem claras se tornam um único borrão. Os ossos de seres humanos e de Syrenas se fundem até haver apenas uma imagem na tela toda: a minha. Uma combinação das duas.

— É possível — diz Galen, baixinho.

O Dr. Milligan se recosta na parede, e a curiosidade toma seu rosto.

— Já aconteceu antes — diz ele, unindo os dedos, provavelmente para evitar movimentos. — Você já ouviu falar disso, não?

Galen assente e se vira para mim.

— É o motivo principal da Grande Guerra. O motivo pelo qual temos dois territórios — conclui ele. — Milhares de anos atrás, Poseidon decidiu viver na terra com os seres humanos. A interação não era ilegal na época, apenas um pouco mal vista. Os humanos o reverenciavam como se ele fosse um de seus deuses, sacrificavam animais por ele, faziam estátuas para bajulá-lo. Chegaram até a construir uma cidade para ele e para os Syrenas que se uniam a ele na terra. Tartessos era o nome que eles davam.

— Atlantis? — pergunta o Dr. Milligan, com uma das mãos no peito.

Galen assente.

— Alguns humanos o chamaram assim, no começo. — Ele se vira para mim. — Poseidon gostava de viver com os seres humanos. Permitia que seus seguidores se acasalassem com eles. Até mesmo Poseidon escolheu uma parceira humana, contra a vontade de seu irmão Tritão. Tritão acreditava que os seres humanos eram venenosos e destrutivos, e que o acasalamento entre eles não era natural. Para demonstrar seu desagrado, dividiu os territórios: o território de Tritão se tornou o lar daqueles que não aprovavam os seres humanos, o território de Poseidon, o daqueles de opinião contrária. Poseidon ignorou seu irmão e continuou como achou adequado, usando seu dom para alimentar a população cada vez maior de Tartessos. Para sua falta de sorte, a parceira humana que ele escolheu pertencia a outra pessoa, um rei humano.

— Que rei humano? — perguntou o Dr. Milligan, que pegou o banco de metal e passou a mão em cima do assento, como se a poeira já tivesse se acumulado desde a última vez em que ele se sentara.

Galen dá de ombros.

— Não sei. — Ele se vira para mim de novo, sorrindo. — Tampouco me importo. Nós, de Tritão, costumamos não gostar de seres humanos.

— Não é uma atitude muito nobre para um embaixador — digo.

— Mas não se preocupe. Não vou contar ao Dr. Milligan nem a Rachel. — Galen sorri. — Bem, o rei humano enviou cerca de metade de seu exército para recolher seus “pertences”. Obteve apoio de outros reinos de humanos contando histórias de escravidão e de reprodução não natural de seres humanos. Quando os exércitos chegaram, eles mataram todo mundo que estava à vista, até mesmo alguns filhos meio-humanos de Poseidon. Para interromper a matança, Poseidon apelou a Tritão para obter ajuda contra os seres humanos. Tritão concordou em ajudar, com uma condição: Poseidon tinha que abandonar sua cidade e prometer

viver como um Syrena a partir de então. Ele concordou. Tritão usou seu Dom para criar grandes ondas que destruíram a cidade, os mestiços e os exércitos humanos. Não houve sobreviventes. Depois disso, os generais concordaram em ajudar uns aos outros contra os humanos. A reprodução com eles se tornou ilegal, e os frutos dessa união eram vistos como aberrações. — Galen hesita na última palavra, talvez porque saiba se tratar de um insulto direto a mim, se levarmos em conta que sou mestiça. Porém não me sinto ofendida. O modo como ele contou a história foi mais uma repetição formal do que uma descrição com suas palavras. Faz com que eu pense que ele não acredita ou, pelo menos, que ele não acredita em algumas partes. Além disso, o jeito como ele está me olhando agora não faz com que eu me sinta uma “aberração”.

— Pensei que a guerra fosse entre os reinos — digo a ele. — Não contra os seres humanos.

Galen balança a cabeça.

— Nunca lutamos uns contra os outros. Não fisicamente, pelo menos. — Uma emoção desconhecida aparece em seu rosto e então desaparece como o flash de uma câmera.

— Então, esse é o Dom de Tritão? O controle do mar? — pergunto.

— Não — diz Galen, coçando o pescoço. — Pelo menos, não de maneira exata. Não sabemos como ele fez isso. Alguns dizem que foi a força, que ele abriu a terra e isso causou as ondas. Outros dizem que fez isso com a velocidade. Não sabemos. Já faz muito tempo desde que um membro da Realeza herdou o Dom de Tritão. Faz tanto tempo que os Arquivos discordaram a respeito do Dom.

Por alguns momentos, permanecemos em silêncio, envolvidos na história de Galen, de tudo o que foi dito e do que não foi dito. E quanto mais penso nisso, mais irada fico.

— Então, não sou de lugar nenhum? — pergunto, tirando-os de sua prostração.

— Como é? — indaga o Dr. Milligan, com os olhos tomados pelas lembranças do passado.

— Para começar, todos concordamos que sou uma aberração. É isso?

— Você não é uma aberração — diz Galen.

— Não sou Syrena e não sou ser humano. Os Syrenas acreditam que sou uma aberração. Os humanos me tratam como um experimento científico que descobriram. O que ainda deixa a grande pergunta sem resposta, Dr. Milligan. Como ninguém descobriu? — O Dr. Milligan suspira. Pega um lenço do bolso e limpa a névoa imaginária das lentes de seus óculos. Seus movimentos são muito calculados, muito meticulosos, que até mesmo eu reconheço que ele está tentando me acalmar.

— Emma, minha cara, você não me conhece há muito tempo, como o Galen. Mas, ainda assim, eu considero você uma amiga e espero que você me considere

um amigo também. Então, se somos amigos, posso ser sincero com você, certo?

Eu confirmo, mordendo o lábio como se estivesse sujo de doce.

O Dr. Milligan sorri quase como uma obrigação.

— Ótimo. Então, acredito que seu pai sempre soube de sua situação.

As lágrimas se acumulam na mesma hora, e não sei por quê. Galen desvia o olhar.

— Isso não é possível — sussurro. — Não é. Minha mãe saberia se ele estivesse escondendo alguma coisa. Ela é especialista em detectar mentiras.

— Tenho certeza de que ela sabia disso também — acrescenta o Dr. Milligan. — Como você disse, você é uma *anomalia* para a medicina — diz ele, enquanto eu digo a palavra “aberração”. — Não tenho filhos, mas, se tivesse, eu também não falaria nada. Cientistas do mundo todo perseguiriam sua família, implorando a chance de realizar alguns exames. A vida de vocês seria um caos. Seu pai sabia disso.

Eu respiro fundo.

— Acho que pode ser verdade. Mas a questão é que, se eles não são meus pais, então, de onde eu vim?

— Você poderia perguntar direto para sua mãe? — questiona o Dr. Milligan.

— Ela me internaria em um hospício. Não, espere. Ela riria da minha cara, *então* me internaria em um hospício. — Lembranças do dia em que quase me afoguei fazem as palavras ganharem um gosto amargo. O jeito como eu me deitei no colo dela, confiante, para contar a respeito do peixe-gato. O modo como ela riu e riu, a ponto de quase perder o fôlego. Foi a primeira vez que percebi que não podia confiar em minha mãe no que dizia respeito às minhas coisas. Não todas as minhas coisas, pelo menos.

O Dr. Milligan assente.

— Mas não precisa dizer nada a respeito de ser uma Syrena, certo? Pode ser que ela nem conheça essa parte. Pode ser que ela saiba apenas que você é diferente.

— Acho que sim — respondo sem muita firmeza. Se ela soubesse sobre mim, sobre meu dom, não teria rido de mim tantos anos antes. Ela teria me confortado e me dito o que eu era, bem ali. *Não teria?* De repente, sinto-me sobrecarregada demais para pensar. Meu mundo está ruindo e se reconstruindo, e sempre que isso acontece, aparece um mosaico diferente da realidade. Talvez o meu lugar seja num hospício.

Desço da maca e piso no chão de madeira com os pés descalços.

— Estou pronta para ir para casa — digo a nenhum dos dois. Quase engasgo com a palavra “casa”. Parece estranha ao ser dita, como se tivesse sido inventada. Como se não existisse. — O senhor terminou os exames, Dr. Milligan?

O médico se levanta e estende a mão para mim.

— Sim, não vou mais cutucá-la, minha cara. — Não há nada de comum em seu sorriso agora. — Foi um prazer conhecê-la, mocinha.

Mas já estou atravessando o corredor, com as roupas embaixo do braço.





Galen se senta a sua carteira, inquieto ao ver o rapaz loiro e forte conversando com Emma apoiar, de modo casual, o braço no encosto da cadeira dela.

— Bom dia — diz Galen, inclinando-se para envolvê-la com os braços, quase a puxando da cadeira. Ele chega a encostar o rosto no dela para deixar as coisas bem claras. — Bom dia... hum, Mark, não é? — pergunta Galen, tomando o cuidado de manter a voz em um tom agradável. Ainda assim, ele olha com atenção para o braço de homem que ainda está no encosto da cadeira de Emma, quase tocando nela.

Para sua confiança e sua segurança, Mark tira o braço e o apoia na mesa, lançando a Emma um sorriso preguiçoso cheio de dentes brancos.

— Você e Forza, hein? Já resolveu as coisas com as fãs?

Ela ri e, com delicadeza, tira os braços de Galen de seu corpo. Pelo canto dos olhos, ele vê que o rosto dela fica todo corado. Ela ainda não se acostumou a ser sua namorada.

Até dez minutos atrás, ele também não estava. Mas agora, do jeito como Mark olha para ela como se ela fosse um delicioso marisco, fazer o papel de namorado de Emma parece natural.

O sinal toca, poupando Emma de ter que responder e Mark de ter que pagar uma conta de hospital de milhares de dólares. Emma lança um olhar tranquilo para Galen, que retribui com o que espera ser um sorriso encantador. Ele calcula o próprio sucesso pela maneira como o rosto dela cora, mas para quando vê olheiras.

Ela não dormiu na noite passada. Não como ele pensou que ela dormiria. Há duas noites, no voo de volta para casa, vindos de Destin, ela permaneceu calada. Ele não a pressionou para falar sobre o que estava acontecendo, em particular porque ele não sabia o que dizer quando a conversa começasse. Muitas vezes,

Galen havia começado a dizer que ele não a vê como uma aberração, mas parece errado dizer isso em voz alta. Como se ele estivesse discordando da lei. E como aqueles lábios deliciosos e enormes olhos violeta podiam ser considerados uma aberração?

O mais maluco é que ele não apenas *não* a considera uma aberração, como o fato de ela poder ser uma mistura aumentou nele a esperança que não tem direito de sentir: *Grom nunca acasalaria com uma mestiça*. Galen não *acha* que ele faria isso.

Ele olha para Emma, cujos cílios sedosos nem sequer hesitam em seu estado de sono leve. Ele pigarreia e ela se assusta.

— Obrigada — diz ela ao levantar o lápis de novo, usando a borracha para traçar as linhas em seu livro enquanto lê.

Ele responde com um meneio de cabeça. Ele não quer que ela se afaste desse modo, ansiosa, tensa e deslocada.

Mas ele precisa procurar Romul, que será capaz de lhe contar mais sobre os mestiços, sobre por que Tritão os detestava. Não é algo que Galen pensou que perguntaria; sempre foi mais fácil encontrar motivos para detestar os humanos. Ainda assim, esses poucos seres humanos tornam impossível para Galen detestar a espécie como um todo. E um dia, pode ser que ele precise da lei a seu lado nesse aspecto.

O sinal toca, despertando-o de seus pensamentos e Emma de outro minicóchilo. Galen pega a mochila dela e a segura aberta enquanto ela guarda seu livro e papéis. Antes de sair, ele segura a mão de Emma e entrelaça seus dedos nos dela, como Rachel mostrou. Galen fica surpreso por ela se inclinar para ele e deitar a cabeça no seu bíceps. Talvez ela esteja mais acostumada a ser sua namorada do que ele pensou.

Ela boceja:

— Vamos tirar folga pelo resto do dia e tirar um cochilo na sua casa.

Ele aperta a mão dela. Passar o resto do dia com Emma sozinho na casa dele é a melhor e a pior coisa na qual ele consegue pensar.

— Sua mãe vai me matar e você vai ficar de castigo.

— Não dormi ontem à noite.

— Dá para perceber.

— Estou tão mal assim?

— Parece muito cansada.

Eles param na frente da porta da próxima aula. Ele estende o braço para abrir.

— Galen — diz ela, olhando para ele. — Por favor.

Ele suspira.

— Não posso faltar à aula hoje. Posso amanhã.

A curiosidade surge dentro dela.

— Por quê?

Ele a tira do caminho enquanto alguns colegas de sala passam. O segundo sinal toca.

— Vou conversar com os Arquivos hoje à noite. Para ver o que mais consigo descobrir sobre os mestiços. Pensei que isso, talvez, fizesse você se sentir um pouco melhor a respeito dos... — Ele dá de ombros, incapaz de terminar a meia-verdade. — Além disso, preciso voltar aqui antes de sexta-feira. A Rachel acha que temos um encontro na sexta à noite. Sabe, para disfarçar.

— Ah — diz ela, piscando os longos cílios. Ela boceja de novo. — Tipo um cinema ou algo assim?

— Ela disse algumas coisas. Cinema era uma delas, eu acho. Alguma coisa a ver com patins e boliche também.

Emma ri, meio zozna. — Se você me acha incrível de chinelo, precisa me ver patinando.

— Cinema, então, não quero correr o risco de levar outra pancada.

Galen a leva à porta, e ela permite que ele a abra. Tyler, um aluno do segundo com um pomo-de-adão do tamanho do nariz, faz um gesto para que eles se sentem na fileira do fundo. Galen passa para ele uma nota de vinte dólares enquanto Tyler coloca suas coisas em uma mesa à frente.

Enquanto Emma dorme na aula de física, Galen faz anotações sobre termodinâmica para ela. Em uma folha separada de papel, ele relaciona as perguntas que quer fazer a Romul. Ainda assim, mesmo depois de checar a lista, tem uma pergunta da qual ele está se esquecendo. A pergunta persiste, se repete, porém não está clara o bastante.

Ao lado dele, Emma suspira dormindo. Galen fica tenso. *Emma. Quem vai cuidar da Emma enquanto eu estiver fora?* Toraf ainda não voltou da busca por Paca. Rachel pode ficar de olho nela em terra, mas, se Emma entrar na água, Rachel não poderá fazer nada. Não que ela queira treinar em breve, pois está muito cansada. Mas Emma é quase sempre movida a desafios e a teimosia, e isso poderia trazer problemas à vida dele. Se ela quiser entrar na água, vai entrar.

Só resta uma pessoa. *Rayna.*





Os canais da tevê continuam mudando mesmo depois de Rayna parar de apertar os botões do controle remoto. Ela escorrega do sofá e fica de pé.

— Quatrocentos canais e nada que valha a pena assistir. Inacreditável — ela murmura.

Eu olho para ela de onde estou sentada na espreguiçadeira e dobro a página de meu livro.

— Você poderia me ajudar a praticar. Eles não teriam que saber. — Nem sequer sinto vontade de treinar. Só sinto que preciso entrar na água, já que o Galen me disse para não entrar. E mais ainda porque ele me deixou com uma babá.

Ela me olha de soslaio.

— O Bocão ficaria sabendo. Ele consegue me localizar em qualquer lugar, lembra? E ele contaria ao Galen. Ele saberia que tem algo de errado se você e eu entrássemos sem meu irmão.

Dou de ombros.

— Desde quando me importo se vou ter problemas ou não?

— Desde nunca. Mas Galen disse que se eu mantivesse você fora da água ele me ensinaria a dirigir o carro dele.

Chantagem.

— Acontece que eu sei dirigir. Posso ensinar você.

— O Galen disse que eu não podia pedir a você, caso contrário o acordo estaria desfeito.

— Você não pediu. Eu me ofereci.

Ela assente, mordendo o lábio.

— Verdade. Você se ofereceu. — Coloco o livro sobre a mesa de vidro de canto e me agacho ao lado dela.

— Vou ensinar você a dirigir se me deixar entrar na água. Você nem precisa entrar.

O modo como ela ergue a sobrancelha faz com que eu lembre de Galen.

— Se quer saber minha opinião, você está perdendo tempo tentando se transformar. Você é mestiça. Talvez não tenha uma barbatana aí.

— O que você sabe sobre os mestiços?

Rayna dá de ombros.

— Não entendo muito. Mas conheço o suficiente para saber que se você é um deles, não tem por quê tentar se transformar. Ninguém vai aceitar você. Pelo menos, nenhum Syrena.

Decido não me ofender. Não dou muito valor à opinião dela, de qualquer modo, e ela não se importa se eu me ofendo ou não.

Rayna merece crédito por dizer o que pensa. Ver isso como ofensa seria perda de tempo para todos. Além disso, ela ainda está aqui. Se me considerasse uma aberração, não ia querer nada comigo, certo?

— Pode ser verdade. Mas se fosse com você, não ia querer saber se conseguiria se transformar?

Ela pensa, e então dá de ombros de novo.

— É provável que sim.

— Então estamos combinadas? — pergunto, estendendo a mão para ela apertar.

Ela olha para a minha mão e cruza os braços. Eu coloco a mão no sofá, sentindo-me meio estranha, tentando imaginar se ela sabe o que é um aperto de mão.

— Você vai me ensinar a dirigir seu carro se eu deixar você entrar na água?

— Hum, não. Vou ensinar você a dirigir o carro de *Galen* se você me deixar entrar na água. Não vai tocar no meu carro sem carteira de habilitação. Uma de verdade, não uma coisinha falsa de plástico que a Rachel faz entre os programas de televisão da tarde. — Ainda que Galen não tenha carteira de habilitação, tem dinheiro suficiente para comprar uma nova. Eu, por outro lado, tenho economias suficientes para cobrir o básico.

Ela arregala os olhos.

— Você vai me deixar dirigir o carro vermelho dele? O conversível?

Por que não? Eu confirmo com um movimento de cabeça.

— Sim. O conversível. Fechado? — ela segura a minha mão e nós duas ficamos de pé.

E então ela anuncia:

— Fechado! Vou pegar as chaves da Rachel.

Eu paro no acostamento da estrada mais vazia no lado mais distante do canto mais abandonado de Middlepoint. O espelho retrovisor não me mostra nada além de um caminho de terra que desaparece como fantasmas em meio às árvores dos dois lados. À nossa frente, um carro do correio para com as luzes piscando diante da única caixa de correio na área. Ao passar por nós, o motorista faz um meneio de cabeça, observando nós duas com cara de quem pensa que estamos aprontando alguma — o tipo de coisa que ele devia relatar à polícia. Aceno para ele e sorrio, tentando imaginar se pareço tão culpada quanto me sinto. É melhor que essa seja a aula de direção mais rápida da história. Ela não precisa fazer nenhum exame. Se conseguir manter o carro em linha reta por dez segundos seguidos, já terei cumprido a minha parte do acordo.

Desligo o carro e olho para ela.

— E então, como você e Toraf estão?

Ela inclina a cabeça para mim.

— O que isso tem a ver com dirigir?

Além de atrasar tudo?

— Nada — digo, dando de ombros. — Só estou curiosa.

Ela desce o visor e abre o espelho. Usando o dedo indicador, ela passa o dedo sobre o rímel que Rachel passou nela.

— Não que seja de sua conta, mas estamos bem. Nós sempre estivemos bem.

— Ele não pensava assim.

Ela me lança um olhar.

— Ele é meio sensível demais às vezes. Já expliquei isso a ele.

Sensível demais? Até parece. Ela não vai sair dessa com facilidade.

— Ele beija bem — digo a ela, e me preparo.

Ela se vira no assento, com os olhos semicerrados.

— É melhor você esquecer esse beijo, Emma. Ele é meu, e se você voltar a colocar seus lábios nojentos em cima dele de novo...

— E agora? Quem está sendo meio sensível demais? — pergunto, sorrindo. *Ela o ama de verdade.*

— Troque de lugar comigo — ela diz. Mas estou feliz demais por Toraf para rebater.

Quando Rayna se senta no banco do motorista, sua atitude muda. Ela dá pulinhos sentada, como se estivesse experimentando um colchão em uma loja, tão animada, que já teria furado a capota se eu não a tivesse abaixado. Ela pega a chave na ignição. Seguro a mão dela.

— Não. Coloque o cinto primeiro.

É quase um clichê ela revirar os olhos agora, mas é o que faz.

Quando ela termina de dramatizar o ato de colocar o cinto de segurança — e depois de puxá-lo para ter certeza de que não vai se soltar — Rayna se vira para mim ansiosa. Eu faço um meneio de cabeça.

Ela vira a chave e o motor liga. Seu olhar distante me deixa nervosa. Ou talvez seja a culpa revirando meu estômago. Galen pode não gostar desse carro, mas ainda assim parece um sacrilégio colocar o destino de um BMW nas mãos leigas de Rayna. Ela segura o câmbio com tanta força que seus dedos ficam brancos. Agradeço a Deus por ser um carro automático.

— D é dirigir, certo? — ela pergunta.

— Sim, o pedal da direita é o acelerador. O da esquerda, o freio. Você precisa pisar no da esquerda para mudar de marcha.

— Eu sei. Vi você fazendo isso. — Rayna pisa com força no breque, e parece que vamos partir. Mas o carro não anda.

— Certo. Agora, você deve pisar no direito, que é o acelerador...

Os pneus começam a rodar — e nós também. Rayna olha para mim com os olhos arregalados e a boca entreaberta, o que não é nada bom, já que está com as mãos no volante. Percebo que ela está gritando, mas não consigo escutar o que ela diz por causa do barulho dos pneus. O muro de fumaça que criamos ao nosso redor sobe e bloqueia a nossa visão das árvores e da estrada e também da vida como a conhecíamos.

— Tire o pé do pedal direito! — eu grito. Paramos com tanta força, que meus dentes batem.

— Está tentando nos matar? — ela grita, com as mãos no rosto, como se eu tivesse batido nela. Seus olhos estão arregalados e vidrados. Parece que vai chorar.

— Está de brincadeira? É você que está dirigindo!

— Você me disse para pisar no freio para andarmos, e então no direito para....

— Não ao mesmo tempo!

— Bom, deveria ter me dito. Como vou saber?

Resmungo.

— Você agiu como o Dalai Lama quando tentei dizer para você mudar a marcha. Eu falei, um era para partir e o outro para parar. Não pode parar e ir ao

mesmo tempo! Precisa se decidir.

Pela expressão em seu rosto, ela está prestes a me bater ou a me chamar de algo bem feio. Ela abre a boca, mas o palavrão não sai; e ela volta a fechá-la.

E então ela ri. *Pronto, já vi tudo.*

— Galen me diz isso o tempo todo — ela diz. — Que eu não consigo me decidir. — Em seguida, ela começa a rir tanto, que espirra saliva no volante todo. Continua rindo até eu ter certeza de que uma força desconhecida está tirando seu bom senso.

O quê? Até onde vi, a indecisão dela quase nos matou. E isso não tem graça.

— Você devia ter visto sua cara — comenta ela, tentando puxar o ar. — Você estava toda... — E faz a careta de um palhaço bêbado. — Aposto que fez xixi na calça, não? — Ela ri tanto que leva a mão à barriga.

Percebo que estou esboçando um sorriso, não consigo me conter.

— Você ficou com mais medo do que eu. Deve ter engolido umas dez moscas enquanto gritava.

Ela cospe no volante de novo. Eu começo a rir. Precisamos de uns bons cinco minutos para nos acalmarmos o suficiente para mais uma aula de direção. Minha garganta está seca e meus olhos, marejados quando digo:

— Certo. Vamos nos concentrar. O sol está se pondo. Esta mata deve ficar bem assustadora à noite.

Ela pigarreia, ainda rindo um pouco.

— Certo, vamos nos concentrar.

— Então, agora, quando tirar o pé do freio, o carro vai partir sozinho. Assim, viu? — Percorremos a estrada a cerca de cinco quilômetros por hora.

— Que chato. Quero ir mais depressa.

Começo a dizer “Não tão rápido”, porém ela pisa no acelerador com tudo, e minhas palavras são levadas pelo vento. Ela grita assustada, o que eu acho falso porque, afinal, sou a indefesa que está no banco do passageiro, e ela está gritando feito uma chaleira, virando o volante de um lado para o outro na estrada completamente reta.

— Freie, freie, freie! — eu grito, esperando que a repetição entre na parte pequena de seu cérebro com a qual ela consegue pensar.

Tudo acontece bem depressa. Paramos. Escutamos um barulho de batida. Meu rosto bate no painel. Não, espere, o painel se transformou em um air bag. O grito de Rayna é abafado pelo air bag. Abro os olhos. Uma árvore. Uma maldita árvore. A estrutura de metal ronca, e algo embaixo do capô emite um chiado mecânico. Uma fumaça sobe pela frente, o símbolo universal do “Estamos encrencados”.

Eu me viro na direção do barulho ao meu lado. Rayna está toda atrapalhada com o air bag, como se ele o tivesse atacado e não salvado sua vida.

— O que é esta coisa? — ela grita, afastando o air bag e abrindo a porta.

Um... dois...

— Bom, você vai ficar sentada aí? Temos uma longa caminhada pela frente até chegarmos em casa. Não está ferida, né? Porque não vou conseguir carregar você. — *Três... quatro...*

— O que são aquelas luzes azuis lá embaixo?





É praticamente uma reta só da Costa de Jersey para a Caverna das Lembranças, onde os Arquivos moram. Galen chega lá em poucas horas. Acima dele, o gelo denso do Ártico serve como uma primeira defesa contra os olhos curiosos dos seres humanos.

Durante séculos e séculos, as camadas de passado congelado foram a única defesa necessária. Porém agora os seres humanos já aprenderam a enviar suas câmeras robóticas. Muitos dos objetos antigos dos Syrenas, que antes ficavam expostos no fundo do mar, foram colocados em câmaras da caverna. Uma pena, já que o acesso à caverna se restringe aos membros da Realeza e aos Arquivos.

Ele passa por um local onde enormes colunas romanas costumavam receber os visitantes, como se em uma recepção. Agora, não passa de um local abandonado, cinza e frio por motivos que vão além da temperatura. Galen balança a cabeça. Os seres humanos arruinam tudo, de verdade. *Não*, ele diz a si mesmo. A maioria *dos seres humanos arruinam tudo. Não todos.*

Ele chega à entrada da caverna. Dois localizadores Syrenas o deixam entrar sem qualquer pergunta. Sem dúvida eles sentiram sua presença antes mesmo de ele chegar à Groenlândia. O portal estreito se abre em um corredor amplo que mais parece uma mandíbula gigante repleta de dentes finos e afiados. As rochas que tomam o espaço quase encostam no chão. Galen espera que, se os seres humanos algum dia entrarem ali, eles se sintam como uma refeição.

Ainda que ousassem passar pela boca e entrar na briga, eles se sentiriam pressionados a encontrar qualquer coisa estranha que não fosse natural desse lugar. A Caverna das Lembranças se estende por centenas de quilômetros, um labirinto de caminhos, túneis e câmaras. Algumas são estreitas demais até para uma enguia passar. Outras poderiam acomodar um exército de seres humanos. As relíquias, a história da espécie de Galen, estão escondidas nas partes mais profundas, por meio das passagens mais complexas. Encontrar a saída seria

impossível, mesmo com a tecnologia humana mais avançada.

Mas os Syrenas têm uma ferramenta natural que os guia: o sentido. Os Arquivos não precisam mais do sentido dentro da caverna: por terem exercitado suas lembranças até o limite, conseguem se locomover sem usar o sentido. Galen sorri ao pensar na expressão irritada de Emma ao saber que os Syrenas têm memória fotográfica, de acordo com o Dr. Milligan. Ela já tinha quase caído da cadeira quando Galen conseguiu uma nota maior do que a dela em sua primeira prova de cálculo.

Quando faz uma curva, Galen sente a pulsação de Romul e a segue por mais um caminho cheio de entradas. Romul está à espera dele dentro da câmara de cerimônia, o local onde os registros de acasalamento são mantidos. Galen nunca viu Romul ali antes. Ele tenta imaginar se pode ter algo a ver com a linhagem de Paca. *Ele está tentando provar que ela tem sangue real?*

Romul se inclina diante de Galen, porém é Galen que se sente humilde.

— Ah, meu membro favorito da Realeza — declara Romul. — Como estão as coisas com você, jovem Galen?

— Muito bem, Romul. Obrigado.

— O que traz você a esta parte distante da existência, meu príncipe? Mais importante, em que posso lhe ajudar?

— Preciso de algumas informações sobre os seres humanos de novo, Romul — diz Galen sem hesitar. Ele ainda está surpreso com o envolvimento de Romul na busca de Grom por Paca, mas perguntar sobre os seres humanos é um dos pedidos mais comuns de Galen. Romul não deve suspeitar de nada incomum, até porque Galen é embaixador dos Syrenas.

Romul sorri e assente, com os cabelos compridos e ralos.

— Claro, meu príncipe. O que posso fazer por você?

— Gostaria de ver os restos de Tartessos. Tenho perguntas a fazer sobre os mestiços.

Romul ergueu uma sobranceira em sinal de surpresa.

— Como desejar, jovem príncipe. Por aqui, por favor.

Galen segue seu mentor para dentro da caverna. Eles passam pela Sala de Pergaminhos, que tem um nome errado para o que guarda ali dentro. O papiro delicado das civilizações perdidas da humanidade já se desintegrou há muito tempo, mas as águas congeladas do Ártico mantêm os outros registros — placas, cerâmica, joias e, às vezes, paredes inteiras de hieróglifos — bem preservados.

As temperaturas congelantes também mantêm intacta a Câmara de Tumbas — a catacumba gigante dos Syrenas mortos. Galen nunca entrou na tumba, mas Rayna costumava visitar a mãe nos primeiros anos depois de sua morte. A tumba garante que os restos dos Syrenas nunca caíam nas mãos dos seres humanos.

Galen estremece ao pensar na busca pelo mundo que com toda certeza ocorreria se o corpo de um Syrena — ou mesmo se um osso — aparecesse em uma praia em algum lugar.

Eles chegam à Câmara Cívica, a maior de todas as câmaras que guardam os restos das cidades. Galen já esteve aqui antes, muitas vezes, mas nunca com um olhar humano, por assim dizer. Ou, então, o olhar de um mestiço. Emma poderia se perder ali por dias, talvez meses. E ele adoraria levá-la ali para que isso acontecesse.

Romul o leva além das grandes ruínas de Alexandria, Egito e dos artefatos dos quartos de Cleópatra. Passam por alguns templos antigos da Tailândia, que foram retirados com dificuldade de um local dentro da água e reconstruídos ali, na Caverna das Lembranças. Passam por uma enorme pirâmide desconstruída séculos antes na costa da ilha chamada Japão e remontada ali para uma eternidade bem merecida. Finalmente, eles chegam a Tartessos, talvez a mais importante cidade dali por causa de sua conexão com a espécie deles.

De todas elas, Tartessos é a cidade mais intacta. Construída como um enorme alvo, a metrópole teria sido circular, com ruas dando voltas nas estruturas principais. Romul e Galen atravessam a primeira ponte salva, cujas águas agora passam por cima dela, e não por baixo. Eles passam nadando pelas estátuas do próprio Poseidon — ou, pelo menos, a versão que os seres humanos fazem dele. Mesmo com rachaduras e fendas, com pedaços de sua cauda e tridente faltando, as estátuas são lindas.

Os Syrenas contratados para a tarefa de recriar as estradas se mostraram meticulosos ao colocarem cada pedra recuperada em uma perfeita esfera, formando caminhos amplos que levam ao palácio no meio. Nadando por cima, Galen e Romul seguem a estrada fragmentada enquanto passam por construções, fontes e banheiros públicos. Galen imagina com facilidade uma população antiga dando vida a esse local desolado e inanimado, trocando a abundância de ouro, prata e cobre por alimentos, roupas e serviços. *Mas e as pessoas que se parecem com Emma?*

Galen tem sua dúvida respondida quando eles dobram a última entrada para o palácio. Ele perde o fôlego quando se aproximam de um muro que ele viu mil vezes antes, porém nunca olhou com atenção. Imagens de seres humanos sacrificando bois enormes como ofertas a Poseidon. A maioria deles tem cabelos pretos, pele morena, olhos violeta. Há linhas bem delineadas em seus abdomes, talvez para enfatizar a psique. Mas no canto da imagem, há outros seres humanos. Seres humanos que ele nunca notou antes, porque seus contornos quase se fundem com o muro. Pele branca. Cabelos brancos. Olhos azuis. Seres humanos parecidos com Emma.

Galen pigarreia.

— Estes seres humanos aqui — aponta Galen, passando os dedos por uma, cujas curvas suaves lembram Emma. — Quem são eles?

— Meu príncipe, nenhuma das imagens deste muro é de seres humanos. São nossos irmãos Syrenas em suas formas humanas. E estes — diz Romul, com a voz tomada de desdém — são os mestiços. Estes, em especial, reproduzidos pelo próprio Poseidon.

Galen fica tenso com a amargura do tom de Romul.

— Certo, acho que você falou deles antes. Algo a ver com aberrações... não me lembro muito bem. Por que eles eram odiados?

Romul balança a cabeça.

— Eles próprios não eram odiados. Não, meu jovem amigo. Na verdade, Poseidon adorava seus filhos mestiços. Isso foi parte do problema. Muitos dos irmãos se sacrificaram por seus parceiros humanos.

— Eles se sacrificaram? Do que você está falando?

— Faz parte de nossa memória coletiva que tantos de nossos ancestrais escolhiam passar a maior parte de seu tempo em terra — disse outra voz atrás deles. Galen e Romul se viram para ver Atta, uma arquivo da casa de Poseidon.

Romul sorri simpático para ela. Na Caverna das Lembranças não existe divisão das casas.

— Atta, seja bem-vinda. — Ele se vira para Galen de novo. — Sim, ela está certa, jovem amigo.

— Mas qual é o problema disso? Passar tempo em terra? — Galen se arrepende de não ter feito a pergunta de uma maneira melhor; parece que ele está questionando a lei. Parece traição.

— Nossos corpos não foram feitos para a terra, meu príncipe — diz Atta, passando a mão pequena pelo muro como numa reverência. — O... peso... na terra torna nossos corpos mais duros do que são na água. Faz com que envelheçamos mais depressa.

— Peso? — pergunta Galen, tentando entender o que ela quer dizer.

Ele se vira para Romul.

— Ela está falando de gravidade?

Claro. É por isso que ele fica tão cansado ao fim de um dia de aula. Exige-se mais energia para mover seu corpo na terra do que para flutuar, quase sem peso, na água. Muito mais energia. Um leve movimento da barbatana faz com que ele triplique a distância usando o mesmo esforço para mover suas pernas humanas.

Romul assente.

— Sim, a gravidade, muito bem, Galen. A população de Syrenas começou a diminuir muito depressa, porque muitos de nossos irmãos decidiram permanecer na terra com seus parceiros humanos e tiveram mortes como a dos seres humanos. Tritão sabia que, se isso continuasse, nossa espécie acabaria por desaparecer.

Faz com que envelheçamos mais depressa. Galen se lembra do que o Dr. Milligan disse a respeito dos batimentos cardíacos. Quanto mais rápida a frequência cardíaca, mais curta a vida. Durante a última visita, Dr. Milligan havia dito que a frequência cardíaca de Galen estava mais rápida do que quando ele a verificara meses antes. *Porque tenho passado muito tempo em terra.*

Ele sente a garganta apertar.

— Os mestiços, como são?

Atta e Romul se entreolham. Romul diz:

— Creio que não entendemos a pergunta, meu príncipe.

— O que quero saber é se eles eram capazes de se transformar em Syrenas. Algum dos mestiços de Poseidon herdou esse dom?

Romul franze o cenho. Atta une as mãos diante do corpo.

Ela diz:

— Não que nos lembremos, Alteza. Acreditamos que os mestiços nunca conseguiram se transformar. Acredita-se que nenhum deles possuía o Dom de Poseidon.

— Acredita-se? Vocês não têm certeza? — pergunta Galen, cada vez mais frustrado.

— Meu príncipe — diz Romul —, é possível que eles tenham herdado o Dom dele. A Lei dos Generais, que exigia que as duas casas se acasalassem, só foi criada quando Tartessos foi sitiada por seres humanos. Não podemos confirmar se algum filho mestiço de Poseidon herdou o Dom, pois todos foram destruídos nas grandes ondas de Tritão.

Emma consegue prender a respiração por muito tempo, mas não pelo tempo que quer. Dependendo de quanto tempo Tritão permaneceu em terra, os mestiços podem ter sido eliminados. *Ainda assim, alguns poderiam ter sobrevivido, não?* Ele olha para a mestiça no muro, aquela que faz com que se lembre de Emma. Sente enjoo ao pensar que ela se afogou.

Perdido em seu conflito, Galen olha para a imagem por tempo suficiente para incomodar seus companheiros.

— Alteza, podemos ajudá-lo em mais alguma coisa? — Atta o tira de seu transe.

Galen assente.

— Tenho mais uma pergunta, Atta, se você não se importa.

— Claro que não, Alteza — diz ela com graciosidade.

— Os mestiços. Eles eram maus? Eles se viraram contra nós? Foi por isso que Tritão os destruiu com os humanos?

— Não — diz ela. — Tritão sentiu que eles deviam ser destruídos por causa do que eles defendiam. Ele não queria que Poseidon se lembrasse de sua parceira humana ou de seus filhos mestiços. Não queria que nossa espécie fosse tentada a viver — morrer — na terra. Tritão acreditava que nossa sobrevivência dependia de permanecermos abaixo da superfície, longe dos seres humanos.

— Podemos ajudar em mais alguma coisa, jovem amigo? — pergunta Romul, depois de alguns instantes.

Galen balança a cabeça.

— Não, obrigado por me ajudarem, vocês dois.

— É nosso prazer servi-lo, Alteza — diz Atta, fazendo uma reverência e retirando-se. Seus cabelos compridos ondulam em suas costas como um pedaço de tecido.

Galen se vira para partir também, mas percebe algo no muro. Observa de novo, procurando o que lhe chamou atenção. E encontra a poucos metros. Aproximando-se da imagem de um Syrena do sexo masculino, ele passa o dedo pelo contorno dos olhos.

— Azuis? — pergunta ele a Romul. — Os olhos dele são azuis?

Romul balança a cabeça.

— Não, meu príncipe. Algumas tintas que os seres humanos usaram para desenhar nossos irmãos não eram de boa qualidade. Ao longo dos anos, a cor parece ter desaparecido.

— Claro. O roxo é feito do azul — Galen assente para a imagem, e então para Romul. — Bem, obrigado de novo, Romul. Até mais tarde.

Romul inclina a cabeça na direção dele.

— Sempre uma honra, jovem amigo. Fique bem.

Galen segue a pulsação dos dois localizadores para encontrar a saída da caverna. Voltar para casa parece demorar mais do que a vinda. Ele suspeita de que as preocupações em sua mente são as responsáveis por torná-lo mais lento fisicamente também.

O Dr. Milligan tem razão. Emma é, com certeza, uma mestiça. Mas também tem o Dom de Poseidon. A lei que exige que as duas casas se casalem a cada três gerações deve ser teoria... Os membros da Realeza não são os únicos que podem herdar o Dom. Galen suspeita de que deve ser outro lembrete de Tritão para que permaneçam leais uns aos outros em vez de serem leais aos seres humanos. *Isso torna Paca uma candidata comum, com sangue da Realeza ou não.* Se ela tiver o Dom, vai passá-lo a seus filhos. Assim como Emma.

Seria possível que alguns filhos mestiços de Poseidon tenham sobrevivido e se reproduzido? Emma poderia ser descendente desses filhos? Ela diz que seu pai tinha pele clara, cabelos claros. Será que ele poderia ser o elo que eles

procuram?

E se for? O que seria mais importante para Grom: respeitar a lei, não se acasalando com um mestiço, ou se acasalar com um para garantir a continuidade do Dom? Galen não sabe. E ainda que Grom escolha não se reproduzir com Emma, ele permitirá que Galen a tenha como parceira? Porque se Romul e Atta estiverem certos, Emma nunca terá uma barbatana, e isso quer dizer que Galen terá que viver com ela na terra.

Vale a pena abrir mão de anos de minha vida para ficar com ela? Galen pensa no contorno do quadril dela, em seus lábios carnudos, no modo como ela cora ao ser flagrada olhando para ele. E se lembra de como se sentiu mal quando o Dr. Milligan disse que Emma morreria antes que ele.

Ah, sim, vale demais a pena.





O policial Downing estaciona ao lado do carro da minha mãe. *É claro* que ela está em casa. Não sei nem por que alimentei a esperança de que ela não estivesse. Talvez porque eu tenha 18 anos, e eles não se deem o trabalho de chamar meus pais ao local da ocorrência. Mas ainda que eu não seja uma vítima da lei, sou vítima das línguas ferinas da cidade. Vítima de luzes azuis, sussurros e caras de reprovação. E, minha nossa, eu me sinto a vítima, porque além de ela estar em casa, está na varanda, com os braços cruzados. Esperando.

O policial Downing abre a porta de trás de um carro barato com cheiro de plástico, odor corporal e humilhação. Saio. Ele me devolve minha mochila, que Rachel fez a gentileza de trazer quando deixamos Rayna na casa de Galen. Ela também teve a bondade de não me matar por aparecer em sua casa com um policial.

— Descanse um pouco, juvenzinha — diz o policial. — É provável que sinta o corpo dolorido amanhã. Em geral, os efeitos de um acidente aparecem depois de um ou dois dias.

— Obrigada pela carona, policial Downing. Agradeço a ajuda — digo de um jeito tímido.

— De nada, Srta. McIntosh. Boa noite. — Ele acena para a minha mãe de um modo contido, e então entra no carro e dá a ré.

Caminho até a varanda, pensando que posso sair correndo na outra direção. Mas, tecnicamente, eu não deveria estar em apuros. Não era o meu carro. Não fui eu quem recebi multa. Foi Samantha. E a foto de Samantha Força na carteira de habilitação lembra muito Rayna. Ela disse ao policial Downing que virou o carro para não bater em um camelo, o que o policial Downing interpretou como sendo um veado depois que ela disse “um animal peludo de quatro patas e um chifre”.

Como ninguém formou um grupo de busca para procurar um camelo ou unicórnio, imaginei que estávamos livres de problemas. Mas pela expressão de minha mãe, estou longe disso.

— Oi — digo ao subir os degraus.

— Vamos conversar — brada ela, segurando meu rosto e acendendo uma caneta-lanterna diante de meus olhos.

Eu me afasto.

— Está mesmo checando minhas pupilas?

— O Hal disse que você parecia desorientada — afirma ela, voltando a guardar a caneta.

— Hal? Quem é esse?

— Hal é o paramédico que colheu sua assinatura quando você se recusou a receber tratamento médico. Ele ligou para o hospital depois que se afastou de você.

— Ah. Bom, então o Hal deveria ter percebido que eu só me envolvi em um acidente, então é normal que eu esteja um pouco perdida. Isso não quer dizer que eu estava drogada. — Então, não eram as línguas ferinas da cidade, eram as línguas ferinas do *bairro*. O velho Hal deve ter transportado centenas de pacientes da minha mãe para o pronto-socorro.

Ela faz uma cara feia.

— Por que não me ligou? Quem é Samantha?

Eu suspiro e passo por ela. Não existe motivo para conversarmos na varanda. Ela me segue para dentro da casa.

— É a irmã de Galen. Não liguei porque meu celular estava sem sinal. Estávamos em uma estrada distante.

— Onde estava o Galen? Por que você estava dirigindo o carro dele?

— Ele estava em casa. Estávamos apenas dando uma volta. Ele não quis nos acompanhar. — Na teoria, todas essas afirmativas são verdadeiras, por isso elas parecem verdadeiras quando eu as digo.

Minha mãe resmunga e segura a porta da frente.

— Provavelmente porque ele sabe que a irmã é perigosa dirigindo.

— Provavelmente. — Caminho até a cozinha e coloco a mala em cima do balcão. Depois de pegar uma garrafa de água da geladeira, eu me sento à mesa da sala de jantar para desamarrar meus tênis.

Ela puxa uma cadeira ao meu lado.

— Não está machucada? Hal disse que você bateu a cabeça. Fiquei preocupada.

— Bati, sim, no air bag. Mas estou bem. Não estou nem zonha.

O tom de voz de minha mãe deixa de ser maternal e passa a ser formal.

— Bem, vai me contar o que aconteceu de verdade? Porque não estou acreditando nesse papo de “decidi dar uma volta numa estrada erma com um BMW”. Um veado? Está brincando, certo?

Detesto quando ela me pressiona assim. Esse ar de boazinha/ruim. Ela não entende que precisa escolher um dos dois, não os dois.

— Vou contar se você me contar — digo, agindo com imaturidade. Estou cansada dessa história de dois pesos, duas medidas: ela guarda segredos, mas eu não posso guardar. Além disso, estou cansada e ponto. Preciso dormir. E isso quer dizer que eu preciso de respostas.

— O que está dizendo? O que devo contar?

— Vou lhe contar o que estávamos realmente fazendo ali. Depois que me contar quem são meus pais verdadeiros. — Pronto, falei. Coloquei as cartas na mesa.

Ela ri, como eu esperava.

— Você está falando sério?

Eu confirmo.

— Sei que sou adotada. Quero saber como. Por quê? Quando?

Ela ri de novo, no entanto percebo algo falso ali, como se não fosse a reação mais natural.

— O que é isso agora? Você está se revoltando porque pensa ser adotada? Por que pensaria uma coisa dessas?

Eu uno as mãos à minha frente sobre a mesa.

— Olhe para mim. Nós duas sabemos que sou diferente. Eu não me pareço nem com você nem com o papai.

— Isso não é verdade. Você tem o meu queixo e os meus lábios. E você tem o nariz dos McIntosh.

— E a minha pele? E o meu cabelo?

— O que tem?

— Ah, deixa para lá — digo, balançando a mão. Fico de pé para me afastar. Ela não vai abrir o jogo, como eu suspeitava. — Não estou a fim de ver você rindo da minha cara. Vou tomar um banho e dormir.

Ela segura meu braço.

— Não estou rindo de você. Por que eu riria?

Além do fato de ela já ter rido duas vezes nessa conversa? Ergo uma

sobrancelha demonstrando dúvida, mas permanece sentada. Depois de respirar fundo, eu digo:

— Porque é o que você faz sempre que tento conversar com você.

Ela hesita.

— Desde quando você tenta conversar comigo? — pergunta ela, baixinho.

Hum. Ela tem razão. Escutá-la dizendo isso não me parece muito justo, mesmo. Abro e fecho a boca algumas vezes. Devo dizer “desde que eu tinha 4 anos”?

Afinal, ela é o motivo pelo qual eu não converso com ela, certo?

— Quando aqueles peixes me salvaram...

Ela ergue as mãos, e me surpreende.

— Pelo amor de Deus, eu pensei que você quisesse conversar direito, Emma. Você está tocando nesse assunto? Você tinha 4 anos. Como pode sequer se lembrar?

— Não sei, apenas lembro. Eu me lembro daqueles peixes me salvando. Eu me lembro de você rindo de mim quando tentei lhe contar. Mas o papai não riu. O papai acreditou em mim.

Ela suspira.

— Olha, sei que você sente falta de seu pai. Mas o que isso tem a ver com você ser adotada?

Eu fico de pé, quase derrubo a cadeira.

— Esquece, está bem? Você é minha mãe de verdade. O papai é meu pai de verdade. E Ra... Samantha desviou para não bater em um veado. Pronto. A vida pode continuar. Vou dormir.

Subo a escada batendo os pés e começo a me despir. Agora é um daqueles momentos em que um banho quente me deixaria satisfeita. Mas estou fadada a sentir a água morna pelo resto da vida.

No fundo, sei que estou fugindo. Eu deveria continuar falando com ela, deveria continuar fazendo perguntas. Porém, de certo modo, acabei me irritando e desisti. De repente, a culpa é *minha* por não termos um relacionamento melhor.

Abro a cortina do chuveiro e entro na água quente. Sinto a água morna. Coloco xampu na mão e faço bastante espuma. Fico tensa ao ouvir a voz de minha mãe do outro lado da cortina.

— Você tem razão. Seu pai acreditou em você — diz ela sem emoção. — Mas ele acreditaria em qualquer coisa que você dissesse, Emma, porque você foi dramática e estava muito emocionada. É claro que pensou ter sido real. Tenho certeza de que pareceu muito real para você, na época. Sinto muito por ter rido. Não sei se já disse isso. Mas sinto muito. Não percebi que magoei você.

Meus lábios tremem. Não consigo dizer nada. Seria mais simples dizer a ela que está tudo bem. Aceitar seu pedido de desculpa. Mas guardo essa amargura há tanto tempo que não consigo me livrar dela. Ainda não. E não me livro. Ela não diz mais nada. E não percebo quando ela sai.

Quando saio do banho, minha certidão de nascimento está sobre a pia do banheiro, juntamente com algumas fotos de bebê que nunca vi. Uma foto de meu pai posando para a câmera enquanto corta meu cordão umbilical. Uma foto de minha mãe, com a aparência cansada depois do trabalho de parto, mas ainda sorrindo enquanto segura um bebê pálido com uma pele quase transparente e cabelos loiros-brancos. Eu.

Será que tudo isso foi ensaiado? Será que a certidão de nascimento foi forjada? E se isso aconteceu, POR QUÊ? Não faz o menor sentido. Mas isso poderia ter muito a ver com meu cansaço. Talvez de manhã possa olhar as fotos com o olhar renovado. Até vou levar minha certidão de nascimento para Rachel ver se é de verdade.

Satisfeita com meu plano, enrolo uma toalha em meus cabelos e outra em meu corpo. Abro a porta do banheiro. E quase morro de susto. Galen está sentado na minha cama. *Preciso começar a trancar minha varanda.*

Ele parece irritado e feliz ao mesmo tempo. Faz só vinte e quatro horas que eu não o vejo, mas mesmo sem ter dormido, fico feliz por ele estar de volta.

— Eu acho que seu pai era um mestiço — diz ele. E franze a testa. — E eu nunca disse a Rayna que daria aulas de direção a ela.





A noite de sexta-feira enfim chegou.

Galen dá a volta na rua de Emma, imaginando mentalmente a lista de afazeres que Rachel deu a ele para o encontro dos dois. Ele está determinado a manter Emma ocupada a noite toda; ela precisa de distração ainda mais do que *ele*. Ela tem cercado Galen de perguntas sobre seu pai. Ele lhe disse tudo o que os Arquivos contaram. Emma mostrou a ele a certidão de nascimento — que Rachel confirmou ser autêntica ou, então, a melhor falsificação que ela já vira — e as fotos dela na infância. Tudo isso só confirma o que ele já concluiu: o pai de Emma era descendente dos mestiços. Ele tinha cabelos loiros e pele clara. Além disso, usava lentes de contato. Emma jura que não eram lentes coloridas, mas Galen tem certeza de que eram, sim. Só podiam ser.

Existem outras coincidências também. Seu pai amava o mar. Adorava frutos do mar. Acreditou em Emma quando ela contou sobre os peixes que a salvaram. Por que ele acreditaria nela a menos que soubesse quem ela é? E sendo médico, ele sabia tudo sobre suas anomalias físicas. Como podia não ser um mestiço?

Mas Emma resiste a tudo o que Galen diz, com base no fato de que “não parece fazer sentido”.

Por falar em coisas que parecem não fazer sentido... Ele para sua caminhonete na frente da casa dela e sente a ansiedade revirar seu estômago. Quando sai do carro, percebe como gosta de andar em vez de ficar preso dentro de uma cabine compacta. Quase fica contente por Rayna ter amassado o carro vermelho em uma árvore... só não gosta de pensar que ela e Emma poderiam ter se ferido. Ele balança a cabeça, caminhando pela entrada da casa de Emma com suas botas Timberland.

Mesmo com o som de suas pisadas, ele escuta as batidas de seu coração. Estão mais rápidas do que o normal? Ele nunca notou antes, então não sabe dizer.

Acreditando ser paranoia, ele bate à porta e une as mãos à frente do corpo. *Eu não deveria estar fazendo isso. Está errado. Pode ser que ela ainda seja do Grom.*

Mas quando Emma atende a porta, tudo parece voltar ao normal. Seu vestidinho roxo deixam seus olhos violeta ainda mais destacados.

— Desculpa — diz ela. — Minha mãe fez um escândalo quando tentei sair de casa de calça jeans. Ela é meio quadrada, pelo visto. Sabe, “Vossa Senhoria deve se vestir de maneira adequada para ir ao cinema”, diz a mulher que nem sequer tem um vestido.

— Ela fez um favor para mim — diz ele, e então enfia as mãos nos bolsos. *E que favor.*

Depois de comprarem os ingressos, Emma o puxa para a fila de espera.

— Galen, você se importa? — pergunta ela, traçando um círculo, de modo distraído, no braço dele com o dedo, incendiando seu corpo por dentro. Ele percebe a travessura em seus olhos, mas não exatamente o jogo que ela está fazendo.

— Pegue o que quiser, Emma — diz ele. Com um sorriso tímido, ela pede setenta e cinco dólares em refrigerante e pipoca. Pela expressão do atendente, setenta e cinco dólares deve ser muito. Se a brincadeira é gastar todo o dinheiro dele, ela vai se decepcionar. Ele trouxe dinheiro suficiente para mais cinco vezes aquilo. Ele ajuda Emma a levar os dois refrigerantes enormes, os dois baldes de pipoca e as quatro caixas de doces para a fileira de cima do cinema lotado.

Quando Emma se acomoda em seu assento, ela abre uma das caixas e despeja o conteúdo em sua mão.

— Veja, lábios doces, peguei o seu preferido, de limão!

Lábios doces? O que... antes que ele consiga se virar, ela enfia três deles em sua boca.

Assim que vê a careta que ele faz, ela começa a rir de jeito maquiavélico. Enfia um canudo em um dos copos e o entrega a ele.

— Melhor você beber isto — ela sussurra. — Para tirar o azedo do doce.

Ele deveria ter imaginado. A bebida é tão cheia de bolhas que chega a arder suas narinas. O orgulho o impede de tossir. O orgulho, e o lábio doce preso em sua garganta. Com mais algumas tentativas de engolir saliva, ele consegue fazer o doce descer.

Depois de alguns minutos, um monte de pipoca oleosa e o resto do refrigerante, as luzes enfim se apagam, trazendo alívio a Galen. Enquanto Emma se distrai com o que chama de “trailers idiotas”, Galen pede licença para vomitar no banheiro. Emma venceu dessa vez.

Quando ele volta para seu assento, Emma já não está mais ali, mas deixou seu arsenal de comida para trás. *Não importa. Ela já começou uma guerra.* Como os

olhos dele só se ajustam à escuridão dentro da água, ele conta com os arrebios para encontrá-la. Ela está sentada alguns assentos mais para baixo, na outra ponta do cinema. Galen se senta na cadeira vazia ao seu lado, e olha para ela com ar confuso. A tela se ilumina o suficiente para vê-la revirando os olhos.

— Estávamos sentados na frente de um monte de crianças — ela sussurra. — Elas falavam demais.

Galen suspira e se remexe na cadeira para ficar confortável — a noite vai ser longa. Assistir a seres humanos fingindo durante duas horas não é bem o que ele chama de diversão. Mas percebe que Emma está inquieta. E se sente da mesma maneira.

Ele cochila e, de repente, ouve um barulho alto vindo da tela. Emma agarra o braço dele como se ele estivesse prestes a cair de um precipício. Pressiona o rosto contra seu biceps e resmunga.

— Já acabou? — ela sussurra.

— O filme?

— Não. Aquela coisa que saiu dela. Acabou?

Galen dá uma risadinha e usa o braço que ela está segurando para abraçá-la.

— Não. É melhor você ficar assim até eu dizer que acabou.

Ela levanta a cabeça, mas está quase sorrindo.

— Preciso dizer que, sendo um encontro de mentira ou não, eu detesto filmes de terror.

— Por que não me contou isso? Todo mundo na escola estava praticamente salivando por causa desse filme.

A moça ao lado dela se inclina para eles e sussurra:

— Shhhh!

Emma se aconchega no braço dele e esconde o rosto em seu peito, para onde volta com frequência conforme o filme continua.

Galen admite a si mesmo que os seres humanos conseguem mesmo fazer com que tudo pareça muito real. Mas, mesmo assim, não consegue entender por que Emma está com tanto medo se sabe que são apenas atores na tela, recebendo dinheiro para gritar como lagostas em água fervente. Mas quem é ele para reclamar? A performance convincente faz Emma permanecer em seu abraço por quase duas horas completas.

Quando o filme termina, ele para o carro no meio-fio e abre a porta para ela, como Rachel o orientou. Emma aceita sua mão enquanto ele a ajuda a entrar.

— Como devemos chamar a nossa brincadeirainha? — pergunta ele no caminho para casa.

— Brincadeirainha?

— Sim, você sabe, a história dos “lábios doces”!

— Ah, sim — ela ri. — O que acha de “botar os bofes para fora”?

— Parece adequado. Você sabe que agora é sua vez, né? Estava pensando em fazer você comer um caranguejo vivo.

Ela se inclina para ele, que quase sai da estrada com o carro quando os lábios dela resvalam em sua orelha.

— Onde vai encontrar um caranguejo vivo? Só preciso enfiar a cabeça na água e pedir para todos fugirem.

Galen dá um sorriso forçado. Emma tem se sentido mais à vontade com seu Dom. Ontem, ela mandou alguns golfinhos irem atrás dele. Um dia antes, ela fez com que todos os seres vivos próximos se afastassem quando um barco pesqueiro passou.

Eles param na frente da casa e ele desliga o motor. Parece que todas as forças do universo o estão empurrando na direção dela — como um ímã. Ou talvez todas as forças do universo estejam puxando Emma para ele, como Toraf disse. De qualquer modo, ele está se cansando de resistir. É preciso ceder. E tem que acontecer logo.

Ele abre a porta, mas ela o interrompe, colocando a mão sobre a dele.

— Você não precisa me acompanhar até a porta — diz ela. — Minha mãe não está em casa agora, então não precisa disfarçar, certo? Obrigada pelo cinema. Até amanhã.

E pronto. Ela sai, caminha até a porta e entra. Depois de alguns segundos, a luz da varanda é apagada.

Galen dá ré. Quando entra na rua principal, sua sensação de vazio não tem nada a ver com ter perdido na brincadeira.

Pelo canto dos olhos, ele vê Emma olhar para a sacola de presente cor-de-rosa sobre o balcão da cozinha. Ele sabe que é ruim deixá-la curiosa, mas não consegue se controlar. Ela ainda está no problema dois de sua lição de cálculo. E já faz quase uma hora.

Ela faz uma careta e joga o lápis em cima do balcão.

— Odeio fazer lição de casa no sábado — diz ela. — É tudo culpa sua. Precisa parar de faltar às aulas. Assim, eu não me sentiria obrigada a ser produtiva enquanto você está copiando a lição. — Ela pega o lápis da mão dele e o joga do outro lado da cozinha, passando perto de Rachel, que está ao lado da geladeira.

Rachel olha para eles sem entender, mas continua limpando.

Galen força o sorriso.

— Podemos só relaxar, se quiser.

Emma levanta uma sobranceira para Rachel, que dá de ombros.

— Não, não olhe para mim. Não ensinei isso a ele.

— Aprendi sozinho — diz ele, pegando o lápis do chão.

— Vai entender — Emma rebate.

— Ah, não me odeie, docinho.

— Certo, vou colocar limite no “docinho”. E também não me chame de “lindinha” — avisa Emma.

Ele ri.

— Seria a próxima.

— Não duvido. Alguém ensinou você a relaxar?

Galen dá de ombros.

— Até onde eu sei, “relaxar” é o equivalente a ficar em coma, mas acordado.

— Isso mesmo.

— Pois é, não parece muito interessante. Todos os seres humanos são preguiçosos?

— Não exagera, Alteza. — Mas ela está forçando o sorriso.

— Se eu sou Alteza, você é docinho. E ponto final.

Emma resmunga, porém não convence muito. Na verdade, é adorável a maneira como ela reage.

— Nossa! Não vou chamar você de Majestade. E você. Nunca. Mais. Vai Me Chamar De Docinho.

O sorriso dele parece dar voltas nas orelhas, e ele assente.

— Eu... acabei de ganhar uma discussão?

Emma revira os olhos.

— Não seja idiota. Estamos empatados.

Galen ri.

— Se você disser que eu venci, vou deixar você abrir seu presente.

Ela olha para a sacola de presente e morde o lábio — adorável mesmo.

Emma olha para ele.

— Talvez eu não me importe com o presente.

— Ah, você liga, sim — afirma ele, confiante.

— Não, não ligo NÃO — diz ela, cruzando os braços.

Ele passa a mão pelos cabelos. Se ela tornar tudo isso mais difícil, Galen vai ter que contar a ela aonde eles vão. Ele dá de ombros como quem não se importa.

— Isso muda tudo. Acho que como você gosta de história... Bom, esqueça. Não vou mais perturbá-la com isso. — Ele fica de pé e caminha até a sacola, passando os dedos pelo papel de bolinhas com que Rachel embrulhou o presente.

— Ainda que eu diga que você ganhou, é uma mentira, saiba disso. — Emma bufa.

Galen não morde a isca. Não dessa vez.

— Tudo bem. É mentira. Só quero ouvir você dizer isso.

Com uma expressão que mistura surpresa e desconfiança em partes iguais, ela diz isso. E as palavras parecem muito doces.

— Você venceu.

Ao entregar a sacola a ela, Galen se sente feliz, como se fosse ele quem estivesse recebendo o presente. De certo modo, é. Quando passou pelas ruínas ao voltar da Caverna das Lembranças, sabia que precisava levá-la ali.

— Aqui, vá se trocar. Não precisa de máscara e pés de pato, mas quero que vista este maiô. Serve para reter o calor de seu corpo. Consegue manter um ser humano vivo em temperaturas congelantes por algumas horas, então você se sentirá confortável dentro dele.

Ela espia dentro da sacola.

— Uma roupa de mergulho? Por que eu precisaria disto?

Ele revira os olhos.

— Vá se trocar.

Quando ela sai do banheiro, ele quase cai do banquinho. A roupa marca todas as curvas de seu corpo. A única coisa de que não gosta é da cara feia que ela faz.

— Estou parecendo uma foca com isto — diz ela, apontando para o capuz.

Ele sorri.

— Fique assim. Se estiver aquecida quando chegarmos lá, vai poder tirar essa roupa, prometo.

Ela assente com impaciência.

— É melhor que esse passeio seja bom.

Para preservar o oxigênio, eles permanecem na superfície. Às vezes, ele mergulha para ver onde estão. Dessa última vez, Galen sorri.

— Chegamos.

Ela sorri.

— Até que enfim. Por um momento, pensei que estávamos indo para a Europa.

— Antes de descermos, quero saber se está bem. Está com frio?

Ela nega, balançando a cabeça.

— Nem um pouco. Estou até com um pouco de calor. Esta roupa funciona mesmo.

— Ótimo. Respire fundo, OK? O Dr. Milligan me disse para puxar você devagar para ter certeza de que seu corpo aguenta. Se sentir um aperto no peito ou algum desconforto, precisa me dizer na hora. Vamos mais fundo do que o equivalente à altura do Empire State Building.

Ela assente, com os olhos arregalados. Está corada de animação ou pelo calor do qual reclamou. Ele sorri ao abraçá-la pela cintura. Conforme eles descem, ela conversa com os peixes curiosos que passam por perto. Mas quanto mais longe vão, cada vez menos peixes encontram no caminho até Galen ficar surpreso por ver que os poucos peixes avistados não brilham.

— Como você conheceu o Dr. Milligan, mesmo? — pergunta ela.

— Eu salvei a vida dele. Bem, salvamos a vida um do outro.

Emma encosta a cabeça no queixo dele.

— E quem diz isso é o cara que odeia seres humanos?

— Não odeio seres humanos. — *Pelo menos, não mais.*

Depois de alguns minutos, ela se remexe nos braços dele.

— E então?

Ele a vira para si.

— E então o quê?

— Vai me contar *como* salvou a vida do Dr. Milligan?

— Você é mesmo a pessoa mais curiosa que eu conheço. Fico até preocupado.

— Que bom.

Galen ri.

Ela ergue a sobrancelha de jeito teimoso, ele suspira.

— Toraf, Rayna e eu estávamos brincando em alguns recifes perto da costa da Bridge Land, ou melhor, México, como vocês dizem. Tínhamos cerca de 10 anos, acredito. Bom, o Dr. Milligan e dois amigos estavam mergulhando com snorkel no outro lado. Tomamos o cuidado de permanecer longe deles, mas o Dr. Milligan havia se afastado do grupo. Eu o encontrei do nosso lado, no fundo e segurando a perna; sentia câimbra. Percebi que ele estava prestes a desmaiar. Eu o puxei para a superfície. Os amigos dele nos viram e o puxaram para dentro do barco. Eles viram minha barbatana; eu ainda não era muito bom em me transformar em humano. Nem em me camuflar. Então eles tentaram me colocar dentro do barco.

Emma se surpreende. Galen lhe lança um sorriso torto.

— Você não vai ter pesadelos com isso, não é? Você sabe como termina. Os bonzinhos se safam.

Ela o belisca.

— Continue com a história.

— O Dr. Milligan ligou o barco e partiu a toda velocidade. Eles perderam o equilíbrio e me derrubaram. Fim.

— Nãããooo. Não fim. Como vocês se reencontraram? Foi antes de você conhecer a Rachel, certo?

Ele confirma.

— Passei mais um ano sem vê-lo. Voltei para o recife, pensei que ele também voltaria. E um dia ele voltou.

— E os amigos dele? Eles tentaram encontrar você de novo?

Galen ri.

— Eles ainda tentam. E não são mais amigos dele.

— Você não se preocupa com a possibilidade de eles terem contado sobre você a alguém?

Ele dá de ombros.

— Ninguém acredita neles. O Dr. Milligan negou tudo para as autoridades. É a palavra dele contra a deles.

— Humm — diz ela, pensativa.

Eles passam os minutos seguintes em silêncio. Quando Galen acha que não aguenta mais, ela volta a falar.

— Não estou mais com calor — diz Emma. Galen para. — Mas está ótimo, continue.

Ela diria qualquer coisa a ele, nesse momento, para ver sua reação de surpresa. E ele daria a ela o benefício da dúvida. A verdade é que Galen está animado porque o momento chegou.

Quando eles se aproximam, ele a vira para si de novo.

— Feche os olhos, quero que isto seja uma surpresa de verdade.

Ela ri.

— Você acha que por acaso eu sei onde estamos? Poderíamos estar no Polo Norte que, para mim, seria a mesma coisa. Não tenho senso de direção nem em terra, Galen.

— Bem, mesmo assim, feche os olhos.

Quando Emma os fecha, ele ganha velocidade, passando com ela pelo chão do oceano até ver as ruínas à sua frente. Ele a vira.

— Abra os olhos, Emma — ele sussurra.

Ele percebe o momento exato em que ela os abre, porque reage com surpresa. Ele sabia que ela reconhecera.

— O *Titanic* — diz ela. — Aiminhanossa.

Ele a leva até o casco. Ela estende o braço para passar os dedos pela grade que ficou tão famosa no cinema.

— Cuidado com a ferrugem — Galen alerta.

— Parece tão solitário. Como no filme. — Ele se aproxima com ela da grade e segura o corpo dela, de modo que Emma possa apoiar os pés no cais. A terra remexida flutua ao redor deles como uma aparição. Emma ri.

— Não seria divertido deixar pegadas aqui? Aposto que inventariam muitas histórias de fantasmas. Seriam manchetes de jornais.

— Só aumentaria o movimento aqui embaixo. Eles já estão vendendo passeios ao *Titanic* às pessoas que podem pagar.

Ela ri de novo.

— O que foi? — pergunta ele, sorrindo.

— Há uma jarra grande de vidro no fundo do meu armário. Ano passado, quando estudamos isso na escola, comecei a guardar dinheiro para fazer esse passeio.

Ele ri e a leva do deque, seguindo em frente.

— E agora? Em que vai gastar esse dinheiro?

— Provavelmente em um pouco daquele chocolate que Rachel mantém em casa. Espero ter dinheiro suficiente.

A todos os lugares que ela quer ir, ele a leva. Até o deque, até a âncora, até o enorme propulsor. Ele entra com ela e mostra a cabine do piloto, os salões, janelas sem vidro.

— Podemos ir mais fundo se seus olhos estiverem se ajustando.

Ela assente.

— É como olhar para as coisas à luz da lua de uma noite limpa. Consigo ver quase tudo se me concentrar.

— Ótimo. — Ele aponta para um buraco no chão do salão. — Nenhum ser humano entrou ali embaixo desde o naufrágio do navio. Está a fim? — Ele percebe a hesitação em seu olhar. — O que foi? Está se sentindo mal? Está sem ar? A pressão é forte demais? — Galen a aperta, pronto para subir se a resposta for sim a qualquer uma das perguntas. Mas ela apenas balança a cabeça e morde

o lábio.

— Não, não é isso — diz ela, com a voz embargada.

Ele para.

— Pelo tridente de Tritão, Emma. O que foi? Você... está chorando?

— Não consigo controlar. Você percebe o que é isto? É um caixão de aço para mais de mil e quinhentas pessoas. Mães morreram afogadas com seus filhos aqui. Pessoas que caminharam por estes salões ficaram presas embaixo deles. Comeram nos pratos que estão quebrados por todas as partes. Alguém calçou aquela bota pela qual passamos. Os membros da tripulação beijaram suas famílias pela última vez quando este navio saiu do porto. Quando estudamos o *Titanic* na escola, fiquei triste por todas essas pessoas. Só que nunca foi tão real assim. Isto é de cortar o coração.

Ele acaricia o rosto dela com as costas da mão, imaginando a lágrima que escorreria se eles já não estivessem dentro da água.

— Eu não devia ter trazido você para cá. Desculpe.

Ela segura a mão dele, mas não a afasta.

— Está brincando? É a melhor surpresa que você poderia ter planejado. Não consigo pensar em nada mais que pudesse superar isto. É sério.

— Então, você quer seguir em frente? Ou já viu o bastante?

— Não, eu quero seguir. Só achei que deveria dar a devida importância ao que aconteceu aqui há tantos anos. Ser uma visitante respeitosa, não apenas uma turista inconsequente.

Ele assente.

— Vamos explorar lá embaixo mais alguns minutos, e depois preciso levar você para cima. Precisamos subir devagar, para que seus pulmões possam se ajustar, se precisarem. Mas eu prometo que a trarei de volta, se você quiser.

Ela ri.

— Desculpe, mas acho que este passou a ser meu novo lugar preferido. Podemos até trazer um lanche da próxima vez.

Juntos, eles vão mais fundo.

Uma luz fraca de dentro da casa dela ilumina a entrada.

Ele desliga o motor do carro, tentando controlar a vontade de sair dali e dirigir para algum lugar, qualquer lugar, desde que eles fiquem juntos.

— Minha mãe está em casa — diz Emma, baixinho.

Ele sorri. Os cabelos dela ainda estão úmidos do banho que ela tomou na casa dele, e sua roupa — calça jeans e uma camiseta com manchas de tinta — está um pouco amassada pelo tempo que passou dentro da mala de viagem que ficou

no armário de Rachel. Essa roupa confortável é tão convidativa para ele quanto o vestido roxo que ela usou quando eles foram ao cinema. É o que ele está prestes a lhe dizer quando ela abre a porta.

— Bom, tenho certeza de que ela escutou o carro encostar, então é melhor eu entrar — avisa ela.

Galen ri, tentando esconder a decepção enquanto a leva à porta. Ela mexe nas chaves como se estivesse tentando decidir qual vai destrancar a fechadura. Como só há três chaves no chaveiro — e as outras duas são chaves de carro — Galen se diverte ao ver que ela está enrolando de propósito. Emma não quer que o dia termine, assim como ele também não quer.

Ela olha para a frente e encontra os olhos dele.

— Não dá nem para começar a explicar como me diverti hoje. Eu me diverti como nunca, de coração.

— Sabe qual foi minha parte preferida? — pergunta ele, aproximando-se.

— Qual?

— O fato de não termos brigado. Nem uma vez. Odeio brigar com você.

— Eu também odeio. Parece perda de tempo quando...

Ele se aproxima muito, mantendo o olhar no dela.

— Quando?

— Quando poderíamos estar aproveitando a companhia um do outro — diz ela.
— Mas acho que nos últimos tempos você não tem gostado da minha companhia aqui. Não tenho sido muito legal...

Ele raspa os lábios contra os dela, interrompendo-a. São lábios ainda mais macios do que ele pensou que seriam. E não é o suficiente. Ele passa a mão em seu rosto e então segura suas madeixas úmidas, e a puxa para si. Ela fica na ponta dos pés para alcançá-lo, e quando ele a ergue do chão, ela o abraça no pescoço. Com um desejo tão grande quanto o dele, ela abre os lábios para um beijo mais intenso, pressionando seu corpo no dele. E Galen conclui que não há nada melhor do que beijar Emma.

Tudo nela parece feito para ele. O modo como seus lábios se mexem no ritmo perfeito dos dele. O modo como ela passa os dedos pelos cabelos dele, arrepiando suas costas. O modo como seus lábios frios esquentam todo o seu corpo. Ela se encaixa em seus braços, como se cada curva de seu corpo preenchesse um espaço no corpo dele...

Nenhum dos dois percebe quando a porta se abre, mas param de se beijar quando a mãe de Emma pigarreia.

— Ah, sinto muito — diz a mãe dela. — Pensei ter escutado um carro parar aqui... É... bem, vou entrar. — Ela desaparece, fechando a porta.

Galen sorri para Emma, que ainda está em seus braços. A alegria que sente

acaba quando ele percebe a dor nos olhos dela.

Ela se afasta dele.

— Durante todo esse tempo, achei que *você* não conseguiria disfarçar, mas *eu* quase joguei tudo para o alto.

— Jogou tudo para o alto? — pergunta ele, assustado com a maneira como seus lábios inchados tremem. *Ela vai chorar?* — Fiz alguma coisa errada? — ele sussurra.

Emma se afasta quando ele estende o braço.

Com um sorriso forçado, ela diz:

— Não, foi perfeito. Eu nem escutei minha mãe se aproximando. Agora ela não terá dúvidas de que somos namorados, certo?

E então ele compreende. *Emma acha que eu a beijei para mostrar à mãe dela.*

— Emma...

— Sabe, por um instante, você quase *me* convenceu de que... Bom, é melhor eu entrar antes que ela venha nos espiar de novo.

— Vocês *ficaram malucos*? — alguém sussurra atrás de arbustos ao lado da varanda. Galen não precisa se virar para saber que se trata de Rayna. Ela sobe a escada, apontando para Galen.

Ah, não.

Rayna encosta o dedo no peito de Galen.

— Você tem muita coragem, sabia? Segui-la pelo mundo todo, fingindo estar fazendo isso pelo bem do reino. Sua enguia! Você a beijou! Não acredito nisso.

Emma ri com nervosismo.

— Você sabia que ele ia fazer isso, Rayna. Nós dissemos, lembra?

Rayna olha para ela assustada.

— Aaaah, não. Ele ia *fingir* beijar você. Esse beijo foi de verdade. Pode acreditar, Emma. Eu o conheço há muito mais tempo do que você.

— Talvez devêssemos conversar sobre isso na praia? — diz Emma, olhando para a porta de sua casa. Rayna assente, mas Galen se recusa.

— Você pode entrar, Emma. Rayna e eu podemos conversar sobre isso na volta para casa.

— Na-não. De jeito nenhum, Galen. Você vai contar a verdade a ela. — Se Rayna continuar falando alto, a mãe de Emma vai escutar. Galen segura o braço da irmã e a puxa da varanda. Ela reluta, e ele a carrega para longe.

— Emma! — Rayna grita, remexendo-se como um peixe no anzol. — Você precisa saber de uma coisa. Diga a ela, Galen! Diga por que não deveria beijá-

la.

Emma caminha até a ponta da varanda e se inclina.

— Eu já sei que sou da casa de Poseidon, Rayna. Não vou contar a ninguém se você não contar — diz ela, sorrindo para Galen.

— Deixe de ser burra, Emma! — Rayna grita quando eles dão a volta na casa, desaparecendo de vista. — Você será a parceira de Grom. Galen tem que levar você a Grom!

Galen para. É tarde demais. Ela disse demais. A conversa poderia ter sido consertada até aquele ponto. Ele coloca a irmã no chão. Ela não olha para ele, apenas mantém o olhar fixo atrás deles.

— Você pensou que eu não perceberia? — pergunta Rayna sem olhar para a frente. Uma lágrima brilha à luz da lua ao descer por seu rosto. — Como os peixes a seguem? Você pensou que eu era idiota demais para entender por que nós a seguimos em terra, e então ficamos com ela mesmo depois de você descobrir que ela é mestiça? Não está certo o que você fez. Ela pertence a Grom. Quem decide se vai se acasalar com ela ou não é ele. Também não é justo com a Emma. Ela gosta de você. Como deveria gostar do Grom.

Aquilo mistura muitas emoções. Sua irmã acabou de destruir a melhor noite da vida dele e, quem sabe, qualquer chance de ele conseguir o que quer. Mas fez isso por respeito a Grom. E por Emma. Como pode se irritar com isso?

Galen escuta a porta da frente se abrir. Rayna fica tensa.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta a Sra. McIntosh.

— Ah, hum, nada, mãe. Estamos só conversando — diz Emma, do canto da casa. Galen tenta imaginar há quanto tempo Emma está ali, olhando para as costas dele. Escutando Rayna acusá-lo de todas as coisas terríveis que, infelizmente, são verdade.

— Eu escutei gritos — afirma sua mãe de modo meio descontrolado.

— Desculpa, faremos silêncio — Emma pigarreia. — Galen e eu vamos andar na praia.

— Não vão muito longe — diz sua mãe. — E não me faça ir atrás de vocês.

— Mãe — Emma resmunga quando a mãe fecha a porta.

Rayna relaxa visivelmente quando eles escutam a porta ser trancada. Emma passa pelos dois e caminha em direção às dunas de areia atrás de sua casa. Rayna e Galen se entreolham e a seguem.

À beira da água, a lua parece iluminar os dois como um farol, como se, de certa maneira, o universo soubesse que a noite seria de esclarecimentos. Emma se vira e olha para eles, com o rosto tomado de dor. Ela olha para Rayna.

— Desembucha.

— Eu contei — diz Rayna. — Acabei de contar tudo o que sei. — Ela envolve o corpo com os braços como se estivesse congelando de frio.

— Por que devo me acasalar com Grom? Sou da casa de Poseidon. Sou inimiga de Grom.

Rayna abre a boca, mas Galen a interrompe.

— Espere, eu contarei a ela. — A irmã olha para ele, desconfiada. Ele suspira. — Pode ficar, se quiser. Para o caso de eu deixar de contar alguma coisa. — Ela levanta o queixo e assente uma vez, pronta para que ele comece.

Galen se volta para Emma.

— Você se lembra de quando eu disse que Grom deveria se acasalar com Nalia, mas que ela morreu?

Emma assente.

— Na explosão da mina?

— Sim. Eles tinham que acasalar um com o outro porque eles eram da terceira geração, primogênitos de cada casa. De qualquer modo, eles precisavam se acasalar para perpetuar os Dons dos Generais. Para que os Dons....

— Eu sei o que significa *perpetuar* — diz ela. — Pode continuar.

Galen enfia as mãos nos bolsos para não se dirigir a ela.

— Eu disse que o Rei Antonis se recusou a ter um herdeiro depois da morte de Nalia. Sem uma herdeira com quem Grom pudesse se acasalar, os Dons podiam desaparecer. Pelo menos, é o que a lei afirma. Quando o Dr. Milligan me contou de você, quando vi você, percebi que você só podia ser uma descendente direta de Poseidon. Então eu...

Ela levanta a mão.

— Espere aí. Como você disse antes, eu sei como a história termina, não é? — Emma não tenta enxugar as lágrimas que rolam de seus olhos. Ela ri, um som agudo, cheio de ódio. — Eu sabia — ela sussurra. — No fundo, sabia que você tinha segundas intenções. Que não estava tentando me ajudar por bondade de seu coração. Nossa, eu caí na armadilha, certo? Não, eu fiquei caída por *você*. Lição aprendida, não é?

— Emma, espere... — Galen se aproxima, mas ela se afasta.

— Não. Não me toque. Nunca mais me toque. — Ela continua se afastando como se ele fosse atacá-la. Ele sente o estômago revirar.

Galen e Rayna observam Emma desaparecer entre as dunas em frente à sua casa, dando passos largos, como se estivesse atrasada para um compromisso.

— Você a magoou — diz Rayna, baixinho.

— Você não ajudou muito.

— Não fiz nada de errado.

Ele suspira.

— Eu sei.

— Eu gosto da Emma.

— Eu também.

— Mentiroso. Você a ama. Aquele beijo foi de verdade.

— Foi, sim.

— Eu sabia. O que você vai fazer?

— Não sei — diz ele, ao ver a luz se acender no quarto de Emma, no terceiro andar da casa. Ele coça a nuca. — De certo modo, fico contente por ela saber. Não queria esconder. Mas seria difícil ela cooperar se eu dissesse a verdade.

Rayna ri.

— Você acha? — E prende uma mecha de cabelos atrás da orelha. — Além disso, as coisas ficaram *muito* melhores porque você as escondeu.

— O que você está fazendo aqui, afinal?

Ela dá de ombros.

— Você deve lembrar que mandou meu parceiro em uma missão secreta. Fiquei entediada.

— Que bom que nós pudemos animá-la.

— Olha, eu queria ver a casa de Emma. Talvez até conhecer a mãe dela. Fazer alguma coisa de menina. Não vim aqui para acabar com a sua vida. — A voz dela está trêmula.

Ele a abraça.

— Não chore de novo. Venha, vou levá-la para casa — diz ele delicadamente.

Rayna seca a lágrima de seu nariz. Então ela também se afasta dele, como Emma fez, mas está seguindo em direção à água. — Sei voltar para casa sozinha — diz ela, antes de se virar e mergulhar.

É só a segunda aula, e a escola toda já sabe que Emma terminou com ele. Até agora, ele já recebeu oito números de telefone, um beijo no rosto e um beliscão no traseiro. Suas tentativas de conversar com Emma entre as aulas são frustradas por uma avalanche de adolescentes cujo principal objetivo parece ser manter Galen e sua namorada separados.

Quando toca o sinal da terceira aula, Emma já escolheu um assento para ser protegida dele por outros alunos. Ao longo da aula, ela presta atenção para ver se o professor está dando orientações sobre como sobreviver a uma catástrofe nas próximas vinte e quatro horas. Na metade do dia, ele recebe uma mensagem de

texto de um número que não reconhece:

SE VC DEIXAR, POSSO FAZER COISAS PARA VC ESQUECER ELA.

Assim que ele a apaga, outra, de número diferente, aparece:

RESPONDA SE QUISER CONVERSAR. VOU CUIDAR DE VC MELHOR DO QUE A E.

Como elas conseguiram meu número? Galen coloca o telefone dentro do bolso de novo e agarra seu caderno, como se fosse a única coisa que lhe pertence que ainda não foi invadida. Então, ele percebe a caligrafia desconhecida rabiscada por uma menina chamada Shena, que escreveu seu nome e telefone e fez um coração ao redor. Ele precisa se controlar bastante para não jogar o caderno do outro lado da sala, assim como tem que se controlar para não beijar Emma.

Na hora do almoço, Emma mais uma vez lhe bloqueia o acesso sentando-se, do lado de fora, entre pessoas em uma mesa de piquenique cheia. Ele escolhe a mesa bem à frente dela, mas ela parece alheia, e de jeito distraído limpa a gordura da pizza em seu prato até ficar com, pelo menos, quinze guardanapos à frente. Emma nem toma conhecimento de que ele a está encarando, esperando para acenar assim que ela olhar.

Ignorando a invasão de mensagens de texto em seu bolso, já que o telefone vibra sem parar, ele abre o potinho de atum que Rachel preparou para ele. Garfando o alimento, Galen enfia um monte na boca, mastigando sem sentir o gosto. Mark Todo Sorrisos está dizendo a Emma algo que ela considera engraçado, porque cobre a boca com um guardanapo e ri. Galen quase pula de onde está quando Mark afasta uma mecha de cabelos do rosto dela. Agora ele sabe o que Rachel quis dizer quando ela sugeriu que ele marcasse território. Mas o que ele pode fazer se seu território já foi desmarcado? A notícia do fim do namoro se espalhou como fogo na palha, e parece que Emma está fazendo um esforço enorme para ajudar a espalhar ainda mais.

Com o polegar e o indicador, Galen quebra o garfo no meio enquanto Emma limpa os lábios de Mark com o guardanapo. Ele revira os olhos ao ver que Mark “sem querer” suja outra vez o canto da boca com gelatina. Emma limpa de novo, como se estivesse cuidando de uma criança.

Não ajuda muito o fato de a mesa de Galen estar se enchendo de admiradoras que o tocam, riem para ele, sorriem sem motivo e desviam sua atenção da fantasia de quebrar a cara de Mark. Mas se ele fizesse isso Emma teria motivos fortes para ajudar o idiota a comer a gelatina.

Quando não aguenta mais, Galen pega o telefone do bolso, tecla e desliga. Quando a ligação é retornada, ele diz:

— Oi, lábios doces.

As meninas na mesa trocam cotoveladas para poderem escutar melhor.

Algumas delas viram a cabeça na direção de Emma para ver se é ela que está no outro lado da linha. Quando percebem que não é, elas se aproximam ainda mais.

Rachel ri.

— Se ao menos você gostasse de doces.

— Estou morrendo de vontade de ver você hoje à noite. Vista aquela saia cor-de-rosa que eu gosto.

Rachel ri.

— Parece que você está no meio do que os seres humanos gostam de chamar de briga. Meu pobre e lindo queridinho, Emma ainda não está falando com você, que está sozinho no meio de todas essas meninas com os hormônios à flor da pele?

— Oito e meia? Está muito longe. Não posso ir mais cedo?

Uma das meninas se levanta e leva a bandeja e a autoestima para outra mesa. Galen procura não se animar muito.

— Você quer sair mais cedo da escola, filho? Está se sentindo mal?

Galen olha para Emma, que está pegando um pepperoni de sua pizza e observando como se fosse cocô de golfinho.

— Não posso perder aula para encontrá-la de novo, docinho. Mas estarei pensando em você. Em *mais ninguém*, só em você.

Mais algumas meninas se levantam e levam as bandejas ao lixo. A líder de torcida que está diante dele revira os olhos e começa a conversar com a morena rechonchuda a seu lado — a mesma morena rechonchuda que ela empurrou para dentro de um armário duas horas antes para se aproximar dele.

— Fique calmo, meu coração — diz Rachel. — Mas, sério, não consigo entender. Não sei o que você está querendo que eu faça.

— Neste momento, nada. Mas pode ser que eu mude de ideia a respeito de sair mais cedo. Estou com muita saudade.

Rachel pigarreia.

— Tudo bem, querido. Avise a mamãe, e ela vai buscar seu filhinho na escola, está bem?

Galen desliga. *Por que Emma está rindo de novo?* Mark não pode ser tão engraçado assim.

A menina a seu lado diz:

— Mark Baker. Todas as meninas o adoram. Mas não tanto quanto adoram você. Menos a Emma, pelo visto.

— Por falar em todas essas meninas, como elas conseguiram o número de

meu telefone?

Ela dá uma risadinha.

— Está escrito na parede do banheiro das meninas. Corredor cem. — Ela levanta o celular. Uma imagem do número do telefone escrito em uma porta de armário aparece na tela. Com a letra de mão de Emma.



Dividindo as ondas conforme ele desliza na água, o caminho leva a uma linha branca e espumante na superfície. Submergindo ao ver um barco ao longe, ele se lança com tanta vontade que talvez nem aparecesse no radar se houvesse um.

É a segunda ida e volta à Europa esta semana. Já que amanhã é sexta, pode ser que ele vá de novo. Mas não importa a distância que percorra, a rapidez com que avance, ele não se livra da tensão. E não muda o fato de Emma ter um encontro com outra pessoa.

Ele sente a presença de outros Syrenas enquanto avança, mas não os reconhece e, além disso, não está a fim de conversar. Na verdade, a solidão, neste momento, é mais importante para ele do que suas próximas cinco refeições. Tentar atravessar os corredores da escola tem sido como atravessar a maré alta usando botas de escalada cheias de pedras — as fêmeas humanas perderam a cabeça. Elas o cercaram em ondas, agarrando-o, gritando umas mais do que as outras, trocando palavrões feios, inclusive um que significava uma fêmea que acasalava com mais de um macho — muito. Só demonstraram união quando ele tentou fugir para dentro do banheiro dos homens — ou quando ele tentou seguir na direção de Emma.

Mas ele não está cansado só de seres humanos — coitado do Syrena que tentasse conversar com ele neste momento. E qualquer um que passasse acabaria curioso para saber o que leva um membro da Realeza às cavernas. Sua resposta no momento não daria a seu irmão o apoio de que ele precisa como um novo rei — e faria com que seu pai cortasse sua língua, afinal. E rastejar aos pés de Emma sem língua seria inconveniente.

Rangendo os dentes, ele se esforça ainda mais, passando pela água mais depressa do que qualquer torpedo feito pelo homem. Só quando chega ao que os homens chamam de Canal da Mancha ele começa a ir mais devagar e sobe à superfície. Quando se aproxima de um pedaço de terra que reconhece, não consegue nem sorrir com o novo recorde pessoal. *De Nova Jersey à Jersey Island em menos de cinco horas.* Os cinco mil quilômetros de distância que ele abriu entre ele e Emma esta noite não se comparam ao enorme abismo que os separou quando eles se sentaram lado a lado na aula de cálculo.

A capacidade que Emma tem de ignorar a existência dele é um dom, mas não

foi um dom herdado de Poseidon. Rachel insiste em dizer que seu dom é um traço unicamente feminino, seja qual for a espécie. Desde o rompimento, Emma parece ser a única fêmea que utiliza esse dom em especial. Até mesmo Rayna conseguiu aprender algumas lições com Emma sobre a arte de torturar um macho apaixonado. Apaixonado? *A palavra certa seria obcecado.*

Galen balança a cabeça, contrariado. *Por que não selecionei na idade certa? Por que não encontrei uma fêmea de bom temperamento com quem me acasalar? Viver uma vida pacífica, ter filhos, envelhecer e ver meus filhos terem filhos um dia?* Ele busca nas lembranças alguém que poderia ter servido a esse propósito. Procura um rosto que pode ter ignorado, mas que agora poderia esperar encontrar. Procura uma fêmea sensível que se sentisse honrada em se acasalar com um príncipe de Tritão — e não uma fêmea temperamental que ri de seu título sempre que pode. Ele tenta se lembrar de uma Syrena meiga que pudesse cuidar dele, que faria tudo o que ele pedisse, que nunca brigasse com ele.

Não uma humana que bate o pé quando as coisas não saem do jeito que ela quer, que só lhe dá ouvidos quando lhe convém ou que enfia um monte de doces em sua boca quando está distraído. Não uma moça de cabelos brancos cujos olhos fazem com que ele se derreta, que quando cora, fica mais linda do que o sol nascendo, e cujos lábios fazem o calor se espalhar por ele como uma explosão de mina.

Ele suspira quando o rosto de Emma encobre a face de centenas de Syrenas com as quais seria mais fácil se acasalar. *Essa é outra qualidade que terei de adicionar à lista: alguém que não se importe de ficar em segundo lugar.* Ele fica tenso quando vê sua sombra abaixo dele, com o brilho da lua. Como são quase três horas ali, ele fica à vontade para andar sem o inconveniente de usar roupas, mas ficar na costa rochosa totalmente nu não é muito interessante. E não importa em qual praia de Jersey esteja, ele não consegue escapar da lua que os conecta — e faz com que ele pense nos cabelos de Emma.

Nas sombras, Galen olha para a luz com ressentimento, sabendo que a lua faz com que ele se lembre de outra coisa da qual não consegue escapar: sua consciência. Se ao menos pudesse se esquivar das responsabilidades, da lealdade que tem com a família, da lealdade que mantém com seu povo. Se ao menos pudesse mudar tudo sobre si mesmo, poderia roubar Emma e nunca se arrepender — isto é, se ela voltar a falar com ele.

Cansado de flutuar, ele adota a forma humana e fica de pé, com a água na altura dos joelhos, observando o horizonte como se pudesse vê-la se observasse bastante. Ele deveria estar voltando. Apesar de não ter notado a presença do espião na frente da casa de Emma por uma semana, ele ainda fica nervoso quando ela está sem supervisão. Mas demorar-se na varanda da casa dela o deixa igualmente nervoso... Mark telefonou para ela três vezes esta semana, de acordo com os registros telefônicos de Rachel. E ela não mencionou Galen nenhuma vez.

Ao balançar a cabeça por ser um tolo apaixonado, ele enfim percebe a

aproximação de um Syrena a quem reconhece. Toraf. Ele espera por cerca de dez minutos até seu amigo aparecer.

Dando-lhe um soco leve no ombro, Toraf diz:

— Então, você decidiu ficar mais de dois segundos parado, vairão. Estou procurando você há cinco horas, mas estava se movendo depressa demais. Onde estamos?

— Na Inglaterra. — Galen sorri. Ele precisa de uma distração, e este é um dos muitos talentos de Toraf.

Toraf dá de ombros.

— Seja lá o que for isso.

— Então — diz Galen, cruzando os braços. — O que traz você ao território de Tritão nesta linda manhã? Senti minha falta?

Toraf olha para a lua e ergue a sobrancelha.

— Eu ia fazer a mesma pergunta a você.

Galen dá de ombros.

— É muito mais silencioso sem todo o barulho de fundo.

— Ah, você sentiu minha falta, *mesmo*. Isso significa muito para mim, vairão, eu também senti saudade. — Ele olha ao redor. — Onde está a Emma? Ela não gosta da Incaterra?

— Ingle-terra. Ela está em casa, é bem provável que dormindo como um anjo. Você não a sentiu, não é? — Por um segundo, sua pulsação aumenta. Ela tem entrado na água sem ele. Sempre que ele está prestes a senti-la, ela sai. O que ele acha normal.

— Oops. Era a minha vez de ficar de olho em Emma? Pensei que você fosse me dar folga, já que mandou que eu procurasse por Paca.

— Você a encontrou?

Toraf assente.

— E?

Cruzando os braços, Toraf sorri.

— Tem certeza de que quer saber? — Galen cerra os punhos, e Toraf ri. — Certo, certo, vairão. Estou vendo que você não está para brincadeira, mas prefiro poupar minha energia para a sua irmã.

— Eu juro pela...

— Ela tem o Dom, Galen.

Em vez de aumentar, a pulsação de Galen diminui.

— Paca tem o Dom de Poseidon? Tem certeza?

Assentindo, Toraf diz:

— Eu mesmo vi. Ela consegue se comunicar com peixes. Eles fazem o que ela manda. Ela mostrou isso a mim, a Grom e ao pai dela. Fez um golfinho fazer truques para nós.

— Que tipo de truques?

Toraf dá de ombros.

— Qualquer coisa que ela queira, acho. Depois dos primeiros, ficamos muito satisfeitos. Encantados, na verdade.

Galen cruza os braços.

— Onde ela esteve esse tempo todo?

— No território de Tritão, na costa, na terra comprida. Ela disse que se escondeu fora da água para o caso de o Rei Antonis enviar localizadores atrás dela. Eu só a encontrei depois que ela submergiu para se esconder de alguns seres humanos que viram seu acampamento na praia. Ela pareceu feliz ao me ver.

Os Syrenas dizem terra comprida. Os seres humanos chamam de Flórida. *Onde encontramos Emma*. Galen está começando a achar que a Flórida tem um tipo de poder de criar o Dom de Poseidon.

— O que Grom disse?

— Que espera que você não falte à cerimônia de acasalamento dele. Ele se chatearia.

— Ele vai se acasalar com Paca? Tem certeza?

— Eu não teria percorrido o mundo à sua procura se não tivesse certeza.

Galen ignora a ansiedade que sente.

— Ela não é um membro da Realeza.

— E a Emma é?

— Bem lembrado. — Se Grom estiver disposto a se acasalar com Paca, que não é membro da Realeza, estaria disposto a se acasalar com Emma? *Não importa, idiota. Ele vai se acasalar com Paca.*

— De qualquer modo, a cerimônia será daqui a dois ciclos da lua. Grom quer manter segredo por agora, enquanto pensa em uma maneira de contar a todos. Ele só consegue pensar em fazer com que ela demonstre o Dom à uma plateia. Caso contrário, a coisa vai ficar feia.

— É uma boa ideia.

Grom já está se arriscando ao se acasalar com alguém de Poseidon, contra a vontade de Antonis. Mas como Grom é quem é — primogênito, membro da Realeza de Tritão da terceira geração —, ele está, basicamente, anulando a lei ao

se acasalar com Paca, que é, pelos padrões da lei, uma pessoa comum. O que não é justo, já que a recusa do Rei Antonis de ter mais filhos o forçou a tomar essa decisão. Mas os reinos veriam isso? Veriam o ato como um esforço, um sacrifício, da parte de Grom para manter o benefício dos Dons? Ou eles veriam isso como uma atitude gananciosa para dominar os dois reinos — mais em razão da fama que Jagen tem de falar sobre traição?

— Ele quer que você e Rayna fiquem longe até que ele anuncie a cerimônia. Eu disse a ele que vocês já tinham muitas coisas com as quais se ocupar até lá.

— O que quer dizer?

— Você não tem nada na cabeça, vairão? Pode ficar com a Emma agora. Por que está perdendo tempo aqui na Incaterra? Galen? Galen, espere por mim!





Não tenho certeza se todos os Syrenas são à prova de bala ou se Galen é muito abençoado. Mesmo agora, enquanto tranco a porta e Mark segura a porta de seu carro aberta para mim, Galen está ligando para o meu celular. Eu me sento no banco do passageiro da caminhonete e tento fazer uma expressão convincente e relaxada, apesar de, por dentro, um turbilhão tomar conta de mim.

Pensei que Galen tivesse desistido de falar comigo. Afinal, o que mais pode ser dito? Ele brincou comigo como se eu fosse um video game. Nem com vassoura eu conseguiria juntar os caquinhos de meu coração despedaçado. Fui tão tola. Já chega.

Manter distância dele na escola não tem sido fácil, mas tenho conseguido. E quando percebo que ele está na água, perto de mim, eu saio. Na quinta-feira, ele parou de me ligar. Até faltou à escola hoje. *Então o que ele quer agora? Será que não percebe que eu preciso me afastar dele?*

E por que não tenho um botão de ignorar, como o meu celular? Quando aperto o botão, as chamadas desaparecem da tela e o telefone para de tocar. No entanto continuo sentindo o formigamento na ponta dos dedos, como se ele mandasse essa sensação pelo telefone para me incomodar. Enfiando o celular na bolsa — os bolsos de calças jeans skinny devem ser só de enfeite, porque não cabe nada dentro deles —, sorrio para Mark.

Ah, Mark. O zagueiro de olhos azuis, cabelos loiros. Quem imaginaria que ele tinha uma queda por mim todos esses anos? Não Emma McIntosh, com certeza. E nem a Chloe. O que é estranho, porque a Chloe colecionava esse tipo de informação. Talvez não seja verdade. Talvez Mark só esteja interessado em mim porque Galen estava... Quem não ia querer namorar a menina que namorava o cara mais lindo da escola? Mas tudo bem para mim. Mark é... bem, Mark não é tão incrível como sempre pensei que ele seria.

Porém, ainda assim, ele é bonito, um zagueiro de sucesso, e não está tentando me unir a seu irmão. Então, por que não estou animada?

Essa pergunta deve estar estampada em meu rosto, porque Mark está erguendo as sobrancelhas. Não de modo crítico, mas de um jeito mais ansioso. Se está esperando uma explicação, seus pulmões humanos não serão capazes de segurar o folego por muito tempo.

Além de não ser da sua conta, não sei explicar com exatidão os detalhes de meu relacionamento com Galen — falso ou não. A verdade é que não sei para onde iremos a partir daqui. Ele abriu fendas em meu orgulho. E eu falei de meu coração que ficou em caquinhos?

Galen não é só um paquera. Não é só uma atração física, alguém que pode me fazer esquecer meu nome *fingindo* me beijar. Não é só um professor ou um peixe esnobe de sangue azul. Sim, ele é tudo isso. E é mais do que isso. É ele que eu quero. Possivelmente para sempre.

Mas eu não estou correndo o risco de me tornar “aquela garota”. Aquela que joga fora sua educação para se casar com um cara depois de acabar o ensino médio. Aquela que sacrifica tudo o que quer para poder fazer *seus* sonhos virarem realidade, para fazê-lo feliz. Aquela que espera cada sorriso, cada palavra, que vai ser a mãe dos filhos dele, que vai fazer sua comida, que vai se aconchegar a ele à noite. Não, sem dúvida, eu não corro o risco de me tornar *ela*.

Porque Galen não me quer. Se aquele beijo fosse real, poderia ter jogado minhas bolsas de estudo para o alto e ido com ele para nossa ilha privada ou para o reino dele embaixo d’água. Talvez eu até preparasse peixes para ele comer.

Claro, Galen adoraria que ela fizesse tudo isso. *Com o irmão dele*.

Então, é bom que eu esteja sendo proativa com minha recuperação saindo com outro rapaz, ainda que seja um substituto — e ainda que eu esteja tentando substituir uma relação que nunca existiu. *Meus* sentimentos eram reais. É só o que importa, não é? Não existe nada no livro de regras sobre corações partidos que afirme que o relacionamento precisava ser autêntico, certo? Sim, estou misturando os limites entre estável e louca, mas a questão é que existe um limite. E eu ainda não me tornei lunática.

O fato de Mark estar sentado ao meu lado é prova disso. Estou seguindo em frente. Vivendo. Estou estudando. Vou para a faculdade. Tenho preparado pratos com frango e não peixe. Saindo com outras pessoas. E, com sorte, vou beijar outras pessoas quando esse encontro acabar. Mesmo que não tenha qualquer sentido.

— Está tudo bem? — pergunta Mark quando pegamos a estrada.

— Claro. Por quê? — Mas nós dois sabemos por que ele perguntou.

É óbvio que Mark é educado demais para dizer que estou mais em órbita do que astronauta. Ele diz:

— É que você está meio quieta hoje. Espero não ter feito nada para estragar as coisas.

Eu rio.

— Era exatamente nisso que eu estava pensando. Que eu não queria estragar as coisas.

Ele sorri e me lança um sorriso compreensivo.

— O que foi? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Não. Você olhou para mim. — Digo, cruzando os braços.

— Não olhei.

— Não saio com mentirosos. — *Não mais.*

Ele ri.

— Tudo bem. Se quer saber, acho que você não conseguiria fazer nada para estragar as coisas.

Eu sorrio.

— Ah, você não devia ter dito isso em voz alta.

Bonito, esperto e engraçado. E agora, doce. *Então, pare de esperar o celular tocar, idiota.*

— Você deve se lembrar de que me forçou a falar o que eu estava pensando. Mas não se preocupe. Não sou supersticioso.

— Nem eu.

O trajeto para Atlantic City dura mais de uma hora, e passamos esse tempo brincando de Jogo da Verdade. Mark é o caçula de quatro irmãos, quer ser médico ou trabalhar na Disney World — ele promete que vai decidir antes de se formar na faculdade com a bolsa que tem de futebol americano —, e seu momento mais embaraçoso foi quando entrou no quarto dos pais quando eles estavam fazendo coisas. Semana passada.

As perguntas que ele faz a mim são quase as mesmas, palavra por palavra. Menos aquela que ele faz quando entramos no estacionamento próximo ao calçadão.

— Pergunta dezenove: quem está enviando mensagens de texto a você?

E lá vamos nós de novo. Como Mark está sendo muito bacana, o enjoo que sinto aumenta, tira meu foco, mesmo quando meu celular tocou dentro da bolsa. Mas agora o enjoo está muito forte. As coisas estão indo bem demais para arruiná-las com a verdade, mas como este pode ser o primeiro de muitos encontros com Mark, uma mentira também arruinaria as coisas.

— É o Galen.

Mark respira fundo.

— Certo. Então vou trocar minha pergunta de número vinte por outra: devo me preocupar com o Galen?

Dou risada.

— Em que sentido?

— Bem, em qualquer sentido, acho. Por exemplo, ele é grande. Será que ele sabe lutar? Sabe atirar? E você contou a ele aonde íamos hoje?

— Não. Por quê?

— Porque ele está do lado de fora do carro.

Eu olho ao redor e vejo Galen a centímetros da caminhonete, com os braços cruzados. Mark é gentil o suficiente para descer o vidro para mim, já que estou chocada demais para me mexer, falar ou respirar.

— Emma, pode vir falar comigo um minuto? — pergunta Galen, com os olhos fixos em mim.

— Oi, Galen. Como vai, cara? — Mark aumenta um pouco a simpatia habitual.

— Mark — Galen assente, com a mandíbula tensa.

— Estou meio surpreso por ver você aqui, cara. Está com alguém? — O Mark é bom para trocar amenidades.

— Na verdade, sim. Estou aqui com a Emma.

— É mesmo? Como?

— Ela é minha namorada. Pensei que já tivesse deixado isso claro, Mark.

Mark dá uma risada.

— Olha, não sei bem onde você mora, mas neste país, quando um dos dois rompe o relacionamento, os dois terminam. Foi difícil para mim aprender isso, cara, então, eu entendo a sua dificuldade.

— Ainda não — Galen murmura.

— Desculpe, o que você disse?

Pelo jeito como perguntou, Mark não escutou mesmo. Pela cara do Galen, não pretendia que o outro escutasse. Mas eu escutei. E sei o que ele quis dizer.

— Ele não disse nada — digo ao Mark, conseguindo enfim mexer a boca para falar.

— Disse, sim, Emma — Mark sussurra para mim, dando um tapinha em minha perna. — Não se preocupe, vou cuidar disso. — Deixando a mão ali, ele fala com Galen. — O que você disse? Vale a pena repetir?

Parece que estou sendo coberta por lava quente. E também sinto medo. Quando me viro, não fico surpresa por meu nariz quase encostar em Galen pela

janela da caminhonete. Mas ele não está olhando para mim. Mark parece des preocupado com a encarada. Galen fala, ainda com a mandíbula tensa.

— Eu disse ainda não. Você ainda nem começou a sentir dificuldade. Ainda. Mas se não tirar a mão da perna dela...

Abro a porta da caminhonete. Galen dá um passo para trás para me deixar sair.

— Emma, isto é loucura. Você não tem que falar com ele. Eu me garanto na briga se ele quiser levar a coisa a esse ponto. — diz Mark, alto o bastante para Galen ouvir.

Por ser um jogador de futebol americano, duvido que Mark já tenha levado socos de aço, já que é assim que um soco de um Syrena como Galen é. Sorrio para ele de modo a me desculpar.

— É só um segundo. Já volto, tudo bem?

Quando me afasto da caminhonete, Galen bate a porta.

— Na verdade, Mark, vai demorar mais do que um segundo. Ela vai embora comigo.

Mark abre a porta do seu lado e nos encontra atrás do carro.

— Por que não perguntamos a Emma com quem ela vai ficar? Afinal, é ela quem escolhe, certo?

O olhar de Galen é claro: *cuide disso ou eu mesmo cuidarei*. Ou talvez seja mais do tipo *seria um prazer cuidar disso*. De qualquer maneira, não quero que nada aconteça a Mark.

No meio dos dois, o nível de testosterona se torna quase insuportável. Se eu escolher Galen, a chance de Mark me ligar de novo é a mesma de Galen comer um bolo de chocolate sozinho. Se eu escolher Mark, a chance de Galen não usar o punho de aço é a mesma de Rayna elogiar alguém.

Minha vontade de proteger meu encontro com Mark é quase tão forte quanto a minha vontade de proteger o rosto dele e impedir que seja desfigurado. Mas salvar o encontro à custa de seu rosto seria muito egoísta a longo prazo. Suspiro, derrotada.

— Sinto muito, Mark

Mark suspira e diz:

— Afff. — Coçando a nuca, ele diz: — Pelo visto, eu devia ter sido mais supersticioso, não?

Ele está certo. Eu estraguei as coisas. Eu devia ter salvado o encontro, seu orgulho. E eu devia ter quebrado o nariz azul de Galen com meu punho de Syrena. Eu me viro para a Sua Alteza.

— Galen, pode me dar um minuto, por favor? Você terá uma hora para falar

comigo, já que vai me levar diretamente para casa.

Sem dizer nada, Galen assente e se afasta.

Não consigo olhar nos olhos de Mark ao dizer:

— Sinto muito. Não sei o que ele quer. Ele nunca age assim. — A não ser quando ele bateu em Toraf na praia, quando viu o nosso beijo. Mas só porque Toraf traiu Rayna. *Certo?*

Mark sorri, contudo não parece sincero.

— Não posso culpá-lo. Sei que você vale a pena. Só nunca tive coragem de chamá-la para sair. Chloe me ameaçou. Você sabe que aquela menina era capaz de dar uma surra em um homem, né? Ela dizia que você era boa demais para mim. Eu acho que ela tinha razão.

— O... o quê? A Chloe sabia que você gostava de mim?

— Sim. Ela nunca lhe disse? Claro que não. Ela pensava que eu brincava com o sentimento das pessoas.

Eu balanço a cabeça, assentindo, ainda muito chocada por saber que minha melhor amiga também agia como minha guarda-costas sem que eu soubesse.

— Ela pensava isso, mesmo. E era capaz de surrar um homem.

— Foi o que meu amigo Jax me disse. — E então, falando mais baixo: — Nossa, o Galen está me observando com olhos de águia agora. Ele tem olhos de assassino, sabia?

Dou risada.

— O que você acha que ele faria se eu lhe desse um beijo de despedida no rosto? — ele sussurra de modo conspiratório.

— Não se preocupe, vou proteger você.

Ele não faz ideia de que estou falando muito sério. Quando ele se aproxima, eu me preparo. A qualquer sinal de eletricidade, já estou pronta para me virar com o punho levantado. Mas o raio não cai. Galen está se comportando por enquanto.

Quando Mark se afasta, ele suspira.

— Faça um favor para mim — ele sussurra.

— O quê?

— Guarde meu número de telefone. E me avise se ele estragar as coisas de novo.

Eu sorrio.

— Pode deixar, prometo. Eu me diverti hoje.

O encontro e o rosto de Mark foram salvos? Tenho uma chance de me redimir com ele?

Ele dá uma risada.

— Sim, fiquei feliz por termos vindo juntos para cá. Da próxima vez, vamos aumentar a sensação de aventura pegando o ônibus. Nós nos vemos na escola, Emma.

— Tchau.

Eu me viro com os saltos, o que não é fácil no chão de pedras do estacionamento. Sem desviar o olhar, encaro Galen até chegar à porta que ele abriu para mim. Ele parece despreocupado. Na verdade, parece estar desconectado de qualquer emoção.

— É melhor que o assunto seja importante — aviso quando me sento.

— Você devia ter retornado as ligações. Ou as mensagens de texto — diz ele com a voz séria.

Quando ele dá a ré no estacionamento, pego o celular da bolsa, e procuro as mensagens.

— Bom, parece que ninguém morreu, então, por que você estragou o meu encontro? — É a primeira vez que respondo para a Realeza, e é libertador. — Ou isto é um sequestro? Grom está no porta-malas? Vai nos mandar para a nossa lua de mel?

Você deveria estar magoando Galen, não você, idiota. Meus lábios tremem e, assim, me traem. Apesar de eu estar desviando o olhar, percebo que a expressão impassível de Galen está suavizada pelo modo como ele diz:

— Emma.

— Vê se me deixa em paz, Galen. — Ele puxa o meu rosto para que eu olhe para ele. Eu afasto a mão dele. — Você não pode andar a cinquenta quilômetros por hora na rodovia, Galen. Precisa se apressar.

Ele suspira e troca de marcha. Quando ganhamos uma velocidade menos embaraçosa, já estou mais calma, assustada por perceber que me tornei “aquela garota”. Não a que troca o doutorado por crianças e uma casa com três quartos e dois banheiros, mas do *outro* tipo. A moça que troca sua dignidade e a possibilidade de ser feliz por um perdedor possessivo que a agride quando ela olha para um cara da barraquinha de cachorro-quente.

Não que Galen me agrida, mas depois desse showzinho o que as pessoas vão pensar? Ele agiu como um lunático esta noite, indo atrás de mim até Atlantic City, ligando para o meu celular sem parar, e ameaçando o garoto que estava comigo. Ele lançou um olhar de assassino, por favor! Talvez isso seja aceitável no mundo da água, mas, para os padrões da terra, são ingredientes para a receita certa de como acabar preso. *E por que estamos saindo da rodovia?*

— Aonde está me levando? Eu disse que quero ir para casa.

— Precisamos conversar — diz ele baixinho, entrando em uma estrada escura.

— Vou levar você para casa depois que eu sentir que você entende.

— Não quero conversar. Você devia ter percebido isso quando não atendi suas chamadas.

Galen estaciona no acostamento da rua-sei-lá-onde-estamos. Ele desliga o carro e se vira para mim, passando o braço por cima de mim, no banco.

— Não quero terminar.

Um... dois...

— Você me seguiu feito um maluco para dizer isso? O Mark é um cara legal. Eu mereço um cara legal, não mereço, Galen?

— Com certeza. Mas eu também sou um cara legal.

Três... quatro...

— Não está se referindo ao Grom? E você não é um cara legal. Você ameaçou bater no Mark

— Você jogou Rayna por uma janela. Estamos empatados?

— Quando você vai superar isso? Além disso, ela me provocou!

— Mark me provocou também. Ele colocou a mão na sua perna. Isso porque nem falamos do beijinho no rosto. Acho que não escutei você dando permissão para isso.

— Ah, que legal! — Dou risada e saio do carro. Bato a porta e grito para ele. — Agora, você está dando uma de ciumento pelo seu irmão — digo, girando. — Será que o Grom consegue fazer alguma coisa sem que o poderoso Galen tenha que ajudá-lo?

Por ser meio-peixe, minha visão não borra com as lágrimas que se acumulam. Consigo enxergar perfeitamente a linha amarela na estrada enquanto caminho. Quando percebo que ele está me seguindo, tiro os sapatos e começo a correr. Há dois meses, esse tipo de abuso com meus pés descalços faria com que eles ficassem sangrando. Mas graças à minha nova pele grossa, correr descalça é como correr com tênis de última geração.

Mas Galen corre mais do que eu, ao que parece. Ele segura meu braço, impedindo minha tentativa de voar. E me vira. Ele me puxa, levanta meu rosto com o polegar. Quando me afasto, ele segura com mais força e me obriga a olhar para ele. A velha Emma ganharia um hematoma dentro de dez minutos. A nova só fica irritada.

— Solta! — eu grito, empurrando seu peito. De alguma forma, isso só me faz ficar mais perto dele.

— Emma — ele resmunga quando piso no pé dele. — O que você teria feito?

Certo, que pergunta inesperada! Eu paro de me debater.

— O quê?

— Diz para mim o que você teria feito se fosse eu. O que teria feito se tivesse que escolher entre a sobrevivência da raça humana... e estou falando dos bebês, das vovós e de todos os parentes humanos — diz ele, sem fôlego. Percebo que nunca vi Galen sem fôlego. — Diga se seria fácil abandoná-los se, com isso, pudesse ter a única coisa que quis a vida toda? Diga, Emma. O que você escolheria?

— Eu... eu não... entendo...

Ele me chacoalha, aperta meu braço.

— Entende, sim, Emma, você sabe muito bem o que estou dizendo. Responda... Pense no que você mais quer. A única coisa sem a qual você não conseguiria viver.

Que fácil. É o Galen, sem dúvida.

— Certo.

— Agora, imagine como se sentiria se tivesse que trocar essa coisa que você tanto ama pela continuidade da raça humana. Pessoas que você nem conhece. Pessoas que ainda não nasceram. Você faria isso? *Conseguiria?* Ainda se quase ninguém soubesse do enorme sacrifício feito e ainda que nunca valorizassem a coisa da qual você abriu mão?

Eu me afasto dele com delicadeza. Ele me deixa dar um passo para trás. A intensidade de seu olhar me faz arrepiar.

— Seria egoísta não trocar — digo, baixinho. — Não é uma escolha, na verdade.

— Exatamente. Eu não tive escolha.

— Você está dizendo... O que está dizendo? — Ele... *poderia* estar falando de mim?

Ele passa a mão pelos cabelos. Nunca o vi tão emocionado assim. É sempre tão controlado, tão seguro de si.

— Estou dizendo que você é o que quero, Emma. Estou dizendo que estou apaixonado por você. — Ele dá um passo à frente e toca meu rosto, traçando uma linha de fogo com os dedos até meus lábios. — Como você acha que eu me sentiria se a visse com Grom? — ele sussurra. — Como se alguém tivesse arrancado meu coração e o colocado no moedor de carne da Rachel, isso sim. Talvez até pior. Essa situação provavelmente me mataria. Emma, por favor, não chore.

Eu ergo as mãos.

— Não chorar? Está falando sério? Por que veio aqui, Galen? Você achou que eu ficaria melhor se soubesse que você me ama, mas que, ainda assim, as coisas não podem dar certo? Que ainda tenho que me acasalar com Grom pelo bem maior? Não me diga para não chorar, Galen! Eu... eu... não consigo... controlar.

As lágrimas tomam conta da situação. Galen olha para mim, com os braços abaixados, sem saber o que fazer. Estou sem fôlego e logo vou começar a soluçar. Isto tudo é demais.

A expressão dele é tão intensa que parece estar sentindo dor física.

— Emma — diz ele. — Emma, isso quer dizer que você se sente da mesma maneira? Você se importa comigo?

Eu rio, mas a risada sai mais acentuada do que eu pretendia, por causa de um soluço.

— O que importa como me sinto, Galen? Acho que já falamos dos motivos. Não precisamos repetir as coisas, não é?

— Importa, Emma. — Ele segura a minha mão e me puxa para si de novo. — Diga agora. Você se importa comigo?

— Se não percebe que estou louca de paixão por você, Galen, então não é um bom embaixador para os seres hum... — Seus lábios cobrem os meus e me interrompem. Esse beijo não é delicado como o primeiro. Não é nada leve. É forte, intenso. E me desorienta. Não tem nenhuma parte minha que não esteja derretendo por Galen, nenhuma parte que não esteja pegando fogo com o toque intenso dele.

Sem querer, solto um gemido. Ele vê isso como um sinal para me levantar, para me deixar na altura dele. E interpreto o gemido dele como um sinal para beijá-lo com ainda mais intensidade.

Ele ignora o celular que está tocando dentro do bolso. Eu ignoro o resto do universo. Mesmo quando os faróis se aproximam, continuo disposta a ignorar a intromissão e quero continuar o beijo. Mas por ser o príncipe que é, Galen consegue manter um pouco mais a compostura. Com toda delicadeza, ele para de me beijar e me coloca no chão. Seu sorriso está apaixonado e apaixonante.

— Ainda precisamos conversar.

— Certo — digo, mas estou negando com a cabeça.

Ele ri.

— Não vim de Atlantic City até aqui para fazer você chorar.

— Não estou chorando. — Eu me inclino na direção dele de novo. Ele não recusa meus lábios, mas não os beija como deveria, apenas me dá um selinho e se afasta.

— Emma, eu vim até aqui para dizer que você não tem que se acasalar com Grom.

Ergo uma sobrancelha.

— Ah, eu nunca faria isso com o Grom.

— O que quero dizer é que Grom vai se acasalar com outra pessoa que tem o

Dom de Poseidon. O que quer dizer que...

— Não tenho que me acasalar com o Grom. — Completo a frase para ele.

— Foi o que acabei de dizer.

— Não preciso ficar com remorso sabendo que a espécie dos Syrenas foi extinta porque eu não me acasei com o Grom.

Ele ri.

— Isso mesmo.

— Mas isso não muda quem sou, uma mestiça. Você não pode ficar comigo, certo?

Galen passa o polegar pelo lábio inferior, pensativo.

— A lei proíbe isso no momento. Mas acho que se esperarmos, podemos mudar as coisas. E não vou a lugar nenhum até conseguir. — Ele nos direciona para a caminhonete, parando para pegar meus sapatos na estrada. Ele me ajuda a me sentar no banco do passageiro do Escalade, e então me entrega os sapatos.

— Obrigada — digo enquanto ele dá a volta para o lado do motorista.

— Está meio tarde para corar — comenta ele, ajeitando o cinto.

— Acho que nunca vou parar de corar.

— Espero que não, mesmo — diz ele, fechando a porta. Segurando meu rosto com as duas mãos, ele me puxa para si de novo. Seus lábios roçam os meus, mas eu quero mais. Percebendo minha intenção, ele coloca a mão sobre a minha e sobre o cinto que estou tentando soltar. — Emma — diz ele, sobre meus lábios. — Senti muito a sua falta. Mas não podemos. Ainda não.

Não estou tentando fazer *aquilo*, só quero ficar numa posição melhor para beijá-lo. Se eu disser isso, nós dois ficaremos envergonhados. Mas ele disse *ainda*. O que quer dizer? Que ele quer esperar até que a lei mude? Ou que ele vai dar um tempo, e, se não der certo, vai burlar a lei dos Syrenas para ficar comigo?

Por algum motivo, não quero saber da resposta tanto assim, por isso, não pergunto. Imagens “daquela” garota aparecem em minha mente. Não quero que o Galen quebre as regras — em parte, é por isso que eu o amo tanto. Sua lealdade a seu povo, seu compromisso com ele. É o tipo de devoção que quase não existe entre os seres humanos. Mas também não quero ser “aquela garota”. Syrena ou não, quero fazer faculdade. Quero conhecer o mundo dentro e fora do mar.

Mas nenhuma decisão precisa ser tomada agora, certo? Afinal, decisões que mudam a vida demoram a ser feitas. Tempo e meditação. E espaço físico entre os meus lábios e os dele.

Eu me afasto.

— Certo. Sinto muito.

Ele segura algumas mechas de meu cabelo e as alisa em meu rosto, sorrindo.

— Não sente tanto quanto eu. Vai ter que me ajudar a ficar com as mãos longe de você.

Dou risada, mesmo sentindo uma corrente elétrica em minhas veias.

— Sei. Não.

Ele também ri e se vira para ligar o carro, e então para. Solta as chaves e diz:

— Quanto ao rompimento...

— Vou pensar mais um pouco — digo prestes a começar a rir da cara que ele faz.

— Vou fazer o que puder para você mudar de ideia.

Permanecemos parados por mais quinze minutos. Mas, pelo menos, não terminamos.

Enfiando os pés na areia, estendo a mão para Rayna, que acabou de se acomodar em uma toalha.

— Vamos — digo a ela. — Vamos entrar e farei as unhas de seus pés.

Ela olha para mim, com a luz da lua refletindo em seus olhos violeta.

— Não é uma boa ideia — retruca ela, apesar de segurar minha mão. — Eles disseram que voltam logo.

Eu suspiro.

— Rayna, você conhece a rotina. Eles vão à minha casa, não encontram ninguém, e então passam uma hora nadando para ver se conseguem senti-lo de novo. Nós duas sabemos que o Galen não vai me deixar entrar na água esta noite. E tem mais: desde quando você começou a obedecer a ordens?

Ela assente.

— Mas quero que você faça francesinha, com a marquinha branca na ponta.

Sorrio quando ela passa por mim e corre em direção a casa. Ela não tem nada a ver com a Chloe, mas também não tem nada a ver com a minha mãe. É uma boa companhia feminina.

Rachel me cumprimenta.

— Oi, bonitinha. Sua mãe telefonou. Ela chegou em casa e quer saber por que você não está lá.

Ergo a cabeça, pronta a disparar alguns motivos, a começar pelo fato de eu ter 18 anos e terminando com o fato de que ainda estaria dentro do meu horário para ficar fora de casa mesmo se já não fosse maior de idade. Então, percebo que minha mãe chegou mais cedo — o que quer dizer que ela voltou para casa no

mesmo horário em que Toraf e Galen sentiram a presença do Syrena que nos persegue. Não sei se é só uma coincidência ou se é a intuição de mãe em ação. Não acreditava nem em uma coisa nem em outra até agora, mas é a terceira vez que isso aconteceu esta semana.

Tentando não arrancar o telefone da mão de Rachel quando ela o entrega a mim, aperto o ícone MÃE DE EMMA, na tela sensível ao toque.

— Alô? — ela atende, com a voz séria.

— Mãe, sou eu. Você ligou? — É difícil parecer tranquila quando o coração está batendo forte dentro do peito.

— Sim, queria saber onde você está. Não atendeu o celular. Está tudo bem? — Ela suspira, mas não consigo identificar se é alívio ou exagero de mãe.

— Está tudo bem. Minha bateria acabou, mas Galen me deu um carregador para ficar aqui, então estou recarregando o telefone.

— Muito gentil da parte dele — diz ela, sabendo muito bem que foi ela quem o orientou a fazer isso. — Bom, só queria saber. Devo esperar você voltar? Não gostei do fato de você ter chegado depois do horário nas últimas noites. Ficar aí até as quatro da manhã é como dormir fora, o que eu não permito, ou será que você se esqueceu disso? Sua viagem à Flórida com a família de Galen foi uma circunstância especial.

— Eu passei a noite com a Chloe, e JJ também estava lá. — JJ é o irmão de 8 anos de Chloe. Não é uma resposta muito boa, mas vai ter que servir.

— Você sabe o que quero dizer, Emma — ela rebate.

— Por que está tão mal humorada? E por que chegou tão cedo de novo?

— Não sei. Estou cansada, eu acho. Olha, percebi que você não trouxe seu maiô para casa ainda. Espero que não esteja mais entrando na água. Está muito frio para nadar, Emma.

Lavo minhas roupas. Ela só teria como “notar” que uma peça não está lá se cavucasse minhas gavetas. Ela também procura preservativos e outras evidências que as mães sempre vasculham? Ela volta para casa *para* vasculhar? Fico um pouco irritada. Penso que devo comprar um novo maiô para deixar na casa de Galen e digo:

— Você está dizendo isso para *mim*? Você sabe como eu sou fria.

Minha risada é alta o suficiente para se desconfiar, porém minha mãe não parece notar. Mas Rachel ri.

— Não venha com essa de me dizer que você e o Galen não aprenderam a se esquentar na água.

— Mãe!

— Só prometa que não vai entrar na água — diz ela, com a voz séria de novo. — Não quero que você fique doente.

— Tudo bem. Eu prometo.

— E venha para casa antes da madrugada, desta vez. Quero só ver se no seu boletim vou encontrar alguma nota menor que dez. Estou avisando.

Eu repito as palavras com ela ao telefone; seria de se esperar que, pelo menos, ela mudasse a ladainha depois de tantos anos. É a ameaça que ela faz em qualquer ocasião. Mas, de certo modo, não funciona dessa vez. Não há veracidade. Ela está ficando mais maleável ultimamente, e acho que isso tem a ver com a noite em que eu a acusei de ter me adotado.

— Certo, antes da madrugada.

— Boa noite, querida. Amo você.

— Amovocê também. Boa noite.

Desligo o telefone e o entrego de volta a Rachel, que o troca por uma xícara de chocolate quente com três marshmallows flutuando.

— Obrigada — digo, caminhando até a cozinha atrás dela.

Rayna está sentada à mesa, tirando esmaltes, cortadores e alicates em número suficiente para abrir seu próprio salão de manicure.

— Eu sei que eu disse que queria francesinha, mas gosto muito desta cor — declara ela, segurando um esmalte laranja.

Rachel balança a cabeça.

— Vai ficar meio chamativo em contraste com sua pele morena, querida.

Esperando conseguir uma opinião diferente, Rayna mostra o vidrinho para mim. Balanço a cabeça, recusando. Com um bico, ela coloca o esmalte na mesa, e então vira o conteúdo todo do kit sobre a superfície.

— Bom, tem *alguma* outra cor que ficaria boa?

Eu me sento ao lado dela.

— Qual é a cor preferida do Toraf?

Ela dá de ombros.

— Qualquer uma que eu disser.

Olho para ela, levantando a sobrancelha.

— Você não sabe, não é?

Ela cruza os braços.

— Quem se importa? Não vamos pintar as unhas *dele*.

— Acho que ela está tentando dizer, querida, que você devia pintar as unhas com a cor favorita dele, para mostrar como pensa nele — sugere Rachel, escolhendo as palavras com cuidado.

Rayna ergue o queixo.

— Emma não pinta as unhas com a cor preferida de Galen.

Assustada por perceber que Galen tem uma cor preferida e eu não sei qual é, digo:

— Hum, bom, ele não gosta de esmalte.

Isso quer dizer que ele nunca tocou nesse assunto.

Ela abre um sorriso e eu percebo que fui derrotada.

— Você não sabe qual é a cor preferida dele! — diz ela, apontando para mim.

— Sim, eu sei — afirmo, procurando a resposta no rosto de Rachel. Ela dá de ombros.

O sorriso de Rayna parece dizer *eu sei algo que você não sabe*. Sinto vontade de lhe dar um tapa, mas me seguro, como sempre, por causa do beijo que dei em Toraf e que a magoou muito. Às vezes, eu a flagro olhando para mim com a mesma expressão que vi naquele dia na praia e me sinto um lixo, mesmo sabendo que ela mereceu, na época.

Recusando-me a dar o braço a torcer, olho para os esmaltes espalhados à minha frente. Deixo os dedos vasculharem os vidrinhos e vou observando, na esperança de que um deles chame a minha atenção. Para me safar, não consigo pensar em nenhuma cor de roupa que ele use com mais frequência. Ele não tem um esporte preferido, então não devo escolher por times. Rachel escolheu o carro para ele, então não adianta. Mordendo o lábio, decido escolher o azul-claro.

— Emma! Que vergonha! — diz ele, da porta. — Como você não sabe qual é a minha cor preferida?

Assustada, eu largo o esmalte na mesa. Como Galen voltou tão cedo, imagino que ele não encontrou o quê ou quem queria — e que não os caçou por muito tempo. Toraf aparece atrás dele, mas os ombros de Galen são muito largos e os dois não conseguem ficar lado a lado na porta. Eu pigarreio e digo:

— Eu estava só tirando este esmalte do caminho para chegar à cor que eu queria.

Rayna está festejando com o olhar.

— E qual seria? — pergunta ela, toda vingativa. Toraf passa por Galen e se senta ao lado de sua parceira. Ela se inclina na direção dele, querendo beijá-lo.

— Senti sua falta — ela sussurra.

— Não tanto quanto eu — diz ele.

Galen e eu nos entreolhamos com enfado enquanto ele contorna a mesa para se sentar ao meu lado, e sua sunga molhada deixa uma marca de traseiro na cadeira cara.

— Continue, peixinha — diz ele, com um meneio de cabeça em direção à

pilha de esmaltes.

Se está tentando me dar uma pista, é péssimo na tentativa. “Continue” pode ser verde, acho. E há peixes de todas as cores. Concluindo que ele não quis me passar nenhuma mensagem, suspiro e me levanto da mesa.

— Não sei. Nunca falamos sobre isso.

Rayna dá um tapa nas próprias pernas, comemorando.

— Rá!

Antes que eu consiga passar por ele, Galen segura meu braço e me puxa para si, prendendo-me com as pernas. Encostando os lábios nos meus, ele leva a mão às minhas costas e me pressiona contra seu corpo. Como ele ainda está sem camiseta e eu estou de biquíni, ocorre muito contato entre os corpos, o que é um pouco mais íntimo do que estou acostumada com pessoas olhando. Ainda assim, o desejo percorre meu corpo todo. Tenho que me controlar muito para não agarrá-lo.

Delicadamente, apoio as mãos em seu peito para interromper o beijo, algo que nunca pensei que faria. Olhando para ele de um jeito que espero que sinalize o quanto aquele gesto não é apropriado, dou um passo para trás. Já passei bastante tempo com eles para saber, sem olhar, que Rayna está com os olhos arregalados e que Toraf está sorrindo como um bobo. Espero que Rachel não tenha visto o beijo. Olho para ela de soslaio e vejo sua cara de surpresa.

Certo, pegou mal como imaginei. Tal qual criança, fecho os olhos como se isso os impedisse de me ver. O calor do beijo se espalha por meu corpo na forma de uma vermelhidão total.

Galen ri.

— Pronto — diz ele, passando o polegar sobre meu lábio inferior. — Esta é a minha cor preferida. Uau.

Vou matá-lo.

— Galen. Por favor. Venha. Comigo — peço, engasgando. Passo por ele e meus pés descalços tocam o piso frio até eu estar marchando no carpete do corredor, e então subo a escada.

Posso dizer, pelo arrepio em minha pele, que ele está me seguindo como um peixinho bonzinho. Ao chegar à escada para o andar de cima, faço um meneio de cabeça para que ele continue me seguindo. Caminho pelo quarto até ele chegar, contando até mil para me acalmar.

Ele fecha a porta e a tranca, mas não se aproxima. Ainda assim, para uma pessoa que está prestes a morrer, ele parece mais animado do que deveria. Aponto o dedo para ele, mas não sei do que posso acusá-lo primeiro, então volto a abaixá-lo.

Depois de muitos minutos, ele interrompe o silêncio.

— Emma, acalme-se.

— Não me diga o que fazer, Alteza. — Com meus olhos, eu o desafio a me chamar de “docinho”.

Em vez da desculpa que estou esperando, seus olhos me mostram que está pensando em me beijar de novo, neste momento.

E isso me distrai. Paro de olhar para seus lábios e caminho até a cadeira perto da janela e mexo na pilha de travesseiros sobre ela. Ajeitando-me, encosto a cabeça na janela. Ele sabe tão bem quanto eu que se tivéssemos um cantinho especial, aquele seria o escolhido. Para mim, me sentar ali sem ele é o pior tipo de repreensão. No reflexo, vejo quando ele corre as mãos pelos cabelos e cruza os braços. Depois de mais alguns minutos, ele apoia o peso do corpo na outra perna.

Ele sabe o que quero. Sabe que isso lhe dará acesso ao assento perto da janela e ao meu coração. Não sei se é o sangue azul ou seu orgulho de homem que o impede de se desculpar, mas sua demora só me deixa mais brava. Agora não vou aceitar só um pedido de desculpa. Agora ele vai ter que se rastejar.

Sorriso de modo orgulhoso para o reflexo e então vejo que ele não está mais ali. Ele segura meu braço e me puxa contra seu corpo. Seu olhar é intenso.

— Você está achando que vou me desculpar por tê-la beijado? — ele murmura.

— Eu. Sim. Isso. — *Não olhe para os lábios dele! Diga algo inteligente.* — Não estamos vestidos. — Maravilhoso. Quis dizer que ele não deveria me beijar na frente de todo mundo, ainda mais seminu.

— Hum — diz ele, puxando-me para mais perto. Resvalando os lábios em minha orelha, ele continua: — Percebi isso. E por esse motivo não deveria ter seguido você até aqui.

O celular dele vibra sobre a cômoda, quase me matando de susto. Ele dá um sorrisinho e caminha até o telefone, deixando-me ali, olhando para ele.

— É o Dr. Milligan — avisa ele. — Alô? Espere um pouco, Dr. Milligan, vou colocar no viva voz, porque a Emma está aqui. — Galen aperta o botão. — Certo, doutor. Pode falar.

— Bem, meu rapaz, só queria dizer que recebi os resultados do exame de DNA. A Emma é, com certeza, mestiça.

Galen pisca para mim.

— Quem diria?

Cubro a boca para abafar uma risada. A grosseria não devia ser contagiosa.

— Sim, pois é. Assim, não sei se ela tem a capacidade de desenvolver barbatanas.

Galen ri.

— Nós já concluímos isso, Dr. Milligan. E os Arquivos confirmaram. Há um quadro com o desenho de pessoas que se parecem com Emma em Tartessos.

O Dr. Milligan suspira.

— Você podia ter me ligado.

— Sinto muito, Dr. Milligan. Tenho andado... ocupado.

— Então, a Emma já sabe de sua linhagem?

Galen nega com a cabeça, apesar de a reação não ser vista pelo Dr. Milligan, na Flórida.

— Até onde sabemos, o pai de Emma era mestiço. Ele tinha a cor da pele, usava lentes de contato, adorava frutos do mar e o mar. Ele sem dúvida sabia da condição de Emma. — Ele conta ao Dr. Milligan sua teoria de que alguns mestiços sobreviveram à destruição de Tartessos.

O Dr. Milligan permanece em silêncio por alguns segundos.

— O que mais?

Galen olha para mim um tanto confuso. Eu dou de ombros.

— Como assim? — pergunta ele.

— Quero saber, meu rapaz, quais outras evidências você tem? O homem que você acabou de descrever podia ser eu. Eu tinha cabelos loiros antes de se tornarem grisalhos. Uso lentes de contato. Por acaso, adoro frutos do mar e a praia, como pode ver pelo lugar onde moro. Também sei da condição de Emma. Então, ela poderia ser minha filha. É isso o que está dizendo? Se é nisso em que está se baseando, a Emma poderia ser a filha de qualquer homem. Não é muito científico.

Galen franze o cenho.

— Você está aí, Galen? — pergunta o Dr. Milligan.

Eu me sento ao lado de Galen na cama, não estou gostando do rumo da conversa.

— Ainda estou aqui.

— Ótimo. Há mais coisas a levar em consideração. Se o pai de Emma era descendente dos mestiços, como você diz, então ele não era um mestiço de verdade, certo? Teria cerca de 25% da “composição”, ou sabe-se lá qual proporção. E isso diluiria o sangue de Emma ainda mais. Qual é a probabilidade de o pai de Emma ser um mestiço? Seria preciso haver um de raça pura para que isso ocorresse, não acha? E se Emma for apenas uma descendente desses meio-humanos, bem, então ela é mais humana do que qualquer outra coisa. Mas não é o que os resultados de meus exames mostram, meu rapaz. Ela é exatamente meio-humana, cinquenta por cento.

— O que está dizendo, Dr. Milligan? — pergunta Galen, confuso.

— Estou dizendo, Galen, que eu acho que você não encontrou a resposta. Acho que você precisa continuar procurando. Gostaria que você tivesse telefonado para mim. Eu poderia tê-lo ajudado a pensar e você teria poupado seu tempo. Mas tem mais uma coisa que quero mencionar antes de desligarmos.

— O que é? — pergunta Galen.

— Você não me disse, certa vez, que um jovem Syrena se torna maduro por completo aos 9 anos?

— Sim: 9 ou 10. Alguns, até antes disso.

— E isso inclui a habilidade de sentir?

— Sim. E os ossos se tornam maduros. Não crescem mais.

— Mas, veja, meu rapaz, como a Emma é mestiça, ela cresceu em um ritmo mais lento. Exatamente com metade desse ritmo, eu diria. Se eu estou certo, quer dizer que ela só atingiria a maturidade completa aos 18 anos.

Fico boquiaberta. Bater a cabeça não teve nada a ver com minhas habilidades de Syrena. Eu tinha acabado de amadurecer. Antes de Chloe morrer.

— Compreendo — diz Galen, e me abraça e me puxa para si. — Bem, obrigado, Dr. Milligan, sinto muito por não ter telefonado antes. Sinto muito, mesmo.

— Sim, bem, eu só estou tentando ajudar. — Porém ele parece chateado. Como se tivesse sido ignorado. E em teoria foi mesmo.

Mas aposto meu biquíni que isso nunca mais voltará a acontecer.





Tomando o cuidado de não acordá-la, Galen afasta os cabelos de Emma, e observa seu rosto cor-de-rosa pela incidência da luz do sol que nasce. Seu vestido está arruinado, e o Atlântico deixa manchas nele que fazem lembrar uma cadeia de montanhas. Ela rasgou a bainha da peça enquanto procurava pelo outro sapato à luz da lua. Depois, ela o abriu como um leque sobre o qual ele pudesse se deitar para não ficar em contato com a areia. E foi ali que ele permaneceu a noite toda. *Foi por isto que nunca selecionei. Ninguém se encaixaria tão perfeitamente em meus braços como ela.* Abaixando-se, ele encosta os lábios nos dela. Ela suspira, como se sentisse o contato.

As gaivotas guincham ao longe, à procura do café da manhã. As ondas batem na praia. O vento remexe a vegetação nas dunas, como se estivesse sussurrando um segredo que ele não deve escutar. E Emma dorme. *Esta é a definição de paz.*

A definição é interrompida pelo telefonema de Toraf. *Por que Rachel deu um telefone a Toraf? Ela me odeia?* Levando a mão atrás do corpo, na areia, Galen pega o telefone antes de parar de tocar.

Espera cinco segundos e... sim, ele está ligando de novo.

— Alô? — ele sussurra.

— Galen? É o Toraf.

Galen resmunga.

— Tem certeza?

— A Ray na está pronta para sair. Onde vocês estão?

Galen suspira.

— Estamos na praia. A Emma ainda está dormindo. Vamos voltar daqui a pouco. — Emma desobedeceu à mãe e ao horário de voltar para casa de novo na

noite passada para ficar com ele. A cerimônia de acasalamento de Grom é amanhã, e Galen e Rayna precisam participar. Galen terá que deixar Emma aos cuidados de Toraf até sua volta.

— Desculpe, Alteza. Como eu disse, a Rayna está pronta. Vocês têm cerca de dois minutos de privacidade. Ela está indo até vocês. — E Toraf desliga o telefone.

Galen se abaixa e passa os lábios no pescoço dela.

— Emma — ele sussurra.

Ela suspira.

— Eu escutei — ela resmunga, sonolenta. — Você devia dizer ao Toraf que ele não precisa gritar ao telefone. E se ele continuar fazendo isso, vou quebrar esse celular sem querer.

Galen sorri.

— Ele vai aprender logo. Não é um idiota completo.

Emma abre um dos olhos.

Ele dá de ombros.

— Bem, três quartos idiota. Só que não total.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você? — pergunta ela, sentando-se e espreguiçando-se.

— Você sabe que quero. Mas acho que essa cerimônia de acasalamento já vai ser interessante o suficiente sem que eu precise apresentar minha namorada mestiça, não acha?

Emma ri e puxa os cabelos para um dos lados, sobre o ombro.

— É a primeira vez que ficaremos longe um do outro. Sabe, como casal. Estamos namorando de verdade há apenas duas semanas. O que farei sem você?

Ele a puxa para si, recostando-a em seu peito.

— Bem, espero que desta vez, ao voltar, não veja você beijando o Toraf.

Os risos ao lado deles são um sinal de que os dois minutos de privacidade terminaram.

— É, ou alguém vai morrer — Rayna diz com calma.

Galen ajuda Emma a se levantar e bate a areia de seu vestido. Segura as mãos dela.

— Posso fazer uma pergunta sem que você fique brava comigo?

Ela franze o cenho.

— Deixa ver se adivinho. Você não quer que eu entre na água enquanto você estiver fora.

— Mas não estou *mandando* que fique fora da água. Estou pedindo, não... implorando com muita educação e com todo o meu coração para que você não entre. É sua escolha. Mas eu seria o homem-peixe mais feliz da costa se você não entrasse. — Eles sentem a presença do espião quase todos os dias. Isto é o fato de o Dr. Milligan ter derrubado sua teoria de que o pai de Emma era mestiço deixam Galen mais nervoso do que ele consegue explicar. Significa que eles ainda não têm respostas a respeito de quem poderia saber sobre Emma.

Emma o recompensa com um sorriso arrebatador.

— Não vou entrar. Porque você pediu.

Toraf tinha razão. Eu só precisava pedir. Ele balança a cabeça.

— Agora vou conseguir dormir à noite.

— Só você vai conseguir. Não demore demais ou o Mark vai se sentar ao meu lado na hora do almoço.

Ele faz uma careta.

— Vou voltar logo.

Ele se inclina para beijá-la. Atrás deles, ele escuta o mergulho de Rayna.

— Ela vai embora sem você — Emma sussurra.

— Ela podia ter partido há horas e, ainda assim, eu a alcançaria. Tchau, peixinha. Comporte-se. — Ele beija sua testa e então sai correndo e mergulha.

E Galen já sente a falta dela.

Galen encontra Grom no local exato onde este não deveria estar: na mina. Horas antes de sua cerimônia de acasalamento, ele ainda sofre pelo amor perdido. Mas quem é Galen para julgar? Seu irmão está acasalando com alguém que não ama — e, assim, Galen pode ficar com quem ama.

Grom o recebe com um sorriso forçado.

— Não estou pronto para isso, irmãozinho — Grom confessa.

— Claro que está — Galen ri, dando um tapinha nas costas do irmão.

Grom nega balançando a cabeça.

— Parece que... estou traindo Nalia.

Galen fica tenso. *Ah.* Ele não se sente capaz de aconselhar Grom sobre esse assunto.

— Tenho certeza de que ela compreenderia — diz ele.

Grom o observa com atenção.

— Gosto de pensar que ela entenderia. Mas você não conheceu Nalia. Ela era bem geniosa. — Ele ri. — Fico sempre atento, meio que esperando ela me confrontar por estar acasalando com outra.

Galen franze o cenho, sem saber o que dizer.

Grom dá uma risadinha.

— Estou brincando, claro. — E então, dá de ombros. — Bom, mais ou menos. Juro que eu tenho sentido a presença dela nos últimos tempos, Galen. Parece tão real. Preciso me controlar para não seguir a pulsação. Você acha que estou enlouquecendo?

Galen nega, por obrigação. Mas, em seu íntimo, acredita que isso possa estar acontecendo.

— Acho que você só se sente culpado. Bem... não tem motivos para se sentir culpado, mas é natural que se sinta assim antes de sua cerimônia de acasalamento. O nervosismo e tudo. — Galen passa a mão pelos cabelos. — Sinto muito, não sou muito bom nessas coisas.

— Que coisas? Em ser maduro? — Grom sorri.

— Engraçadinho.

— Acho que você devia passar mais tempo na terra, e então voltar para conversar comigo. Ficar na terra amadurece, sabe? Pode fazer bem a você.

Galen ri. *E eu não sei?*

— Pode deixar.

De repente, Grom segura o rosto de Galen com força. Galen detesta quando ele faz isso.

— Deixa eu ver esse rostinho bonito, vairão. Isso, como eu pensei. Seus olhos estão ficando azuis. Quanto tempo tem passado em terra? Não me diga que está apaixonado por uma humana. — Então ele ri e solta o irmão.

Galen olha para ele.

— Como assim?

— Eu só estava brincando, vairão. Perturbando você.

— Eu sei, mas... por que disse que meus olhos estão ficando azuis? O que isso tem a ver com os humanos?

Grom balança a mão, deixando o assunto de lado.

— Esqueça isso. Acho que você está mais tenso do que eu. Eu disse que só estou brincando.

— Grom, se tem alguma coisa a ver com os seres humanos, preciso saber. Sou embaixador. E você está me impedindo de realizar meu trabalho. — A voz de Galen está calma, mas ele nem tanto. Pensa na imagem pintada no muro de Tartessos. Os Syrenas cujos olhos eram azuis e não violeta.

— Pelo tridente de Tritão, Galen. Não tem nada a ver com sua responsabilidade como embaixador. É só um boato. Na verdade, fico surpreso

por saber que você nunca escutou.

Galen cruza os braços.

— Bom, não ouvi.

Grom revira os olhos.

— Você tem razão, não é muito bom nessas coisas. A lenda diz que às vezes, quando um Syrena passa muito tempo em terra, seus olhos ficam azuis. É só um mito, vaião. Acalme-se. Seus olhos não estão ficando azuis.

Talvez eu passe, mesmo, muito tempo em terra. Conheço mais sobre a história dos seres humanos do que dos Syrenas.

— O que vocês dois estão aprontando? — Uma voz de mulher é ouvida. Eles se viram e veem Paca.

Galen se retrai por dentro. Paca não devia estar aqui. Vai se tornar parceira de Grom em algumas horas, mas este lugar é sagrado. Ele percebe que o irmão fica tenso a seu lado. E então sente a pulsação de Rayna se aproximando. A pulsação de Jagen vem logo depois. Alguma coisa está errada.

— Oi, Paca — diz Galen com educação. — Estávamos saindo para procurar você, não é, Grom?

Paca não é feia, mas também não é bonita. *Normal* seria uma boa palavra para descrevê-la. Mas não apenas normal. Alguma coisa em seu olhar a torna menos inocente, menos merecedora do que normal. Normal poderia receber piedade. Mas Paca não causa essa reação em Galen.

— Esperei que vocês fossem tirar a irmã de vocês de perto de mim — diz Paca enquanto Rayna se aproxima. — Ela é muito grosseira.

Galen lança um olhar a Rayna, e esta empina o nariz.

— Paca e o pai gorducho dela são cheios de frescura — Rayna informa a seus irmãos.

— Rayna — Grom resmunga. — Veja como fala.

Rayna empina o nariz mais ainda. *E lá vamos nós.*

— Paca é uma falsa, Grom — afirma ela. — Não pode acasalar com ela. Desculpe se arruinei sua cerimônia. Vamos, Galen.

Paca se surpreende quando Jagen se aproxima dos outros, bufando de ódio.

— Seus... girinos! Como ousam insultar minha filha?

Galen segura o braço de Rayna.

— O que você fez? — pergunta ele.

Ela puxa o braço e olha para ele com ar superior.

— Se Paca tem o Dom de Poseidon, eu tenho Dom de Tritão. Mas não me

pergunte o que é, porque não faço ideia.

— Rayna, já chega! — diz Grom, segurando seu outro braço. — Peça desculpas. Agora mesmo!

— Pedir desculpa por quê? Por dizer a verdade? Sinto muito, mas não estou a fim. — Ela dá de ombros, e não tenta se livrar da mão de Grom.

— Como pode dizer que ela é uma falsa? Ela acabou de mostrar seu Dom! — retruca Jagen, deslizando a mão na água, frustrado.

Rayna ri.

— Ela não mostrou o Dom a Galen. Galen, você a viu demonstrar o Dom? Deixe que ela mostre. — Ela se vira para Paca. — Escutou o que eu disse, Princesa Falsa-Fajuta-Que-Come-Cocô-de-Baleia? Mostre ao meu irmão o seu Dom patético.

Paca está com os olhos tomados de ódio. Ela olha para Grom.

— Faça algo em relação à sua irmã. Vai permitir que ela me ofenda na frente de todos? É assim que serei tratada quando me acasalar com você?

Rayna ri.

— Pode apostar o seu...

— Rayna! — Galen grita. — Chega!

Ela revira os olhos, mas não diz mais nada. Galen se vira para Paca. Tentando se desculpar, ele diz

— Por favor, perdoe a falta de...

— Sanidade? — Paca completa a frase com frieza.

Galen sorri. *Mais ou menos.*

— Paca, é claro que eu adoraria que você demonstrasse o Dom de Poseidon. Faria essa gentileza? Toraf nos disse coisas maravilhosas sobre ele.

Isso parece acalmar Paca e Jagen. Um pouco. Grom até solta um pouco o braço da irmã.

Paca faz uma reverência, sinal de profundo respeito por Galen. Ele tem que se controlar para não fazer cara de enfado.

— Claro, jovem príncipe. Por favor, siga-me. — Ela os guia para longe da mina, o que surpreende Galen. Passam por vários tipos de peixes com os quais poderia ter demonstrado seu Dom. A cada peixe que passa, a expressão de Rayna se torna cada vez mais convencida, se isso é possível.

— O que deu em você? — Galen sussurra apenas para ela.

Ela pisca para ele.

— Você vai ver — responde Rayna.

Eles nadam o suficiente para chegar à parte que leva a águas mais rasas. Parece perda de tempo demais para uma simples demonstração, contudo Galen acompanha porque não seria justo arruinar o dia da cerimônia de acasalamento de Grom.

— Paca, talvez possamos parar aqui para que você demonstre. Precisaremos voltar logo; não pode deixar todos esperando pela cerimônia — diz Galen.

— Estamos quase chegando — declara ela, olhando para trás. Galen olha para Rayna, que não diz nada. Está apenas sorrindo como se tivesse perdido a sanidade.

Quando passam pelo trecho que leva às águas mais rasas, ela para. Até que enfim.

— Só um minuto — diz Paca. — Vou chamá-los. — Ela sobe à superfície.

Galen olha para Jagen.

— Chamar quem?

Jagen sorri.

— Os golfinhos, jovem príncipe.

Rayna continua não olhando para Galen, então ele é forçado a esperar — impacientemente — pelo retorno de Paca. Depois de alguns minutos ela volta, com três golfinhos cercando-a.

— Posso fazer com que eles saltem para fora da água, nadem em círculos ou nadem um ao encontro dos outros — afirma ela a Galen. — Escolha o que quer.

Como é que é? Ele lança um olhar de incredulidade a Rayna, que abre um sorriso cheio de dentes.

— Grom gosta de vê-los nadando em círculos, minha querida — diz Jagen. — Por que não faz isso? O nosso jovem príncipe, pelo visto, não consegue se decidir.

Paca se volta a seus amigos golfinhos e pede:

— Círculos! — E então faz um movimento circular com as mãos, várias vezes. Os golfinhos a obedecem.

Galen se assusta. Ah, não. Sinais com a mão. Ela está usando sinais com as mãos que os treinadores do Gulfarium usam. Rayna deve ter percebido.

Jagen interpreta de modo errado a expressão de Galen, acreditando que ele está encantado.

— É surpreendente, não é, meu príncipe? — diz ele, sorrindo.

— Muito — responde Galen. Ele pigarreia. — Paca, e esses linguados aqui embaixo? O que sabe fazer com eles?

Paca se retrai.

— Pensei que você quisesse ver os golfinhos.

— Você se saiu bem com eles. Muito bem. Mas eu gostaria de ver os linguados fazendo alguma coisa engraçada. Pode fazer com que eles nadem em círculos também?

— Meu príncipe, o Dom de Poseidon não funciona dessa maneira — Jagen interrompe. — É limitado a certos...

— Mentirosa! — Rayna grita, assustando a todos. Os golfinhos se assustam e se afastam.

— Rayna! — Grom grita.

— Ai! — diz ela. — Você está me machucando.

Galen suspira, desanimado.

— Solte ela, Grom. Ela está dizendo a verdade. Paca não tem o Dom de Poseidon.

Grom a solta e franze o cenho para o irmão. Rayna nada para trás de Galen, tentando se proteger.

— Não me diga que ela convenceu você nesse joguinho — retruca Grom.

— Isso é um absurdo! — Jagen grita. — Grom, você precisa controlar seus irmãos antes que eu mesmo faça isso. — Galen revira os olhos. Jagen tem mais de 150 anos. Se quiser encrestar com Galen, pode chegar.

— Grom, o Dom de Poseidon não se limita a poucas espécies de peixes. O Dom era para alimentar a todos nós. E a Caverna das Lembranças? Não há golfinhos tão fundo. Como ela alimentaria os Arquivos se precisasse?

Grom cruza os braços e mantém o rosto tenso.

— Acho que você precisa se apegar ao que sabe, irmãozinho. Os seres humanos. E leve sua irmã com você. Não aguento olhar para ela.

— O quê? — pergunta Galen, aproximando-se do irmão. — Está mandando eu sair?

— Vocês já causaram confusão demais hoje. Conversaremos durante muito tempo sobre isso depois da cerimônia.

— É isso o que estamos tentando dizer! — avisa Rayna. — Não deve *acontecer* a cerimônia!

— Rayna — diz Galen com delicadeza. — Eu cuido disso, por favor.

— Não, não cuida, Galen — responde Grom. — Você insultou a minha futura rainha, a *sua* futura rainha, graças à sua opinião mesquinha.

— Minha opinião? — pergunta Galen, irado.

— Cuide de seu tom, irmão. Não me faça expulsar você. É apenas a sua opinião, a menos que possa provar o contrário. Não há provas de que Paca não tem o Dom de Poseidon.

Expulsar?

— Ela está usando as mãos! — Galen grita. — Treinou aqueles golfinhos para responder aos sinais das mãos. O verdadeiro Dom de Poseidon é demonstrado apenas com a voz.

Grom ergue a sobrancelha.

— É mesmo? Pode provar isso?

Galen abre a boca e volta a fechá-la. *Não pode provar sem Emma.*

— Bem...

— Não, ele não pode provar — diz Rayna. Ela não olha para Galen, apesar de ele estar olhando para ela. *O que está fazendo?*

Ela nada e se aproxima dele.

— Ele nunca vai acreditar em você no que diz respeito a Emma, Galen — ela sussurra. — Não diga a eles. Ele não vai parar a cerimônia para esperar você buscá-la. Olhe para ele. Já tomou sua decisão.

— Eu sei que ele não pode provar — Grom resmunga. — Se pudesse, já teria mostrado a todos antes. É meio tarde para se interessar por isso, não acha?

— Por que está fazendo isso? Por que está sendo tão teimoso? — pergunta Galen. — Tem algo a ver com Nalia? Acasalar-se com outra não vai fazer com que você se esqueça dela. Espero que você não esteja tentando fazer isso.

É a vez de Rayna se assustar. Galen passou dos limites, mas ele não se importa. Galen está sendo pouco razoável. Está agindo de modo muito incomum.

Grom fica tenso e gelado como um iceberg.

— Saiam. Vocês dois, agora.

— É isso, então? — pergunta Galen, unindo as mãos na nuca. — Estamos sendo expulsos?

Grom assente devagar.

— Vamos, Rayna — diz Galen, ainda olhando para Grom. — Vamos para casa.



Quando eles chegam à costa, Galen está exausto. Com pressa de ver Emma, ele carregou Rayna nas costas até em casa para ir mais rápido. Encontra uma sunga que havia deixado embaixo de uma pedra e a veste. Rayna encontra seu maiô alguns metros mais à frente.

Ele não sentiu a presença de Emma nem de Toraf na água, então vai para casa com a esperança de que Emma esteja ali, esperando por ele. Não está. Mas Toraf está. E não parece muito feliz.

— Como foi? Precisamos conversar — diz Toraf.

Galen para.

— Cadê a Emma? Ela está bem?

— Ela está em casa com a mãe. Está bem. Mas houve um problema.

— Se por acaso você não notou, não estou interrompendo — diz Galen, com a mandíbula tensa. — Pode continuar falando.

Toraf remexe as mãos.

— Não fique muito bravo.

— Tarde demais.

— Tudo bem, pode ficar bravo. Mas eu fiz isso pelo seu próprio bem.

— Pelo tridente de Tritão, Toraf! — Rayna grita. — O que você fez? Nosso dia foi difícil!

Toraf solta o ar.

— Pedi a Yudor que viesse me ajudar. Expliquei que ou eu não estava reconhecendo o espião ou que estava confundindo a pulsação do espião com a de outra pessoa. Não disse mais nada.

— Você o quê? — Galen já está cerrando os punhos.

Toraf ergue a mão em sinal de paz.

— Galen, ele a reconheceu na mesma hora.

— Emma? — Galen se assusta. *Isso não pode estar acontecendo.*

— Não. A espiã.

— Espere — pede Rayna. — *Ela?* Quem é ela?

— Galen — diz Toraf. — É a Nalia. Yudor jurou por Tritão que é ela. Ela não está morta. Ele está indo interromper a cerimônia de acasalamento.

Nalia. Tudo se encaixa de repente, como peças de um quebra-cabeça.

Galen atravessa a sala de estar e vai para a praia, com Toraf e Rayna atrás dele.

A casa de Emma ilumina o topo das dunas em frente. Isso costuma ser sinal de que Emma e a mãe estão em casa, separadas e em quartos separados.

Galen corre até a porta de vidro dos fundos e bate. Não há tempo para ser educado. Ele faz um sinal para Rayna e Toraf se afastarem. Galen percebe que Rayna preferiria comer a própria orelha a obedecer, mas Toraf a segura.

Emma se aproxima da porta, com um sorriso lindo no rosto.

— Vocês estão com pressa por algum motivo? — pergunta ela, e a animação acende aqueles lindos olhos violeta.

— Ele deve ter sentido saudade de mim — a mãe de Emma chama da cozinha. Ela pisca para Galen, completamente alheia, sem saber que seu mundo está prestes a mudar.

— Mãe... — diz Emma, entregando uma toalha a Galen e fechando a porta.

— Obrigado — agradece ele. — Pela toalha.

— Aconteceu alguma coisa? — Pela expressão dela, Galen deve estar demonstrando sua ansiedade.

Acaricia o rosto dela com as costas da mão.

— Amo você. Mais do que imagina. Não importa o que aconteça. — Ela se vira para beijar a palma da mão dele.

— Ah, não. Não importa o que aconteça? Isso é meio mórbido, não acha? — ela sussurra. — Mas por mais mórbido que seja, amo você também. Meu Deus, como senti sua falta! E foram só vinte e quatro horas! — Ele se inclina para a frente, passa os lábios nos dela, sentindo a maciez. Normalmente, ele não a beijaria na frente da mãe dela por respeito, mas o momento é especial.

Sempre vai se lembrar deste instante. O instante antes de tudo mudar. Ele lhe dá um último beijo e então se vira em direção à cozinha.

— Deixe-me ajudá-la com isso, Sra. McIntosh.

Ela sorri e balança a cabeça.

— Tudo bem, Galen, já estou quase acabando. Além disso, você está pingando!

Ainda assim, Galen se aproxima da pia. As imagens fragmentadas se unem a cada passo que ele dá, formando a situação toda.

Ele passou todo o tempo suspeitando do pai de Emma. *Como pôde ser tão idiota?*

Sua cor de Syrena, mas com olhos azuis. Olhos azuis sem lentes, olhos azuis que perderam o tom violeta pelos anos passados em terra. *Não é linda. A imagem em Tartessos estava correta.* E os mesmos anos em terra são responsáveis por suas mechas grisalhas... um sinal do envelhecimento mais rápido.

O fato de ela telefonar sempre que o espião aparecia. Ela devia sentir a presença de todos na água e queria proteger Emma. Se o Dr. Milligan estivesse certo, Emma tinha amadurecido recentemente, por isso, não a sentira antes. Talvez nem sequer notasse o dom de Emma.

Sentir. Grom jura que a está sentindo de novo. *Será que realmente conseguia senti-la de tão longe depois de tanto tempo?* Talvez todos os mitos estejam certos.

Talvez exista a atração.

Mesmo assim, com atração ou sem, ela desobedeceu a lei — e quebrou o coração do irmão — ficando em terra todo esse tempo. Sem falar do abismo enorme que se abriu entre os dois reinos quando partiu. Por mais que ame Emma, Galen não pode ignorar as atitudes da mãe dela.

E não pode permitir que Grom acasale com a pessoa errada.

A Sra. McIntosh lança a ele um olhar confuso, mas não diz nada quando ele se aproxima. Ele enfia as mãos na água da pia. E a sente imediatamente. A espiã. Seu olhar, o modo como mantém a boca entreaberta, o jeito como olha para o tridente em sua barriga, são confirmações de que ele precisa.

— Você tem muito o que explicar, Nalia.